

## **ARQUIVO Nº 03**

DOCUMENTOS DESSE ARQUIVO:

01. Dissertação completa e definitiva

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED**

**L'HOSANA CÉRES DE MIRANDA TAVARES**

**AS APRENDIZAGENS DE UM DESFILE DE MODA AFRO: Uma reflexão sobre o  
racismo no Brasil**

**TERESINA, 2021**

## **L'HOSANA CÉRES DE MIRANDA TAVARES**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação – Doutorado – PPGED, da Universidade Federal do Piauí, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação, sob a orientação do Professor PHD Francis Musa Boakari.

**TERESINA, 2021**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação Serviço de  
Processos Técnicos

T231a Tavares, L'Hosana Céres de Miranda  
As Aprendizagens de um desfile de moda afro: uma reflexão  
sobre o racismo no Brasil / L'Hosana Céres de Miranda  
Tavares.  
– 2021.  
276 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de  
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Teresina, 2021.

“Orientador: Dr. Francis Musa Boakari.”

1. Prática educativa 2. Moda afro. 3. Racismo. I. Boakari,  
Francis Musa. II. Título.

CDD 370.71


L'HOSANA CÉRES DE MIRANDA TAVARES

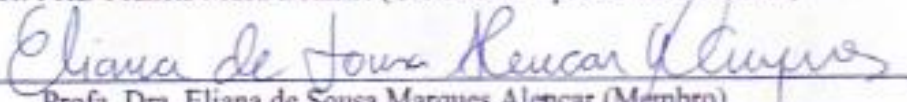
**AS APRENDIZAGENS DE UM DESFILE DE MODA AFRO: Uma reflexão sobre o racismo no Brasil**

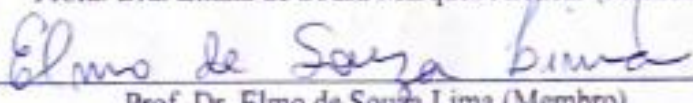
Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado – PPGED, da Universidade Federal do Piauí, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

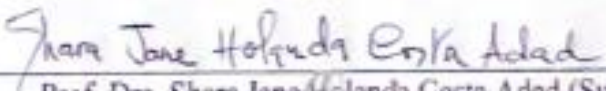
Aprovada em: 29/11/ 2021

Banca Examinadora:

  
Prof. PHD Francis Musa Boakari (Orientador – presidente da banca)

  
Profa. Dra. Eliana de Sousa Marques Alencar (Membro)

  
Prof. Dr. Elmo de Souza Lima (Membro)

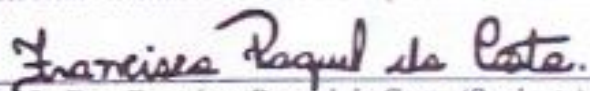
  
Prof. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad (Suplente)

  
Prof. Dr. Flávio Glória Caminada Sabrá (Membro externo)

**Artemisia Caldas**

Assinado de forma digital por Artemisia Caldas  
Dados: 2022.07.18 09:05:27 -03'00'

Prof. Dra. Artemisia Lima Caldas (Membro externo)

  
Profa. Dra. Francisca Raquel da Costa (Suplente)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus ou Olorum, ou Tupã, ou Zambi, ou Alá, ou Braman, ou qualquer um outro nome que tenha essa essência primeira (dependendo da língua e cultura de um povo) por ter-me permitido chegar até aqui.

À Universidade Federal do Piauí (UFPI) e em especial aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED), que me possibilitaram renascer para o constante processo de (re)organização do saber. Às funcionárias e funcionários do programa, pela presteza as nossas solicitações e o sorriso com que sempre me brindaram.

Ao Prof. PHD, Francis Musa Boakari, meu orientador, a quem agradeço imensamente a oportunidade e a confiança em mim depositada. A ele, meu mais sincero agradecimento por compartilhar seu conhecimento e me possibilitar crescer.

Às professoras Eliana Alencar, Shara Jane, Glória Moura, Artemísia Caldas, Francisca Raquel, e aos professores Elmo Lima e Flávio Sabrá, pelas orientações na qualificação e na defesa desse trabalho, minha eterna gratidão.

Ao meu marido Edgard, à filha Mariana e o filho Luiz Ernesto, pelos muitos momentos que deixamos de estar juntos para que esse trabalho se tornasse uma realidade.

A todos os meus familiares, irmãs, irmãos, sobrinhas, sobrinhos, cunhadas, cunhados que sempre estão a postos para me ajudar, em especial, ao irmão Luzefirmo, meu fiel escudeiro, e à irmã Loisima, com o seu incondicional apoio, e à irmã Lujan, frequentemente atenta aos mínimos deslizos com a gramática. Agradecimento especial às sobrinhas Litamara e Lucielle e ao sobrinho Tyson, sempre atentas e atento aos meus chamados, na minha eterna luta com a tecnologia e nos cuidados com o marido. Não posso aqui esquecer da amiga Hadrielle, constantemente a me socorrer quando os conhecimentos tecnológicos das sobrinhas e sobrinhos se esgotavam.

Agradecimento mais que especial para as noras Liana e Regina, amantes e cuidadoras dos meus filho e filha.

À amiga Valdenia, sensível, bondosa, defensora das minorias, pela feliz intuição que me levou à pesquisa de mestrado e também à pesquisa de doutorado, e ao seu companheiro Rafael, jovem, inteligente, estudioso, com sua eterna tranquilidade e sempre disposto a colaborar.

Às amigas e amigos do Grupo de Estudos Roda Griô, pelas ajudas mútuas nas rodas de conversa. Às amigas da roda, Francilene, Simoni e Efigênia, que enlargueceram a roda chegando até o meu lar. Um agradecimento especial ao amigo Wendel Aguiar, pelos registros

fotográficos do nosso trabalho e pela companhia agradável, agora interrompida por essa pandemia.

Agradecimento especial às amigas que colaboraram diretamente com essa pesquisa, Letícia Carolina, Haldaci Regina, Elenita, Simoni, e o amigo Kácio.

Às amigas e amigos do Movimento Negro do Piauí. Na pessoa das amigas Assunção Aguiar e Sônia Terra abraçamos e agradecemos a todos do grupo, que direta ou indiretamente contribuíram com esse trabalho.

Às colegas e aos colegas da 11ª turma de doutorandas/os do PPGED/UFPI pelo carinhoso convívio e a todas/todos que compartilharam comigo momentos de aprendizagem em algum componente curricular, ou grupo de estudos, em especial aos colegas que pesquisam a mesma temática: Alisson, Manu, Artenildes, Carine, Odilanir, Efigenia, Ilana, Simoni, Vicelma, Kacio, Leudjane, Antônia Regina, entre outros. O meu eterno agradecimento pelos prazerosos momentos que partilhamos juntas/juntos.

Às/aos minhas/meus discentes do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do IFPI/CTZS pela compreensão nesses anos de estudo e também por parte delas/deles participarem dessa pesquisa.

À direção e colegas do IFPI – Campus Teresina Zona Sul, pelo carinho e guarida nesses quatro anos de trabalho.

A dona Amparo, essa criatura especial que Deus e meus protetores espirituais colocaram no meu caminho, sem ela, esse trabalho seria muito mais difícil. Não posso esquecer do sobrinho Luciano, que me apoia, e muito, na labuta diária. Meu agradecimento também à Judite, pelo apoio aos sábados, me liberando para o estudo.

Ao amigo Dr. José de Ribamar Carneiro (in memoriam), levado pela pandemia da Covid-19, que sempre esteve ao meu lado, compartilhando sua experiência de forma construtiva. Gratidão! Aos amigos Denis Coulter e Neto, sempre presentes em minhas empreitadas. Às amigas Florência, Elsa, Damarys e Sara Virgínia, apoio constante em tudo que faço. Meu muito obrigada!

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com este trabalho.

## **14 DE MAIO**

*No dia 14 de maio, eu saí por aí  
Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir  
Levando a senzala na alma, eu subi a favela  
Pensando em um dia descer, mas eu nunca  
desci*

*Zanzei zonzinho em todas as zonas da grande  
agonia  
Um dia com fome, no outro sem o que comer  
Sem nome, sem identidade, sem fotografia  
O mundo me olhava, mas ninguém queria me  
ver*

*No dia 14 de maio, ninguém me deu bola  
Eu tive que ser bom de bola pra sobreviver  
Nenhuma lição, não havia lugar na escola  
Pensaram que poderiam me fazer perder*

*Mas minha alma resiste, meu corpo é de luta  
Eu sei o que é bom, e o que é bom também deve  
ser meu  
A coisa mais certa tem que ser a coisa mais  
justa  
Eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou  
eu*

*Será que deu pra entender a mensagem? Se  
ligue no Ilê Aiyê  
Se ligue no Ilê Aiyê Agora que você me vê*

*Repare como é belo  
Êh, nosso povo lindo  
Repare que é o maior prazer  
Bom pra mim, bom pra você  
Estou de olho aberto  
Olha moço, fique esperto  
Que eu não sou menino*

(Composição: Jorge Portugal/Lazzo Matumbi  
Interpretação: Lazzo Matumbi)



Este trabalho, dedico ao Edgard, meu marido, pelo apoio incondicional. Para Mariana e Ernesto, pedaços de mim, meus incentivadores de todas jornadas. E para Luiz e Osima (in memoriam), meus pais, que me ensinaram a me reerguer diante das adversidades da vida.

## RESUMO

TAVARES, L'Hosana Céres de Miranda. **AS APRENDIZAGENS DE UM DESFILE DE MODA AFRO:** Uma reflexão sobre o racismo no Brasil. 2021. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2021.

Na montagem de um desfile de moda afro existe mais do que a idealização e construção das peças e acessórios para ir à passarela. Um curso de extensão com discentes do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Teresina ZonaSul (CTZS), buscou tecer narrativas com fios de memórias e vivências, a fim de que as/os partícipes se percebessem enquanto corpo social e ontológico a partir de suas experiências. Assim, com o objetivo de analisar as aprendizagens (des)construídas com relação à afrodescendência a partir desse curso de extensão – “Ateliê de Práticas Educativas: o que se aprende com um desfile de moda afro?” – desenvolvido nas dependências do Memorial Esperança Garcia, de julho a novembro de 2019, propusemos essa pesquisa em doutoramento. As narrativas, anteriores ao curso de extensão das/dos partícipes, direcionaram ao desconhecimento da diferença cultural, social e econômica existente entre os diversos países da África, um “recorte” que expressa a estruturação do tecido social brasileiro, construído a partir da roupa e máscaras da negação, invisibilidade e violência epistêmica. As atividades foram programadas com o intuito de desmistificar essa história única e mostrar a realidade das diversidades de ser/fazer no continente africano a partir de uma ancestralidade afrodescendente. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa inspirada em Esteban (2010) e Lins (2017), com 19 (dezenove) partícipes. Como forma de viabilizar a análise das respostas aos questionários, fizemos uso de um software de análise textual - IRaMuTeQ. Durante a pesquisa, por meio das análises das peças e acessórios criados para o desfile, das anotações em cadernos memoriais das/dos estudantes, em anotações do caderno memorial da coordenadora do curso, e de questionamentos feitos às/aos discentes do curso, as/os partícipes dessa pesquisa, pontuamos o crescimento no que tange ao conhecimento sobre africanidades e afrodescendência, e o que isso acrescenta na formação de um designer mais crítico. Amparamo-nos em teóricos como: Munanga (2009), Silva (2008; 2016), Boakari, Machado e Silva (2014), Boakari e Silva (2020), Adichie (2010), Akotirene (2019), Almeida (2019), Ribeiro (2019), Carneiro (2005), Kilomba (2019), Gonzales (1984), Quijano (2002), e Fanon (1968; 2008), entre outras/outras, para tratar de colonialidade e africanidades; em Brandão (2007); Freire (1979; 1987; 1989; 1992; 1996); Hooks (2013); Manacorda (2010); Nosella (2007); e outras/os para tratar de educação e prática educativa. Ainda dialogamos com Sabrá (2009), para tratar de modelagem; Vilaseca (2011) e Queiroz (2014) para falar de desfile; e alguns outros/outras para tratar de Moda. O trabalho aponta para um crescimento do conhecimento dessas/desses discentes sobre essa herança cultural deixada por nossos ancestrais africanos, bem como demonstra o racismo como mecanismo de estruturação desse país. O conhecimento adquirido no percurso desta pesquisa afetou esses futuros designers de moda, na perspectiva de se tornarem pessoas mais críticas e comprometidas com o seu fazer.

**Palavras Chave:** Prática Educativa. Moda afro. Racismo.

## RESUMEN

TAVARES, L'Hosana Céres de Miranda. **APRENDIENDO DE UN DESFILE DE MODA AFRO: una reflexión sobre el racismo en Brasil.** 2021. 248 f. Tesis (Doctorado en Educación) – Universidad Federal de Piauí, Piauí, 2021.

Al montar un desfile de moda afro, hay más que la idealización y construcción de piezas y accesorios para salir a la pasarela. Un curso de extensión con estudiantes del Curso de Tecnología de Diseño de Moda en el Instituto Federal de Piauí (IFPI), Campus Teresina Zona Sul (CTZS), buscó tejer narrativas con hilos de recuerdos y vivencias, para que los participantes pudieran percibir como un social y ontológico cuerpo basado en sus experiencias. Así, con el objetivo de analizar el aprendizaje (des) construido en relación con la afrodescendiente de este curso de extensión – “Taller de Prácticas Educativas: ¿qué se puede aprender de un desfile de moda afro?” – desarrollado en las instalaciones del Memorial Esperança García, de julio a noviembre de 2019, propusimos esta investigación doctoral. Las narrativas previas al curso de extensión de los participantes llevaron al desconocimiento de la diferencia cultural, social y económica existente entre los diferentes países de África, un "recorte" que expresa la estructuración del tejido social brasileño construido a partir de las vestimentas y máscaras de negación, invisibilidad y violencia epistémica. Las actividades fueron programadas con el objetivo de desmitificar esta historia única y mostrar la realidad de las diversidades de ser / hacer en el continente africano de ascendencia afrodescendiente. Se trata de una investigación de enfoque cualitativo inspirada en Esteban (2010) y Lins (2017), con 19 (diecinueve) participantes. Como forma de posibilitar el análisis de las respuestas a los cuestionarios, utilizamos un software de análisis textual-IRaMuTeQ. Durante la investigación, a través del análisis de las piezas y accesorios creados para el desfile, las notas en los cuadernos memoriales de los estudiantes, las notas en la libreta conmemorativa del coordinador del curso y las preguntas realizadas a los estudiantes del curso, los participantes de esta investigación, vamos a señalar el crecimiento en términos de conocimiento sobre africanidad y afrodescendiente y lo que esto agrega a la formación de un diseñador más crítico. Nos apoyamos en teóricos como: Munanga (2009), Silva (2008; 2016), Boakari, Machado y Silva (2014), Boakari y Silva (2020), Adichie (2010), Akotirene (2019), Almeida (2019), Ribeiro (2019), Aries (2005), Kilomba (2019), Gonzales (1984), Quijano (2002), y Fanon (1968; 2008), entre otros para abordar la colonialidad y las africanidades; En Brandão (2007), Freire (1979; 1987; 1989; 1992; 1996), Hooks, (2013), Manacorda (2010), Nosella (2007), y otros para abordar la educación y la práctica educativa. Seguimos dialogando con Sabrá (2009) para abordar el modelaje; Vilaseca (2011) y Queiroz (2014), para hablar de desfiles de moda y algunos otros para hablar de Moda. El trabajo apunta a un incremento en el conocimiento de estos estudiantes sobre este patrimonio cultural dejado por nuestros antepasados africanos, además de resaltar el racismo como mecanismo estructurador en este país. El conocimiento adquirido en el transcurso de esta investigación afectó a estos futuros diseñadores de moda, con miras a ser más críticos y comprometidos con su trabajo.

**Palabras clave:** Práctica educativa. Moda afro. Racismo.

## ABSTRACT

TAVARES, L'Hosana Céres de Miranda. **LEARNING FROM AN AFRO FASHION SHOW: A reflection on racism in Brazil.** 2021. 248 f. Thesis (Doctorate in Education) – Federal University of Piauí, Piauí, 2021.

In setting up an Afro fashion show, there is more than the idealization and construction of pieces and accessories to go on the runway. An extension course with students from the Fashion Design Technology Course at the Federal Institute of Piauí (IFPI), Teresina Zona Sul Campus (CTZS) sought to weave narratives with threads of memories and experiences, so that the participants could be perceived as a social and ontological body based on their experiences. Thus, with the objective of analyzing the (de) constructed learning in relation to Afro-descendants from this extension course – “Educational Practices Workshop: what can you learn from an Afro fashion show?” – developed at the Memorial Esperança Garcia facilities from July to November 2019, we proposed this doctoral research. The narratives prior to the extension course of the participants led to the ignorance of the cultural, social, and economic difference existing between the different countries in Africa, a "cut out" that expresses the structuring of the Brazilian social fabric built from the clothing and masks of denial, invisibility, and epistemic violence. The activities were programmed with the aim of demystifying this unique history and showing the exemplified reality of the diversities of being/doing on the African continent from an Afro- descendant ancestry. This is a qualitative approach research inspired by Esteban (2010) and Lins (2017), with 19 (nineteen) participants. As a way to enable the analysis of the responses to the questionnaires, we used a textual analysis software-IRaMuTeQ. During the research, through the analysis of the pieces and accessories created for the parade, the notes in student memorial notebooks, notes in the memorial notebook of the course coordinator and questions made to the students of the course, the participants in this research, we are going to point out the growth in terms of knowledge about Africanity and afro- descendants and what this adds to the formation of a more critical designer. We rely on theorists such as: Malanga (2009), Silva (2008; 2016), Boakari, Machado and Silva (2014), Boakari and Silva (2020), Adichie (2010), Akotirene (2019), Almeida (2019), Ribeiro (2019), Aries (2005), Kilomba (2019), Gonzales (1984), Quijano (2002), and Fanon (1968; 2008), among others to address coloniality and Africanity; in Brandão (2007), Freire (1979; 1987; 1989; 1992; 1996), Hooks (2013), Manacorda (2010), Nosella (2007), and others to address education and educational practice. We still dialogue with Sabrá (2009) to deal with modeling; Vilaseca (2011) and Queiroz (2014) to talk about fashion shows, and some others to discuss Fashion. The work points to an increase in the knowledge of these/those students about this cultural heritage left by our African ancestors, as well as demonstrates racism as a structuring mechanism in this country. The knowledge acquired in the course of this research affected these future fashion designers, with a view to becoming more critical and committed to their work.

**Keywords:** Educational Practice. Afro fashion. Racism

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1 – Aula inaugural – Discentes visitam pátio do Memorial Esperança Garcia.....</b>	<b>97</b>
<b>Foto 2 – Discentes visitam a exposição Xirè dos Orixás.....</b>	<b>98</b>
<b>Foto 3 – Discentes visitam a oficina onde serão construídas as peças para o desfile.....</b>	<b>98</b>
<b>Foto 4 – Cadernos memoriais entregues no primeiro encontro a todas/todos.....</b>	<b>99</b>
<b>Foto 5 – Professora Letícia Carolina .....</b>	<b>102</b>
<b>Foto 6 – Filme Pantera Negra: Exibição, discussão e confraternização.....</b>	<b>106</b>
<b>Foto 7 – Momento em que o artista mostra seu caderno de inspirações .....</b>	<b>108</b>
<b>Foto 8 – Visita ao Sítio Oficina de Hostyano Machado.....</b>	<b>108</b>
<b>Foto 9 – Discente faz tingimento .....</b>	<b>113</b>
<b>Foto 10 – Tingindo uma outra peça .....</b>	<b>113</b>
<b>Foto 11 – Torcendo tecido após tingimento .....</b>	<b>113</b>
<b>Foto 12 – Pausa no trabalho para saborear melancia .....</b>	<b>113</b>
<b>Foto 13 – Tecido é colocado para secar .....</b>	<b>113</b>
<b>Foto 14 – Pausa no trabalho para um cafezinho.....</b>	<b>114</b>
<b>Foto 15 – Local do desfile na parte superior da montagem e Mãe Gardene de Oxóssi na abertura.....</b>	<b>118</b>
<b>Foto 16 – Marlane .....</b>	<b>119</b>
<b>Foto 17 – Da esquerda p/ direita: João Gabriel, Marcieva, Patrícia e Lucas .....</b>	<b>120</b>
<b>Foto 18 – Da esquerda p/ direita: Rafael e Clara Virgínia, Odara, Lara Danuta e Vilma Alves.....</b>	<b>120</b>
<b>Foto 19 – Da esquerda para direita: Sonia Terra, Simone Euclides e Letícia Carolina .....</b>	<b>121</b>
<b>Foto 20 – Da esquerda para direita: Sandra Loiola e Lizyenni Miranda .....</b>	<b>122</b>
<b>Foto 21 – Da esquerda para direita: Haldaci Regina e Nana Joane .....</b>	<b>122</b>
<b>Foto 22 – Casal de noivos Francisca e Francisco, bailarinos do “Coisa de Nego”.....</b>	<b>123</b>
<b>Foto 23 – Da esquerda p/ direita: M<sup>a</sup> Isis, Elizabete, Marcieva, L’Hosana, Simone, Simoni, Kácio, Fátima Zumbi, Haldaci Regina, Cláudio Zumbi e Francisca Aguiar.....</b>	<b>125</b>
<b>Foto 24 – Da esquerda p/ direita: Bárbara Sousa, Miss Brasil NG 2019; término do desfile e alunas do projeto .....</b>	<b>126</b>
<b>Foto 25 – Marlane .....</b>	<b>143</b>
<b>Foto 26 – João Gabriel .....</b>	<b>144</b>

<b>Foto 27 – Patrícia.....</b>	<b>146</b>
<b>Foto 28 – Lucas .....</b>	<b>147</b>
<b>Foto 29 – Lara Danuta .....</b>	<b>149</b>
<b>Foto 30 – Marcieva .....</b>	<b>150</b>
<b>Foto 31 – Rafael e Clara Virgínia .....</b>	<b>151</b>
<b>Foto 32 – Vilma Alves .....</b>	<b>153</b>
<b>Foto 33 – Odara .....</b>	<b>154</b>
<b>Foto 34 – Sônia Terra .....</b>	<b>155</b>
<b>Foto 35 – Simone Euclides .....</b>	<b>157</b>
<b>Foto 36 – Letícia Carolina .....</b>	<b>158</b>
<b>Foto 37 – Fátima Zumbi .....</b>	<b>159</b>
<b>Foto 38 – Cláudio Zumbi .....</b>	<b>160</b>
<b>Foto 39 – Haldaci Regina .....</b>	<b>162</b>
<b>Foto 40 – Nana Joane .....</b>	<b>163</b>
<b>Foto 41 – Sandra Loiola .....</b>	<b>165</b>
<b>Foto 42 – Lyzienni Miranda .....</b>	<b>166</b>
<b>Foto 43 – Procedimentos antes dos questionamentos serem entregues às/aos participantes da pesquisa .....</b>	<b>167</b>
<b>Foto 44 – A Anja Negra de Berlim – A Yalorixá Mãe Beata de Yemanjá .....</b>	<b>201</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Gráfico da autoidentificação das/dos alunas/alunos pesquisadas/os.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 2 – Forma de acesso das/dos pesquisadas/pesquisados ao Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do IFPI/CTZS .....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 3 – Comparação entre IFPI e outras escolas .....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 4 – As cinco peles de Hundertwasser.....</b>	<b>50</b>
<b>Figura 5 – Linha do tempo dos cursos demoda no Piauí.....</b>	<b>54</b>
<b>Figura 6 – Principais rotas do tráfico de escravos africanos para o Brasil.....</b>	<b>77</b>
<b>Figura 7 – Mapa Conceitual do Projeto .....</b>	<b>96</b>
<b>Figura 8 – Corpo frente e corpo costas .....</b>	<b>111</b>
<b>Figura 9 – Saia .....</b>	<b>112</b>
<b>Figura 10 – Diagrama – Categorização das narrativas de Esquadro e Miçanga (partícipes da Oficina de Moda Afro), Teresina, 2019 .....</b>	<b>132</b>
<b>Figura 11 – Dendrograma .....</b>	<b>170</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1 – Croqui 01 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)</b> .....	<b>143</b>
<b>Ilustração 2 – Croqui 01 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)</b> .....	<b>144</b>
<b>Ilustração 3 – Croqui 03 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)</b> .....	<b>146</b>
<b>Ilustração 4 – Croqui 04 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)</b> .....	<b>147</b>
<b>Ilustração 5 – Croqui 06 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)</b> .....	<b>149</b>
<b>Ilustração 6 – Croqui 07 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)</b> .....	<b>150</b>
<b>Ilustração 7 – Croqui 07 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)</b> .....	<b>151</b>
<b>Ilustração 8 – Croqui 08 (Kleison Silva, 37,5 x 58,5 cm)</b> .....	<b>153</b>
<b>Ilustração 9 – Croqui 08 (Kleison Silva, 37,5 x 58,5 cm)</b> .....	<b>154</b>
<b>Ilustração 10 – Croqui 10 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)</b> .....	<b>155</b>
<b>Ilustração 11 – Croqui 11 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)</b> .....	<b>157</b>
<b>Ilustração 12 – Croqui 12 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)</b> .....	<b>158</b>
<b>Ilustração 13 – Croqui 13 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)</b> .....	<b>159</b>
<b>Ilustração 14 – Croqui 14 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)</b> .....	<b>160</b>
<b>Ilustração 15 – Croqui 15 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)</b> .....	<b>162</b>
<b>Ilustração 16 – Croqui 16 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)</b> .....	<b>163</b>
<b>Ilustração 17 – Croqui 17 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)</b> .....	<b>165</b>
<b>Ilustração 18 – Croqui 18 (Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)</b> .....	<b>166</b>



## LISTA DE SIGLAS

ABL.....	Academia Brasileira de Letras
BNDS.....	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CHD.....	Classificação Hierárquica Descendente
CCE/UFPI.....	Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí
CEFET.....	Centro Federal de Educação Tecnológica
CNDM.....	Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
CTT.....	Centro Tecnológico de Teresina
CTZS.....	Campus Teresina Zona Sul
FAMCC.....	Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Piauí
FIC.....	Formação Inicial e Continuada
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPI.....	Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Piauí
LDB.....	Lei de Diretrizes e Bases
LGBTQIA+.....	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais e transgêneros, queers, intersexuais, assexuais e outras identidades de orientações
MEC.....	Ministério da Educação e Cultura
MHHOB.....	Movimento Hip Hop Organizado do Brasil
MNU.....	Movimento Negro Unificado
NEABI's.....	Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas
NOVAFAPI.....	Faculdade de Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí
OAB.....	Ordem dos Advogados do Brasil
ONU.....	Organização das Nações Unidas
PAC.....	Programa de Aceleração do Crescimento
PDT.....	Partido Democrático Trabalhista
PNAD.....	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
PNAES.....	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PPGANT.....	Programa de Pós-Graduação em Antropologia
PRONATEC.....	Programa Nacional de Ensino Técnico e Emprego
REDE EPTC.....	Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
SAMU.....	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SCLC.....	Conferência da Liderança Cristã (sigla em inglês)

SISU ..... Sistema de Seleção Unificada  
SUDENE ..... Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste  
UFPI ..... Universidade Federal do Piauí  
UNED ..... Unidade de Ensino Descentralizada  
UNINOVAFAPI ..... Centro Universitário Uninovafapi

## SUMÁRIO

<b>ASSIM FOI COSTURADA A VESTE: NOSSA INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>Retalhos de história da costureira.....</b>	<b>21</b>
<b>Qual seria o resultado de nossa costura? .....</b>	<b>23</b>
<b>A divisão da costura .....</b>	<b>26</b>
<b>1. COSTURA DA VESTE: METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>29</b>
<b>1.1. O que costurar: nosso campo de pesquisa.....</b>	<b>33</b>
1.1.1. Corpos Pesquisados .....	33
1.1.2. Quem são? .....	34
1.1.3. De onde vêm esses corpos pesquisados? .....	40
1.1.4. Um pouco da história do IFPI .....	42
1.1.5. A escola dos corpos pesquisados: O campus Teresina Zona Sul CTZS.....	45
<b>2. MODA: UM PEQUENO APANHADO.....</b>	<b>49</b>
<b>2.1. Surgimento do conceito atual de moda.....</b>	<b>49</b>
<b>2.2. Os cursos demoda nomundo e no Brasil: breve relato .....</b>	<b>52</b>
<b>2.3. Os cursos de Moda no Piauí.....</b>	<b>53</b>
<b>3. MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS DISPONÍVEIS: FUNDAMENTAÇÃO</b>	
<b>TEÓRICA .....</b>	<b>57</b>
<b>3.1. Educação.....</b>	<b>57</b>
3.1.1. Linha do tempo da Educação.....	61
<b>3.2. Prática educativa .....</b>	<b>69</b>
3.2.1. Prática educativa transgressora.....	70
<b>3.3. Afrodescendência.....</b>	<b>72</b>
3.3.1. A diáspora negra: A escravização na África e sua diferença dos demais.....	73
3.3.2. Origem dos africanos escravizados que vieram para o Brasil .....	76
3.3.3. Por que afrodescendente e não negro? .....	78
3.3.4. O racismo no Brasil .....	82
<b>3.4. Construção do vestuário versus Moda .....</b>	<b>86</b>
3.4.1. O desfile de moda .....	88
3.4.2. Um pouco da história dos desfiles de moda .....	88
3.4.3. A temática.....	89
3.4.4. A construção do desfile .....	90
<b>3.5. A intersecção entre prática educativa, moda e afrodescendência .....</b>	<b>91</b>

<b>4.</b>	<b>ALINHAVOS DA COSTURA: MODOS DE FAZER DO CURSO DE EXTENSÃO</b>	<b>93</b>
4.1.	Como foi pensado e trabalhado o curso de extensão: a Pesquisa Oficina	93
4.2.	A escolha do local e o porquê dessa escolha	96
4.3.	A descrição das aulas	99
4.3.1.	Primeiro encontro – apresentação do Memorial Esperança Garcia	100
4.3.2.	Segundo encontro – África e Áfricas: os riscos de uma história única	101
4.3.3.	Terceiro encontro – Diáspora Africana	103
4.3.4.	Quarto encontro – Estatísticas a respeito da situação dos afrodescendentes brasileiros	103
4.3.5.	Quinto encontro – Filme: Pantera Negra	106
4.3.6.	Sexto encontro – Visita ao sítio oficina de Hostyano Machado	106
4.3.7.	Sétimo e demais encontros	108
4.3.8.	Modelagem	109
4.3.9.	Tingimento	112
4.4.	Na Passarela, a Moda Afro	114
4.5.	Os cadernos memoriais	126
<b>5.</b>	<b>ANÁLISE DA COSTURA</b>	<b>128</b>
5.1.	Os cadernos memoriais das/dos discentes	128
5.2.	Análise das rodas de conversa	131
5.3.	Análise das inspirações – croquis	142
5.4.	Questionamentos feitos às/aos participantes do curso de extensão	167
5.5.	Análise dos nossos questionamentos	170
5.5.1.	Inspiração	171
5.5.2.	Racismo	175
5.5.3.	Práticas educativas	179
	<b>IMPRESSÕES SOBRE A COSTURA DA PEÇA: CONCLUSÕES PROVISÓRIAS</b>	<b>184</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>190</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>202</b>
	APÊNDICE A – Biografias	202
	APÊNDICE B – Transcrições de áudios (Esquadro e Miçanga)	225
	APÊNDICE C – Respostas dos Questionários	246
	APÊNDICE D – Questionário	265

<b>ANEXOS .....</b>	<b>271</b>
Anexo A – Edital de acesso ao curso do IFPI.....	271
Anexo B – Poema sobre Esperança Garcia .....	272

## **ASSIM FOI COSTURADA A VESTE: NOSSA INTRODUÇÃO**

### **Retalhos de história da costureira**

Que outro caminho trilhar, a menina criada entre retalhos e o carinho da afrodescendente Raimunda, unindo a história familiar afrodescendente e o ofício de designer de Moda? A resposta reside no fato de que, sendo filha de um afrodescendente que sempre estimulou a prole a ter orgulho das suas origens, víamos em tudo, nesse país, uma pincelada da cultura africana: na alimentação, nas moradias, na música e, sobretudo, nas vestes, que é o campo de trabalho desse estudo. Dessa forma, o aguçamento em ver as vestes, sentir, ouvir suas vozes e seus cantos, pois elas falam e completam o corpo.

Nessa relação íntima, inicialmente houve o envolvimento com as vestes rituais das religiões afro brasileiras que se desdobraram, ora em sentido de admiração por sua diversidade, riqueza, presença cultural e religiosa na dimensão do espaço do terreiro, ora por indagações que nos atravessavam enquanto corpo afrodescendente: O que significa para o povo de terreiro cada parte desse vestuário? E os acessórios, como brincos, colares, braceletes, pulseiras e turbantes, servem apenas para embelezar ou têm algum significado?

A necessidade de responder a esses questionamentos serviu como desafio para a pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e resultou na dissertação intitulada “Roupa de santo: marcadores identitários das religiões de matriz africana”. Pesquisamos as vestes rituais das religiões de origem africana na cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí, Nordeste do Brasil. Essas religiões são muitas nesse país, a exemplo do Terecô, Mina, Xangô, Jurema, Babasué, Umbanda, Candomblé, entre outras, dependendo da região onde são praticadas. Elas guardam pequenas diferenças entre si, pois dependem do grupo ou dos grupos étnicos que povoaram aquela região. Fizemos recorte na umbanda e candomblé, e tivemos, como campo empírico, os terreiros Ilè Oyá Tade – Casa da Coroa de Iansã, situado no bairro Itaperu, mais precisamente à Rua 19 de novembro, 4951, em Teresina/PI –, e Ilè Asé Oloomi Wura – Casa das Águas do Rio Oxum, localizado à Rua São Jorge, 2432, Parque Brasil III, bairro Monte Verde, em Teresina/PI.

A pesquisa nos mostrou a importância dessas vestes como marcadores da identidade dessas religiões e, mais que isso, nos mostrou que as mesmas são desencadeadoras de intolerância religiosa e racismo (TAVARES, 2017).

As dificuldades encontradas durante a pesquisa de mestrado nos levaram a construir uma exposição de bonecas/bonecos paramentadas/paramentados com as vestes rituais dos dezesseis orixás mais cultuados no Brasil, e mais quatro paramentadas/paramentados com as vestes de baiana, sacerdote e roupa de ração masculina e feminina – aquelas usadas nos trabalhos domésticos nos terreiros dessas religiões. Essa exposição objetivava e objetiva a desconstrução de ideias negativas a respeito desses cultos, e se encontra aberta para visitação no Memorial Esperança Garcia – a casa da cultura negra piauiense (grifo nosso).

Não paramos por aí, pois, advinda do primeiro curso superior em tecnologia do design de moda do Pia , o curso da antiga Faculdade de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Pia  – NOVAFAPI, hoje Centro Universitário UNINOVAFAPI, tínhamos consciência de que o ser humano, em todas as épocas da humanidade, procurou cobrir o seu corpo, seja para protegê-lo do frio e das intempéries, função biológica, seja para se adornar e se impor aos demais, função sociológica; cobrir o corpo   uma necessidade e um costume dos grupos humanos. Nos dias atuais, a roupa também   o elemento que demonstra os processos identitários das pessoas, em culturas nas quais elas estão inseridas, e representa a relação de cada um com o mundo   sua volta. O que as pessoas colocam sobre o seu corpo diz muito a respeito do lugar que elas ocupam ou querem ocupar dentro do seu grupo social. Muitas autoras e autores, dentre elas/eles Lipovetsky (1989) e Schmitt (2011), pontuam a falta de estudos mais aprofundados por parte do mundo intelectual a respeito dos modos de vestir, de se apresentar às/aos outras/outros. A Moda, entendida como os diversos estilos do vestuário, ainda é pouco utilizada nas análises sociais como um saber desde o seu aparecimento no final da Idade Média até os dias atuais.

  imprescindível dar a ela importância epistemológica, visto que a mesma se apresenta, também, como representante legítima da integração e das contestações sociais, como a moda hippie por exemplo, que demarcou um movimento de contracultura. Muita coisa já aconteceu, do seu advento até a atualidade, mas parece que ainda estamos presas/presos dentro de um sistema colonialista / capitalista em que o racismo se impõe. No entanto, também podemos perceber que, desde a década de 1990 assistimos, no Brasil, a chegada dos cursos de Moda, e das salas de aula desses cursos estão saindo designers – profissionais que fazem projetos de produtos passíveis de serialização, e estilistas – aqueles que criam roupas e acessórios adequados a cada tipo de pessoa, responsáveis por mostrar à sociedade a importância social, política e econ mica da Moda.

O consumo de moda é complexo e espelha nossos valores, nossos desejos, o nosso interior, nossos símbolos, enfim, nossa cultura (ROCHA, 2009). Entretanto, muitas vezes essa

cultura é silenciada, como é o caso da moda africana, pois dificilmente é trabalhada nos cursos de Moda. No livro *História da Moda*, do professor João Braga, leitura obrigatória para qualquer estudante de Moda, há apenas uma pequena referência aos cabelos “black-power” difundido nos Estados Unidos pela ativista afrodescendente Ângela Davis, nos anos 1970, contra o racismo (BRAGA, 2004). O referido penteado surgiu a partir de uma referência aos guerrilheiros etíopes que, massacrados pelos italianos, prometeram a si mesmos só cortarem o cabelo quando esses italianos fossem expulsos do seu país (SERRANO, 2010). Tal fenômeno demonstra como a moda se interrelaciona com as tradições de diversos povos, entre eles, o povo africano que tanto valoriza a ancestralidade. Ciente de tudo isso, agora como professora de um curso superior de moda, partimos para uma nova empreitada.

Nossa tarefa seria, então, descortinar a importância e alcance da prática educativa, que tem se apresentado como uma estratégia de auxílio às nossas realidades educacionais, pois a compreendemos como elaboração humana de mecanismos nas/das atividades educativas na ambiência escolar ou fora desta. Estudantes e professoras/professores são agentes dessa produção. Nessa relação, a função de ensinar/aprender da/do professora/professor é insubstituível, pois podemos ter um arcabouço de materiais educativos e tecnológicos, mas se não houver a presença da/do mestra/mestre essa aprendizagem fica comprometida.

Baseada na assertiva acima é que apresentamos esse trabalho para dialogar sobre as práticas educativas, moda, afrodescendência, racismos, dentre outras temáticas que se interseccionam à/com estas. Também traremos à baila como estas temáticas entrelaçadas foram trabalhadas/dialogadas em um curso de extensão intitulado “Atelier de Práticas Educativas: o que se aprende com um desfile de moda afro?”, com discentes do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Campus Teresina Zona Sul (CTZS), de julho a novembro de 2019.

O curso teve como meta final um desfile de “moda afro” (aqui entendida como uma moda que traga referência da nossa ancestralidade africana), e as pessoas que desfilaram foram pessoas comuns do nosso grupo social, e não manequins profissionais, pois a moda quase sempre não contempla essas pessoas. Queríamos desconstruir os desfiles com visão eurocêntrica e colocar na passarela a diversidade de corpos e cores contida em nossa sociedade, pois a moda serve e é servida por todos.

### **Qual seria o resultado de nossa costura?**

O interesse em investigar as práticas educativas desenvolvidas em um curso de extensão



para alunas/alunos de um curso superior de moda, que tinha como meta final a construção de um desfile de Moda Afro, nos dirige à averiguação do racismo do povo brasileiro relativo aos sujeitos descendentes do povo africano escravizado. A evidência desse racismo fica mais visível à medida que discutimos a influência do africano na formação da cultura brasileira. Mais especificamente, verificamos que, mesmo sabendo que o povo brasileiro é constituído da relação entre misturas étnicas, mesmo reconhecendo essa influência através de práticas cotidianas, em pleno século XXI, a cultura e valores do branco europeu ainda preponderam sobre a cultura do africano escravizado (nossos ancestrais) e do índio.

No artigo jornalístico, “África: Riquezas e Glórias – A história que ninguém contou”, publicado no Geledés - Instituto da Mulher Negra (2012), podemos perceber que se trata de pesquisa sobre as riquezas a partir de impérios africanos não muito conhecidos e estudados nas instituições educacionais brasileiras. Também na dissertação de mestrado de Artemisa Odila Cande Monteiro (2008) verifica-se que as identidades sobre as estéticas afro em Teresina-PI surgem como uma forma de fortalecer a luta dos movimentos negros que pretendem se mostrar positivamente diante das discriminações e racismos presentes na nossa história.

O que queremos dizer com esses dois trabalhos citados é que temos uma história que não foi bem escutada e contada para as/os estudantes, especialmente as/os que estudam Moda na capital do Piauí. Procuramos entender porque essa riqueza africana e diaspórica brasileira, teresinense, não foi aproveitada. Para quem as/os profissionais da moda trabalham? Temos a maioria populacional afrodescendente, mas o curso de moda não pensa roupas para essa população, nem sequer questiona as problemáticas que a afligem. Mais da metade da população do país, 54,9%, segundo dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, é afrodescendente. Agora, como profissional, revendo tudo que foi trabalhado, as consequências desse trabalhar em parceria com alunas/alunos, colegas do grupo de estudos Roda Griô, militantes do Movimento Negro do Piauí e muitas outras colaboradoras e colaboradores é que paramos para assuntar se estávamos corretos ou não.

Um desfile de moda com a temática afro, da idealização e construção das peças à passarela, produz práticas educativas que envolvem multiplicidades de saberes em processos de ensino e de aprendizado, que se relacionam interdisciplinarmente no âmbito da produção de conhecimento técnico e na problematização das questões afrodescendentes. Deste modo, trazem à tona uma série de reflexões a partir da experiência com determinadas e variadas epistemologias, como a do ver, do sentir, do fazer e da existência humana, e também evocam o pensamento e a imaginação que levam às origens: África, terra, herança, Brasil. Trazer essas

reflexões e motivações para a escola e para as práticas educacionais se configurou numa estratégia desafiadora de estímulo aos debates do conceito de raça, racismo, democracia racial, identidade, cultura afrodescendente, pluralidade cultural e cultura brasileira. A política educacional proposta pela Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) reivindica o aprofundamento e problematização desses conceitos no processo histórico.

Quando esse curso de extensão foi idealizado, não estávamos inventando a roda, já tínhamos uma ideia das necessidades do grupo, pois, em uma espécie de grupo focal, questionamos que conhecimentos esses discentes tinham a respeito da África e de nossos ancestrais africanos, e estes, em sua grande maioria, nos informaram três coisas: sofrimento, miséria e selvageria. Quando nos propusemos a pesquisar as aprendizagens desse curso de extensão, nos perguntamos: Quais aprendizagens sobre a afrodescendência foram (des)construídas a partir de um curso de extensão que teve como meta a construção de um desfile de “moda afro”, da idealização das peças à passarela, realizado com alunas/alunos do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Teresina Zona Sul (CTZS)?

Como educadora, sabíamos que práticas educativas são capazes de provocar e instigar discentes a um pensar crítico, tornando-as/tornando-os, também, capazes de se munirem de consciência acerca da afrodescendência. Nossa tese é que essa atividade tinha oportunizado às/aos estudantes a (des)construção de saberes sobre afrodescendência. De modo mais amplo, acreditamos que as práticas educativas, desenvolvidas nesse curso de extensão, propiciaram a (des)construção de aprendizagens sobre afrodescendência, e essas aprendizagens foram disparadoras na formação de um profissional mais crítico.

De posse do que desejávamos pesquisar – o curso de extensão acima citado e que resultou num desfile de moda, partimos para elaborar nossos objetivos, abaixo discriminados:

Objetivo Geral:

Analisar as aprendizagens (des)construídas com relação à afrodescendência a partir do curso de extensão “Ateliê de Práticas Educativas: o que se aprende com um desfile de moda afro?”, que teve como finalidade a construção de um desfile de moda afro, da idealização das peças e acessórios à passarela, realizado com discentes do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Teresina Zona Sul (CTZS).

Objetivos Específicos:

- Averiguar o que as/os estudantes do curso de extensão “Ateliê de Práticas Educativas: o que se aprende com um desfile de moda afro?” conheciam e o que desconheciam sobre afrodescendência;

- Descrever as práticas educativas elaboradas e executadas num curso de extensão, realizado de julho e novembro de 2019, com estudantes do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do IFPI/CTZS, para realização de um desfile de “moda afro” desde a idealização das peças e acessórios à passarela;
- Conhecer os saberes que foram expandidos acerca da afrodescendência pela mediação da vivência em curso de extensão que culminou com a realização de um desfile de moda afro.

## **A divisão da costura**

O trabalho está dividido em introdução, cinco capítulos e uma conclusão. Os assuntos contidos em cada um estão assim distribuídos:

Assim foi costurada a veste: nossa introdução – Onde fazemos um apanhado do trabalho.

Capítulo I – Costura da veste: Metodologia da pesquisa. Neste capítulo, vamos tratar da metodologia por nós utilizada e do nosso campo de pesquisa, incluindo o local onde estudam essas/esses pesquisados.

Capítulo II – Vamos aqui pontuar o conceito atual de moda, quando a Moda entra nesse espaço e também no Piauí.

Capítulo III – Máquinas e equipamentos, ferramentas disponíveis para ajudar na costura: fundamentação teórica. Nesse capítulo, vamos entender o que é uma prática educativa, suas classificações, em que práticas educativas nos ancoramos, como as práticas educativas se processam em um curso de Design de Moda, como a afrodescendência é um item importante para as formas do vestir/adornar-se. Enfim, vamos enxergar o entrelaçamento de práticas educativas, moda e afrodescendência.

Capítulo IV – Alinhavos da costura: procedimentos do curso de extensão. Como estamos estudando os resultados de um curso de extensão, cadastrado no CTZS/IFPI em 2019 e ministrado nas dependências do Memorial Esperança Garcia, de julho a novembro do mesmo ano, nessa parte do texto vamos dizer como o mesmo ocorreu, o que foi programado para cada aula – as cinco primeiras referentes ao estudo da temática e que se encontram no caderno de anotações da pesquisadora, mais a sexta aula, uma visita ao sítio oficina de Hostyano Machado. Vamos fazer uma descrição das aulas e, quando aparecer a fala de qualquer participante, essa será destacada em *itálico* como extrato da fala de fulano (codinome); da mesma forma, algumas colocações feitas pelos discentes durante o curso e que se encontram nas anotações do caderno memorial e ou nos questionamentos feitos durante a pesquisa.

Capítulo V – Análise da Costura. Momento em que vamos analisar as narrativas de nossas/nossos participantes da pesquisa.

Impressões sobre a costura da peça: conclusões provisórias – Usamos o termo provisórias por se tratar de uma pesquisa que envolve o ser humano, cujas impressões são variáveis e dependem de toda uma estrutura do momento como situação social, política e cultural.

Essa pesquisa de doutoramento, na área de educação, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED da Universidade Federal do Piauí – UFPI, é um estudo das atividades desenvolvidas em um curso de extensão, protocolado e aceito junto à extensão do Instituto Federal do Piauí – IFPI, Campus Teresina Zona Sul – CTZS. Esse curso, desenvolvido com discentes do 4º e 6º período do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda, tinha como finalidade a construção de um desfile de moda afro, aqui entendida como qualquer peça do vestuário e acessórios que tenham inspiração, para sua construção, em nossas referências ancestrais africanas. Essas/esses estudantes teriam que idealizar e construir peças do vestuário e até acessórios para pessoas (não modelos profissionais) do nosso grupo social, pessoas comuns, dentro da diversidade de um grupo. Foram escolhidas/escolhidos para desfilarem pessoas brancas, afrodescendentes, jovens, pessoas da terceira idade, gordas, magras, LGBTQIA+, cadeirantes, crianças, e uma pessoa com síndrome de Down. Nossas/nossos discentes teriam que construir essas peças de acordo com cada corpo e baseadas/baseados no conceito de moda afro. Participaram do curso de extensão, objeto dessa pesquisa, dezenove discentes. São os cadernos memoriais dessas/desses discentes, as anotações do caderno memorial da coordenadora com comentários sobre os encontros/rodas de conversa, as inspirações para construção das peças que estiveram na passarela e que foram transformados em croquis por um aluno do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do IFPI/CTZS, e um questionário enviado para cada participante (Apêndice D), o material a ser utilizado para as análises das (des) construções de aprendizagens sobre afrodescendência.

As informações dos questionários enviados seriam dezenove (19) partícipes, mas cumpre pontuar que as respostas foram reduzidas para dezoito (18), pois uma/um participante está no interior de uma pequena cidade e a comunicação com ela/ele não foi possível, estamos em plena pandemia da covid-19, que até o momento (19/09/2021)<sup>1</sup> já matou 4,6 milhões de pessoas no mundo. A OMS avalia que, se considerar a mortalidade ligada à covid-19, direta e

---

<sup>1</sup> 1 Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/mundo/2021/09/13045027-pandemia-de-covid-19-ja-matou-46-%20milhoes-de-pessoas-no-mundo.html>. Acesso em: 20 set. 2021.

indiretamente, os resultados da pandemia poderiam ser duas a três vezes maior do que o registrado oficialmente<sup>1</sup>

Como são muitas falas, é quase impossível fazer a análise do conteúdo manualmente; lançamos mão de um programa de computador de nome IRaMuTeQ. Mais uma vez, pontuamos que esses relatos/narrativas serão expostos nesse texto através de extratos destacados, dando referência a quem os proferiu (codinome). Optamos por usar, como codinome, nomes de objetos usados numa oficina de costura, como Esquadro, Máquina Overloque, Máquina Galoneira, Lápis, Linha, Tesoura, Miçanga, entre outros, os mesmos utilizados no curso de extensão.

Amparamo-nos em especialistas como Munanga (2009), Silva (2008; 2016), Boakari, Machado e Silva (2014), Boakari e Silva (2020), Adichie (2010), Akotirene (2019), Almeida (2019), Ribeiro (2019), Carneiro (2005), Kilomba (2019), Gonzales (1984), Quijano (2002), Fanon (1968, 2008), entre outras/outros, para tratar de colonialidade e africanidades; em Brandão (2007), Freire (1979; 1987; 1989; 1992; 1996), Hooks (2013), Manacorda (2010), Nosella (2007), e outros, para tratar de educação e prática educativa; e em Sandín Esteban (2010), e Lins (2017), para fundamentar a metodologia utilizada para a pesquisa. Ainda dialogamos com Sabrá (2009), para tratar de modelagem; Vilaseca (2011) e Queiroz (2014), para falar de desfile; e alguns outras/outros, para tratar de Moda.

Os resultados desenvolvidos apontam para uma desconstrução das ideias negativas a respeito da herança cultural africana, e um olhar mais crítico sobre a situação precária em que vive a grande maioria do povo afrodescendente. Apontam, também, o racismo como mecanismo de estruturação desse país.

O conhecimento adquirido no percurso desta pesquisa intenciona afetar os futuros designers de moda, na perspectiva de se tornarem pessoas mais críticas e comprometidas com o seu fazer.

## 1. COSTURA DA VESTE: METODOLOGIA DA PESQUISA

Essa pesquisa de doutoramento, na área de educação, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, é um estudo dos resultados das atividades desenvolvidas em um curso de extensão, protocolado e aceito junto à extensão do Instituto Federal do Piauí – IFPI, Campus Teresina Zona Sul – CTZS. Esse curso, desenvolvido com discentes do 4º e 6º período do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda, teve como finalidade a construção de um desfile de Moda Afro, aqui entendida como qualquer peça que tenha sua inspiração na cultura dos nossos ancestrais africanos, que vieram para essa terra escravizados durante a diáspora negra, “O maior de todos os escândalos, aquele que ultrapassou qualquer outro na história da humanidade: a escravização dos povos negros-africanos” (NASCIMENTO, 2016, p. 57).

As/os estudantes tiveram que idealizar e construir peças do vestuário e até acessórios para pessoas (não modelos profissionais) do nosso grupo social, pessoas comuns, dentro da diversidade de um grupo. Foram escolhidas/escolhidos para desfilarem pessoas brancas, afrodescendentes, jovens, da terceira idade, gordas, magras, travestis, homossexuais, heterossexuais, cadeirantes, crianças e uma pessoa com síndrome de Down. Os/as discentes tiveram que construir essas peças de acordo com cada corpo e, baseados no conceito de moda afro, usaram pano de saco, tecido usado àquela época para fazer as vestes dos escravizados. Eles teriam que tingir, bordar, estampar, para que a peça ficasse bonita.

Além da idealização das peças e acessórios, essas/esses estudantes tinham o compromisso de idealizar, junto com a professora coordenadora, a organização de todo o desfile, um trabalho que engloba praticamente tudo que é trabalhado em um Curso Superior de Moda, uma espécie de revisão de tudo que é ensinado e mais, deveriam se debruçar sobre o estudo da cultura africana por nós herdada de nossos ancestrais. Colaboradoras/colaboradores do Grupo de Estudos Roda Griô, do Movimento Negro do Piauí, e de muitos outros, participaram na construção desse trabalho. Os resultados dessa empreitada é o que iremos analisar nessa pesquisa. O curso se intitulou “Atelier de práticas educativas: o que se aprende com um desfile de moda afro?” O título já nos orienta, nos encaminha para o processo educacional – práticas educativas – moda – afrodescendência.

Em seguida, protocolamos, junto ao Comitê de Ética em Pesquisa-CEP, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, o projeto de pesquisa intitulado Atelier de moda afro: prática educativa e o racismo brasileiro, CAEE 42254721.9.0000.5214, e aprovado de acordo com o parecer de Nº 4.605.077, datado de 22 de março de 2019. Título esse modificado durante a qualificação,

quando o trabalho passou a se chamar: **AS APRENDIZAGENS DE UM DESFILE DEMODA AFRO**: Uma reflexão sobre o racismo no Brasil.

Para viabilizar esse estudo, tomamos como base esse curso de extensão que culminou com a construção de um desfile de “moda afro”. Nessa pesquisa, analisamos as aprendizagens (des)construídas nesse processo educativo do curso de extensão, ministrado em 2019. Fizemos uma pesquisa qualitativa, atentando para as minúcias e os elementos implícitos; nos debruçamos sobre os escritos dos cadernos memoriais, tanto das educandas e educandos quanto da coordenadora do curso; os relatos durante as rodas de conversa tiveram uma atenção especial; aprimoramos o olhar para as idealizações das peças; e analisamos as respostas dos questionamentos que foram feitos a essas/esses participantes sobre o curso e sobre o processo de conscientização acerca da afrodescendência. Esses relatos/narrativas estão expostos nesse texto através de extratos destacados, dando referência a quem os proferiu. Para tanto, ancoramo-nos em teóricos da metodologia como Miriam Goldenberg (2015), Roberto Hernández Sampieri (2013), Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2008), Cynthia de Freitas Melo Lins (2017) entre outras/outros. A pesquisa qualitativa possui uma definição difícil de ser elaborada, mas iremos usar esta, pela aproximação com o nosso trabalho.

Por pesquisa qualitativa entendemos qualquer tipo de pesquisa que gera resultados que não foram alcançados por procedimentos estatísticos ou outro tipo de quantificação. Pode referir-se a pesquisas sobre a vida das pessoas, histórias, comportamentos e também funcionamento organizativo, aos movimentos sociais ou às relações e interações. Alguns dados podem ser quantificados, porém a análise em si mesma é qualitativa (STRAUSS; CORBIN, 1990, p. 17 apud SANDÍN ESTEBAM, 2010, p. 124).

A pesquisa em educação se reveste de muitas facetas, sendo que aqui estamos tentando ressaltar as características metodológicas deste estudo. Cumpre salientar que entendemos a pesquisa em educação como um processo sistemático, reflexivo, crítico, e que leva a uma transformação das formas de ensinar ou, pelo menos, ao despertar da importância dos pontos costurados como prática educativa consciente e transformadora.

No desenvolvimento de uma pesquisa, é essencial o planejamento que envolva diversas etapas, desde a apropriada formulação do problema, até os resultados, passando pela escolha do método mais adequado. Entendemos método em pesquisa científica como o caminho utilizado para se chegar a um determinado fim. Roberto Jarry Richardson (1985) conceitua método, em se tratando de pesquisa científica, como uma “escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos” (RICHARDSON, 1985, p. 29). O método utilizado por nós foi a análise das narrativas contidas nos materiais elencados a seguir:

- Analisamos os cadernos memoriais de cada partícipe e as anotações contidas no caderno memorial da responsável pelo curso. Desde o início da pesquisa, os cadernos memoriais dos discentes já estavam em poder da pesquisadora, um material extenso, dezenove cadernos, cada um com uma forma diferenciada de se expressar. Optamos por pontuar algumas narrativas consideradas pertinentes para esse trabalho e que representasse o sentimento do grupo.

- Nos resultados das provocações debatidas nas rodas de conversa, escolhemos analisar as narrativas de Esquadro e Miçanga a partir da própria sugestão das/dos partícipes, por essas histórias terem sido significantes para o grupo, por terem impactado todas/todos as/os partícipes. Cumpre aqui pontuar que não tínhamos combinado gravar as rodas de conversa, quando decidimos usar nesse trabalho as histórias de Esquadro e Miçanga, pedimos às mesmas/mesmos que contassem as histórias novamente e a opção, por conta da pandemia da Covid-19, foi fazer a gravação em áudios pelo WhatsApp. Foram feitas as transcrições desses áudios e estão no (Apêndice B).

- Foram analisadas, nas inspirações das peças, representadas pelos croquis, as narrativas expressas pelas/pelos discentes quando relatavam o porquê da inspiração, as justificativas das cores, formas, e símbolos, que resultaram nas vestes que foram para a passarela. A foto de cada uma se encontra ao lado de cada croqui.

- Por sua vez, as respostas dos questionários foram analisadas pela pesquisadora tendo por base os segmentos de textos feitos pelo programa IraMuTeQ versão 0.7 alpha 2, utilizado para auxiliar a análise textual dos discursos, através da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que se trata de uma estrutura gráfica que aponta a relação entre os léxicos.

- O corpus textual, formado pelas respostas dos dezoito partícipes, foi inserido no software para a divisão dos segmentos de texto agrupados em 8 classes, divididas em três grupos: as classes 1, 5 e 8, que tratam de racismo e de como esse está entranhado, emaranhado em nossa sociedade; as classes 2 e 6, juntas no dendrograma, tratam do processo desenvolvido para a inspiração da peça, pontua a importância do estudo da temática a ser utilizada na construção das peças; e as classes 3, 4 e 7 tratam da prática educativa, dos encontros nos quais a temática foi trabalhada. Esses questionários foram entregues e coletados conforme protocolos de segurança face à crise sanitária mundial na qual ainda nos encontramos. Assim, foram usadas luvas e máscaras descartáveis para recebimento e entrega do material, colocados em sacos plásticos higienizados com solução de álcool líquido 70°, que ficou em posse dos pesquisados por sete dias, para que fosse colocado em local apropriado por cinco dias, no mínimo, após a entrega e também após a coleta. Tudo isso, feito conforme as orientações do Guia de



implementação de protocolos de retorno das atividades presenciais na educação básica (BRASIL, 2021).

Concluimos que esse trabalho se ancora nas narrativas desses materiais. Por isso, utilizamos a pesquisa qualitativa de narrativas, em que esta estratégia metodológica pode ser vista “como um mero recontar de eventos para ser entendida como algo que entrou na biografia do falante e que é avaliado emocional e socialmente, transformando-se em experiência” (PAIVA, 2008, n. p.). As partilhas narradas pelos sujeitos da pesquisa mostram o sentido construído por elas/eles no intuito de dar forma aos seus pensamentos. Algumas vezes, essas narrativas vêm de forma desordenada, mas vão se organizando de acordo com os acontecimentos em suas vidas (PAIVA, 2008).

Relembramos as narrativas dos sujeitos pesquisados, no sentido de compreender que aprendizagens sobre afrodescendência foram (des)construídas. Essa (des)construção se constitui numa forma de falar de si, de mostrar os processos de silenciamentos cristalizados em suas trajetórias pessoais. Grada Kilomba (2019) traz uma importante reflexão sobre os silenciamentos que nos são impostos cotidianamente, quando fala da máscara de Anastácia. Ela pontua:

Há uma máscara da qual ouvi falar muitas vezes durante a minha infância. A máscara que Anastácia era obrigada a usar. Os vários relatos e descrições minuciosas pareciam me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem contadas (KILOMBA, 2019, p. 33).

Foi exatamente isso que sentimos durante as rodas de conversa. As histórias de alguns participantes como Esquadro e Miçanga, que serão contadas nesse trabalho, brotaram com a maior facilidade, é como nos diz Kilomba, memórias vivas, sufocadas e prontas para virem à tona a qualquer abertura. Histórias permeadas de racismo, de intolerâncias, de desrespeito. Narrativas que possibilitaram ao narrador questionar, refletir e compreender o seu passado e sonhar com o seu futuro. Ao mesmo tempo, essas histórias impactaram os demais participantes, oportunizando a estas/estes as mesmas reflexões sobre as suas realidades sociais.

Apesar de já termos pontuado na introdução, cumpre aqui lembrar que as/os pesquisados serão mencionados nesse trabalho por codinomes, usaremos nomes de objetos utilizados em uma oficina de costura (Botão, Passamanaria, Máquina Overloque, Colchete, Lápis, Barbante, Bobina, Carretilha, Furador, Tesoura, Calcador, Alfinete, Máquina Reta, Cola, Miçanga, Máquina Galoneira, Linha, Esquadro e Cordão). Da mesma forma, os títulos desse trabalho sempre nos remeterão às etapas, processos, ou objetos, entre outros, usados na construção de peças do vestuário. A seguir, falaremos sobre essas/es pesquisadas/os.

## 1.1 O que costurar: nosso campo de pesquisa

*O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer.*

*Espinosa – Ética III, Prop. 2*

Vamos aqui, tratar do nosso campo de pesquisa: quem são? de onde vieram? Onde estão?

### 1.1.1 Corpos Pesquisados

Porque começamos o nosso trabalho questionando sobre as possibilidades do corpo? Simples: porque todo o nosso trabalho de pesquisa está ancorado nos corpos. Esses corpos pesquisados serão os nossos corpos idealizadores, nossos corpos modeladores, nossos corpos cortadores, nossos corpos costuradores e ainda teremos mais, nossos corpos colaboradores, nossos corpos desfilantes, nossos corpos observadores etc. etc. Esses corpos não são apenas a matéria, nesses corpos não existe a separação corpo e mente, esses corpos são uma totalidade.

Diferentemente do que ocorre na maioria dos países ocidentais, para Espinosa, esses corpos podem afetar e serem afetados, como pontua o pensador:

*As afecções são o corpo sendo afetado pelo mundo. O que pode um corpo? Pode afetar e ser afetado! As afecções são em tese encontro pontual de um corpo com outro. Somos corpos que se relacionam com outros corpos, quando sofremos suas afecções, quando somos afetados pelos outros corpos, sofremos uma alteração, uma passagem, nossa potência aumenta ou diminui. Destas afecções, ocorrem os afetos, uma experiência vivida, é uma transição (TRINDADE, 2017, n. p.).*

Ciente de que esses corpos tanto são afetados como podem afetar é que desenvolvemos esse trabalho. Somos sabedores de que tudo que ocorreu no desenrolar do curso de extensão teve efeitos em todos os corpos participantes, sejam eles os pesquisados, os colaboradores ou os desfilantes. Esses corpos participaram ativamente – corpos participantes; ou apenas em alguns momentos – corpos colaboradores e corpos desfilantes, de um curso de extensão, que teve por finalidade preparar os corpos participantes para construção de um desfile de moda afro. Foi a forma encontrada pela coordenadora do curso para afetar esses corpos com relação às questões afrodescendentes, em especial à situação das/dos afrodescendentes brasileiras/brasileiros, cujos ancestrais, como a grande maioria das/dos afrodescendentes,

vieram para as Américas escravizadas/escravizados. Nesse curso, vieram à tona aprendizagens necessárias na luta contra a opressão, pois esses conhecimentos/aprendizagens, segundo Santos (2018, p. 157), “são corporizados em corpos concretos, coletivos ou individuais”.

O professor Boaventura Sousa Santos nos faz entender que esses corpos, individuais ou coletivos, sofrem com as derrotas, mas esses mesmos corpos se sentem triunfantes com as vitórias. Essa ideia de achar que o corpo é uma tábula rasa, apenas um suporte onde tudo pode ser depositado, é uma ideia ultrapassada, mas também muito usada no passado e no presente. A ideia de que o corpo suporta tudo permite que as pessoas, tanto no passado (no processo de escravização), quanto no presente (nas relações de subalternização atuais), maltratem as outras, espanquem, torturem, matem. Esse corpo é, para essas pessoas, apenas a matéria, e é uma ideia calcada nos pressupostos judaico-cristãos, que afirma que o corpo está separado da mente, mesmo depois de Espinosa ter condenado essa exclusão (SANTOS, 2018). O seu corpo é a sua narrativa de vida. O corpo fala. Isso ficou muito forte durante todo esse trabalho, e isso nos faz concordar com o que afirma o professor Boaventura Sousa Santos:

E os corpos estão tanto no centro das lutas como as lutas estão no centro dos corpos. Os corpos são performáticos e, assim, através do que fazem, renegociam e ampliam ou subvertem a realidade existente. Ao agirem, agem sobre si mesmo; ao dizerem, dizem de si mesmos e para si mesmos. A mobilidade e a imobilidade, o silêncio e o grito, todos são energias vitais que inscrevem marcas nos corpos, marcas que permanecem para além das suas lutas e dos seus sucessos. Os corpos que resistem são muito mais do que a luta, e a luta, por sua vez, abarca muito daquilo que geralmente se crê existir fora dela, seja a dança, o teatro ou a música, o sono o amor. Os corpos mobilizam diferentes capacidades em lutas diferentes ou em diferentes momentos da mesma luta: as vezes capacidades das pernas, da mão depois, do ouvido, da voz ou do nariz (SANTOS, 2018, p. 161).

Isso está muito nítido nas falas das/dos pesquisadas/pesquisados, certamente quando estiverem lendo o que elas/eles escreveram, irão sentir isso com muita intensidade. Mas quem são essas/esses pesquisadas/pesquisados?

### 1.1.2 Quem são?

São alunas e alunos do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, campus Teresina Zona Sul – CTZS, que participaram de um curso de extensão em 2019, intitulado “Atelier de Práticas Educativas: o que se aprende com um desfile de Moda Afro?”; estudam no turno noturno (no momento o curso é apenas noturno), na sua maioria trabalhadoras e trabalhadores, cuja renda per-capita gira

em torno de R\$785,00 (setecentos e oitenta e cinco reais), bem menos que um salário mínimo (dados coletados em 2019). São alunas/alunos que estão se esforçando para conseguir um lugar social melhor, mas, muitas vezes, até pela nossa falta de conhecimento da história de cada uma/um, são consideradas/considerados desinteressadas/desinteressados. Aqui cabe uma melhor reflexão por parte de nós, professoras e professores dessas turmas, que, mesmo trabalhando em situações muito precárias, atentem para o fato que essas/esses aprendizes estudam e trabalham. Precisamos encontrar um meio de entendermos a situação dessas/desses alunas/alunos e de sermos entendidas/entendidos. Precisamos refletir sobre o nosso fazer, não para passar a mão na cabeça dessas alunas e desses alunos, chavão utilizado por nós, e sim para que o trabalho a ser desenvolvido se torne menos penoso, mais agradável, que o rendimento de ambas as partes seja melhor.

Cumpra nos apoiarmos em um dos maiores educadores desse país, Paulo Freire, quando ele nos incita a pensar nos oprimidos e na forma de ensinar/aprender desses oprimidos, quando ele nos fala de uma pedagogia libertadora, uma forma de ensinar/aprender conscientizada, que nos traz felicidade e forças para lutar por um mundo melhor. É uma pedagogia diferente da trabalhada em nossas salas de aula, uma pedagogia na qual o respeito mútuo é o mote, uma pedagogia na qual os problemas das nossas alunas e dos nossos alunos são tratados com respeito e seriedade, uma pedagogia na qual os conhecimentos trazidos por essas alunas e alunos são acatados e mais que isso, esses conhecimentos são o ponto de partida para outros conhecimentos. É uma pedagogia que estimula essas/esses alunas/alunos a enxergarem e refletirem sobre a realidade social na qual estão inseridas/inseridos. Freire pontua:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 1987, p. 20).

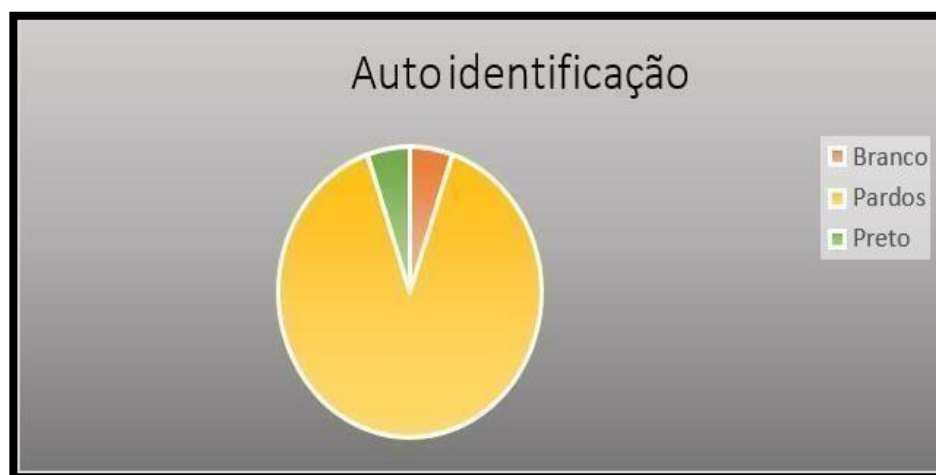
O próprio Freire tem a preocupação de nos informar que não se trata de tarefa fácil pois, na relação oprimido / opressor, as marcas do opressor estão no oprimido. Ele traz um exemplo muito significativo quando nos diz que o camponês sofre por não ter a terra, é massacrado pelo dono da terra, mas quando esse por um acaso se torna o dono, na maioria das vezes é um proprietário bem mais cruel do que foi o seu patrão. Os capatazes negros, em sua grande maioria, foram mais cruéis que os brancos (FREIRE, 1987).

Faz-se necessário um trabalho de reflexão muito intenso para que o oprimido se liberte do opressor que está dentro dele. Só quando o oprimido é assim libertado, libera também o opressor, pois o opressor só existe quando existe o oprimido. Freire pontua:

Este é o trágico dilema dos oprimidos, que a sua pedagogia tem de enfrentar. A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. (FREIRE, 1987p. 22).

Quando essa contradição se desfaz, quando essa mulher/homem nova/novo aparecem, se completa o processo de conscientização, e essas/esses mulheres/ homens estão preparadas/preparados para a construção de um mundo melhor, um mundo no qual a alteridade é a linha a ser seguida. Durante esse curso de extensão, sabemos que tudo que estava ao alcance da coordenadora e dos colaboradores e colaboradoras foi usado com o intuito de ajudar as/os alunas/alunos e, junto com elas/eles, desvelar a problemática das africanas e africanos que aqui chegaram escravizadas/escravizados e que nesse país deixaram suas/seus descendentes, nós, afrodescendentes brasileiras/brasileiros que, como demonstra a Figura 1 abaixo, eram maioria nesse curso de extensão.

**Figura 1 – Gráfico da autoidentificação das/dos alunas/alunos da pesquisa**



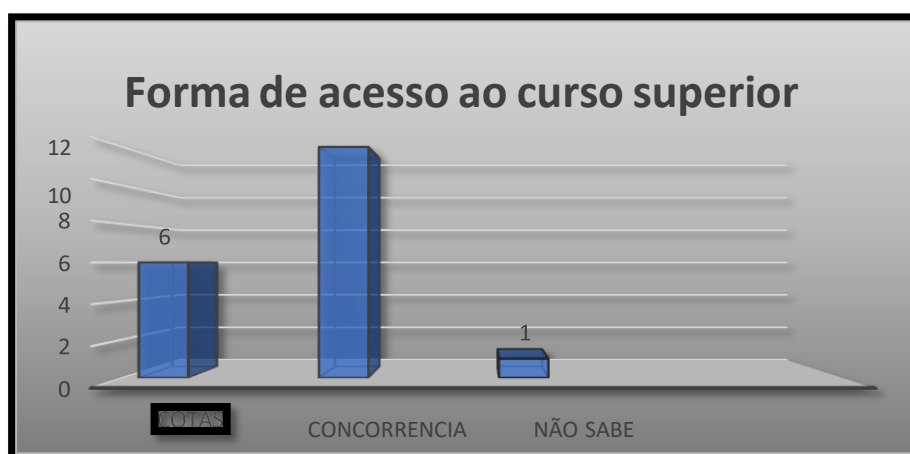
Fonte: Gráfico produzido pela pesquisadora no Word, 2021

O grupo era composto de dezenove participantes, e desses, dezessete se identificaram como pardas, um participante se identificou como negro e apenas uma participante se identificou como branca. Isso demonstra nitidamente a discrepância entre afrodescendentes e brancos.

Cumpramos aqui ressaltar que foi com alegria que constatamos isso, pois quando fizemos o curso de Design de Moda, em uma faculdade particular aqui da capital do estado do Piauí (na época não tínhamos faculdade pública que oferecesse o Superior em Tecnologia do Design de Moda ou outro semelhante), a quantidade de afrodescendentes (pardos e negros, conforme a nomenclatura usada pelo IBGE) era pouco significativa.

Chamou a nossa atenção o fato de 90% (o Word na construção de gráficos despreza a parte decimal) desses alunos e alunas se identificarem como negros ou pardos (nomenclatura usada pelo IBGE), apenas 33% se utilizaram das cotas, uma legislação que precisa ser utilizada, um direito que mais do que nunca precisa ser exercido, mas, como bem demonstra a Figura 2 abaixo, não está sendo utilizada totalmente.

**Figura 2 – Forma de acesso das/dos pesquisadas/pesquisados ao Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do IFPI/CTZS**



Fonte: Gráfico produzido pela pesquisadora no Word, 2021

Talvez se trate de um reflexo daquilo pontuado por Luiz Henrique Eloy Amado, indígena que, como os negros, se beneficia do sistema de cotas e que:

Em entrevista para a Revista Quero em 2017, Luiz Henrique Eloy Amado, que é um membro da tribo Terena, localizada em sua maioria na região Centro-Oeste, e advogado militante da causa indígena, contou situações embaraçosas que passou durante sua graduação por ser cotista social. “Você ouvia muitos comentários das pessoas que falavam ‘as pessoas que entraram pelas portas dos fundos da universidade’. Eles entendiam que, como entramos pelo sistema de cotas, nós não tínhamos capacidade de estar ali”. Luiz ainda conta que mesmo em trabalhos em grupo, os indígenas eram deixados de lado (GIORDAN, 2017, p. 1).

Durante o desenvolvimento do curso de extensão, era uma preocupação pontuar a necessidade de alunas/alunos que podem usar as cotas usufruírem realmente desse direito, pois esse direito precisa ser realmente consagrado enquanto se fizer necessário. A preocupação das instituições em avaliar os efeitos dessa legislação não nos parece uma iniciativa das mais significativas, como Jocélio Teles dos Santos, organizador do livro “O impacto das cotas nas universidades federais”, pontua:

aqui chamamos a atenção para o fato de que mesmo havendo mais de cem instituições que decidiram por políticas de ações afirmativas, poucas foram as que, desde o momento da implementação, divulgaram os dados relativos ao ingresso e a permanência de estudantes que passariam no novo sistema a ser denominados cotistas e não cotistas (SANTOS, 2004, p. 10).

A ampla utilização do direito às cotas ajudaria, e muito, a desconstruir a ideia tão propalada por aquelas/aqueles que são contra tal direito, e afirmam que essas/esses cotistas só vão atrapalhar, que não conseguem acompanhar o curso, que não estão no mesmo nível das demais alunas e alunos; não foram esses os resultados obtidos, apesar das muitas dificuldades encontradas por essas/esses cotistas.

Mesmo informando que essas cotas são um direito e que esse direito precisa ser exercido, muitas alunas e alunos não se utilizam desse direito. O sistema de cotas, Lei 12.711, de 29 de Agosto de 2012, e muitos outros, como a ajuda escolar – todas têm como suporte o Decreto Nº 7.234, de 19 de julho de 2010, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, e que trata de: moradia estudantil, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche, apoio pedagógico, acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação. No Art. 3º, parágrafo segundo do referido decreto, é dito que caberá à instituição federal de ensino superior definir os critérios e a metodologia de seleção dos alunos de graduação a serem beneficiados. Para tanto, o IFPI dispõe da Resolução Nº 014/2014 – Conselho Superior, alterada pelas Resoluções Nº 31/2014 e Nº 27/2016 – Conselho Superior, e de uma cartilha que reflete a respectiva resolução. Todas essas políticas são sempre utilizadas por parte dessas/desses alunas/alunos com muita restrição, elas/eles só as procuram quando não têm outra opção, e falar sobre isso elas/eles nunca falam, parece que se sentem envergonhadas/envergonhados de utilizar o que é delas/deles por direito, é como se fosse uma dívida do estado para com elas/eles e não uma obrigação.

É difícil viabilizar os trabalhos práticos, pois a escola não disponibiliza material suficiente e diversificado, e as/os alunas/alunos que não têm condição de comprar, só

procuraram a/o professora/professor para falar alguma coisa no dia de entregar a atividade. Talvez por falta de informação ou por se sentirem constrangidas/constrangidos, o certo é que essas/esses alunas/alunos não responsabilizam o estado por nada, e têm vergonha de sua situação econômica. Não enxergam que se trata de um problema social que tem como alicerce o racismo. Abaixo, o Quadro 1 mostra os recursos mais utilizados no CTZS, além, é claro, da alimentação e do serviço médico/odontológico do campus.

**Quadro 1 - Bolsa de programa/projeto**

<b>BOLSA</b>	<b>VALOR UNITÁRIO MENSAL</b>
PRAEI/Monitoria	R\$ 350,00
PIBIC	R\$ 400,00
EXTENSÃO	R\$ 300,00
VISITA TÉCNICA	R\$ 50,00 – cidades do interior do Piauí R\$ 80,00 – capital /Teresina R\$ 100,00 – outras capitais/outras regiões

Fonte: Quadro produzido pela pesquisadora, 2021

A situação das/dos pesquisadas/pesquisados, esses corpos idealizadores, modeladores, cortadores e costuradores, não é diferente da exposta acima. Algumas alunas e alguns alunos, mesmo com as ajudas acima citadas, são obrigadas/obrigados a trancar e ou abandonar o curso. Foi feito um levantamento com os/as pesquisadas/pesquisados e a renda por pessoa, a renda per capita foi de R\$785,00 (setecentos e oitenta e cinco reais), menos de um salário mínimo, e se enquadra perfeitamente no estudo feito em 2016, pelo IBGE, que aponta uma enorme desigualdade econômica e social no Brasil, e uma desigualdade ainda maior no Norte e no Nordeste. Se pensarmos que esse estudo foi feito há quatro anos atrás, a situação das/dos pesquisadas/pesquisados é ainda mais gritante. O estudo mostra que:

O rendimento médio real domiciliar per capita foi de R\$ 1,2 mil por mês em 2016. Nas regiões Norte e Nordeste, a média foi de R\$ 772. A maior média foi observada no Sudeste, com R\$ 1,5 mil. Com isso, o índice de Gini, que calcula o nível de desigualdade de renda em um país, do rendimento domiciliar per capita para o Brasil naquele ano foi estimado em 0,549. O Sul do país apresentou o menor índice, de 0,473, e o Sudeste o maior, de 0,535. O índice de Gini vai de 0 (perfeita igualdade) a 1 (desigualdade máxima). (SILVEIRA, 2017, n. p.).

Se formos fazer uma atualização tendo como base o IPCA – Índice de Preços ao Consumidor, que é que um índice criado para medir a variação de preços do mercado para o consumidor final, e representa o índice oficial da inflação no Brasil, medido mês a mês pelo IBGE, a questão da defasagem de valores fica ainda mais explícita.



Usando os dados da Tabela 1 abaixo, o valor de R\$772,00 (setecentos e setenta e dois reais) em 2016, reajustado conforme a inflação, seria, em 2020, R\$897,69 (oitocentos e noventa e sete reais e sessenta e nove centavos). Se as/os pesquisadas/pesquisados estão com uma defasagem com relação ao valor mais baixo do Brasil, de R\$112,69 (cento e doze reais e sessenta e nove centavos), o que equivale a um decréscimo de 12,5%, imaginem com relação ao valor médio nacional. É uma situação de quase vulnerabilidade social. Nós, enquanto professoras/professores, temos que ficar atentas/atentos para essas constatações, e intervir na medida do possível, procurando trocar ideias a esse respeito com colegas e discentes, e nos organizando para cobrar políticas públicas que acabem com essas discrepâncias.

**Tabela 1 - Inflação acumulada de 2016 a 2019.**

Inflação Acumulada Atual		
Inflação	Taxa (%)	Meta (%)
2019	2,49	4,25
2018	3,75	4,5
2017	2,95	4,5
2016	6,29	4,5

Fonte: TORORADAR, Disponível em: <https://www.tororadar.com.br/investimento/bovespa/o-que-e-ipca-e-inflacao-acumulada>. Acesso em: 12 jun. 2020.

O certo é que, depois do que constatamos a respeito da situação das/dos pesquisadas/pesquisados, fica nítida a importância de trabalhos como esse curso de extensão e de pesquisas como essa que objetiva analisar as aprendizagens (des)construídas sobre afrodescendência no referido curso. Trabalho esse que tenta fazer com que educadora/educador e educanda/educando esmiúcem a situação em que se encontram para, a partir daí, decidirem a melhor forma de um trabalho educativo a ser desenvolvido. Sem esse olhar, certamente não iremos sair do ponto em que nos encontramos. Temos a obrigação de colocar no mercado da moda, um mercado extremamente contaminado por esse sistema capitalista cruel, designers mais críticos.

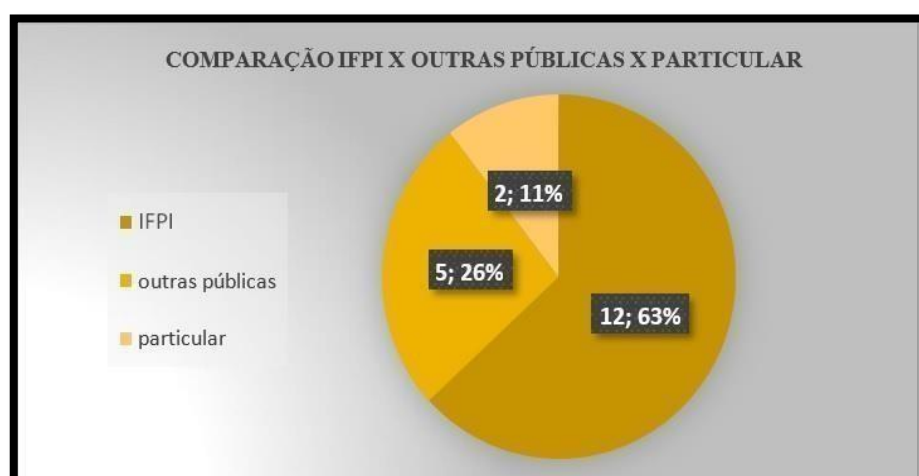
### 1.1.3 De onde vêm esses corpos pesquisados?

Antes de respondermos a esse questionamento, vamos retornar para 2008, quando é criado o atual campus Teresina Zona Sul como uma Unidade Descentralizada de Ensino Professor Marcílio Rangel – Teresina. O primeiro ano letivo teve início em 11 de fevereiro de

2008, ainda com esse nome, e com a oferta dos cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio (modalidades Integrada, Subsequente e PROEJA) em Edificações, Estradas, Saneamento Ambiental, Gastronomia, Cozinha (PROEJA) e Vestuário. O Curso Técnico em Vestuário já começa com as duas modalidades: Integrado, com duração de quatro anos; e na modalidade Concomitante e/ou Subsequente, com duração de dois anos (quatro semestres). Esses cursos são destinados às pessoas que querem um segundo grau e, ao mesmo tempo, uma profissionalização. O curso integrado é matutino e o concomitante e/ou subsequente é noturno. Nossas alunas e alunos do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda, como costumamos dizer, são pratas da casa, são oriundas desses dois cursos técnicos em vestuário.

Teresina, como falaremos nos próximos capítulos, tem uma propensão econômica para tecnologia do vestuário, pois já estava, no Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, desde 2010, a criação de um curso superior em Design de Moda. Era um sonho de professoras/professores e alunas/alunos que se tornou realidade em 2017. Em nossa primeira turma do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda, a maioria era de alunas/alunos oriundos dos cursos de Vestuário, tanto do Integrado como do Concomitante e/ou Subsequente. As/os pesquisadas/pesquisados são alunas/alunos da primeira e da segunda turma desse curso, portanto, em sua grande maioria, crias da casa, alunas/alunos oriundos do próprio IFPI.

**Figura 3 – Comparação entre IFPI e outras escolas**



Fonte: Gráfico produzido pela pesquisadora no Word, 2021.

A Figura 3 acima, apresenta um gráfico comparativo que mostra, explicitamente, o que acabamos de pontuar. Das/dos dezenove participantes, dezessete são provenientes de escola pública e dois têm como origem a escola particular. Das/dos dezessete provenientes de escola pública, doze são alunas/alunos dos cursos de Vestuário (Integrado e ou

Concomitante/Subsequente) do IFPI, e cinco são alunas/alunos de outras instituições públicas de ensino. Está posto que a maioria veio mesmo do IFPI. Mas o que é IFPI? Que escola é essa?

Sabedores que a grande maioria das pesquisados e pesquisados são discentes que já estão na instituição desde o ensino de médio, que essa instituição é uma escola centenária, que prepara para o trabalho, optamos por fazer, a seguir, um pequeno tópico tratando da história dessa escola de nossas/nossos partícipes

#### 1.1.4 Um pouco da história do IFPI

O marco histórico inicial da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – Rede EPCT, do Ministério da Educação e Cultura – MEC, foi a criação, em 1909, pelo presidente Nilo Peçanha, a partir das 19 Escolas de Aprendizes Artífices (Decreto Nº 7.566, de 23 de setembro de 1909). Começa então, no ano de 1909, a história do Instituto Federal do Piauí, com a implantação, em Teresina, da Escola de Aprendizes Artífices do Piauí. Em sua introdução, o Decreto 7.566 informava a que e a quem a escola se destinava: “não só a habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalhos profícuos, que os afastará da ociosidade, escola do vício e do crime” (BRASIL, 1909, p. 1).

Cabe aqui uma interrogação: quem seriam esses desfavorecidos? “Os esfarrapados do mundo” de Freire (1987 p. 14)? “Os condenados da terra”, de Fanon (1968)? Ou a “Gente boa da cancela”, de Silva (2015)? Certamente, em sua grande maioria, as/os muitas/muitos afrodescendentes espalhadas/espalhados pelas periferias e favelas desse país. Essas/esses descendentes de africanas/africanos escravizadas/escravizados, depois de quase quatrocentos anos de escravização, são libertas/libertos sem nenhum direito, sem nenhuma política pública que lhes amparasse e, ainda por cima, como afirma a Professora Dra. Maria Sueli Rodrigues de Sousa:

À abolição da escravidão não se seguiram políticas ou direitos ao povo negro que minimamente promovessem sua integração. Ainda mais grave que isso, a Lei de Terras de 1850 cuidou para que, ao serem livres não pudessem adquirir terras por uso e ocupação, mas somente pela compra, o que, além da herança cultural de inferiorização, os colocou à margem da sociedade brasileira (SOUSA, 2007, p. 146).

Voltemos, então, à história da Escola de Aprendizes Artífices do Piauí que, de 1909 a 1937, funcionou com esse nome. Funcionando em um prédio localizado na antiga Praça

Aquidabã, hoje Praça Pedro II, a Escola de Aprendizes Artífices do Piauí foi a primeira escola federal de ensino profissional implantada no Estado do Piauí, com cursos profissionalizantes nas áreas de Arte Mecânica, Marcenaria, Sapataria e Fundição. A estrutura administrativa da escola era pequena: um diretor, um escriturário, um porteiro e um contínuo. Márcia Cruz, professora de Alfabetização, e José Enéas Maia Filho, professor de Desenho, foram as primeiras pessoas contratadas pela instituição. Além dela/dele, outros operários e mestres, com experiência reconhecida, eram responsáveis pela organização e montagem das oficinas de aprendizagem (IFPI, 2018).

Em 1937, durante o Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas, surgiu uma nova denominação: Liceu Industrial do Piauí (1937-1942). Era objetivo governamental industrializar o país, e a Rede de Escolas Profissionais serviu como instrumento de formação de operários. A partir desse momento, as escolas de artífices, até então pertencentes ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, passaram a fazer parte do recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública. Nesse período, foi construída e inaugurada a sede própria, em terreno cedido pela Prefeitura Municipal de Teresina, na Praça Monsenhor Lopes, hoje Praça da Liberdade, onde funciona atualmente o Campus Teresina Central-CTC (IFPI, 2018).

A fase três da instituição começa com a criação da Lei Orgânica do Ensino Industrial, o Decreto-Lei 4073 de 30 de janeiro de 1942; esse decreto dividiu as escolas da Rede em industriais e técnicas. O decreto estabelece que escola é essa em seu artigo primeiro - Art. 1º. Esta lei estabelece as bases de organização e de regime do ensino industrial, que é o ramo de ensino, de segundo grau (hoje ensino médio), destinado à preparação profissional dos trabalhadores da indústria e das atividades artesanais, e ainda dos trabalhadores dos transportes, das comunicações e da pesca. O decreto também se encarrega, em seu Art. 2º, nas alíneas a e b, de explicitar o sentido dos termos indústria, industrial, técnico e artesanal: a) o substantivo "indústria" e o adjetivo "industrial" têm sentido amplo, referindo-se a todas as atividades relativas aos trabalhadores mencionados no artigo anterior; b) os adjetivos "técnico", "industrial" e "artesanal" têm, além de seu sentido amplo, sentido restrito para designar três das modalidades de cursos e de escolas de ensino industrial. Com o propósito de formar mão de obra, as escolas industriais formariam operários, em nível ginásial (hoje ensino fundamental), para a indústria, e as técnicas formariam operários e também técnicos, em nível médio. As escolas industriais ficaram geralmente nos estados menos industrializados, como o Piauí. Em Teresina, foi ampliado o número de salas de aula e de oficinas escolares. Nesta fase, de 1942 a 1965, a escola foi denominada de Escola Industrial de Teresina (IFPI, 2018).

No ano de 1965, houve a inclusão do termo “Federal” no nome das escolas da Rede. Essa mudança permitiu que a instituição pudesse fundar cursos técnicos industriais, a exemplo das escolas que já eram técnicas. Em 1967, foram criados os primeiros cursos técnicos de nível médio: Edificações, Agrimensura e Eletromecânica. A criação e o reconhecimento dos cursos técnicos permitiram que o Ministério da Educação promovesse a Escola Industrial Federal (1965-1967) à Escola Técnica Federal do Piauí (ETFPI), que permaneceu com esta denominação de 1967 a 1998 (IFPI, 2018).

Nessas três décadas, a escola passou por um período de expansão, pois houve uma grande ampliação da estrutura geral da escola. Os cursos técnicos, que eram noturnos, passaram a ser também diurnos, e cresceu a oferta de novas vagas para as seguintes áreas: Contabilidade, Administração, Secretariado e Estatística. Nesse período, houve também a permissão de matrículas para mulheres, e o número de estudantes quadruplicou em dois anos. Entre 1968 e 1970, foi feita a construção do Prédio “B”. E, de 1970 a 1975, em parceria com o Governo do Estado, professores e alunos participaram das obras de construção, em Teresina, da Praça Marechal Deodoro da Fonseca, conhecida como Praça da Bandeira, e do Monumento aos Heróis da Batalha do Jenipapo, em Campo Maior. São dessa fase, também, a construção do Prédio “C”, em Teresina, e a inauguração da primeira Unidade de Ensino Descentralizada (UNED), em Floriano, em 1994 (IFPI, 2018).

A transformação da Escola Técnica Federal do Piauí em Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET-PI) foi autorizada em 1994, mas só ocorreu em 1999, pela efetivação da Lei 8.948/94, de 22 de março de 1999; permaneceu com esta denominação até 2008. Nesse mesmo ano, 1999, ocorreu o primeiro vestibular da instituição, com a oferta do Curso Superior de Tecnologia em Informática e, em 2001, foi ofertado o primeiro curso superior na área de saúde, o de Tecnologia em Radiologia. No ano seguinte, foram implantados os cursos de Licenciatura em Biologia, Matemática, Física e Química. A partir de 2007, houve, na capital, a implantação de uma nova Unidade de Ensino Descentralizada (UNED), unidade Marcílio Rangel-Teresina, hoje Campus Teresina Zona Sul – CTZS, a escola dos corpos pesquisados. No interior do estado, passaram a funcionar as unidades de Picos e Parnaíba. Também em 2007, houve a implantação do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), com oferta de cursos técnicos (IFPI, 2018; IFPI, 2020, p. 27).

O Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET-PI), da mesma forma que muitas outras unidades dos CEFETs, sofrem, em 2008, uma reorganização em sua estrutura, adquirindo o status de Instituto Federal através da sanção do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Com isso, é criada a Rede Federal de

Educação Profissional Científica e Tecnológica. Passa então a se chamar Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI. Nesse período, tiveram início as ações de ensino à distância, com atuação do Instituto Federal do Piauí em seis polos de apoio presencial. Em 2009, houve a expansão do IFPI para mais 6 (seis) municípios. No segundo semestre de 2013, entraram em funcionamento mais 6 (seis) campi. Com investimentos na ampliação dos espaços físicos e na qualificação dos servidores e servidoras, o Instituto Federal do Piauí vem reafirmando o compromisso com a inovação e com o aperfeiçoamento das ações de ensino, pesquisa e extensão. O IFPI destaca-se como instituição de referência nacional na formação de **cidadãs/cidadãos críticas/críticos e éticas/éticos dotadas/dotados** (grifo nosso), de sólida base científica e humanística e comprometidos com intervenções transformadoras na sociedade e com responsabilidade econômica e social, incluindo, a partir de 2015, a responsabilidade ambiental em suas estratégias (IFPI, 2018; 2020).

#### 1.1.5 A escola dos corpos pesquisados: O campus Teresina Zona Sul CTZS

Em 2007, aconteceu a inauguração das UNEDs (unidades descentralizadas) de Picos, Parnaíba e Marcílio Rangel-Teresina (atualmente Teresina Zona Sul). Em 2008, por força da Lei 11.892/08, que cria, em seu Art. 1º, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação, praticamente todos os CEFETs são transformados em Institutos Federais – IFs. Estes IFs, por sua vez:

São instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei. Para efeito da incidência das disposições que regem a regulação, avaliação e supervisão das instituições e dos cursos de educação superior, os Institutos Federais são equiparados às universidades federais (BRASIL, 2008, n. p.)

A mesma legislação que cria a Rede Federal de Educação Tecnológica e os IFs, em seu Art. 5º § 2º, transforma automaticamente as UNEDs em campi: “A unidade de ensino que compõe a estrutura organizacional de instituição transformada ou integrada em Instituto Federal passa de forma automática, independentemente de qualquer formalidade, à condição de campus da nova instituição” (BRASIL, 2008, n. p.).

A Unidade de Ensino Marcílio Rangel – Teresina, iniciou suas atividades de ensino no dia 11 de fevereiro de 2008, com a oferta dos cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio com os cursos de Edificações, Vestuário e Gastronomia (modalidades Integrada,

Subsequente/Concomitante); Saneamento Ambiental (modalidade integrada); Estradas (modalidade subsequente/concomitante). Foi ainda ofertado, no segundo semestre do mesmo ano, o curso Técnico Integrado em Cozinha, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, por meio do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA). A unidade se localiza na Avenida Pedro Freitas, 1200 – Teresina/PI, no prédio do antigo Centro Tecnológico de Teresina – CTT, construído pela Prefeitura Municipal de Teresina, doado por meio da Lei Municipal nº 3.888, de 16 de julho de 2009, que desafeta e autoriza a alienação, a título de doação do bem imóvel municipal ao Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí – CEFET/PI, atual Instituto Federal do Piauí - IFPI. O CTT passa a ser chamado Unidade de Ensino Descentralizada Marcílio Rangel (UNED – TERESINA).

A partir do dia 11 de fevereiro de 2008, a então UNED-Teresina entrou em funcionamento com a oferta de 280 vagas e o remanejamento de cerca de 430 alunos dos cursos de Edificações, Estradas e Saneamento, que funcionavam na Unidade Sede (Campus Teresina Central) e, em dezembro do mesmo ano, por força da lei acima citada, passa ao status de Campus Teresina Zona Sul – CTZS (IFPI, 2018; 2020).

Em 2009, foram criados os cursos técnicos subsequente/concomitante em Panificação e Cozinha. Em 2011, inicia a oferta do curso Superior em Tecnologia de Alimentos, e é ofertado à comunidade o primeiro curso de pós-graduação lato sensu em Docência da Educação Profissional. O ano 2012 traz para o campus o curso Superior de Licenciatura em Informática. Neste mesmo ano, são ofertados, para a coletividade, os cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), ampliada, além do Programa CERTIFIC (2010) e Mulheres MIL (2011). O Campus iniciou também a oferta de cursos FICs e técnico concomitante por meio do Programa PRONATEC. Para melhor orientar sua ação educativa, o CATZS apresenta, como missão, “Promover a formação de cidadãos capacitados e competentes para atuarem em várias habilitações profissionais, em pesquisas científicas e na difusão de conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento tecnológico, econômico e social do país” (IFPI, 2018, p. 20).

Tendo como um dos seus focos a inclusão da classe trabalhadora, o CATZS pratica ações que beneficiam o ingresso e a permanência do seu público-alvo: aplica questionário socioeconômico para o ingresso nos cursos de qualificação, com o intuito de fazer um acompanhamento pedagógico dos alunos, colocando em prática a assistência estudantil; e acompanha de perto as demandas do mercado. Foi com base nessa demanda que, em 2017, foi

criado o Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda, uma demanda nacional desde os anos 1990 (PIRES, 2002). No Projeto Pedagógico do Curso é dito:

O Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda terá, como formação, um profissional capaz de atuar no setor produtivo da área de moda, com uma ampla visão de mercado, materiais, processos produtivos e novas tecnologias. A necessidade da formação de um profissional designer de moda com tais habilidades se dá pela transformação da ordem mundial em decorrência do processo crescente de globalização[...] Nesse contexto, a indústria da moda no Brasil, mais especificamente a do vestuário, tem passado por grandes transformações desde os anos 1990 e deu um enorme salto qualitativo como consequência da modernização do seu parque industrial e do aperfeiçoamento tecnológico, tornando o Brasil hoje uma das vitrines do mundo no setor (IFPI, 2018, p. 26).

Entretanto, as preocupações dessa escola não se atrelam apenas às questões econômicas e profissionais. Existem, dentro do Projeto Político Pedagógico do curso, outras inquietações, uma formação humanizada, a desconstrução da visão dicotômica entre o pensar e o fazer, formação mais crítica, preparação para cidadania, enfim, democracia e liberdade (IFPI, 2018). Para que isso se viabilize, se faz necessário uma construção cotidiana, com práticas educativas mais adequadas, como nos ensina Nosella:

A liberdade não espera que se abra o canal ideal para alcançar o coração do homem. Como água para o mar, se infiltra, dribla os obstáculos, rompe até alguns diques e, salvo quando as barreiras são insuperáveis (e são muitas), mesmo que escassa e tardiamente, chega ao coração do trabalhador. A metáfora sugere que também por meio de cursos profissionalizantes precoces ou noturnos, tardios e pobres, muitos trabalhadores se tornaram livres. Aos educadores, porém, compete abrir os canais educacionais mais adequados para que todos sejam cada vez mais livres. Creio ter sido essa a ideia que orientou Gramsci e seus colaboradores de Ordine Nuovo (ON, 1987: 622) quando, em 1920, criaram uma escola para os trabalhadores: «Nossa ideia central era: como podemos nos tornar livres? (NOSELLA, 2007 p. 150).

Mas que curso é esse que gira em torno de uma temática ainda tão nova para muitos, a Moda, atrelada ao Design e às Tecnologias? Uma exigência do Ministério da Educação e Cultura – MEC, que me parece ainda não ter vislumbrado a importância da Moda, visto que é um curso que requer um profissional pé no chão, pois estamos lidando com a economia, mais precisamente, com uma economia instável. É preciso que os seus criadores e produtores conheçam a alma humana, com um curso que objetiva formar profissionais para atender a todas as parcelas da sociedade, pois todo mundo precisa, pelos mais variados motivos, vestir-se.

Que Moda é essa que não dispensa ninguém, que está presente na vida de todas/todos, e em todos os momentos, sejam eles momentos alegres ou tristes, que trabalha com o gosto



peçoal, mas diz muito a respeito do coletivo, que é capaz de representar, sem nenhuma sombra de dúvida, um determinado grupo social? Uma Moda que chega tarde a essas terras brasileiras, se tomarmos como referência o mundo europeu, e que se impôs, se profissionalizou, se instituiu, e luta cada vez mais por um reconhecimento. Criadores nacionais se projetaram internacionalmente. A seguir vamos ver um pouquinho dessa Moda, mas não sem antes pontuar o que disse João Braga na última página do seu livro **História da Moda**: uma narrativa: “É isso. Moda é expressão de um povo e sua cultura. É como a própria História, ou seja, um rio que flui e banha as margens por onde passa, trazendo e levando um húmus da criação estilística para fertilizar o solo e fazer com que a semente possa sempre germinar” (BRAGA, 2017, p. 114).

## 2. MODA: UM PEQUENO APANHADO

Nesse capítulo, vamos, de forma reduzida, dizer um pouco sobre moda – área de profissionalização de nossos pesquisados – uma área de estudo nova para o conceito atual sobre o assunto. Entretanto, quando fazemos um recorte, pontuamos o vestir-se, que se trata de uma temática antiga. A Bíblia (1993), no capítulo 3 e versículo sete Gênesis, tratando do ocorrido com Adão e Eva após o pecado por estes cometido no jardim do Eden, pontua: “Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus” (BÍBLIA, 1993, p.), “[...] e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais.” (BÍBLIA, 1993, p.).

Mas, o que nos interessa no momento não é apenas o vestir-se e sim tudo que está por trás desse simples fato. Que fato tão simples é esse que movimentava cifras altíssimas, uma indústria organizada e extremamente glamurosa? “Moda é um desses termos que, usados em múltiplos contextos, oferecem um quadro comum de referência e de reflexão para uma série de aspectos da vida social” (CALANCA, 2008 p. 11). Aspectos esses muito trabalhados pela indústria, que tem um holofote voltado para as mudanças cíclicas de costumes, costume aqui entendido como uma maneira permanente que condiciona o comportamento de um grupo social, uma comunidade etc., e nos remete ao conceito de sistema, estrutura – um conjunto de inúmeros elementos relacionados entre si (CALANCA, 2008).

Nosso trabalho é um trabalho sobre Moda, mas, antes de tudo, é um trabalho educacional. Não temos aqui espaço para tratar com mais profundidade sobre o assunto, por isso fazemos um pequeno apanhado, para então entender como surge o conceito atual de moda.

### 2.1 Surgimento do conceito atual de moda

*Moda, filha da revolução industrial e da máquina a vapor.*

*Alexandre Eulálio.*

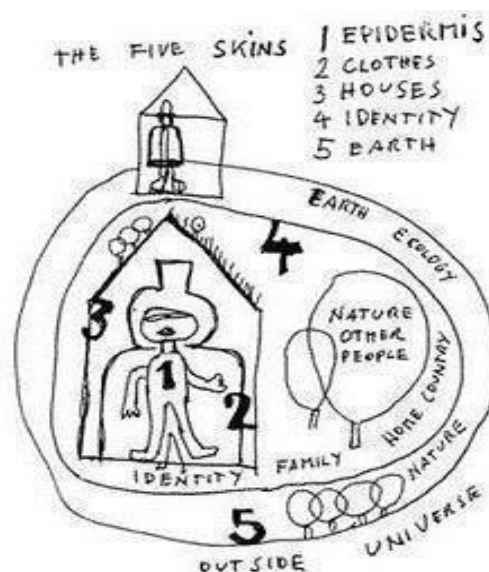
Começamos com essa frase exatamente para chamar a atenção para o momento e local em que surge a Moda, aqui entendida não na sua totalidade, mas como um recorte, da forma como afirma Gilda de Melo Sousa em seu livro intitulado O espírito das roupas: “[...] mudanças periódicas nos estilos de vestimenta e nos demais detalhes da ornamentação pessoal” (SOUSA, 2019, p. 19). Não que não tenhamos consciência de que ela está presente nos estudos do sociólogo, do psicólogo, do esteta, dentre outros. Pois, como pontua Gilda Chataignier (2010, p. 17) “Sem dúvida nenhuma, moda faz, e sempre fez, parte da nossa cultura”.

A Moda se faz presente em todas as nossas peles: na primeira pele, nossa epiderme (tatuagens, pinturas); na nossa segunda pele (roupas e acessórios); na terceira pele (nossas moradias, a decoração de nossas casas); na nossa quarta pele (as influências do meio social e de nossa própria identidade); e, por fim, na quinta e última pele – o mundo em que vivemos (diariamente impactado pela moda). Aqui, tomamos como ponto de partida o conceito de Friedensreich Hundertwasser, nascido em Viena no dia 15 de dezembro de 1928, que elaborou todo o seu trabalho tendo como base um modo díspar para a época de ver a vida, de ver o mundo. O vienense ficou conhecido como “médico da arquitetura”, por lutar bravamente pelo uso da sustentabilidade, mostrando que o crescimento não precisa sacrificar a vida das pessoas e do planeta, por abominar a linha reta, por ter absoluta certeza de que a sustentabilidade conduziria o homem a uma vida tranquila, alegre e feliz, sem a destruição do meio ambiente. (RESTANY, 2003).

Em 1972, Hundertwasser torna público seu manifesto, “O Teu Direito de Janela – O Teu Dever de Árvore”, e se apossa de uma emissora de televisão, passando a transmitir mensagens a favor de um habitat de melhor qualidade: telhados cobertos de vegetação e arranjo individual das fachadas (RESTANY, 2003, p. 8).

A teoria de Hundertwasser se fundamenta na existência de cinco camadas constitutivas do ser humano: A Epiderme, O Vestuário, A Casa, A Identidade Social e O Meio Global e Ecológico. A Figura 4 abaixo mostra a espiral criada por Hundertwasser.

**Figura 4 – As cinco peles de Hundertwasser**



Fonte: Restany (1999, p. 1).

O surgimento do conceito atual de Moda nos reporta ao final da Idade Média (476-1453), quando as Cruzadas, inicialmente de cunho religioso, ao contactarem com o Oriente, descobrem inúmeros produtos que a Europa ocidental desconhecia, se estabelecendo então um promissor comércio. Surge então uma nova classe de pessoas endinheiradas, mas que não tinham sangue nobre. Essa nova classe, que pode comprar o que quiser, começa a imitar os nobres em suas vestimentas e adornos. Estes, não satisfeitos com tal imitação, começam a modificar o seu modo de vestir; se estabelece então um sistema de criação versus cópia – a Moda (BRAGA, 2017).

Não que não se estude as formas de vestir antes desse marco, só que estudamos não como Moda, mas como História da Indumentária, como é o caso do Egito com os seus famosos faraós. No Egito, o clima era muito quente, todavia as vestes eram bem mais sucintas que as dos demais povos da cultura mesopotâmica (Mesopotâmia e Egito constituem o que é chamado de Antiguidade Oriental). Como em todas as épocas da humanidade, roupas e acessórios foram, são e poderão ser diferenciadores sociais, e no Egito também tinham essa função. Os menos favorecidos muitas vezes andavam nus. O traje típico era o chanti, uma espécie de tanga masculina (lembra muito nossas cangas tão usadas em nosso país) e o kalasíris, uma túnica longa, chegada ao corpo, usada tanto por homens como por mulheres (BRAGA, 2004)

Os egípcios raspavam a cabeça (por conta da praga de piolhos) e colocavam perucas feitas de cabelo natural ou fibras. Colocavam sobre a cabeça cones de cera que com o calor escaldante derretia. As pessoas do povo usavam colares, braceletes e pulseiras; para os faraós, o famoso peitoral. Para os pés, sandálias de dedo, mas muitos andavam descalços (BRAGA, 2004).

Apenas 245 anos separam o fim da Idade Média (tomada de Constantinopla pelos turcos) e o aparecimento da primeira máquina a vapor (em 1698, construída por Thomas Newcomen e aperfeiçoada por James Watt, em 1765). Essas primeiras máquinas foram usadas inicialmente na indústria têxtil (produção de fios em maior quantidade e melhor qualidade), por isso se diz que a Moda é também filha da máquina a vapor, invento que a fez eclodir por conta da maior quantidade de fios fabricados, e, conseqüentemente, uma maior quantidade de tecidos.

Temos que pontuar que a base do invento já existia no Egito antigo, país africano. Em matéria da revista Super Interessante, de fevereiro de 2020, intitulada “A incrível ciência do Egito Antigo”, Karen Gimenez pontua:

O Nilo também uma importante fonte de pesquisa e avanços científicos, desde os primeiros povos que se instalaram na região, por volta de 5500 a.C. Usava-se instrumentos para medir a variação das cheias, [...]. Por volta de

2300 a.C. eles já aplicavam técnicas de irrigação artificial, por meio de canais com vazão controlada. [...] . A roda para bombear água movida a tração animal também vem do Egito – mas já é algo do tempo da dominação romana, a partir de 30 a.C. (GIMENEZ, 2020, n. p.).

Não apenas esse conhecimento, que demarca o início do processo de industrialização, mas muitos outros, creditados aos europeus, são, na realidade, conhecimentos africanos. Mas, voltemos ao assunto em pauta, a Moda, como essa começa a ser estudada e ensinada no mundo e no Brasil.

## **2.2 Os cursos de moda no mundo e no Brasil: breve relato**

Com o aparecimento da Moda e seu desenvolvimento, ficou mais do que explícito que se tratava de uma indústria extremamente lucrativa, cuja cadeia é também muito extensa – da plantação da fibra, produção do fio, produção do tecido, fabricação das peças, distribuição, uso e descarte. Os processos de construção de peças do vestuário, de forma doméstica, já eram bastante conhecidos, inclusive no Brasil. Gilda Chataignier (2010) nos conta que não vieram mulheres nas primeiras naus portuguesas, pois, supersticiosos, os portugueses acreditavam que a presença de mulheres nas naus trazia má sorte. Há registro de que as primeiras portuguesas chegadas ao Brasil eram provenientes de dois orfanatos, Recolhimento da Senhora da Encarnação (esse acolhia em sua casa crianças de todas as classes sociais) e o Recolhimento do Castelo de São Jorge (que recebia filhos da elite, descendentes de nobres e de altos funcionários do governo português), que aportaram primeiro na Bahia e depois em Santos.

Em 1511, chega ao Rio de Janeiro a primeira leva feminina, meia dúzia de erradas, como eram denominadas as prostitutas para distingui-las das consideradas honestas. A intenção da coroa portuguesa era casá-las com brasileiros ou homens de outras procedências que estavam aqui se estabelecendo. A moda que essas prostitutas exibiam era sensual e provinha da Espanha. Já as órfãs, as honestas, usavam vestígios de seus ricos enxovais, nos quais o branco e os bordados eram o ponto marcante. Eram trabalhos por elas desenvolvidos nos conventos, onde aprendiam o corte, a costura e os bordados ensinados pelas mães portuguesas. Essas mulheres repassaram no Brasil seus conhecimentos (CHATAIGNIER, 2010).

Entretanto, a transmissão desse conhecimento, de forma profissional, no mundo, pontua Pires (2002), se apoiando em Ferron (1996): “Na França do século XVII, já existiam escolas femininas que promoviam o ensino deste ofício em cursos de quatro anos” (FERRON, 1996, p.130 apud PIRES, 2002, p. 1). Talvez a primeira escola de ensino de Moda da qual temos

notícia seja a ESMOD, surgida em Paris em 1841, que hoje tem filiais e parceiros em todo o mundo, inclusive em São Paulo (PIRES, 2002).

O Brasil se atrasou muito na criação dos cursos de Moda. Quem desejasse se qualificar, e tivesse condições financeiras, teria que procurar cursos na Europa. Poucos foram os brasileiros que se aventuraram em procurar formação no exterior. Sem profissionais preparados, sem escolas onde pudessem estudar no país, a função de designer era exercida por leigos e autodidatas que aprendiam no exercício da profissão. A função podia ser exercida por qualquer um que possuísse algum talento artístico e que se dispusesse a trabalhar na área (PIRES, 2002).

No início da década de 1980, em consequência do aquecimento da economia e do crescimento do setor, as indústrias do vestuário, carentes de um profissional criador, capaz de tocar o complexo mecanismo da moda, nas capitais dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, juntam-se a algumas instituições de ensino, e inauguram os primeiros cursos profissionalizantes para o ensino da criação de Moda no Brasil, em nível técnico. O primeiro a ser criado é o SENAI-CETIQT, do Rio de Janeiro, em 1984. Em 1988, na cidade de São Paulo, é criado o primeiro curso superior de moda brasileiro (Faculdade Santa Marcelina – FASM). Em seguida, são criados outros cursos de Moda em São Paulo e em outras capitais e cidades do Brasil (PIRES, 2002).

### **2.3 Os cursos de Moda no Piauí**

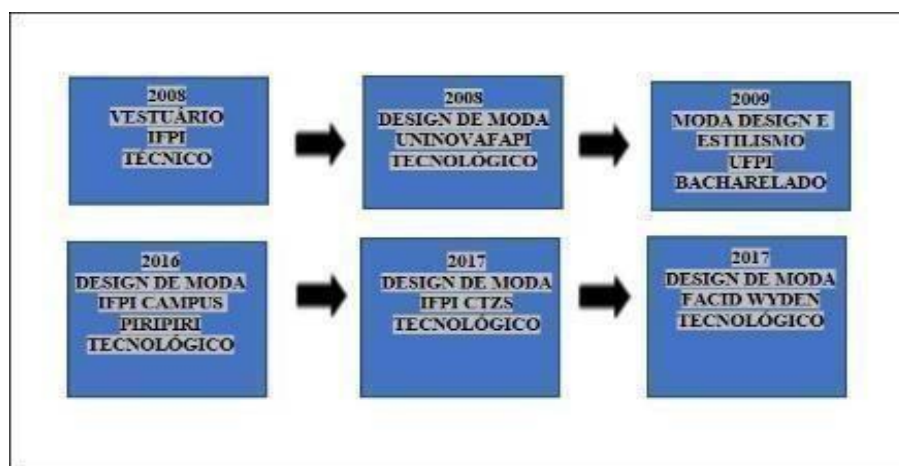
A situação do Piauí não difere muito do restante do Brasil no que concerne à necessidade de mão de obra qualificada, capital e tecnologia. Nos anos 60 a 80 do século XX aparecem, no Piauí, pequenas empresas de confecção, que são, em seguida, asfixiadas pela crescente industrialização dos estados de Ceará e Rio Grande do Norte que, fazendo uso de créditos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste-SUDENE, abocanharam o pequeno mercado do Piauí. São exemplos os grupos Guararapes, de Natal (RN) que, através desse financiamento, construíram mais duas grandes fábricas, uma em Fortaleza (CE) e outra em Mossoró (RN). Outros que não podemos deixar de citar são as cadeias de Lojas Riachuelo e Wolens que, em apenas três anos, abriram duas mega fábricas. Em meio a este contexto, as pequenas confecções piauienses, fábricas de pequeno porte, com pouca tecnologia, sem mão de obra qualificada e sem incentivos de bancos e da SUDENE, não tiveram outra alternativa a não ser fecharem as portas (ARAGÃO, 2015).

Mas, ao tempo em que essas pequenas empresas fecham as portas, surge no cenário piauiense a Guadalajara, uma grande indústria de confecção do Grupo Claudino, o maior

conglomerado de empresas do Piauí. Estávamos no ano de 1972. O grupo Claudino recebeu incentivos fiscais da SUDENE e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Entretanto, entre as cláusulas do acordo, havia uma que dispunha sobre a obrigatoriedade de a empresa qualificar pessoas para o ramo de confecção. Teria que promover cursos de capacitação para a formação de mão de obra no setor, promovendo o início de um desenvolvimento industrial no setor de vestuário no estado. A chegada da Guadalajara possibilitou treinamento de pessoal para que trabalhasse na fábrica, já que profissionais capacitados na área eram escassos no Piauí. Muitos dos que foram atraídos para o trabalho na indústria de confecção do grupo Claudino vinham de outras áreas e neste momento tiveram o primeiro contato com o trabalho na área de confecção do vestuário. Foi uma “escola” como poucas, e muitos desses profissionais, ao saírem do grupo, montaram suas próprias empresas, levando a experiência e o conhecimento adquiridos na Guadalajara (ARAGÃO, 2015).

Se os cursos de Moda no Brasil já iniciam com um atraso considerável em relação à Europa, no Piauí, as coisas também não são diferentes. Passam-se 20 anos da abertura do primeiro curso superior em Moda (FASM/1988), para surgir nosso primeiro curso técnico em vestuário (IFPI/CTZS/2008) e nosso primeiro curso superior (UNINOVAFAPI/2008), de onde provém essa pesquisadora. A Figura 5 abaixo demonstra como ocorre a evolução dos cursos de moda no estado do Piauí.

**Figura 5 – Linha do tempo dos cursos de moda no Piauí**



Fonte: Construção da pesquisadora com base nos PPCs dos cursos, 2021.

Existem muitos vácuos com relação aos nomes dos cursos superiores em Moda, se Moda ou Design de Moda; distinções também com relação ao grau, se bacharelado ou tecnológico; a quem se subordina, se à Produção Industrial ou se à Produção Cultural. São muitos os problemas a serem resolvidos. Inúmeras instituições não consideram a Moda uma área do saber e a atrelam

ao Design. Para Aguiar (2015, p. 8), o Ministério da Educação (MEC) não admite a Moda como um campo de conhecimento e saber, sugerindo “uma área maior que lhe assegure e lhe dê bases mais sólidas”, o Design.

A escola das/dos pesquisadas/pesquisados, o Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda, do Instituto Federal do Piauí – IFPI, Campus Teresina Zona Sul – CTZS, como o próprio nome indica, está subordinado ao Design, e é um curso tecnológico, como a maioria dos cursos de Moda do país (BAGGIO, 2018). Criado em 2017, boa parte das/dos pesquisadas/pesquisados são discentes dessa primeira turma de designers de moda.

O Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda, do Instituto Federal do Piauí – IFPI, Campus Teresina Zona Sul – CTZS, é uma escola pública, gratuita, como todos os outros cursos do IFPI, e o acesso a esse curso se dá, anualmente, pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), conforme texto em Anexo A.

Além de acatar a legislação atual, no que concerne ao sistema de cotas, ponto significativo do nosso trabalho, o curso é o único em Teresina que tem, na sua grade curricular, um componente específico para as questões afro-brasileiras e indígenas, a disciplina Cultura Afro-Brasileira e Indígena (ocupa o item 40 da grade curricular, uma disciplina eletiva de 60 horas). No próprio Projeto Político-Pedagógico do Curso – PPC, é dito que os conteúdos serão revisados periodicamente com o intuito de atender às necessidades do mundo do trabalho; isso nos alerta para que fiquemos atentos e vigilantes com relação à preservação desse componente curricular tão importante na formação desses designers de moda. O Projeto Político-Pedagógico do Curso – PPC pontua:

Conforme determinado pela Resolução CNE/CP n° 01/2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, o Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda promove o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes e indígenas nas atividades de extensão e pesquisa promovidas e incentivadas pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI's), objetivando promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes, no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de uma nação democrática (IFPI, 2018, p. 94).

Atentem que a citação acima não contempla o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na modalidade ensino e sim em pesquisa e extensão, sendo sua inclusão na grade curricular atual uma vitória das/dos docentes, que sabem da sua importância na formação de designers críticos e reflexivos. Outras disciplinas também fazem parte desse arsenal visando atender essas diretrizes, pois, além das atividades que são desenvolvidas no



campus envolvendo essa temática, alguns componentes curriculares abordam conteúdos específicos, enfocando a responsabilidade social e as relações étnico-raciais, tais como: Laboratório de Pesquisa e Criação, Antropologia e Sociologia, além da disciplina Cultura Afro-brasileira e Indígena em pauta.

Entendemos que a cultura brasileira se encontra fundada nas relações étnico-raciais travadas entre os diferentes grupos que constituíram o povo brasileiro, e que entender e valorizar cada um desses componentes torna esse futuro designer de moda um cidadão consciente de suas responsabilidades profissionais e sociais.

Terminamos o Capítulo II, que tratou de Moda, dos cursos de Moda no Brasil e em nossa instituição, pontuando que brechas existem para falar de cultura afro brasileira e indígena que todas devem ser aproveitadas no intuito de suprir a lacuna existente em nosso sistema educacional no que tange ao conhecimento da herança cultural dos nossos ancestrais africanos e indígenas, enfim, todos os grupos responsáveis por esse caldeirão cultural e que até o presente foi tratado de forma diferenciada, valorizando apenas nossos ancestrais europeus e desvalorizando os demais.

Foi aproveitando uma dessas brechas que foi viabilizado o curso de extensão “Atelier de Práticas Educativas: o que se aprende com um desfile de moda afro?” Antes de darmos uma resposta a esse questionamento, vamos entender o que significa prática educativa, afrodescendência e moda afro, categorias que serão destrinchadas no nosso próximo capítulo.

### 3 MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS DISPONÍVEIS: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse capítulo, vamos entender o que é uma prática educativa, suas classificações, em que práticas educativas nos ancoramos, como as práticas educativas se processam em um curso de Design de Moda, como a afrodescendência é um item importante para as formas do vestir/adornar-se. Enfim, vamos enxergar o entrelaçamento de práticas educativas, moda e afrodescendência.

#### 3.1 Educação

Não se pode falar em prática educativa sem antes falarmos em educação, essa mola propulsora da humanidade, cujo objetivo maior, para Paulo Freire, com o qual concordamos, é a conscientização do educando, é fazer com que esse educando entenda a situação na qual está inserido, especialmente quando essa situação é uma situação de opressão. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a se conscientizarem de sua situação de exploradas para que passem a atuar em favor da sua própria libertação. Não é por acaso que um dos principais livros de Paulo Freire (1987), que contém os principais conceitos de boa parcela de sua obra, se intitula justamente **Pedagogia do Oprimido**.

Ao sugerir uma prática de sala de aula que pudesse aguçar nessas/nesses educandas/educandos a criticidade, o pensar, o refletir sobre a situação em que se encontravam, Freire estava condenando o ensino oferecido pela ampla maioria das escolas da época (isto é, as "escolas burguesas"), que ele denominou de educação bancária. Nesse tipo de educação, segundo Freire, o professor age como quem deposita conhecimento em um aluno apenas receptivo, dócil, sem nenhuma capacidade de pensar, sem nenhum poder de crítica. Ao exemplificar, ele pontua:

Por isto mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora. Quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém, que o educando fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa capital, na afirmação, Pará, capital Belém. Belém para o Pará e Pará para o Brasil (FREIRE, 1987, p. 36).

Em outras palavras, na educação bancária o conhecimento é visto como uma benesse dos que se julgam seus detentores. Trata-se de uma educação alienante, mas por trás dela existe toda uma ideologia, aplicada em nosso país por muitos e muitos anos. Existe, mas não menos

ideologizada do que a que ele propunha para despertar a consciência dos oprimidos, uma ideologia de respeito, de conscientização dos oprimidos, dos que dizem estar do seu lado, inclusive do lado dos opressores. Ele conclama: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Aqui nós incluímos e, inclusos, condenamos essa educação, cuja tônica principal consiste “numa espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos” (FREIRE, 1987, p. 41). Entretanto, pontuava o educador, “a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade” (FREIRE, 1987, p. 41). Ele dizia que, enquanto a escola conservadora procura acomodar os alunos ao mundo existente, a educação que ele defendia tinha a intenção de inquietá-los (FREIRE, 1987).

Quando estudamos o desenvolvimento da humanidade é que sentimos a força e a importância da educação. Morgan (1877, apud ENGELS, 2012) divide a pré-história em três períodos: estado selvagem, barbárie e civilização; que, por sua vez, estão subdivididos, cada um dos dois primeiros, em inferior, médio e superior. Para Engels (2012), ainda levará muito tempo até que uma riqueza de dados muito maior nos obrigue a modificá-la.

Lendo a descrição feita pelo autor sobre esses dois primeiros períodos, estado selvagem e barbárie, fica nítido que o ser humano passa da condição de dominado pela natureza à condição de dominador. Aquele ser que vivia na copa das árvores, que dependia dos frutos e raízes das mesmas para sobreviver, em meio a feras selvagens, passa a cultivar aquelas que lhes são mais convenientes, descobre o fogo, constrói o arco e a flecha, caça animais para sua

subsistência, descobre a cerâmica, doma animais, utiliza a irrigação do solo, constrói suas moradias utilizando tijolo cru. Enfim, interfere na natureza com o intuito de obter melhores condições de vida. A essa interferência é dado um nome, trabalho (ENGELS, 2012). Esse

trabalho é desenvolvido por todos os grupos humanos, certamente não de forma simultânea. Mas é certo que os grupos transmitiram uns aos outros suas descobertas, suas formas de agir

sobre a natureza e dominá-la. O modo como isso se processa, a essa transmissão de conhecimentos, chamamos educação. É esse processo educativo, capaz de fazer esse intercâmbio de conhecimentos, que faz do ser humano esse ser diferenciado no mundo animal (informação verbal, de uma aula proferida pela professora Dra. Eliana Marques Alencar, em 17 de agosto de 2018, na turma de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, do Centro de Ciências da Educação – CCE, da Universidade Federal do Piauí – UFPI).

Depois de pontuarmos de que lado nos colocamos, vamos entender esse conceito à luz de nossas heranças educativas, imposta desde cedo pelos nossos colonizadores. Em **Paidéia: formação do homem grego**, o autor Werner Wilhelm Jaeger inicia dizendo que todo povo que

atinge um certo grau de desenvolvimento está propenso à prática da educação, que só o ser humano consegue propagar e conservar suas descobertas, achados que facilitam sua existência social e espiritual. O homem assim o faz por meio da vontade consciente, da razão. Ele chama esse processo de transmissão desses conhecimentos de educação, que ele define como: “Princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. [...]. Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior” (JAEGER, 1994, p. 3). O autor destaca a importância de educar para a comunidade, e enfatiza que a educação é um bem comunitário, não é particular; que em nenhum momento a força comunitária é tão pujante quanto no esforço devotado de educar os seus membros (JAEGER, 1994).

O crescimento de um grupo social e o seu desenvolvimento dependem dos valores que essa sociedade possui, daquilo que é considerado válido em um determinado momento para essa coletividade, e são esses valores que essa mesma sociedade tenta a todo custo transmitir. Esses valores não são eternos, eles sofrem alterações com o passar dos anos, mas precisam ser sólidos, firmes, respeitados pelo grupo. É importante, para a ação educativa da professora e do professor, o conhecimento do grupo social com o qual ele trabalha, pois essa comunidade emprega todas as suas forças no processo de transmitir aos seus descendentes todo o seu conhecimento, todo o seu legado, e o faz, diferentemente de todos os outros animais, por um processo conhecido como educação.

Paulo Freire salienta que: “É o meu bom senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos educadores, alhear-se das condições sociais culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias, de seus vizinhos” (FREIRE, 1996, p. 33). O ser humano se constitui, se forma, dentro do seu grupo social, de acordo com a cultura que lhe é repassada, por meio desse processo educativo. Somos produto do meio social no qual estamos inseridos. A nossa construção como seres humanos se faz aos poucos, em uma justaposição, a cada nova camada existe uma ligação com as anteriores. Como posso pensar em desvalorizar, em não aceitar, em separar essas camadas? Se assim fosse, não teríamos um todo, teríamos pedaços. A Educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática. “A teoria sem a prática vira ‘verbalismo’, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade” (FREIRE, 1989, p. 67).

Estamos cientes da importância da educação, somos sabedores que é uma necessidade de um determinado grupo social repassar aos seus descendentes os conhecimentos considerados

importantes para aquele grupo, e aqui a nossa concordância com Jaeger (1994), quando esse nos diz que isso só acontece por conta da educação. Entretanto, não pontuamos ainda como isso se processa: falta responder “como e onde”.

O professor Brandão (2007) nos diz que dessa educação ninguém escapa, ela independe do local onde isso ocorre, em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós nos envolvemos com esse processo. Queiramos ou não, pedaços de nossas vidas estão envolvidos com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Ele chama a nossa atenção para o fato de que não há uma única forma de ensinar, nem um único modelo de educação, nem um único local onde ela se processa. A escola não é a detentora desse processo e certamente não é o melhor local para o seu desenvolvimento, pelo menos nos dias atuais. Cumpre ainda salientar que o professor profissional não é o seu único praticante.

Aqui nos reportamos a Paulo Freire quando ele chama a atenção de educadores sobre a importância do conhecimento que traz o aluno do meio onde vive, o respeito à comunidade, à valorização do conhecimento advindo dela, o se colocar em pé de igualdade, que é uma posição política. Ele pontua:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996, p. 15).

Alguns estudiosos, entre eles Boakari e Silva (2021), falam não em educação, mas em educações. Exemplificam com a educação recebida por Boakari, que já viveu em três continentes (África, América do Norte e América do Sul): o autor passou sua infância em um pequeno vilarejo de nome Garama, uma vila de agricultores a aproximadamente seis quilômetros de Pendembu, a capital distrital, na região ocidental de Serra Leoa, nos anos 50 do século XX; depois, passa boa parte de sua vida nos Estados Unidos para, em seguida, vir trabalhar no Brasil como professor. Em todos esses momentos, ele recebeu não apenas uma educação, mas educações. A identidade desse professor pesquisador é o resultado da mistura dessas várias educações. Os autores pontuam:

Considero crucial falar em educações porque as realidades da educação, como todo-presente, estão nos fazeres humanos em todos os tempos e espaços sociais e individuais. Pluralizar a educação é uma tentativa de captar a sua essência como construção-desenvolvimento pelos seres humanos, como

coletividades e indivíduos em construção ao mesmo tempo e de modo permanente (BOAKARI; SILVA, 2021, p. 93).

No subitem a seguir, olhemos um pouco para linha da educação, obviamente uma linha da educação com um traçado eurocêntrico, como eurocêntrica é a nossa educação, e pontuemos momentos marcantes para esse nosso trabalho.

### 3.1.1 Linha do tempo da Educação

QUADRO DA LINHA DO TEMPO (Baseada no livro HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: DA ANTIGUIDADE AOS NOSSOS DIAS de Mario Alighiero Manacorda, 13ª edição, 2010)	
1. EGITO Antiguidade clássica. Berço da cultura. O processo educativo não visava apenas ler, escrever e calcular e o aprendizado profissional. Preocupação apenas com os filhos da classe dominante e voltado para a vida política.	2. GRÉCIA Pequena democracia. Escola para a classe dominante e povo. Classe dominante: pensar e falar (política) e formação guerreira. Povo: <b>TREINAMENTO PARA O TRABALHO</b> (pela observação e imitação). Em Esparta e Creta: a escola era função do estado, figura do pedagogo que atuava coletivamente nas tropas e nos coros. Escola do alfabeto (mestre das letras): para todos. Ensinos de Quíron (sabedoria e moralidade camponesa)
3. ROMA Educação moral, cívica e religiosa (responsabilidade da família, encargo do pai que entre os sete e oito anos da criança, transmitia aos filhos tradições pátrias e treinamento militar). Enquanto os nobres se preocupavam com a guerra, os plebeus aprendiam a língua latina para se manifestarem nas assembleias públicas (escola de retórica latina e popular). Essa escola passa a sofrer críticas: é considerada <b>ESCOLA DE SUBVERSÃO POLÍTICA</b> . Em pouco tempo, os romanos aderem à escola do tipo grego, tornando a cultura grega um patrimônio da cultura romana.	4. IGREJA (Sec. V d.C.) Escola clássica romana é substituída cristã. Os textos clássicos helenísticos são proibidos e substituídos pelos bíblicos. São aplicadas punições brandas e rigorosas dependendo do erro cometido pelo aprendiz. Em 825, na Itália, a igreja é liberada de instruir leigos, essa função passa para o estado. Bispos e párocos passam a vender uma espécie de licença para ensinar. Em 1179, o Papa Alexandre III estende o ensino nas igrejas aos leigos pobres e permite que os possuidores de licença para ensinar atuem livremente. Nasce as universidades, <b>herança cultural mais importante da Idade Média</b> .
5. ALEMANHA (Lutero) Com o intuito de expandir o protestantismo, Lutero passa a difundir a ideia de que a escola deve chegar às classes populares para que o povo leia as sagradas escrituras.	6. JESUITAS (1586/99) <b>NESTE PERÍODO OS JESUITAS SE ESPALHAM POR TODOS OS PAÍSES CATÓLICOS DO MUNDO</b>
7. UTOPISTAS (anos seiscentos) Construção das bases para reflexão pedagógica. Comenius introduz o que hoje chamamos de metodologias ativas.	8. INGLATERRA (1660) Royal Society: gentleman (Looke). Necessidade das crianças serem providas pelas paróquias de acordo com a Lei dos Pobres e nas escolas para o trabalho.

<p>9. FRANÇA (1700) La Salle: separação didática, organizacional e cultural entre ler e escrever. Rousseau, com Emílio, se torna o pai da pedagogia. Desaparecimento da ordem dos jesuítas em 1773. Escola/estado.</p>	<p><b>10. FÁBRICA (1750)</b> Eliminação das corporações de artes e ofícios. <b>ARTESÃO PASSA A SER UM PROLETÁRIO POBRE E IGNORANTE</b></p>
<p>11. EUA, INGLATERRA, SUIÇA E FRANÇA EUA: escola elementar gratuita para todas as crianças. A figura de Dewey com o fazer e aprender; INGLATERRA: ensino monitorial; SUIÇA: com Pestalozzi, pedagogia baseada na psicologia; FRANÇA: instrução gratuita e neutra.</p>	<p>12. SOCIALISMO (Marx e Engels) O trabalho excedente será investido no crescimento intelectual e na riqueza social.</p>
<p style="text-align: center;">13. SÉCULO XX</p> <p>De modo geral a Europa utiliza características livrescas; EUA, com Dewey continua o fazer x aprender; Rússia: escola politécnica (instrução x trabalho); Itália: com Gramsci (Cadernos do Cárcere): escola unitária.</p>	

Fonte: Material produzido pela pesquisadora, 2021.

O Quadro 2, acima, será nosso guia para discutirmos este pequeno traçado histórico da educação no mundo.

No item 1, temos como origem da educação o Egito, país africano, e Manacorda o faz baseado em Platão que, como muitos outros escritores gregos, tinham verdadeira admiração pela sabedoria egípcia, e creditavam ao Deus Thoth a invenção dos números, do cálculo, da geometria, do jogo de tabuleiro, dos dados e das letras do alfabeto (MANACORDA, 2010). Sabemos, hoje, que a primeira universidade do mundo não é europeia, mas africana (PETIT, 2015). Não é a universidade de Bolonha, Itália, fundada em 1088, a mais antiga do mundo, mas a universidade Al-Azhar, no Cairo, Egito, datada de 998 (VICHESSI; LEVISCHI, 2008). São informações silenciadas, pois não existe interesse que elas sejam conhecidas e discutidas, pois se trata de algo que diz respeito a uma cultura não valorizada.

Só é bonito e importante aquilo que é proveniente do continente europeu. Antes de passarmos para o item dois, convém chamarmos a atenção para o fato de que essa educação se preocupava com a qualificação de mão de obra e com a escola que se voltava para os filhos da nobreza, “a escola de formação para vida política, ou melhor, para o exercício do poder” (MANACORDA, 2010, p. 23). Não se pode esquecer também da preparação de jovens para a guerra.

No item 2, vamos pontuar a educação na Grécia. Muito semelhante à educação egípcia, tal educação, entretanto, tem algumas pinceladas democráticas. São então três divisões: as duas

primeiras para a elite, a escola para a política, e a preparação para o pensar e o falar; a terceira, de formação guerreira e para o povo, apenas um treinamento para o trabalho. Manacorda pontua:

A respeito, convém lembrar que a distinção de dominantes e dominados, passada em seguida para nossa cultura, tem sua origem na escola pitagórica. Arquitas de Taranto escreve: “Toda sociedade é formada de dominantes e dominados: por isto, como terceiro elemento intervém a lei” (MONACORDA, 2010, p. 58).

Manacorda chama a nossa atenção para um fato: com o desenvolvimento da democracia, música e ginástica passam a ser ensinadas a todos os cidadãos livres, e, com a invenção da escrita alfabética, não a hieroglífica egípcia, a escola de escrita se abre para todos os cidadãos detentores de sua liberdade.

No item 3, vamos falar da educação em Roma. Os historiadores são unânimes em afirmar que, na Roma antiga, o primeiro educador é a família, incutindo nos filhos as tradições pátrias, e a figura principal é o pai. “O pai é dono e artífice de seus filhos” (MANACORDA, 2010, p. 97). Em seguida, teremos um segundo momento em que a educação das crianças é entregue aos gregos escravizados ou libertos. Manacorda pontua que a desvalorização do magistério talvez seja fruto desse momento, pois os romanos não valorizavam os mestres, posto que estes eram escravos. O autor pontua:

Se nos perguntarmos como se apresenta, na Roma antiga, na época em que a escola já é uma instituição generalizada e enraizada, a figura do mestre, que vimos nascer historicamente como uma profissão do trabalho servil, temos que reconhecer que ao prestígio dos estudos liberais nem sempre corresponde um igual prestígio de seus profissionais. [...], os depoimentos literários falam mais frequentemente do desprezo do que da estima para com essa profissão (MANACORDA, 2010, p. 115).

A preocupação muito acentuada na formação guerreira cria oportunidades para que esse povo se aproprie de um conhecimento que, na Grécia, era exclusivo da elite. Os populares imaginavam que assim procedendo, aprendendo latim para falar nos conselhos e nas assembleias, galgariam uma melhor situação para a comunidade. Eram escolas que preparavam para participação democrática na vida pública. Os rudes romanos se conscientizam disso e passam a considerar essas escolas como escolas da subversão política (MANACORDA, 2010). Aderem ao formato da escola grega.

O item 4 trata da educação da Igreja depois do século V d. C., momento em que três forças se enfrentam: o Império do Oriente e do Ocidente e a Igreja, especialmente o papado. É



o momento em que nas escolas os textos clássicos da cultura helenística são substituídos pelos textos bíblicos. É o momento da pedagogia do castigo. A função de ensinar passa para as mãos dos padres. No momento seguinte, com o desenvolvimento do mercantilismo, surgem os mestres livres (padres ou não) que, de posse da *licentia docendo*, ensinam fora dos mosteiros.

No item 5, vamos nos deparar com o advento do protestantismo na Alemanha de Lutero. Existia, nesse momento, um interesse muito grande para que todos aprendessem a ler com o intuito de sozinhos, serem capazes de interpretar a Bíblia. Surgem novos modelos de instrução popular modernos, e são exigidas escolas nas quais pobres e ricos sejam instruídos ao mesmo tempo e gratuitamente. Manacorda pontua, se referindo aos feitos de Lutero:

Mas, na Alemanha é a Lutero que precisamos nos referir, embora o seu claro posicionamento sobre escola seja posterior às propostas de seus colaboradores. Foi ele especialmente quem deu o impulso prático e força política à programação de um novo sistema escolar, voltado também à instrução de meninos destinados não à continuação dos estudos, mas ao trabalho. “Mesmo se não existisse nem alma nem inferno - escrevia ele -, deveríamos ter escolas para as coisas deste mundo” (MANACORDA, 2010, p. 240-241).

Nem a contrarreforma conseguiu destruir por completo esse momento marcante da história da educação, devido a um trabalho incansável de seus colaboradores, que se mantém vivo mesmo depois do retorno da monarquia conservadora dos Stuart em 1688, com as escolas de navegação, de comércio e de matemática (MANACORDA, 2010).

Vamos pontuar mais quatro momentos significativos da história da educação. Passemos então ao item 6, que fala da atuação dos jesuítas, exemplo mais bem sucedido de novas escolas para leigos, que foi recomendado pelo Concílio de Trento, marco da igreja católica contra o protestantismo. Para o nosso trabalho, isso é muito significativo, pois Portugal utiliza os jesuítas em suas colônias, entre elas o Brasil. A disciplina é imposta pelo chicote.

Passemos agora ao item 7, utopistas. Se formos ao dicionário, vamos encontrar, como significado, “aquele que é partidário ou defensor da utopia” (MICHAELIS ONLINE, s. d., n. p.). Se buscarmos o significado de utopia, teremos:

1. Qualquer descrição ou conceito imaginário de uma sociedade com um sistema social, político e econômico ideal, com leis justas e dirigentes e políticos verdadeiramente empenhados no bem-estar de seus membros;
2. Plano ou sonho irrealizável; ideia generosa, porém impossível; fantasia, quimera (MICHAELIS ONLINE, s.d., n.p.).

Muitos foram os utopistas que sonharam com uma educação melhor, e muitos são os que ainda sonham. Entretanto, cumpre aqui ressaltar os seguintes nomes: Thomas More, também conhecido como Morus, que cunhou o termo; Rabelais (que imaginava Gargântua

escrevendo a Pantagruel sobre a Utopia); Tomás Campanella, com a obra Cidade do Sol; e Francis Bacon, com a **Nova Atlântida** (MANACORDA, 2010). No Brasil, temos o nosso utopista maior, Paulo Freire, que se encaixa perfeitamente no primeiro significado de utopia, um eterno defensor de uma sociedade ideal, com leis justas e dirigentes empenhados com o bem-estar do povo brasileiro.

No item 8, vamos pontuar um momento muito significativo na história da educação, os anos setecentos. A ênfase fica por conta da Inglaterra e sua Royal Society, que objetivava preparar os filhos da elite para se tornarem *gentlemen*. Com relação às classes populares, duas preocupações – prover as crianças que viviam com os subsídios paroquiais de acordo com a lei dos pobres (*Poor law*), e as escolas de trabalho (*Workhouse-schools*), que preparam para a indústria, no caso a indústria têxtil da lã, a mais significativa no país naquele momento. (MANACORDA, 2010).

No item 9, podemos apontar momentos expressivos da história da educação, especialmente na França, com os irmãos da escola São João Batista de La Salle, com as primeiras escolas “técnico-profissionais” (apenas um esboço) e com as escolas “normais” (onde leigos são chamados a se prepararem para o exercício do ensinar, até o momento uma atividade apenas do clero).

Vamos falar também das ideias de Rousseau, o suíço que nasceu em Genebra e se destaca como um dos mais importantes escritores do iluminismo francês. Na obra Emílio, o filósofo apresenta uma nova sugestão de educação, ressaltando a necessidade de educar as crianças para que se tornem independentes, ou seja, tornem-se sujeitos donos de seu próprio destino. Usando uma Pedagogia que prima pelo natural, Emílio é criado totalmente livre. Ele brinca, cai e até se machuca; pontua que a função da educação é ensinar a criança a viver, aprender e exercer a liberdade. A esse respeito, Manacorda pontua:

Sem dúvida, Rousseau revolucionou totalmente a abordagem da pedagogia privilegiando a abordagem que chamarei “antropológica”, isto é, focalizando o sujeito, a criança ou o homem, e dando um golpe feroz na abordagem “epistemológica”, centrada na reclassificação do saber e na sua transmissão à criança como um todo já pronto. Pela primeira vez, ele enfrenta com clareza o problema, focalizando-o do “lado da criança”, considerada não somente como homem *in fieri*, mas propriamente como criança, ser perfeito em si (MANACORDA, 2010, p. 295).

Manacorda ainda chama a nossa atenção para o fato de que a obra de Rousseau não se reduz à visão puerocêntrica, visto que ele nega totalmente a educação tradicional. Olhemos para o seu posicionamento social; para a necessidade de ensinar poucas coisas, mas coisas uteis; o

direito à felicidade; não às ciências, mas ao gosto de cultivá-las; a evocação constante da natureza como mestra de Emílio e de seu pedagogo; o adiamento dos estudos de história, filosofia e moral; a redescoberta da educação dos sentidos; a valorização do jogo, do trabalho manual, dos exercícios físicos e da higiene; a sugestão de usar não a memória, mas a experiência; construir pessoalmente o material didático; respeitar: a educação dos sentidos (dos dois aos doze anos), educação da inteligência (até os quinze anos), e da consciência (até os vinte e cinco anos). (MANACORDA, 2010).

O autor pontua ainda as contradições de Rousseau, e fala do seu personagem Emílio, um filho da nobreza, um privilegiado que podia escolher o que bem lhe aprouvesse, e afirma que as suas contradições são mais acentuadas quando ele se refere ao trabalho. Terminamos esse pontuando o fim da ordem jesuítica em 1773, quando esta cede lugar à escola estatal, cuja preocupação com as classes populares era ensinar-lhes a ler, escrever e fazer contas.

Passemos agora ao item 10, que pontua a importância do aparecimento da fábrica, elemento representativo da revolução industrial ocorrida no final do século XVIII, inicialmente na Inglaterra, seguindo para outros países, consolidando a relação social do capital. No transcorrer dos séculos XVI até o século XVIII, a produção manufatureira inglesa se desenvolveu intensamente, substituindo a passos largos o sistema artesanal. O novo trabalhador passa a não ter mais o domínio da construção de todo o objeto e sim de pequena parte de todo o processo – produção em série. É também na Inglaterra, no século XVII, que ocorreu a revolução política da burguesia, oportunizando modificações que marcaram o período de transição do feudalismo para o capitalismo. Manacorda enfatiza:

Acontece, de fato, que o desenvolvimento industrial, tornado possível pela acumulação de grandes capitais, graças à exploração dos novos continentes descobertos, e de grandes conhecimentos científicos voltados não somente para o saber, mas também para o fazer, traduz-se do ponto de vista do artesão das corporações, num longo e inexorável processo de expropriação. [...] Não possui mais nada: nem o lugar de trabalho, nem a matéria prima, nem os instrumentos de produção, nem a capacidade de desenvolver sozinho o processo produtivo integral, nem o produto do seu trabalho, nem a possibilidade de vendê-lo no mercado. Ao entrar na fábrica, que tem na ciência moderna sua maior força produtiva, ele foi expropriado também da sua pequena ciência, inerente ao seu trabalho; esta pertence a outros e não lhe serve para mais nada e com ela perdeu, apesar de tê-lo defendido até o fim, aquele treinamento teórico-prático que, anteriormente, o levava ao domínio de todas as capacidades produtivas: o aprendizado (MANACORDA, 2010, p. 327-328).

Nesse momento, existe uma expansão da escola, pois o próprio sistema necessitava de um trabalhador com determinadas características, pois, por conta das novas tecnologias, as

máquinas são substituídas em uma velocidade muito grande. Esse trabalhador precisa se adequar a esses novos instrumentos, por isso se faz necessário pensar na qualificação dessa massa de trabalhadores para atender o sistema produtivo. A instrução desse proletário passa a ser o tema dominante da pedagogia moderna.

De vários países surgem propostas, das quais vamos pontuar quatro no item onze: Nos EUA, o aprender/fazer de John Dewey, filósofo norte-americano que exerceu influência sobre educadores de diversas partes do mundo, incluindo o Brasil. Inspirador dos participantes do movimento da Escola Nova, conduzido por Anísio Teixeira, Dewey defende a atividade prática e a democracia como ingredientes indispensáveis à educação. Na Inglaterra, surge o ensino monitorial, ou método Lancaster, solução encontrada pelo professor Joseph Lancaster ao trabalhar em uma escola na periferia de Londres, quando se viu impossibilitado de atender sozinho uma quantidade enorme de alunos. A solução encontrada por ele foi utilizar alunos que se destacavam em uma determinada disciplina para ajudar os seus colegas, com cada aluno podendo monitorar em até três grupos; o trabalho do professor consistia então em preparar esses monitores, em seguida supervisionar seus trabalhos. Esse método é utilizado até hoje por muitos professores em várias escolas do Brasil, não em sua totalidade, mas em alguns momentos pontuais.

Na Suíça, João Henrique Pestalozzi, nascido em Zurique-Suíça em 1746, era pedagogo e humanista, e sua filosofia contribuiu muito para a pedagogia moderna. Seguidor das ideias de Rousseau, ele defendia a escola como continuidade da família, acreditava que a criança possuía características inatas que devem ser estimuladas na escola, defendia a ideia de que deve haver uma subordinação da formação profissional à instrução geral do homem e, com a mesma intensidade, defendia a formação de um caráter virtuoso e um sentimento religioso como fim supremo da educação. Defensor dos menos favorecidos, usou toda a sua existência em prol da educação de crianças. Sobre Pestalozzi, Manacorda afirma:

Declaradamente seguindo a trilha aberta por Rousseau, mas diferentemente deste, especialmente pelo seu operoso filantropismo e pela sua capacidade de traduzir os princípios em prática. Sua ambição foi a de “juntar tudo aquilo que Rousseau separara”, isto é, o homem natural e a realidade histórica; e o fez aderindo ao seu tempo e também fechando-se dentro dos limites ideais de uma sociedade predominantemente pré-industrial. [...] Ele foi um democrata, a quem a Assembleia Nacional conferiu, em 1792, a cidadania francesa, que aderiu em 1798 à República Helvécia e sofreu as oposições dos conservadores contra suas iniciativas humanitárias e inovadoras. Seu pensamento e sua atividade evoluem através de afirmações e realizações que, embora impregnadas de metafísica e de sentimentalismo conforme o secular clichê de

cada pedagogia, encontram justamente nas reações que promovem a medida da sua originalidade e novidade. (MANACORDA, 2010 p. 317).

A escola gratuita e neutra na França, a escola laica francesa, tem sido motivo de discussões desde 1880, quando Jules Ferry organizou a educação primária na França, tornando-a pública, laica, gratuita e obrigatória. Esse laicismo não ocorreu de forma abrupta, é um movimento que se inicia com a Revolução Francesa em 1789. A constituição francesa de 1791 já estabelecia a liberdade de culto, e, na mesma época, os registros de nascimentos e mortes passam da Igreja Católica para o Estado. Em 1905, uma lei determina a separação definitiva entre Estado e Igreja. A república passa a ser considerada a “filha mais velha de Satã”, e o Papa Pio X excomunga solenemente todos os parlamentares que votaram a favor da referida lei. (WEREBE, 2004).

Os incidentes se arrastam até hoje. Em 1989, houve um ocorrido envolvendo o véu islâmico; em 2020, a decapitação de um professor de História, Samuel Paty, que exibiu charge do profeta Maomé, durante uma aula sobre liberdade de expressão. Esses acontecimentos na França, testam o secularismo francês da laicidade. (BRYANT, 2020).

Passemos agora ao Socialismo de Marx e Engels, sobre o qual críticas existem, especialmente por parte da burguesia, pelo fato de Marx não ter dedicado nada com o título específico de EDUCAÇÃO (grifo nosso). Entretanto, Manacorda, em trabalho anterior, chama a nossa atenção:

No parágrafo 18 dos seus Princípios (cf. Marx; Engels, 1948c, p. 276-80), Engels, após ter afirmado, em resposta a uma indagação sobre o provável desenvolvimento da revolução comunista, que o primeiro passo seria a instauração de uma constituição democrática, isto é, de um novo poder que permitisse a adoção de medidas imediatas destinadas diretamente a atacar a propriedade privada e a garantir a existência do proletariado, relaciona, com a oitava dessas medidas, a seguinte: Instrução a todas as crianças, assim que possam prescindir dos cuidados maternos, em institutos nacionais e a expensas da nação. Instrução e trabalho de fábrica [Fabrikation] vinculados (MANACORDA, 2007, p. 36).

A educação pensada por Marx e Engels, item 12, rechaçava a unilateralidade do homem. Em seu lugar, surgiria o homem onilateralmente desenvolvido, aquele homem intelectualizado, preparado fisicamente e tecnologicamente. Para tanto, os jovens teriam uma formação intelectual, praticariam exercícios físicos, e receberiam treinamento tecnológico que lhes transmitiria os fundamentos científicos gerais de todos os processos de produção (capacidade de manusear todos os instrumentos elementares de todos os ofícios). Mais ainda, abdicação total de toda e qualquer ingerência política (MANACORDA, 2010).

No século XX, referente ao item 13, vamos continuar nos EUA, com os seguidores das propostas de Dewey, já detalhadas acima. Na Rússia, o foco é a escola politécnica. Lênin, tendo por base o trabalho de sua mulher, a pedagoga Nadezhda Krupskaya (1869-1939), ao organizar o projeto de programa do partido bolchevique, estabeleceu um ponto referente à educação, no qual defendia o ensino gratuito, obrigatório, geral e politécnico. Esse ensino politécnico difere bastante do ensino profissionalizante, pois, enquanto o primeiro se preocupa em conhecer na teoria e na prática todos os ramos fundamentais da produção, o segundo tem como meta apenas a profissionalização em um único ramo desse trabalho. O ensino politécnico é essencial para países altamente industrializados.

Com Gramsci, temos o idealizador da escola unitária, que defende uma escola em que o indivíduo tenha uma formação completa – uma preparação para o trabalho e o desenvolvimento de sua intelectualidade. Ele defendia uma escola que desenvolvesse o homem na sua totalidade. O termo unitário tem vários aspectos: 1. Deve haver uma manutenção entre o ensino básico e superior, ou seja, a formação deve possibilitar ao indivíduo essa continuidade; 2. Uma unidade com relação ao social, isto é, a manutenção de uma continuidade entre a vida escolar e a vida social do estudante; 3. Do ponto de vista político, uma formação que permita, ou melhor, que prepare para o exercício político, dirigir e ser dirigido. Enfim, uma escola que promova uma formação consciente e crítica.

### **3.2 Prática educativa**

Ao término desse nosso apanhado sobre os itens pontuais da história da educação, vamos retornar à nossa pauta – a prática educativa, que, para Libânio (2013, p. 15), “é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e ao funcionamento de todas as sociedades”. Alencar (2014, p. 29) define “prática educativa como o conjunto das ações socialmente planejadas, organizadas e operacionalizadas em espaços intersubjetivos destinados a criar oportunidades de ensino e aprendizagem”. Finalmente, pontuamos o pensar de Boakari e Silva (2020), que não falam de prática, mas de práticas:

Depois de ter falado das práticas educativas, precisa-se discutir o que é uma prática. Ela é o fazer, desenvolvimento, a elaboração de uma determinada atividade. A prática envolve a operacionalização de algo por um sujeito. Uma prática tem ação inicial, ato que propulsiona outras atividades intermediárias, e uma produção, geralmente, diversa quando se trata de criação humana. Um mesmo trabalho prático pode ser desenvolvido com detalhes diferenciados por duas ou mais pessoas. Uma prática é um *modus operandi* numa determinada

situação, por um grupo definido. A prática no campo educacional é desenvolvida por indivíduos com todas as suas subjetividades, idiosincrasias, e as suas particularidades, e assim, é mais adequado falar em práticas educativas (BOAKARI; SILVA, 2020, p. 98-99).

Convém pontuar alguns posicionamentos com os quais concordamos. Entre eles, destacamos que a prática educativa não se resume ao ensinar/aprender (ALENCAR, 2014); que a prática educativa nunca é neutra (BOAKARI; SILVA, 2020); que a prática educativa deve ser ética, mas não estamos aqui falando de uma ética qualquer, falamos da ética freiriana, que nos diz:

Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-la. Este pequeno livro se encontra cortado ou permeado em sua totalidade pelo sentido da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro. [...]. A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar (FREIRE, 1996, p. 9).

Ao falar de ética na prática educativa, Freire explicita o seu pensar com relação à educação, um procedimento, para o pensador, humanizante, político, histórico, social, cultural, ético e estético, que se contrapõe à ideia da desvalorização de uns para garantir a dominação de outros, uma constante na história do povo brasileiro. Freire foi um sonhador que valorizava a cultura, as memórias, os saberes do nosso povo, as nossas matrizes culturais e intelectuais. Esses posicionamentos de Freire implicaram em enfrentamentos, o exílio é um dos muitos exemplos. Não é fácil ser um educador que se apropria de uma prática educativa transgressora.

### 3.2.1 Prática educativa transgressora

A educação no Brasil teve seu início somente após o fim do regime de capitânicas hereditárias, que funcionou de 1532 a 1549, quando D. João III criou o Governo Geral, e Tomé de Sousa aqui aporta como o chefe da primeira administração – o primeiro Governador Geral do Brasil. Em sua comitiva vieram também o Padre Manoel da Nóbrega e dois outros jesuítas, nossos primeiros professores. Por isso podemos afirmar que o Brasil, até 1759, quando os jesuítas foram expulsos pelo Marques de Pombal, foi marcado pela educação jesuítica, cuja

missão era catequisar os povos originários e erguer uma colônia cristã para além das terras europeias (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009).

Por intermédio da Companhia de Jesus, esses padres missionários jesuítas desenvolviam um trabalho educativo que implicava na ação colonial como mais uma estratégia de comando e sujeição, para que a invasão europeia tivesse êxito na conquista e apropriação imerecida de terras e corpos. Nossa história educativa, aqui falando de educação formal, institucionalizada, já se inicia com um processo de dominação e controle. As aulas funcionavam na base da coerção social: não se cogitava o prazer, o entusiasmo, a diversidade corporal e subjetiva e a multiplicidade do pensamento, mas na maquinaria colonial; nossa prática escolar ainda hoje está inteiramente corrompida pelos antigos desejos coloniais de domesticação dos corpos e da mente (SOARES, 2019).

Vamos agora tentar refletir um pouco sobre a possibilidade de criarmos formas alegres, prazerosas, não abarrotadas de normas e regras, não coercitivas, para produzir um processo de ensino e aprendizagem com, pela e para as diferenças. É o que temos chamado, e estamos chamando aqui, de pedagogias transgressoras, segundo bell hooks<sup>3</sup>, quando esta pontua as diferenças das escolas só para negros nos EUA, nas quais os/as estudantes eram estimulados a aprender, nas quais eram valorizados, nas quais era colocado na cabeça de cada um a importância do conhecimento como um ato de resistência, e depois a passagem para escolas de brancos e negros, nas quais a maioria dos professores eram brancos e ali as/os estudantes brancas/brancos eram mais valorizadas/valorizados, nos diz que:

Essa transição das escolas exclusivamente negras para escolas brancas onde alunos negros eram sempre vistos como penetras, como gente que não deveria estar ali, me ensinou a diferença entre educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação (hooks<sup>2</sup>, 2013, p. 12).

Na citação de hooks ficam nítidas as intenções de uma prática que estimula, que é respeitosa, que na grande maioria das vezes é alegre, descontraída, e de uma outra prática que sojiga/subjuga, que deprime, que coage, que domina, na qual não sobra espaço para o regozijo, para a felicidade, para o encantamento, e muito menos para o esperar por dias melhores.

Falando sobre as tendências educacionais, pode-se dividi-las em dois grandes grupos: as Tendências Liberais, fundamentadas no pensamento liberal do livre mercado, portanto, de consolidação do capitalismo, que fortalece a ideia de que o trabalho é a única fonte de conquista

---

<sup>2</sup> <sup>3</sup> A grafia segue com letras minúsculas porque é assim que a autora se identifica.



e que os indivíduos acessam espaços de poder pelo mérito; e as Tendências Progressistas, que são questionadoras do capitalismo, fazem uma análise crítica da sociedade e advogam a importância da escola nessa transformação social (ROCHA, 2019, apud SAVIANI, 2017).

Se pararmos por um instante e fixarmos o olhar em nossas escolas, vamos sentir os resquícios dessas tendências. Elas cumpriram suas funções no momento em que foram colocadas em prática e ainda balizam o trabalho de muitos profissionais e de muitas instituições. Estamos assistindo às pretensões do governo Bolsonaro, que refletem momentos pontuais dessas tendências. Convém ficarmos atentos para certos projetos de nação que objetivam perpetuar nossas desigualdades sociais, econômicas e raciais. Ao longo da nossa história, esses projetos visam produzir mão de obra barata para as fábricas e indústrias, estabilizar hierarquias construídas e colocar tudo isso nas mãos de homens brancos, cisgêneros, heterossexuais, patrimonialistas, cristãos e defensores da “tradicional família brasileira”. Não existe crítica às estruturas de dominação. É hora de fazermos um questionamento: “a quem interessa a manutenção de uma educação que não transgrida determinados limites?” (SOARES, 2019, p. 12).

Respondendo à pergunta do parágrafo anterior: Interessa a quem quer e precisa manter esse estado de opressão da classe trabalhadora, a quem advoga a perpetuação dessa enorme discrepância social e econômica. Portanto, a ideia de educação “bancária”, içada por Freire (1987), que objetivava tornar essas pessoas totalmente maleáveis, tratava-se de um projeto de docilização dos corpos, para satisfazerem, serem indiferentes, não pensarem e não questionarem. E o que isso nos fala sobre práticas educativas transgressoras? Uma prática educativa transgressora é aquela que rompe limites, quebra paradigmas, inova, é questionadora e crítica (SOARES, 2019). Vejamos onde a afrodescendência entra para participar dessa educação humanizadora.

### **3.3 Afrodescendência**

Para falarmos de afrodescendência, cumpre em primeiro lugar falar de escravização. O comércio de escravos começou no período neolítico, e pode-se supor que os escravos não ficavam muito atrás de itens de alto valor, como âmbar e sal, em termos mercadológicos. Mesmo entre povos relativamente simples, pode-se rastrear o comércio de escravos. Esse comércio existia entre os povos da Sibéria antes da chegada dos russos nos séculos XVI e XVII. Os escravos assim comercializados eram povos vizinhos capturados na guerra, que então eram

enviados para pontos distantes onde não teriam parentes e de onde dificilmente fugiriam. O comércio semelhante de escravos ocorria em todos os continentes (HELLIE, 2020).

O comércio de escravizados desenvolveu-se em redes elaboradas. Por exemplo, nos séculos IX e X, os vikings e mercadores russos levavam escravos eslavos orientais para o Báltico. Eles foram então reunidos na Dinamarca e vendidos a traficantes de escravos judeus e árabes, que os levavam para Verdun e León. Lá alguns dos machos eram castrados, e então vendidos para haréns em toda a Espanha mourisca e ao norte da África. No século IX, o califado de Bagdá conseguia escravos da Europa Ocidental via Marselha, Veneza e Praga; Escravos eslavos e turcos da Europa Oriental e Ásia Central via Derbent, Itil, Khorezm e Samarkand; e escravos africanos via Mombasa, Zanzibar, Sudão e Saara. Os mongóis no século XIII traziam seus escravos primeiro para Karakorum, de onde eram vendidos para toda a Ásia, e depois para Sarai, no Baixo Volga, de onde eram, por sua vez, vendidos a varejo em grande parte da Eurásia. Os árabes desenvolveram redes de abastecimento semelhantes na África negra através do Saara, Mar Vermelho (da Etiópia e Somália) e África Oriental, que abastecia o mundo islâmico e a região do Oceano Índico (HELLIE, 2020).

Começando por volta de 1500, um processo semelhante ocorreu ao longo da costa da África Ocidental para abastecer o comércio transatlântico. Membros de tribos derrotadas em batalhas eram feitos cativos e enviados à costa para ser vendidos. Os cativos, principalmente homens adultos, eram reunidos na costa e vendidos no atacado a capitães de navios europeus que navegavam em busca de carga de escravos (HELLIE, 2020).

Em virtude da sua amplitude, a imigração dos africanos rumo às Américas, ao Oriente Médio e à Europa, em função dos diferentes itinerários, notadamente transatlânticos, empregados pelo tráfico de escravos, constitui um dos acontecimentos dominantes da história da África e do mundo. Esta imigração durou séculos e deixou, de modo generalizado, na Europa, no Oriente Médio e nas Américas, comunidades residuais de proporções diversas.

### 3.3.1 A diáspora negra: A escravização na África e sua diferença dos demais

Foi nas Américas que a diáspora africana teve a sua amplitude máxima. Os africanos e os seus descendentes desempenharam um papel de forte importância no desenvolvimento de todas as sociedades do Novo Mundo, desde a chegada dos europeus à região, ao final do século XV, até os tempos modernos. Qualquer que tenha sido o número de africanos em tal ou qual país, a África imprimiu, na América, a sua marca profunda e indelével.

O processo de escravização nessa época é uma consequência do colonialismo, que precisava de mão de obra barata para suprir as necessidades da colônia e garantir um lucro muito acima do normal, e isso foi conseguido com a importação de africanos escravizados. Esse processo teve como suporte o conceito de raça. Alberto da Costa e Silva, em vídeo do YouTube, intitulado **A escravidão na História e na África**, de 07 de dezembro de 2016, pontua:

A escravidão até o fim do século XIX, era o sistema mais eficiente, mais impiedoso, mas o mais eficiente de obter e controlar trabalho. Ele existiu em todas as civilizações e em todas as culturas. Vamos ser claros, o que difere a escravidão nas Américas, a escravidão nos Estados Unidos, na Jamaica, na Venezuela, no Brasil, em Cuba, no Peru, no Uruguai é que pela primeira vez na história do mundo ela foi uma escravidão racial. Mas há estudiosos que acreditam que isso se deveu ao fato de que na Europa ficou impossível escravizar cristãos, era preciso escravizar pagãos, não se podia escravizar uma pessoa da mesma fé. O escravo é sempre o diferente, porque ele precisa ser diferente. Ninguém escraviza ninguém na sua própria terra, ele precisa ser levado para longe de sua terra, e, quanto mais diferente for a terra para onde ele for levado, mais segura é a posição do dono em relação ao escravo. [...] Era extremamente oportuno escravizar o negro porque ele era diferente (A ESCRAVIDÃO, 2016, 0:34min-2:23min, grifo nosso).

Africanos escravizados e afro-americanos contribuíram para habitar toda a extensão do continente americano, do Alaska até a Argentina. Eles atravessaram os grandes rios com os primeiros exploradores do Novo Mundo. Eles ajudaram a conquistar e a submeter as populações autóctones menos civilizadas e as evoluídas civilizações do México e do Peru. Eles participaram ativamente da criação das novas comunidades de onde nasceriam as sociedades heterogêneas e multilíngues da América. Eles ajudaram a construir as novas cidades dos espanhóis e portugueses: Santo Domingo, em 1496; Cidade do México e Havana, em 1522; Pernambuco e Lima, em 1535; Buenos Aires e Valparaíso, em 1536; Bahia, em 1549; Rio de Janeiro, em 1565. Igualmente, foram eles que ergueram as cidades portuárias dos colonos ingleses no século XVII e no início do século XVIII: Boston, Nova Iorque, Filadélfia, Jamestown e Charleston.

Do mesmo modo que os grupos de imigrantes livres vindos para as Américas entre os séculos XVI e XIX, os africanos trabalharam em todos os tipos de produção e desempenharam todos os papéis sociais. Eles foram pioneiros e conquistadores, piratas e bucaneiros, gaúchos, llaneros, bandeirantes, proprietários de escravos, negociantes, domésticos e escravos. Eles melhor se distinguiram em certos ofícios comparativamente a outro. No entanto, o acesso às mais elevadas posições sociais lhes fora interdito pela lei (AJAYI, 2010). Vejamos o que diz o Art. 6 da Constituição de 1824: “Art. 6. São Cidadãos Brasileiros: I. Os que no Brasil tiverem

nascido, quer sejam ingênuos, ou libertos, ainda que o pai seja estrangeiro, uma vez que este não resida por serviço de sua Nação” (NOGUEIRA, 2012, p. 66).

Para entendermos o real significado do que significa ser cidadão de acordo com essa Constituição, temos que entender o conceito de ingênuo e liberto. Apoiamo-nos em Campello (2013, n. p.), que nos informa: “Chama-se ingênuo o que nasce livre; liberto o que tendo nascido escravo, veio a conseguir a liberdade.” Essa definição é importante para entendermos o que nos diz o artigo 94 da referida lei:

Art. 94. Podem ser Eleitores, e votar na eleição dos Deputados, Senadores, e Membros dos Conselhos de Provincia todos, os que podem votar na Assembléa Parochial. Exceptuam-se:

- Os que não tiverem de renda liquida annual duzentos mil réis por bens de raiz, indústria, commercio, ou emprego.
- Os Libertos.
- Os criminosos pronunciados em queréla, ou devassa (NOGUEIRA, 2012, p. 75).

Pelo dito acima, os libertos não podiam votar, o que significa dizer que eram cidadãos de segunda categoria. Campello comenta:

O art. 94, §2º, da Charta imperial reduz o liberto à condição de cidadão de segunda classe: apesar de os libertos serem cidadãos e, portanto, gozarem de liberdade, não poderiam ser eleitores (em um contexto do voto censitário), portanto, também estaria vedado o seu acesso a cargos públicos cujo requisito fosse a condição de eleitor (CAMPELLO, 2013, n. p.).

Existiam outras limitações com relação ao liberto, inclusive o retorno à condição de escravo se praticasse alguma ingratidão a quem lhe alforriou. Imaginem a situação melindrosa em que vivia esse alforriado, totalmente depende do senhor de escravos.

Após o século XVII, entretanto, os africanos eram os únicos escravos legais nas duas Américas, e as populações africanas no seio das sociedades americanas estariam predestinadas a carregar, durante um longo período, os estigmas desta condição. Antes da abolição definitiva da escravatura no Brasil, em 1888, a maioria dos africanos das Américas era escrava e eram eles quem cumpriam a maior parte dos trabalhos manuais e dos serviços que exigiam um esforço físico, frequentemente estafante, sem os quais as colônias, possessões e nações não teriam sido capazes de alcançar a prosperidade econômica (AJAYI, 2010).

A diáspora africana foi muito mais importante nas Américas do que na Europa e na Ásia. No início do século XIX, a população afro-americana total, livre e assujeitada, correspondia a cerca de 8,5 milhões de pessoas. Deste total, mais de 2 milhões, ou seja, aproximadamente 25%,

viviam nos Estados Unidos da América do Norte, a sua grande maioria nos “Estados escravocratas” às margens do Atlântico, do Delaware até a Flórida. Em 1810, havia cerca de 2 milhões de africanos e afro-americanos nas ilhas do mar das Antilhas. O Brasil abrigava 2,5 milhões e a América espanhola continental um total combinado de 1,3 milhão (AJAYI, 2010).

Aproximadamente um milhão e meio de africanos desembarcaram na América durante o século XVII. Deste total, 41% foram ao Brasil, 35% para as colônias recém-fundadas pelos britânicos, holandeses e franceses (sobretudo no conjunto da região das Antilhas) e 22% tiveram como destino a América espanhola. O século XVIII correspondeu ao apogeu da migração forçada dos africanos para as Américas. As sociedades baseadas no latifúndio agrícola da América, e o tráfico negreiro que satisfazia as suas necessidades em mão-de-obra, atingiram à época o seu pleno desenvolvimento. Número superior à metade dos africanos vindos ao Novo Mundo, ao longo de toda a história, nele desembarcaram entre 1700 e 1810. Eles foram talvez mais de seis milhões. Do ponto de vista demográfico, este provavelmente foi o período de mais profundo impacto recíproco entre a África e o vasto mundo, graças aos laços comerciais estabelecidos tanto através do Oceano Índico, quanto com a Europa e as Américas (AJAYI, 2010).

Por outro lado, a evolução demográfica das diferentes regiões não seguiu a lógica da participação no tráfico transatlântico dos negros. O componente afro-americano das sociedades americanas não necessariamente correspondia à proporção de africanos importados ao longo dos séculos de tráfico. O Brasil, por exemplo, importou cerca de quatro milhões de escravos durante o período do tráfico, número que representa, como observamos, aproximadamente 38% do tráfico transatlântico. Em 1890, momento da abolição da escravatura, este país possuía uma população afro-americana de cerca de quatro milhões de pessoas, representando 33% da população brasileira local, e por volta de 36% do total da população afro-americana no continente (AJAYI, 2010). Hodiernamente, essa proporção é em torno de 56% (IBGE; PNAD,2020), e os impactos desse processo na atualidade são extremamente desfavoráveis. Sabemos que, quando da abolição da escravatura, as pessoas submetidas a tal regime não foram ressarcidas de forma alguma, saíram de mãos vazias. Vamos pontuar este fato um pouco mais adiante.

### 3.3.2 Origem dos africanos escravizados que vieram para o Brasil

Por conta da destruição da maioria dos documentos, é difícil precisar quantos africanos escravizados foram mandados para o Brasil. Calcula-se um valor entre três e oito milhões no

período que vai do século XVI até 1850, quando o tráfico foi abolido pela Lei Euzébio de Queiroz (GELEDÉS, 2009).

A Figura 6, abaixo, mostra o trajeto seguido pelas escravizadas e escravizados que vinham da África para o Brasil. A seguir, vamos discutir essa questão com mais profundidade.

**Figura 6 – Principais rotas do tráfico de africanos escravizados para o Brasil**



Fonte: Extraída da série Sankofa: a África que te habita, 2021.

São consideradas as principais rotas as da Guiné, Mina, Angola e Moçambique. Essas rotas concentravam o comércio desses seres humanos escravizados, que, em sua grande maioria, eram aprisionados em guerras feitas por chefes tribais, reis ou sobas africanos para esse fim. Não apenas traficantes portugueses, mas também outros traficantes europeus e até brasileiros faziam esses africanos prisioneiros em troca de armas de fogo, tecidos, espelhos, utensílios de vidro, de ferro, tabaco e aguardente, entre outros (GELEDÉS, 2009).

Os africanos trazidos para o Brasil pertenciam a dois grandes grupos: os sudaneses e o povo bantu. A maioria dos africanos ocidentais pertence ao povo iorubá, que ficou conhecido como "nagô". A palavra deriva de ànàgó, um termo depreciativo usado pelo Daomé para se referir aos povos de língua iorubá. O Daomé escravizou e vendeu um grande número de iorubás, grande parte da herança Oyo. Os escravos descendentes de iorubás estão fortemente associados à tradição religiosa do candomblé. Outros escravos pertenciam ao povo Fon e a outros grupos étnicos vizinhos. Os bantos foram trazidos principalmente da atual Angola e do Congo, a maioria pertencendo aos grupos étnicos Bakongo ou Ambundu. Os escravos Bantu também foram levados dos reinos Shona do Zimbábue e da costa de Moçambique. Eles foram enviados em grande escala para o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Nordeste do Brasil (FREYRE, 2001).

Gilberto Freyre pontua as principais diferenças entre esses grupos. Alguns povos sudaneses, como Hausa, Fula e outros, eram islâmicos e falavam árabe, e muitos deles sabiam

ler e escrever nessa língua. Os escravos muçulmanos foram trazidos do norte de Moçambique. Freyre observou que muitos escravos eram mais educados do que seus senhores, porque eram alfabetizados em árabe, enquanto muitos senhores portugueses brasileiros não sabiam ler nem escrever em português. Esses escravos de maior influência árabe e berbere foram em grande parte enviados para a Bahia. Esses escravos muçulmanos, conhecidos como Malê no Brasil, produziram uma das maiores revoltas de escravos das Américas, conhecida como Revolta dos Malês, em 1835, quando tentaram tomar o controle de Salvador, até então a maior cidade do continente americano, e de todas do Novo Mundo (FREYRE, 2001).

Apesar do grande afluxo de escravos islâmicos, a maioria dos escravos no Brasil foi trazida das regiões Bantu da costa atlântica da África, onde hoje estão o Congo e Angola, e também de Moçambique. Em geral, essas pessoas viviam em tribos, reinos ou cidades-estados. Os congolezes desenvolveram a agricultura, criaram gado, domesticaram animais, como cabras, porcos, galinhas e cães, e produziram esculturas em madeira. Alguns grupos de Angola eram nômades e não conheciam agricultura (GEIPEL, 1977).

Por tudo o que acima foi dito, fica demonstrada a preferência pelo escravo africano nessa colônia portuguesa chamada Brasil. Era mais fácil controlar o escravo africano, ele não conhecia a terra; ele estava mais apto para o trabalho, pois detinha um padrão de conhecimento mais próximo às necessidades portuguesas (diferentemente dos índios, conheciam a agricultura, e possuíam habilidades para utilização dos metais e o artesanato). Eram usados para tudo pelos portugueses, desde os trabalhos domésticos até a venda de mercadorias nas ruas, cujo lucro era para seus senhores. Esse sistema colonialista, escravocrata e explorador, deixou profundas marcas na hoje população brasileira, a começar pelo nome pelo qual eram chamados, os escravos e seus descendentes – negros/negras.

### 3.3.3 Por que afrodescendente e não negro?

Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, como gosta de ser chamado carinhosamente, questiona não usar o nome negro, mas há certas atitudes que, no seu modo de pensar, são bem mais maléficas e prejudiciais. Ele pontua:

Dá cadeia para quem me chamar de negro analfabeto só não dá cadeia para quem impõe o analfabetismo, obstruindo meu acesso às escolas. Dá cadeia para quem me chamar de negro burro só não dá cadeia para quem me chamar de “moreno”, mesmo sabendo que com isso querem me transformar em um híbrido e assim como aos burros, negar as condições de reprodução de minha raça (SANTOS, 2019, p. 18).

Mais adiante, o próprio Santos questiona o fato de os portugueses, quando chegaram a essas terras e se depararam com os povos de língua tupi, mesmo depois de saberem que os tupis chamavam essa terra de Pindorama (terra das palmeiras), eles não denominaram esses povos de pindorâmicos e sim de índios. Eles, segundo Santos, estavam usando uma técnica de adestramento animal, pois sempre que se quer adestrar um animal, a primeira coisa a ser feita é a troca de nome para, com isso, quebrar sua identidade. O mesmo foi feito com os africanos, pois, usando a mesma estratégia e com os mesmos objetivos, foram chamados pelos portugueses de negros (SANTOS, 2019).

Aquele que nasce na África é africano, entretanto, aqueles que nascem fora da África, mas são descendentes de africanos, são chamados, pela lógica, de afrodescendentes. Existem afrodescendentes espalhados por várias partes do mundo, principalmente afrodescendentes frutos do processo de escravização de grande parte da população africana, processo esse conhecido como diáspora africana, que teve seu início na Idade Moderna (A Idade Moderna é uma época da História que tem início em 1453 com a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, indo até 1789, início da Revolução Francesa). Esse período histórico é um período de transição entre o feudalismo e o sistema capitalista e perdurou até o final do século XIX. Dito isto, fica fácil entender as vantagens econômicas do processo de escravização. Essas/esses africanas/africanos escravizadas/escravizados chegaram às várias partes do mundo e não eram designados como africanos e afrodescendentes, foram e são chamados de “negros”, aqui no Brasil e em outras partes do mundo, num processo de desqualificação desumano por parte dos europeus, seus escravizadores. É sobre esse processo que vamos aqui pontuar. Vamos, inclusive, explicitar as concordâncias e discordâncias acerca dessa nomeação pela academia e por grupos representativos dessa parcela mais que significativa da população brasileira, 54,9% de negros (pretos e pardos), segundo nomenclatura e dados do IBGE (2017). São questionamentos mais que pertinentes, tendo em vista a importância da temática, pois, na Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, Conferência da ONU – Organização da Nações Unidas, realizada em Durban (31 de agosto e 8 de setembro de 2001), considerou-se o colonialismo e o tráfico de escravos como “crimes contra a humanidade”.

Quando você dá nome a alguma coisa ou pessoa, você exerce um certo poder sobre essa coisa ou pessoa, é o caso do pai ou da mãe quando dá nome a uma/um filha/filho. Surge desse fato nossa primeira interrogação a respeito dos nomes que foram atribuídos às/aos descendentes de africanas/africanos escravizadas/escravizados. Depois de muitos questionamentos e



buscando fundo na nossa memória, chegamos à conclusão de que certos nomes foram utilizados com o intuito de menosprezar, de diminuir, ou depreciar. Analisem o que diz a cordelista a respeito de um nome muito usado no Brasil para nomear descendentes femininas de branco e negro, uma palavra cuja origem é muito depreciativa, mulata. Ver poesia de Jarid Arraes no Anexo B.

Entretanto, o próprio nome negra/negro, aceito pela cordelista, tem um significado nada salutar. No dicionário Michaelis, encontramos:

**Negro Adj.**

1. Que tem a cor mais escura de todas, como o piche e o carvão.
2. Que se refere a pessoa de etnia negra.
3. Que não tem luz; completamente escuro e sombrio.
4. Que está encardido; preto: As chaminés ficaram negras com a fumaça.
5. FIG. Que é triste ou lúgubre: Vi uma capela negra ao longe.
6. FIG. Que anuncia infortúnios; nefasto: Futuro negro.
7. FIG. Que inspira medo ou pavor; tenebroso: Durante o ataque aéreo, viveram um dia negro.
8. FIG. Que revela crueldade ou sordidez; perverso: Seus feitos negros assustavam toda a comunidade.
9. FÍS. Que absorve toda luz que nele incide: Corpo negro.

**SM**

1. A cor do piche ou do carvão; preto.
2. Indivíduo de etnia negra.
3. Aquele que vive sujeito a um senhor; escravo.
4. POR EXT Pessoa que trabalha muito: Há um ano trabalha feito um negro.
5. COLOQ V nego

- EXPRESSÕES

- Negro de fumo: V pó de sapato.

- INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

- ANTÔN (acepção 1): alvo, branco.
- SUP. ABS. SINT. (adj): negríssimo, nigérrimo.
- AUM. IRREG. (sm): negraço, negralhão.

- ETIMOLOGIA

- Lat. nigrum.

(MICHAELIS, 2000, v.2, p. 1447)

São acepções nada lisonjeiras, entretanto está longe das opiniões de estudiosos como Moore (1992), que afirma:

O nome ao qual você atende determina a quantia do valor que você atribui a si próprio. Similarmente, o modo como um grupo de pessoas coletivamente responde a um nome pode ter efeitos devastadores em suas vidas, particularmente se eles não escolheram o nome. Os asiáticos provêm da Ásia e têm orgulho da raça asiática. Os europeus provêm da Europa e têm orgulho das realizações da Europa. Os negros, eu devo supor, provêm da negrolândia – um país mítico com passado incerto e futuro mais incerto ainda. Uma vez que a negrolândia é um mito, de onde o mito do negro se originou? A chave para entender o que um negro é está em entender a definição daquela palavra e sua origem. A palavra negro é [a palavra] espanhola para preto. A língua

espanhola provém do latim, que tem suas origens na Grécia Clássica. A palavra negro, em grego, é derivada do radical necro, que significa morto. O que em alguma época passada era definido como uma condição física é atualmente considerado um estado apropriado para milhões de africanos (MOORE, 1992, p. 33-34).<sup>3</sup>

Há discordância com relação à origem da palavra e, mais que isso, alguns grupos se sentem bem em serem chamados dessa ou daquela forma, seja por questões políticas, seja por questões pessoais. Fica bem explícito, principalmente com relação aos movimentos sociais no Brasil, especialmente o movimento negro, que postula o uso do “negro” como símbolo de resistência. Quando procuramos o significado de negro na cartilha do politicamente correto – **Politicamente Correto & Direitos Humanos**, um livro escrito por Antônio Carlos Queiroz, em 2004, com o apoio da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, que ficou popularmente conhecido como "cartilha do politicamente correto", é um manual explicando a origem de 96 palavras que, segundo Cipriano (2004, p. 1), "escondem preconceitos e discriminações contra pessoas ou grupos sociais", trazendo ainda seus sinônimos menos ofensivos. Vejamos:

Negro/a – A maioria dos militantes do movimento negro prefere esse termo a “preto” que o utilizam com orgulho para reafirmar os valores da cultura afro-brasileira. O contexto determina o sentido pejorativo em ambas. Em certas situações tanto “negro” quanto “preto” podem ser altamente ofensivos. Em outras podem denotar carinho como nos diminutivos “neguinho”, “minha preta” etc. (QUEIROZ, 2004, p. 26).

O estranho é que, na escola, não há comentários sobre esse processo de domesticação de “índios” e “negros”. A escola sempre desconsiderou as suas diversas auto denominações. A palavra Afrodescendente também não se encontra na cartilha acima citada, mas, buscando no dicionário online, encontramos: Adjetivo e substantivo de dois gêneros – que ou quem descende de família ou indivíduo **africano negro**<sup>4</sup>.

Marcelo Giovannetti Ferreira Luz, em um artigo publicado nos anais do III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), Dilemas e desafios na

<sup>3</sup> No original: “The name that you respond to determines the amount of your self-worth. Similarly, the way a group of people collectively respond to a name can have devastating effects on their lives, particularly if they did not choose the name. Asians come from Asia and have pride in the Asian race! Europeans come from Europe and have pride in Europe accomplishments. Negroes, I am to assume, come from negroland – a mythical country with an uncertain past and an even more uncertain future. Since negroland is a myth, where did the myth of the negro originate? The key to understanding what a negro is, is to understand the definition of that word and its origin. The word negro is Spanish for black. The Spanish language comes from Latin, which has its origins in Classical Greek. The word negro, in Greek, is derived from the root word necro, meaning dead. What was once referred to as a physical condition is now regarded as an appropriate state of mind for millions of Africans” (nossa tradução).

<sup>4</sup> Grifo nosso para chamar a atenção para esse detalhe que consideramos de extrema importância, pois não estão considerando todas as pessoas originárias do continente africano.

contemporaneidade, intitulado “‘Negro’, ‘Preto’, ‘Mulato’ e ‘Afrodescendente’ e o silenciamento dos sujeitos nos discursos sobre as ações afirmativas”, pontua:

Poderíamos pensar na Cartilha do Politicamente Correto como uma forma de fazer calarem-se as vozes sociais que buscam seu lugar nos discursos atuais. Ela busca silenciar os sentidos que existem por meio de um apagamento de certas formas históricas existentes na língua portuguesa, uma forma que o Estado tem para extinguir certas identidades em detrimento da afirmação de outras. Procuram-se apagar as identidades mestiças, fruto da miscigenação ocorrida no processo sócio histórico da constituição do brasileiro, buscando a afirmação formas-sujeitos individuadas como puras (LUZ, 2012, p. 17).

Apesar das colocações de Luz (2012), e da posição do Movimento Negro, e de algumas discussões feitas em sala de aula de nosso doutoramento, acreditamos que o nome afrodescendente é o mais pertinente, tendo em vista ser um nome que não é depreciativo, por abarcar muitas nuances, por ser uma nomeação que, embora não seja livre das questões de poder, é um poder que não emana do colonizador, por ser um termo que oportuniza a desconstrução do pejorativo: imaginemos a reação de alguém que, para desqualificar outro alguém, grite em alto e bom som “negro chato”!, e o outro responde calmamente: “negro não, afrodescendente!” Tal palavra, por dispensar termos intermediários usados no processo de embranquecimento, colocaria todos em pé de igualdade, bastaria para isso que você se conscientizasse que somos um povo descendente de africanos escravizados, de índios e europeus. Entretanto, para uma mudança dessa monta, se faz necessário um longo processo de discussões na sociedade até que se esgotem todas as discordâncias e se chegue a um lugar comum.

As discordâncias não são o único problema com relação à nomeação dos africanos e de seus descendentes, pois esse processo tão utilizado de abafar, acomodar, e naturalizar as situações para que não haja momentos de reflexão, é uma postura, no mínimo, duvidosa. Vamos deixar como está, fingir que tudo está bem, quando, na realidade, são situações de acomodação nas quais um grupo está confortável enquanto o outro está muito adoecido, adoecido ao ponto de não enxergar com nitidez a situação na qual foi colocado. São situações, são formas de agir que se estabelecem em tudo que diga respeito, tanto ontem quanto hoje, à relação entre colonizador e colonizado e que se perpetuam em sociedades fruto desse processo. Daí a importância de assuntos como esse serem discutidos nas escolas, nas associações de bairro etc. O racismo, especialmente esse racismo brasileiro, precisa ser trabalhado, discutido para que possa ser combatido.

### 3.3.4 O racismo no Brasil

Em 2020, às vésperas do Dia Consciência Negra – 20 de novembro, o cidadão negro João Alberto Silveira Freitas é espancado até a morte nas dependências da loja do hipermercado Carrefour no bairro Passo D'Areia, em Porto Alegre. Ainda impactados pelo slogan que percorreu o mundo logo após a morte do norte americano George Floyd – “Vidas negras importam”, brasileiros foram às ruas protestar contra o ocorrido. Esse é mais um exemplo dos muitos que colocam por terra o mito da democracia racial no Brasil, sonho ainda encrustado na cabeça de muitos brasileiros que apregoam que no Brasil não existe racismo. Dois dias depois do ocorrido, o Presidente da República, Jair Bolsonaro, sem falar explicitamente do ocorrido, durante a abertura da reunião do G20, pontua:

Somos um povo miscigenado. Foi a essência desse povo que conquistou a simpatia do mundo. Contudo, há quem queira destruí-la, e colocar em seu lugar o conflito, o ressentimento, o ódio e a divisão entre raças, sempre mascarados de ‘luta por igualdade’ ou ‘justiça social’ (BOLSONARO, em 21/11/2020 apud DW Made for Minds, 2020, n. p.)

Apesar da fala do presidente, estamos cientes que o racismo existe nesse país, que ele está impregnado em nossa sociedade, está nas entranhas, faz parte do dia a dia do povo brasileiro, e nos deparamos com ele em todos os segmentos de nossa vida pessoal e social. Como fomos criados dentro de um sistema racista, inúmeras vezes somos racistas sem sentir, sem perceber. Djamila Ribeiro, discutindo sobre isso, fala da dificuldade de enxergarmos esse problema estrutural. Ela nos informa que mesmo para ela, filha de um militante negro, em cuja casa essas questões sempre foram debatidas, é difícil de serem percebidas com nitidez, se faz necessário pensarmos criticamente sobre o assunto e entendermos que mesmo pessoas que abominam o racismo, muitas vezes compactuaram com ele. Ela pontua:

O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas (RIBEIRO, 2019, p. 5).

Já pontuamos acima que o processo de escravização de africanos, do ponto de vista econômico, para o processo de colonização e para o sistema capitalista que se implantava com toda força, foi muito importante. Preservar esse sistema escravocrata exigia mão firme e astúcia. Esses escravizados precisavam se sentir enfraquecidos, diminuídos, e este é um processo que

perdura até hoje, pois o sistema capitalista precisa de mão de obra barata e de pessoas conformadas, que não questionem absolutamente nada. Esse comportamento precisa ser estimulado e, para que ele seja estimulado, se faz necessário o aniquilamento do outro. Sílvia Almeida nos conclama a entendermos que todo racismo é estrutural, é uma amálgama da sociedade, ele a sedimenta, lhe dá consistência. Ele pontua:

O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo. Em suma, procuramos demonstrar neste livro que as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade (ALMEIDA, 1999, p. 21).

Em **Racismo Recreativo**, Adilson Moreira chama a nossa atenção para o uso, com o objetivo de preservação do racismo, com o intuito de desvalorizar o negro, de piadas, brincadeiras praticadas, por brancos ou não, que fazem com que essas pessoas se divirtam às custas da mágoa e do sofrimento de outros. Quando questionados e/ou acionados juridicamente, são unânimes em informar que se tratava apenas de uma brincadeira com o intuito de diversão, e não com a intenção de machucar, desqualificar etc... Adilson Moreira, explicando os exemplos citados por ele, afirma:

Ao contrário do que as pessoas envolvidas nos casos aqui descritos argumentam, nós defenderemos a hipótese de que o humor racista não possui uma natureza benigna, porque ele é um meio de propagação de hostilidade racial. Ele faz parte de um projeto de dominação que chamaremos de racismo recreativo. Esse conceito designa um tipo específico de opressão racial: a circulação de imagens derogatórias que expressam desprezo por minorias raciais na forma de humor, fator que compromete o status cultural e o status material dos membros desses grupos. Esse tipo de marginalização tem o mesmo objetivo de outras formas de racismo: legitimar hierarquias raciais presentes na sociedade brasileira de forma que oportunidades sociais permaneçam nas mãos de pessoas brancas (MOREIRA, 2019, p. 24).

O racismo é muito eficiente quando o objetivo é desqualificar o outro, legitimar estruturas hierárquicas, não importa a maneira como ele se apresente, pois, em qualquer situação, em todos os casos, esse racismo funcionará, sempre, como mecanismo de exclusão social das negras e negros.

O afrodescendente, nascido na Martinica, no Caribe, em 1925, Frantz Fanon, em sua obra **Pele Negra, Máscaras Brancas**, publicada na França em 1952, e só publicada em português em 2008, isso é, 56 anos depois, o que demonstra o pouco interesse da grande maioria

de intelectuais brasileiros pela temática do racismo, nos mostra, de forma cristalina: os efeitos maléficos na psique do homem negro e da mulher negra causados pelo racismo; o complexo de inferioridade; e a necessidade emocional do embranquecer-se. O autor caribenho indica caminhos para reverter esse processo, em uma outra obra sua, “Os condenados da Terra”, na qual pontua que: “Descolonizar é criar homens novos, modificar fundamentalmente o ser, transformar espectadores em atores da história” (FANON, 1968, p. 52). Ele acreditava piamente que esse processo de descolonização era possível, e mais adiante aponta: “A luta dos negros deve estar alinhada com a luta anticapitalista, e contra todas as formas de opressão existentes” (FANON, 1968, p. 267).

Por falar em formas de opressão, elas podem ser identificadas em vários formatos e versões, pelo apagamento, pelo esmaecimento, por não ser dada a essa forma de opressão que é o racismo, isso em várias partes do mundo. Grada Kilomba, quando incitada a falar sobre o racismo, nos diz: “Dizendo o indizível” (KILOMBA, 2019, p. 71). Por fim, ela define o racismo apontando três de suas características: 1) **a construção da diferença** – o sujeito é diferente, mas diferente de quem? Do branco, o branco é a norma. Será? 2) **essas diferenças construídas estão inseparavelmente ligadas a valores hierárquicos** – não só o indivíduo é visto como diferente como se articulam todos os estigmas contra ele: problemático, preguiçoso. Isso gera o Preconceito; 3) por fim, **o poder** – político, social, econômico. É a junção do preconceito e do poder que leva ao racismo (KILOMBA, 2019). Por fim, ela define:

O racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas negras e People of Color estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de maneira que privilegia manifestadamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora da estrutura dominante. Isso é o que chamamos racismo estrutural (KILOMBA, 2019, p. 77).

Esse racismo, que provoca um estrago tão grande no indivíduo, uma desestruturação no ser, é o que Boaventura Sousa Santos cunhou de *epistemicídio* (grifo nosso), assunto tão bem elucidado por Suely Carneiro em sua Tese de Doutorado. Ela afirma, se apoiando no pensamento de Boaventura, que o epistemicídio se constituiu em uma das formas mais eficazes e longevas de dominação, por esconder, por abafar, por negar o conhecimento do outro, do dominado. É um processo de destruição da cultura e civilização do outro. Esse foi o modo empreendido pelo colonialismo capitalista que, precisando de mão de obra barata para que seus lucros aumentassem cada vez mais, empreendeu o processo de escravização do povo africano na maior tragédia vista pela humanidade – a diáspora negra (CARNEIRO, 2005).

As consequências dessa diáspora no Brasil são enormes e nefastas para nossa população, com um percentual em torno de 56,0% de negros, conforme tabela do Programa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2020). Cumpre aqui ressaltar que negros, para o IBGE, é a soma de pretos e pardos, que são, portanto, a maioria da população. Entretanto, a superioridade numérica não se reflete na sociedade brasileira.

Somos a maioria da população brasileira, mas não somos a maioria de alfabetizados, não somos a maioria dentro das universidades, não somos a maioria na representação política, não somos a maioria a receber melhores salários. Muito pelo contrário, somos a maioria vivendo em favelas, somos a maioria dos assassinados, somos a maioria dos que recebem menores salários, somos a maioria dos desempregados, e tudo isso é fruto do processo de escravização que perdurou no Brasil por quase 400 anos, fruto nefasto do colonialismo/capitalismo, assentado no conceito de raça.

Por tudo o que foi dito acima é que temos que comungar com as ideias de Djamila Ribeiro, para quem não basta não ser racista, é preciso ser antirracista. Ela nos conchama a nos informarmos mais sobre o racismo; a enxergarmos a negritude; a reconhecermos os privilégios da branquitude; a percebermos o racismo internalizado em cada um de nós; a apoiarmos políticas educacionais afirmativas; a transformarmos o nosso ambiente de trabalho; a lermos autores negros; a nos questionarmos em relação à cultura que estamos consumindo; a conhecermos nossos desejos e afetos; a combatermos a violência racial; enfim, a que sejamos todos antirracistas (RIBEIRO, 2019).

Conscientes dos malefícios do racismo é que, em 2019, como professora de um Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda, enxergando a fresta existente, propusemos à Diretoria de Extensão do Campus Teresina Zona Sul-CTZS do Instituto Federal do Piauí – IFPI um curso de extensão intitulado “Atelier de Práticas Educativas: o que se aprende com um desfile de moda afro?” O curso foi aceito e ministrado nas dependências do Memorial Esperança Garcia.

### **3.4 Construção do vestuário versus Moda**

O ser humano, em todas as épocas da humanidade, procurou cobrir o seu corpo, seja para protegê-lo do frio e das intempéries, com uma função biológica, seja para se adornar e se impor aos demais, com uma função sociológica; cobrir o corpo é uma necessidade e um costume dos grupos humanos. Nos dias atuais, a roupa também é o elemento que demonstra os processos identitários das pessoas, em culturas nas quais elas estão inseridas, e representa a relação de

cada um com o mundo à sua volta. O que as pessoas colocam sobre o seu corpo diz muito a respeito do lugar que elas ocupam ou querem ocupar dentro do seu grupo social. Muitas/muitos autoras/autores, dentre elas/eles Lipovetsky (1989) e Schmitt (2011), pontuam a falta de estudos mais aprofundados por parte do mundo intelectual a respeito dos modos de vestir, de se apresentar às/aos outras/outros. A Moda, aqui entendida como os diversos estilos do vestuário, ainda é pouco utilizada nas análises sociais e como um saber desde o seu aparecimento no final da Idade Média até os dias atuais. É imprescindível dar a ela importância epistemológica, visto que essa se apresenta, também, como representante legítima da integração e das contestações sociais, como a moda hippie por exemplo, que demarcou um movimento de contracultura. Muita coisa já aconteceu, do seu advento no final da Idade Média europeia até a atualidade, mas parece que ainda estamos presas/presos dentro de um sistema colonialista /capitalista em que o racismo se impõe. No entanto, também podemos perceber que, desde a década de 1990, assistimos no Brasil a chegada dos cursos de Moda e das salas de aula desses cursos estão saindo designers – profissionais que fazem projetos de produtos passíveis de serialização, e estilistas – aquelas/aqueles que criam roupas e acessórios adequados a cada tipo de pessoa, responsáveis por mostrar à sociedade a importância social, política e econômica da Moda.

O consumo de moda é complexo e espelha nossos valores, nossos desejos, o nosso interior, nossos símbolos, enfim, nossa cultura (ROCHA, 2009). Entretanto, muitas vezes essa cultura é silenciada, como é o caso da moda africana, pois dificilmente é trabalhada nos cursos de Moda. No livro **História da Moda**: uma narrativa, do professor João Braga, leitura obrigatória para qualquer estudante de Moda, há apenas uma pequena referência aos cabelos “black-power” difundido nos Estados Unidos pela ativista negra Ângela Davis nos anos 1970, contra o racismo (BRAGA, 2009). O referido penteado surgiu a partir de uma referência aos guerrilheiros etíopes que, massacrados pelos italianos, prometeram a si mesmos só cortarem o cabelo quando esses italianos fossem expulsos do seu país (SERRANO, 2010). Tal fenômeno demonstra como a moda se inter-relaciona com as tradições de diversos povos, entre eles, o povo africano que tanto valoriza a ancestralidade.

Como pontuamos no capítulo anterior, vamos nesse trabalho considerar apenas um recorte desse imenso panorama que é a Moda; vamos destacar apenas o vestuário – aqui entendido como conjunto de todas as peças necessárias para uma pessoa se vestir, mais os acessórios, uma das formas mais utilizadas para se mostrar, se apresentar um conjunto de roupas e acessórios para um determinado grupo social, seja com o intuito de venda ou não, é um desfile.



### 3.4.1 O desfile de moda

É consenso, entre as/os profissionais do ramo da moda, que uma das formas mais significativas de apresentação de uma coleção de peças do vestuário e acessórios é o desfile. É no momento em que estão sendo vistas que essas roupas passam a ser mais que tecidos costurados. Trata-se de um evento que encanta e é capaz de seduzir plateias inteiras (QUEIROZ, 2014).

Não é fácil definir um desfile, mas, em essência, trata-se de um evento organizado em que são apresentadas pessoas vestindo as peças e acessórios escolhidos para uma coleção de uma/um determinada/determinado estilista ou de vários/várias. Todo desfile tem um conceito – mensagem por trás de uma coleção. Para Vilaseca: “O desfile de moda é um meio pelo qual o estilista pode difundir suas ideias, motivar o conhecimento de sua grife e conseguir cobertura da mídia, chamando a atenção do público para sua marca” (VILASECA, 2011, p. 9).

No contexto de um curso de Moda, o desfile é muito significativo, pois se trata de uma espécie de revisão de tudo que é trabalhado durante o curso, desde a idealização das peças, de acordo com a temática escolhida, a construção destas, passando pela escolha de materiais, modelagem, corte, costura, com a escolha de acessórios, maquiagem e cabelo, até a passarela onde manequins desfilarão, mostrando a coleção.

### 3.4.2 Um pouco da história dos desfiles de moda

Charles Frederick Worth (1825-1895) é considerado o primeiro costureiro a realizar um desfile no final do século XIX. Os alfaiates naquela época trabalhavam de acordo com as ordens de seus e suas clientes. Ele foi o primeiro a construir peças e mostrar para suas clientes. No império de Napoleão III, a imperatriz Eugenia tornou-se a sua mais valiosa cliente, e esse status permitiu a Worth ditar os termos de venda. Ele é considerado o criador da *haute couture* ou alta-costura. Worth criou grandes vestidos para a imperatriz Eugênia, desde trajes oficiais e de noite, trajes diurnos, vestidos de gala, roupas usadas em bailes de máscaras, e muitos outros (STEVENSON, 2012)

O primeiro estilista a apresentar um desfile de moda para imprensa foi Paul Poiret (1879-1944). Isso ocorreu no verão de 1910, quando ele apresentou o desfile para um jornalista e um fotógrafo, e as modelos desfilavam de duas em duas. O evento causou tanto impacto nos dois expectadores que eles o transformaram em um artigo publicado no jornal *L'Illustration* (VILASECA, 2010). Já Jean Patou foi o primeiro da história a realizar um *casting*. O termo

casting é uma palavra originada do inglês. Possui vários significados, mas na linguagem da moda ela diz respeito ao processo de seleção de elenco para campanhas publicitárias, ensaios fotográficos e desfiles de moda. Não vamos entrar em detalhes, mas diversas marcas exigem que seus elencos em desfiles sejam apenas de manequins brancas, não querem associar seus produtos a mulheres negras, e isso não é novidade para ninguém, muito menos para nós, negras, que estamos nesse mundo da moda. A participação de manequins negras é recente, e o número ainda é bem pequeno. Podem observar.

Os desfiles se prestam para vários objetivos, inclusive como protesto, como foi o caso do desfile da brasileira Zuzu Angel. Jaqueline Costa, jornalista de O Globo, em matéria que relembra os 50 anos da ditadura militar, pontua:

O vestido branco de modelagem ampla e cheio de desenhos que parecem ter saído do universo de um menino foi uma das bandeiras usadas por Zuzu Angel para protestar contra os desmandos da ditadura e chamar a atenção do mundo para o desaparecimento de seu único filho homem, o militante Stuart Angel, em maio de 1971. Na singela peça de algodão, tanques de guerra, soldados, canhões, quepes militares se misturavam a árvores, flores, casinha com chaminé, tambores e passarinhos. Anjos tristes, pombas negras e o sol quadrado completaram a apresentação, em setembro de 1971, em Nova York, inaugurando o desfile-protesto. A mineira de Curvelo voou alto, indo parar em jornais e revistas de todo o mundo. No dia 15 de setembro de 71, o canadense “The Montreal Star” trazia como manchete: “Designer de moda pede pelo filho desaparecido”. Cinco dias depois, o “Chicago Tribune” estampava “A mensagem política de Zuzu está nas suas roupas” (COSTA, 2014).

Os desfiles podem ocorrer em vários espaços, em vários formatos, podem ser simples ou espetáculos que impressionam por uma infinidade de recursos. Os locais onde podem ocorrer um desfile vão de uma simples sala a um espaço público com apresentações ao som de uma trilha sonora eletrônica ou ao vivo. A intenção do desfile é que determina o espaço e os demais recursos utilizados (QUEIROZ, 2014).

Falemos um pouco da temática do desfile, um momento muito importante para construção da peça, pois a inspiração vem do tema escolhido para ser trabalhado.

### 3.4.3 A temática

Falando de processo de inspiração para criação de uma coleção de moda, Queiroz (2014, p. 27) afirma: “Sabemos que as pessoas não precisam necessariamente de novas roupas para viver, mas elas querem novas formas de se comunicar atendendo as demandas dos novos tempos”. Daí a função do designer criar peças que encantem, que estimulem o desejo das

peçoas para que elas adquiram essas peçoas, mesmo que tais peçoas não sejam extremamente necessárias. Daí a necessidade desse designer conhecer também as necessidades emocionais desse consumidor.

A/o designer não concebe uma coleção para humanidade inteira, ela/ele cria para um determinado público, que denominamos público-alvo. Ela/ele tem que estar atendida/atenado com aquele público, ela/ele tem que saber de tudo que ocorre com ele, ela/ele tem que entender todos os problemas sociais, políticos, econômicos, e emocionais que estão ocorrendo com aquele público, e é baseado nesse conhecimento que surge a temática a ser trabalhada, ela resulta dessas análises. A escolha do tema da coleção parte daí. Escolhido o tema, essa temática que lhe deu origem tem que ser estudada e dissecada em seus mínimos detalhes. Só depois desse mergulhar na temática é que surge a inspiração para idealização das peçoas de uma coleção. Queiroz pontua:

Da inspiração surgem a cartela de cores, as formas, os volumes, os comprimentos, os materiais e os padrões da coleção. Os traços em comum desses elementos é que farão com que o conjunto dos produtos possa ser realmente uma coleção. Na hora de comunicar para o cliente é preciso não perder esses elementos, já que eles fazem a diferença, distinguindo uma coleção de outra. É o que acontece com o desfile: ele precisa transmitir a essência desse processo de escolha do tema, da pesquisa ao processo de criação. (QUEIROZ, 2014, p. 28).

Esse entendimento precisa ficar muito nítido para as/os futuras/futuros designers, ser uma/um designer de moda demanda muito estudo, as/os designer precisam ficar sempre atentas/atentos a tudo que ocorre na sociedade. Tem que ser uma pessoa atendida, como costumamos dizer, e estar disposta a mergulhar fundo em uma temática quando se fizer necessário. Feito isso, peçoas idealizadas, material adquirido, modelagens prontas, roupas cortadas, costuradas, bordadas etc. se necessário, é a hora de partir para a construção do desfile.

#### 3.4.4 A construção do desfile

Peçoas idealizadas, elas precisam ser visualizadas e entendidas por toda equipe, pois um indivíduo sozinho não constrói um desfile, ele precisa de auxiliares. A ideia é rabiscada, passada para o croqui, um esboço da peçoas, o desenho; em seguida, se estivermos trabalhando para uma empresa, esse croqui dá origem ao desenho técnico da peçoas (numa oficina, essa etapa pode ser suprimida) no qual serão explicados todos os detalhes da peçoas. Em seguida, esse desenho

técnico e o croqui são enviados para modelagem, em seguida para costura. Terminada a costura e feitas as provas necessárias na/no modelo, a peça estará pronta para o desfile.

Aqui começa realmente o processo de construção do desfile: escolha do local, de acordo com a necessidade e posses do estilista, ou da empresa, de acordo com cada caso; tipo de desfile, se em uma passarela ou uma performance. Precisa ser feito o orçamento de todo o trabalho: passarela, iluminação, som, trilha sonora, casting ou elenco, camarins e suas estruturas, cabelereiros e maquiadores, acessórios de acordo com as peças e a temática, fotógrafos, pessoal de filmagem.

Precisamos também fazer um roteiro, uma lista de convidadas/convidados, e aqui, uma atenção especial para imprensa; escrever o release da coleção, escolher pequenas lembranças para as/os convidadas/convidados especiais, lanches para modelos e trabalhadoras/trabalhadores, pois estas/estes ficam muito tempo nesse processo de preparação. Não se pode esquecer de um kit de primeiros socorros e telefone de serviços especiais de atendimento médico (Ex. Serviço de Atendimento Móvel de Urgência-SAMU) pois é comum pequenos acidentes, e é um momento de muito stress.

Tudo pronto, é torcer para que tudo ocorra a contento, que o desfile seja um sucesso, e que a repercussão do trabalho seja positiva. Falamos de forma sucinta de todo o processo de construção de um desfile de moda, nos resta agora pontuar como pode a prática educativa se interseccionar com a moda e a afrodescendência.

### **3.5 A intersecção entre prática educativa, moda e afrodescendência**

Existem outras formas com certeza, mas a escolhida foi o desfile. O desfile de moda, em um curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, como é caso em estudo, é uma prática que, como vocês são capazes de imaginar pelo descrito acima, envolve muitas práticas trabalhadas durante todo o curso (aqui a/o discente não vai a uma loja escolher peças com tais e tais características, ela/ele vai colocar a mão na massa, vai idealizar a peça, passar essa ideia para o papel, pode ser apenas um rabisco ou se ela/ele tiver domínio do desenho, um belo croqui, modelar a peça, cortar, costurar e o mais importante, antes de idealizar a peça, mergulhar fundo na temática, para que a /ou as peças que passem pela passarela representem com fidedignidade a temática escolhida), todo esse trabalho funciona como uma espécie de revisão de tudo que é ensinado durante todo o curso. A estudante ou o estudante tem que ter domínio de praticamente todo o curso para ser capaz de idealizar um desfile ou, mesmo junto com a/o professora/professor e outras/outros colegas, construir um. É um aprendizado construído ao

longo do processo. Tudo o que foi dito acima é um conjunto de práticas humanas, portanto práticas educativas. Dentre as solicitações a serem viabilizadas pela/pelo discente, mergulhar fundo na temática, no caso, esmiuçar tudo a respeito de africanidades/afrodescendência.

Quando foi idealizado um desfile com a temática afro, que essas/esses discentes iriam construir da idealização das peças e acessórios até a passarela, a primeira coisa que essas/esses estudantes e a/o professora/professor tiveram que fazer foi mergulhar fundo na temática – toda a história das/dos nossas/nossos ancestrais africanas/africanos e das/dos afrodescendentes brasileiras/brasileiros viria à tona (como aqui chegaram essas/esses africanas/africanos escravizadas/escravizados, os motivos que as/os levaram a serem escravizadas/escravizados, qual a situação que se encontram suas/seus descendentes e o porquê dessa situação, que heranças culturais foram aqui deixadas, como isso é trabalhado). Fica nítida essa intersecção, moda, afrodescendência e a prática educativa, no caso a prática educativa formal de um curso superior de Moda. Como isso foi desenvolvido, é o que vamos mostrar a seguir.

#### **4. ALINHAVOS DA COSTURA: MODOS DE FAZER DO CURSO DE EXTENSÃO**

Nessa parte do texto, vamos colocar o que foi programado para cada aula (as cinco primeiras referentes ao estudo da temática e que se encontram no caderno de anotações da pesquisadora) e em itálico algumas colocações feitas pelas/pelos discentes durante o curso, nas anotações do caderno memorial, anotações do caderno memorial da coordenadora do curso, referente às rodas de conversa e ou aos questionamentos feitos durante a pesquisa.

##### **4.1 Como foi pensado e trabalhado o curso de extensão: a Pesquisa Oficina**

Quando o curso de extensão, intitulado “Atelier de Práticas Educativas: o que se aprende com um desfile de moda afro?” foi pensado, imaginamos um ambiente diferente dos laboratórios de costura tradicionais. O que vinha à nossa mente era um espaço alegre, cheio de cores, simples, o mais barato possível. Pensamos também em um local em que esses discentes pudessem ser estimulados em todos os sentidos, um lugar em que cada pedacinho remetesse à nossa ancestralidade, por isso a escolha do Memorial Esperança Garcia, um espaço que tem na sua história passagens por uma antiga fazenda colonial, depois uma escola que levava o nome de Domingos Jorge Velho, um dizimador de africanos escravizados e índios, que, depois de muita luta, se transforma em Memorial Zumbi dos Palmares e, em 2017, depois de uma reforma, passa a se chamar Memorial Esperança Garcia, uma escravizada já nascida no Piauí que, em 1770, faz uma carta petição, reclamando dos maus tratos sofridos por ela, seus filhos e companheiros de lida. Em virtude de tal carta, ela é considerada a primeira advogada do Piauí, recebendo tal título em 2017, do Conselho Estadual da Ordem dos Advogados do Brasil, a pedido da Comissão da Verdade da Escravidão Negra da OAB-PI (GUMIERI, 2017).

No curso de extensão pensado, submetido à apreciação do IFPI/CTZS, enxergamos na forma de trabalhá-lo uma metodologia diferenciada, que intitulamos, por uma questão de organização do trabalho e de forma metafórica, de Metodologia Oficina. Nossa preocupação com o desenvolvimento de tal metodologia, naquele momento, ocupava nossa mente, pois estávamos apostando em um trabalho diferenciado. Ela estava assim estabelecida:

1. ESTÉTICA DO ESPAÇO – O impacto do ambiente e a proteção do corpo-costurador;
2. PALETA DE CORES – do fio singelo à "capulana" com cores "puras";
3. AS COSTURAS – prática educativa do fazer aos afetos da passarela com corpos-desfilantes;

4. EM VOLTA DA MESA – rodas de conversa com aberturas de corpos-narradores;
5. O BANQUETE DE "L'HO" – entre milhos, paçocas e feijões na costura dos santos com os corpos-celebrantes (gênero, raça e classe no trabalho).

O que pretendíamos dizer com cada item dessa metodologia? O que estávamos denominando de estética do local, de paleta de cores, de costuras, em volta da mesa e banquete de l'ho?

1. ESTÉTICA DO ESPAÇO – o impacto do ambiente e a proteção do corpo-costurador: Nesse momento da costura (projeto de extensão) fizemos uma preparação ambiental do espaço de forma acolhedora e diferenciada esteticamente para receber as/os partícipes. Aproveitamos também para apresentar os materiais (kits) escolhidos e confeccionados para cada uma/um poder trabalhar. Pensamos também na proteção e na higiene dos corpos-costuradores.
2. PALETA DE CORES – do fio singelo à "capulana" com cores "puras": Neste tópico, desenvolvemos o planejamento de cada design das peças. O tecido oferecido para os/as partícipes era tecido de saco branco, o que limitava bastante a idealização dessas roupas, pois elas/eles teriam que tingir, pintar, bordar, usar serigrafia, pois nem a sublimação, uma técnica de estamparia muito usada na atualidade, elas/eles poderiam usar, pois tal técnica só é possível em tecidos sintéticos. Daí a expressão do fio singelo à "capulana" com cores "puras". Tecido de saco é feito com fio singelo, ou seja, é feito com fio não torcido. Já a capulana, patrimônio cultural moçambicano, é um pedaço de tecido retangular, muito colorido, no qual são utilizadas diversas estampas, e é fabricado de diversos tecido e em diferentes dimensões. As capulanas lembram as famosas cangas brasileiras (BELÉM, 2016). Sair do fio singelo e chegar à capulana foi transformar aqueles tecidos de saco branco em tecidos tão atraentes quanto as capulanas, usando cores puras, ou cores primárias, aquelas que não podem se decompor em outras cores.
3. AS COSTURAS – prática educativa do fazer aos afetos da passarela com corpos-desfilantes: Essa parte do projeto de extensão foi desenvolvida com a preparação de modelagens diferenciadas para cada pessoa que desfilou, a costura detalhada de cada peça, bem como a preparação de toda a performance do desfile na passarela, onde esses corpos-desfilantes passaram. Cumpre aqui ressaltar que a nossa opção foi por um desfile em que os corpos-desfilantes eram pessoas comuns e não manequins preparadas para o mundo da moda europeizada. Brilharam na passarela

afrodescendentes, brancos, gordos, magros, cadeirantes, pessoa com síndrome de Dawn, pessoas de todos os gêneros e idades.

4. 4. EM VOLTA DA MESA – rodas de conversa com aberturas de corpos-narradores: Essas Rodas de Conversa, que se iniciaram com elementos disparadores desenvolvidos em volta da mesa, trouxeram narrativas sobre o que cada corpo-costurador pensa sobre África, africanidades, afrodescendência e Moda Afro. Foram momentos em que alguns desses corpos buscaram, em suas memórias, passagens de suas vidas, e as trouxeram para a discussão no grupo, passagens por situações até certo ponto impensáveis, e que são até corriqueiras, na vida de afrodescendentes nesse país tão castigado pelo racismo estrutural.
5. O BANQUETE DE "L'HO" – entre milhos, paçocas e feijões na costura dos santos com os corpos-celebrantes (gênero, raça e classe no trabalho): Os corpos-celebrantes são aqueles que, durante todo o processo, fizeram parte do projeto de extensão, e que compartilharam saberes e suas experiências. Assim, nas horas de lanche (intitulado por essa metodologia Banquete de L'ho) com comidas que nos remeteram a culturas afrodescendentes, existiu a preocupação de trazer para esses lanches as chamadas comida de santo. Foram bolos de fubá, pipocas, milho etc., comidas típicas da nossa culinária e que têm sua origem nos hábitos alimentares de nossos ancestrais, tão bem retratadas por Manoel Querino<sup>5</sup>, na terceira parte de seu livro **Costumes Africanos no Brasil**. Nesses momentos, tivemos partilhas de conversas que instigaram falas sobre quem somos nesse processo de conhecimento. Discussões sobre raça, gênero e classe afloraram nesses diálogos.

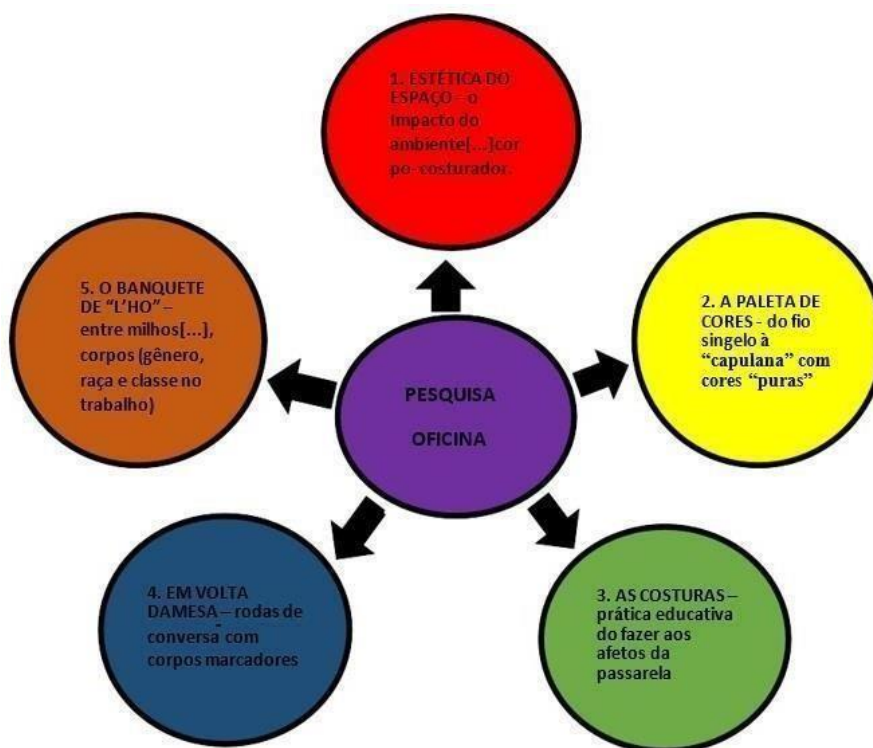
---

<sup>5</sup> Manuel Raimundo Querino nasceu no 28 de julho de 1851, em Santo Amaro, BA. A sua infância foi atribulada, como aliás toda a sua vida. A epidemia de 1855, em Santo Amaro, levou-lhe os pais. Foi confiado aos cuidados de um tutor, o professor Manoel Correia Garcia, que o iniciou nas primeiras letras. Dedicou muito de seu tempo e energia a estudos históricos, em particular à pesquisa e ao registro das contribuições dos Africanos ao crescimento do Brasil. Esses estudos tinham dois objetivos. Por um lado, ele queria mostrar a seus irmãos de cor a contribuição vital que deram ao Brasil; e por outro desejava lembrar aos Brasileiros da raça branca a dívida que tinham com a África e com os afro-brasileiros

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/manuel-querino/> Acesso em 20 de nov. de 2021.



**Figura 7 – Mapa Conceitual do Projeto**



Fonte: Produção da pesquisadora, 2021.

A partir desses movimentos do projeto de extensão, fizemos análises que serão descritas nos próximos capítulos. Cumpre aqui pontuar, mais uma vez, que todas as atividades do curso de extensão “Atelier de Práticas Educativas: o que se aprende com um desfile de moda afro?”, seguiram rigidamente o acima descrito. A Figura 7, acima, ilustra bem essa metodologia.

#### **4.2 A escolha do local e o porquê dessa escolha**

Escolhemos o Memorial Esperança Garcia para o desenvolvimento dessa atividade de extensão por alguns motivos, dentre eles sua localização central, o que muito facilitou o deslocamento das/dos alunas/alunos nos finais de semana (sábados), pois a frota de ônibus é reduzida. Um outro motivo que nos levou a essa opção foi a questão de laboratórios, pois os laboratórios do IFPI/CTZS estavam ocupados aos sábados e, finalmente, um terceiro motivo foi o Memorial em si mesmo, por ser uma casa cultural de apoio à cultura africana e afrodescendente, uma casa que é uma referência dessa cultura, que traz consigo o peso do nome de Esperança Garcia, que, como já foi mencionado acima, foi uma escravizada que conseguiu o título de primeira mulher advogada do Piauí.

O Memorial ainda possui um pátio cujo nome é Zumbi dos Palmares, o primeiro nome dado ao espaço. Nesse pátio estão estampadas as imagens reais e/ou fictícias de algumas lutadoras e lutadores nacionais e/ou internacionais que batalharam em prol dos direitos das/dos descendentes da diáspora negra, conforme podemos ver na Foto 1:

**Foto 1 – Aula inaugural – Discentes visitam pátio do Memorial Esperança Garcia**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

Dentre as muitas figuras estampadas no pátio estão as piauienses Jacinta Andrade – vítima de feminicídio; Francisca Trindade – deputada que muito trabalhou em prol da população afrodescendente e dos menos favorecidos; o piauiense Júlio Romão – intelectual afrodescendente; Mãe Beata de Iemanjá – a menina que sofreu na escola, o que hoje chamamos de bullying quando sua professora vociferou: “onde já se viu anjo preto”; a militante Lélia Gonzalez; Luiza Bairros, entre outras, e cujas biografias foram entregues às/aos participantes desse curso em sua aula inaugural, e que se encontram no Apêndice A.

A simples visita ao pátio do Memorial e a visita às exposições Xirê dos Orixás e Lélia Gonzalez, conforme ilustrado na Foto 2, já foi o suficiente para deixar os/as alunos/alunas bem impactados/impactadas. Em seguida, eles/elas foram convidados/convidadas a conhecer a oficina preparado para recebê-las/recebe-los, local onde iríamos trabalhar a inspiração, modelagem e construção das peças para o desfile.

A visita às duas exposições foi muito significativa para essas/esses discentes, que de vez em quando citam o nome da ativista Lélia Gonzalez, e três dessas/desses participantes se inspiraram nos orixás para a idealização de suas peças. A Foto 3, também abaixo, ilustra o momento da visita a oficina.

**Foto 2 – Discentes visitam a exposição Xirè dos Orixás**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

No momento da visita, as/os alunas/alunos foram informadas/informados de como seria desenvolvido o trabalho de construção das peças, que cada uma iria criar uma peça para uma determinada pessoa com tais e tais características (afrodescendente, branca, gorda, síndrome de Dawn, cadeirante, albino etc.). Essas peças teriam que ter uma referência da cultura afro-brasileira, a qual denominamos moda afro. Elas/eles foram informadas/informados, também, de que teriam seis encontros durante os quais iríamos tratar da temática e do processo de inspiração, bem como de que o desenvolvimento dessa temática seria em rodas de conversa com elementos disparadores dessa discussão.

**Foto 3 – Discentes visitam a oficina onde serão construídas as peças para o desfile**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019.

Elas/eles receberam, naquele momento, um caderno (Foto 4 abaixo) no qual deveriam ser anotados todos os dados significativos de cada aula, e que a coordenadora do curso de extensão também teria um caderno no qual anotaria o desenvolvimento de cada encontro, e outras questões significativas para o trabalho.

Combinamos também que os encontros seriam fotografados por um companheiro do grupo de estudos Roda Griô, Wendel Aguiar, que se comprometeu em estar presente a todos os encontros, e o/as participantes assinaram documento disponibilizando as imagens para uso nesse trabalho e em outros projetos acadêmicos. Escolher o Memorial Esperança Garcia para o desenvolvimento desse trabalho foi muito importante, em primeiro lugar pela riqueza cultural e também pela história que tem esse local, uma antiga fazenda que mais tarde se transforma em uma escola com o nome de Domingos Jorge Velho, um dizimador de escravos e índios. Depois, mais precisamente por força da ferrenha luta do movimento negro, se torna um centro de cultura com o nome de Memorial Zumbi dos Palmares. Em 2007, depois de uma reforma promovida pelo estado, passa a se chamar Memorial Esperança Garcia.

**Foto 4 – Cadernos memoriais entregues no primeiro encontro a todas/todos**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

### **4.3 A descrição das aulas**

Nessa parte do trabalho vamos pontuar, com mais detalhes, os seis primeiros encontros que foram reservados para tratarmos da temática, o que é praxe quando se trata de construir uma coleção para um desfile de moda. Começamos com a apresentação do Memorial e na oportunidade elas/eles receberam uma pequena biografia de todas as personagens estampadas nas paredes da casa.

#### 4.3.1 Primeiro encontro – apresentação do Memorial Esperança Garcia

No nosso primeiro encontro, no dia 13 de julho de 2019, tivemos como interlocutora a professora Dra. Valdenia Pinto de Sampaio Araújo, que falou da importância de um curso como esse para as/os discentes de um Curso Superior em Design de Moda e para a sociedade em geral. Alguns dias antes do término do curso, é essa a impressão de uma/um dos/das participantes:

*Extrato das narrativas Lápis*

---

O curso teve um grande impacto sobre mim, até mesmo sobre o olhar de um filme que antes eu já havia assistido várias vezes. Eu tenho certeza que quando o assunto é bem ministrado ele é capaz de chegar ao coração de qualquer pessoa. Seria muito bom se esse conteúdo tão importante fosse considerado como uma matéria disciplinar desde o ensino infantil. Com certeza daqui a 20 anos teríamos um Brasil diferente e muito. Pode ser que um ato de racismo fosse visto uma vez por outra, mas diferente de hoje, os defensores seriam maioria em vez dos opressores (Lápis, out. 2020).

Contamos ainda com a presença e colaboração da Coordenadora do Memorial Esperança Garcia, Antônia Aguiar, e sua irmã, Assunção Aguiar, ativista do grupo Coisa de Nêgo, que apresentaram para todas/todos as/os presentes todas as dependências da casa. Tiveram a preocupação de nos mostrar uma por uma todas as figuras ilustres do movimento negro estampadas nas paredes do Memorial (Esperança Garcia, Júlio Romão, Mãe Beata de Iemanjá, Martin Luther King, Malcolm X, Jacinta Andrade, Negro Cosme, Lélia Gonzalez, Bob Marley, Preto Góez, Índio Mandu Ladino, Nelson Mandela, Francisca Trindade, Luiza Bairro, entre outros); falaram a respeito das figuras que dão nome às várias salas (salas de oficinas: Solimar Oliveira Lima, Ruimar Batista e Valdemar Santos Aqualtune; sala de exposição : Francisca Trindade; sala de informática: Lélia Gonzalez; sala de cinema: Pai Oscar de Oxalá; biblioteca: Júlio Romão; auditório: Clóvis Moura; cantina: Mãe Maria de Angola). Participaram desse momento de abertura das atividades algumas/alguns convidadas e convidados, pessoas ligadas a essa pesquisadora e amigas/amigos de trabalho.

Nos dois pátios do Memorial Esperança Garcia existem pinturas homenageando pessoas que lutaram por condições dignas de vida para o povo afrodescendente em solo brasileiro e também fora do Brasil. No nosso primeiro encontro, depois da palestra inicial proferida pela professora Dra. Valdenia, todas/todos as/os discentes foram convidadas/convidados a conhecerem as dependências da casa. Esse passeio foi orientado, como já pontuamos acima, pela coordenadora do memorial. Essas/esses discentes receberam na ocasião a biografia de todas

as figuras ilustres ali homenageadas. Algumas/alguns, muito conhecidas/conhecidos, outras/outros nem tanto, daí a nossa opção por colocar essas biografias no Apêndice A.

#### 4.3.2 Segundo encontro – África e Áfricas: os riscos de uma história única

No nosso segundo encontro do curso de extensão, a responsabilidade por conduzir as atividades do grupo ficou por conta da professora mestra e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Letícia Carolina, a primeira professora trans dessa instituição de ensino superior. Ao apresentar a professora Letícia, o impacto sobre as/os discentes foi muito grande e elas/eles não conseguiram disfarçar esse desconforto, nem para a coordenadora do curso, nem para a professora Letícia.

Foi então que a professora Letícia, com toda a tranquilidade, se dirigiu ao grupo e pontuou “que eles estavam corretos de estranhar a presença dela naquele ambiente”, pois, segundo ela, “o lugar que essa nossa sociedade reserva para os homens e mulheres trans não é a academia, muito menos a cátedra de um curso superior, e sim a prostituição” (informação verbal)<sup>6</sup>. Naquele momento, a professora Letícia abria as portas dos corações daquelas/daqueles discentes, e lá se alojava para sempre. Não preciso nem falar que o restante do encontro foi de total atenção e participação efetiva de todas/todos. Um/uma das participantes relata o seguinte:

#### *Extrato das narrativas Linha*

---

Todos os encontros foram importantes para nossa vida e para o desenvolvimento do trabalho. Mas o segundo encontro com a professora Letícia foi espetacular, no entanto não fiz nenhuma anotação, estava extasiada na aula, não queria perder uma só palavra do que a professora estava falando (Linha, 2020).

A professora Letícia (Foto 5, abaixo) usou, como recurso para o desenvolvimento da temática e como elementos disparadores, dois vídeos, “Chimamanda Ngozi Adichie: O perigo de uma história única”<sup>7</sup> e “Berberes de Marrocos – o povo original do país”<sup>8</sup>. No primeiro vídeo, Adichie chama a nossa atenção para os riscos de ouvirmos uma história contada apenas por um

---

<sup>6</sup> Fala da professora Letícia Carolina Pereira do Nascimento, antes de iniciar a aula, 2019

<sup>7</sup> Disponível em:

[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt). Acesso em: 4 nov. 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AnzLCu-ycig>. Acesso em: 4 nov. 2020.

dos lados. No segundo vídeo, pessoas brancas, cantando músicas que em nada nos fazem lembrar os africanos da diáspora negra – africanos do deserto.

### Foto 5 – Professora Letícia Carolina



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

Em seu vídeo, Adichie nos fala, em seu vídeo, do grande risco que corremos quando ouvimos apenas um dos lados da história; de forma contundente, trazendo exemplos pessoais, ela nos mostra que muitas vezes o nosso entendimento a respeito de um determinado assunto é truncado porque nossas informações partem de um único lado. Essas/esses estudantes tiveram a oportunidade de desconstruir o que durante anos foi construído na nossa cabeça: que o continente africano tem uma fauna e flora exuberantes, mas exatamente por isso na África só existe selvageria.

O segundo vídeo desconstrói a ideia de que a cultura africana é a mesma em todo o continente, de que na África só existem homens e mulheres negras. Esses povos aqui retratados são africanos brancos, são nômades e cantam uma música completamente diferente das músicas africanas que costumamos ouvir. Usam vestes de cores claras que mais lembram os gregos. Não estamos fazendo nenhum juízo de valor com relação a essa ou àquela cultura, apenas pontuando que dentro de um mesmo continente as culturas são diferentes, o que comprovam os riscos de uma história única.

A roda de conversa não foi muito longa, o tempo foi gasto mais em informações sobre o caldeirão cultural que é a África com os seus 56 países, ocupando aproximadamente 20% do total da massa terrestre e com uma superfície de aproximadamente 30 milhões de km<sup>2</sup>, separado da Europa pelo Mar Mediterrâneo e da Ásia pelo Mar Vermelho, mas liga-se a ela por meio de sua extremidade nordeste, o Istmo de Suez. A África se subdivide em duas partes ao norte e ao

sul do Deserto do Saara, África Subsaariana e ao norte, o Magreb, que, em árabe, significa ocidente (VISENTINI; RIBEIRO; PEREIRA, 2013).

Os/as estudantes, ao final da explanação, em roda de conversa, fizeram alguns questionamentos sobre as diferenças culturais na África, o que para a maioria delas/deles era uma novidade. Trouxeram para roda algumas situações em que uma mentira é contada tantas vezes que ao final se transforma em uma “verdade”.

#### 4.3.3 Terceiro encontro – Diáspora Africana

Nesse encontro, a colaboradora contactada, por motivos pessoais, teve que faltar. Levamos para turma dois vídeos, “África em nós”<sup>9</sup> e “A escravidão na História e na África”<sup>10</sup>, ambos de Alberto da Costa e Silva, africanista, diplomata, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), filho do nosso poeta maior da cidade de Amarante, Da Costa e Silva. No primeiro vídeo, ele fala que, no Brasil, pouco se fala sobre a África, que durante muito tempo no Brasil esse continente era a selva do Tarzan, local das Minas do Rei Salomão, um lugar do qual se procurava a todo custo não pronunciar uma única palavra porque a África segundo ele: “Fazia parte do remorso brasileiros” (SILVA, s. n. t.).

No segundo vídeo, ele começa pontuando que todos nós somos descendentes de escravos, e de mercadores de escravos. Ele pontua que a escravidão na antiguidade sempre existiu e era praticada por todos os povos, por todas as civilizações, mas, com a chamada “diáspora negra”, pela primeira vez na história da humanidade a escravidão é racializada, isto é, baseada no conceito de raça. Ele explica que era oportuno escravizar o negro, oportuno pela sua diferença e pela distância de sua terra. Pontua também os principais locais de onde vieram esses africanos escravizados. Fala da importância dos povos iorubás e o porquê dessa importância. Durante a roda de conversa, a temática foi em torno dos costumes desses povos, principalmente no que tange à alimentação, religião e vestuário.

#### 4.3.4 Quarto encontro – Estatísticas a respeito da situação dos afrodescendentes brasileiros.

Nossas convidadas para essa atividade foram as participantes do Movimento Negro Piauiense, Haldaci Regina e Assunção Aguiar. Levamos para o grupo um PowerPoint com três

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gE-9fm5yJFA>. Acesso em: 4 nov. 2020.

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Dn\\_2Rlo4QJc&t=144s](https://www.youtube.com/watch?v=Dn_2Rlo4QJc&t=144s). Acesso em: 4 nov. 2020.



vídeos, um da pesquisadora Dra. Suely Carneiro, “Lázaro Ramos entrevista Sueli Carneiro / Programa Espelho”<sup>11</sup>, no qual ela pontua o que vem a ser epistemicídio; e um outro vídeo “Caminhos da Reportagem / O negro no Brasil”<sup>12</sup>, que pontua a situação das/dos afrodescendentes no Brasil.

Os vídeos foram importantes para mostrar a situação do povo afrodescendente, mas a fala da professora Haldaci, quando essa traz para o grupo situações de racismo dentro da sua própria família, envolvendo o sistema penitenciário brasileiro, deixou o grupo muito impactado, e o cerco se fecha quando a militante do Movimento Negro e uma das fundadoras do grupo afro Cultural “Coisa de Nêgo” convoca essas/esses estudantes a tentarem sentir na pele o que ela sente quando ela, afrodescendente bem retinta, cabeleira crespa enorme, adentra os restaurantes finos de Teresina, que, forçada por sua militância, é muitas vezes obrigada a frequentar. Todos os olhares se voltam para ela como a dizer: “sai, esse não é o seu lugar”. Ela questiona: “Será que se eu fosse branca, mesmo pobre, seria olhada dessa forma?”

Terminamos a aula ao som da música “Cor”<sup>12</sup> de Douglas Campos, afrodescendente, cantor e compositor carioca. Sobre a música ele pontua: “No vídeo de hoje trago uma de minhas composições que me arrepia e fala comigo profundamente. Espero conseguir transmitir toda essa emoção com o empoderamento dessa música africana sobre racismo”<sup>13</sup>. (CAMPOS, 2017 n. p.).

### COR

A cor da minha pele  
 Não te diz quem sou  
 O meu cabelo crespo  
 Não te diz quem sou  
 O que eu visto no corpo  
 Não te diz quem sou  
 Quanto eu levo no bolso  
 Não te diz quem sou  
 Quem sou

Restos de um passado esquecido eu sou  
 Marcado pela mão branca do opressor estou  
 Lutando em meio ao caos da ignorância vou viver  
 Restos do Pelourinho pesado e sofrido eu sou  
 Marcado pelo açoite ao pé do tronco estou

<sup>11</sup>Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KKWhDkulnMA&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=KKWhDkulnMA&feature=emb_logo). Acesso em: 4 nov. de 2020

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EadJFSGWfKc>. Acesso em: 4 nov. 2020.

<sup>13</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Su3v3yYwbQY&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=Su3v3yYwbQY&feature=emb_logo). Acesso em: 4 nov. 2020.

Lutando pela inserção nessa nação que não me vê  
 Restos do Quilombo perseguido eu sou  
 Marcado pelo ardor da escravidão estou  
 Lutando pela aprovação da pele preta sem ceder  
 Eu sou  
 O choro  
 Que chora a cor  
 Linda cor eu sou

A cor da minha pele  
 Não te diz quem sou  
 O meu cabelo crespo  
 Não te diz quem sou  
 O que eu visto no corpo  
 Não te diz quem sou  
 Quanto eu levo no bolso  
 Não te diz quem sou  
 Quem sou

Basta exclusão, discriminação  
 Racismo é um império sem chão  
 Basta a anarquia e a hipocrisia  
 Que a cor homogênea é padrão  
 Tire a mão branca, gelada da frente  
 Que eu quero passar com minha cor  
 Tire o discurso pesado da boca  
 Deus não te fez superior  
 Tire as mazelas que trazes na alma  
 Sua casca dissemina a dor  
 Tire a ilusão da escravização  
 O negro é o seu próprio senhor  
 Eu sou Mandela, sou Luther King  
 Sou Bob Marley, Zumbi  
 Sou Rosa Parks, Elza Soares  
 Eu luto pra não sucumbir  
 Mentas fechadas, atrofiadas  
 Buscando um antídoto a si  
 Presas no escuro  
 Em cima do muro  
 Ferem alguém sem sentir  
 Fora nazismo, racismo, fascismo  
 O "ismo" é um grito no abismo  
 Fora machismo, um podre modismo  
 Eu quero cantar

A cor da minha pele  
 Não te diz quem sou  
 O meu cabelo crespo  
 Não te diz quem sou  
 O que eu visto no corpo  
 Não te diz quem sou  
 Quanto eu levo no bolso  
 Não te diz quem sou  
 Quem sou

(CAMPPPOS, 2017, n. p.)

#### 4.3.5 Quinto encontro – Filme: Pantera Negra

No nosso quinto encontro, de comum acordo, mudamos o horário das atividades, pois os/as participantes, em sua maioria, tinham uma atividade escolar fora de sala de aula. Trabalhamos pela manhã de oito ao meio-dia. Foram convidados todos os nossos colaboradores e colaboradoras, pois depois do filme iríamos todas/todos juntas/juntos saborear uma boa feijoada. A proposta de assistirmos e discutirmos o filme tinha o intuito de mostrar uma visão diferente do povo africano, em especial do povo de Wakanda, nome fictício de um país africano e, também, o belíssimo figurino.

Na roda de conversa que se seguiu e durante o almoço (Foto 6), muitos/muitas participantes pontuavam como o filme desconstruía a história única contada por nossos colonizadores a respeito do continente, em especial da região ao sul do Deserto do Saara, berço das nossas e dos nossos ancestrais. Estavam maravilhadas/maravilhados com a nova história e é óbvio, a maioria afrodescendente se sentia representada por aqueles reis e rainhas fortes, batalhadoras/batalhadores, belas/belos, muito bem-vestidas/vestidos. Foi uma manhã especial. Rostos alegres, dispostos, felizes.

**Foto 6 – Filme Pantera Negra: Exibição, discussão e confraternização**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

#### 4.3.6 Sexto encontro – Visita ao sítio oficina de Hostyano Machado

Terminada a primeira parte do nosso trabalho para a construção da coleção de peças e acessórios para o desfile de moda afro, era a hora de enfrentarmos a segunda parte, a idealização das peças. Ocorreu-nos que seria interessante que essas/esses estudantes fossem fazer uma visita

a um profissional que, como elas/eles, também fizesse uso em seus trabalhos de uma coisa chamada inspiração. Contactamos com o artista plástico Hostyano Machado, que possui um sítio oficina e esse de pronto concordou em receber o grupo em seu ambiente de trabalho.

Hostyano Machado é piauiense, nascido no entorno da capital, na pequena cidade de União, a apenas 64 km de Teresina-PI. Como afirma Rivanildo Feitosa (2018, n. p.), “é um artista como poucos. Viaja da argila aos pinceis”. Em entrevista dada ao jornalista acima citado, o artista afirma: “Passeio por todos os estilos. Tenho expressão própria e características próprias. Isto é o que diferencia Hostyano Machado. Tenho minha própria janela, hoje sou meu próprio cavalo” (MACHADO, 2018).

Em uma quente tarde teresinense, em pleno B-R-O-BRO (expressão comumente utilizada pelas/pelos piauienses para designar os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro, os mais quentes do ano), ele nos recebeu para uma tarde de muitos aprendizados. Pontuou para nossas/nossos discentes que a inspiração não é algo que aparece e se esconde gratuitamente. Ela é exigente. Exige de quem a quer possuir um trabalho árduo. Estudo, prática constante e o mais importante: o conhecimento da sociedade, da cultura na qual você está inserido.

Em um passeio por entre suas obras, espalhadas por todo o sítio, adentramos em uma imensa e oca bola de metal que será erguida para o alto de uma torre, o atual e ousado projeto do artista. Dentro da bola ele pinta imensos painéis. Perguntado sobre sua inspiração, ele foi enfático: a triste diáspora atual, o triste momento pelo qual o mundo está passando, essa luta por atravessar as fronteiras em busca de uma vida melhor fora do lugar onde você nasceu.

Outro momento muito significativo para um futuro designer, que, como o artista, se nutre de sua inspiração, foi o momento em que ele falou para as/os estudantes que todas as suas inspirações são anotadas no momento em que elas surgem. Essas inspirações podem ser aproveitadas hoje, amanhã, ou nunca, mas ficam ali à sua disposição, pois sua cabeça não consegue preservá-las para sempre. Apanhou o caderno cheio de rabiscos (Foto 7), explicou para o grupo alguns, e aí as/os estudantes conseguiram entender a importância dessas anotações, também sugeridas em um curso de Moda.

Foi uma tarde como poucas, muitas fotos, as/os estudantes queriam captar cada cantinho do sítio e o clic dos celulares não parava um segundo. Lanchamos bolos e sucos em companhia

**Foto 7 – Momento em que o artista mostra seu caderno de inspirações**



Fonte: João Paulo Brito, 2019

do artista e saímos de lá com uma leveza na alma e muitos conhecimentos a serem utilizados em nosso dia a dia. Abaixo, na foto 8, alguns momentos captados por nosso colaborador, Wendel Aguiar.

**Foto 8 – Visita ao Sítio Oficina de Hostyano Machado**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

#### 4.3.7 Sétimo e demais encontros

Tais encontros foram reservados para as aulas de assuntos extremamente técnicos. Tivemos um encontro no qual as/os estudantes fizeram um exercício conhecido como tempestade de ideias, com a intenção de estimular a criatividade. Logo depois desse exercício, foram sorteadas as pessoas para as quais essas/esses participantes iriam confeccionar a peça, era entregue para o/a participante uma foto com o nome e a responsável, depois foi de um/uma em um/uma falando um pouco sobre essa pessoa. Na aula seguinte, cada participante trouxe o seu rabisco inspiração, que passou pelas mãos de um participante do grupo, muito talentoso na arte de desenhar, e esses rabiscos foram transformados nos croquis das peças da coleção de moda afro. Os mesmos serão apresentados e analisados no processo da pesquisa, pois esses croquis resultaram nas peças que foram para passarela.

Sobre o desenho de moda, informamos que não se trata de um item obrigatório nos cursos de Moda. Muitas/muitos profissionais chegam a questionar sua validade. Doris Treptow, a esse respeito, pontua:

O croqui apresenta uma grande vantagem: a capacidade de visualizar as combinações entre as peças da coleção. Para os departamentos de marketing e vendas, que enxergam a coleção como um todo, o croqui é uma ferramenta importante, pois através dele (na postura dos manequins, no uso dos acessórios, nas combinações produzidas) é que o designer transmite a relação entre as peças isoladas e o tema da coleção (TREPTOW, 2013, p. 137).

No nosso caso, vamos utilizar o croqui para analisarmos a inspiração de todas as peças feitas durante o curso de extensão, que objetivava a apresentação de um desfile de moda com a temática afro, e, com isso, enxergar as aprendizagens construídas e ou desconstruídas com relação ao assunto.

Terminada essa parte, era o momento mais angustiante, transformar todas aquelas ideias em modelagens que seriam transportadas para o tecido, e só assim a ideia se transformaria em algo concreto, a peça. Foram dias de trabalho árduo e em grande parte fora do horário estabelecido para o curso. Contamos com a ajuda de algumas/alguns participantes que já dominam bem o processo de modelar. Utilizamos a modelagem plana como técnica na construção das peças que foram para a passarela (22 peças).

#### 4.3.8 Modelagem

*A modelagem está para o design de moda, assim como a engenharia está para a arquitetura (TREPTOW, 2003, p. 154)*

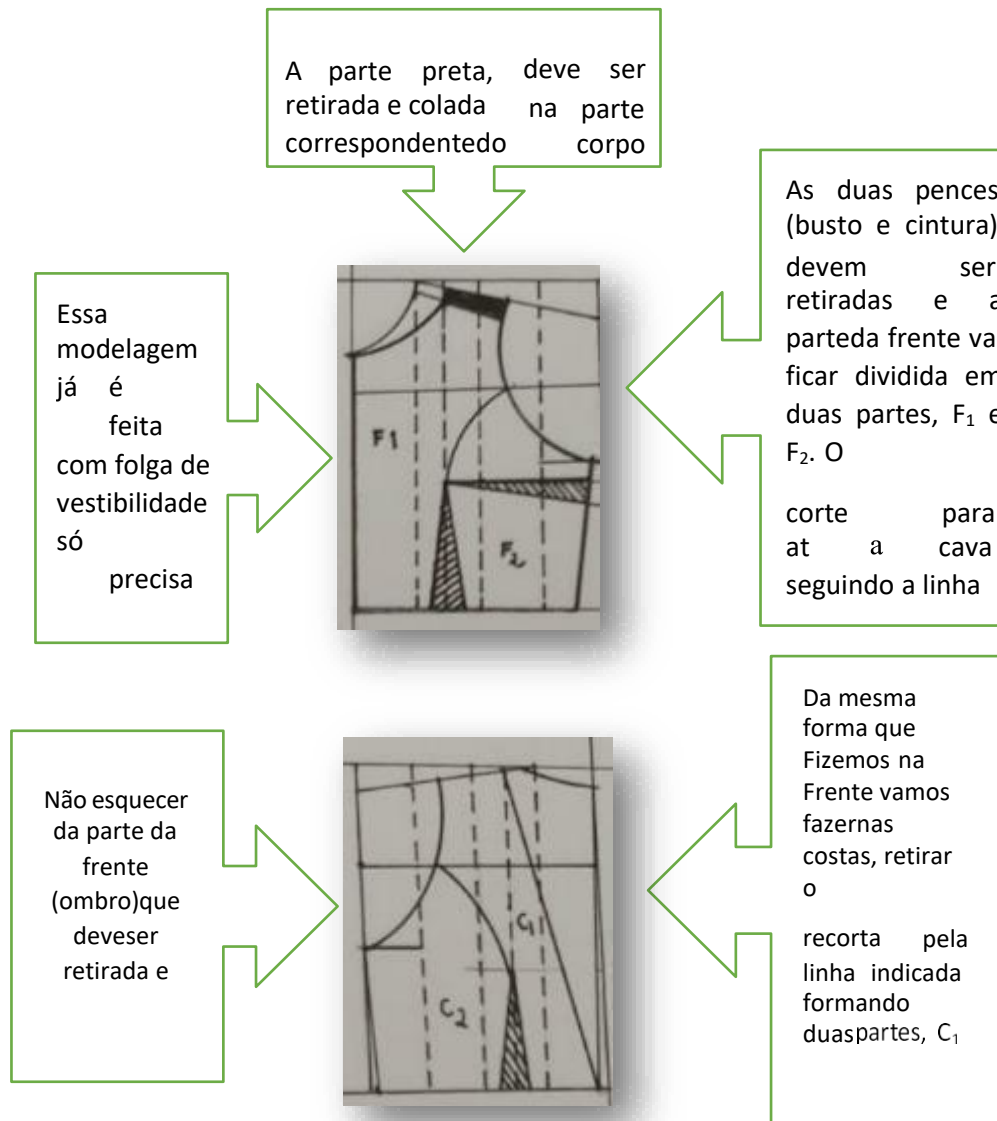
Mas o que significa mesmo modelar? Significa fazer o molde (em gesso, papel etc.) de alguma coisa; no caso do design de moda, fazer o molde de um corpo humano, que é um sólido geométrico (figuras geométricas que possuem três dimensões e, por isso, só podem ser definidas no espaço tridimensional); no caso da modelagem humana, para uso na construção de peças do vestuário, essa modelagem, depois de pronta, precisa ser planejada ou já ser feita planejada. Temos então dois tipos ou duas formas de fazer o molde do corpo humano: já planejada, a chamada modelagem plana (se faz utilizando as medidas desse corpo), e a modelagem feita no próprio corpo ou em uma representação deste (formas), a modelagem tridimensional. Utilizamos no nosso trabalho a primeira, a modelagem plana.

Transformar um pedaço de tecido em uma roupa, por ser uma prática antiga e corriqueira nos parece algo muito simples e de pouco valor, até porque nos remete a um saber prático, pouco valorizado em nossa cultura quase totalmente eurocêntrica. Precisamos entender o valor desse fazer. O professor Flávio Sabrá nos incita a pensar em sua importância quando afirma:

Transformar uma matéria têxtil em um objeto que envolve, protege, adorna e, até mesmo, altera a forma de um corpo, dando novos significados e sentidos a esse corpo, interferindo inclusive nas relações pessoais e sociais e nas representações sócio culturais é um processo que envolve muitos outros saberes. Se pensarmos o produto do vestuário como esse objeto repleto de significados e sentidos, modelar um tecido para envolver um corpo ganha uma importância e um significado dignos de estudo, reflexões e questionamentos, saindo daquele fazer prático e empírico, muitas vezes desvalorizado para um fazer pensado e estruturado em uma área específica do conhecimento. (SABRÁ, 2009, p. 14).

No Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do IFPI/CTZS, as/os alunas/alunos são, desde o início, orientadas/orientados a entenderem a importância da modelagem na construção de peças do vestuário, e trabalham intensamente as duas técnicas, pois elas se completam, e uma/um boa/bom designer tem que ter o domínio de ambas. Apenas a título de exemplo, vamos a seguir mostrar em miniatura, a modelagem do vestido da colaboradora Patrícia, inspiração de Esquadro que imaginou uma peça com decote alto na frente e um decote V acentuado nas costas. A saia de neugas favorece o visual da usuária e facilita o corte da peça pois o material utilizado (tecido de saco) tem apenas 60 cm de largura. Vejamos as modelagens:

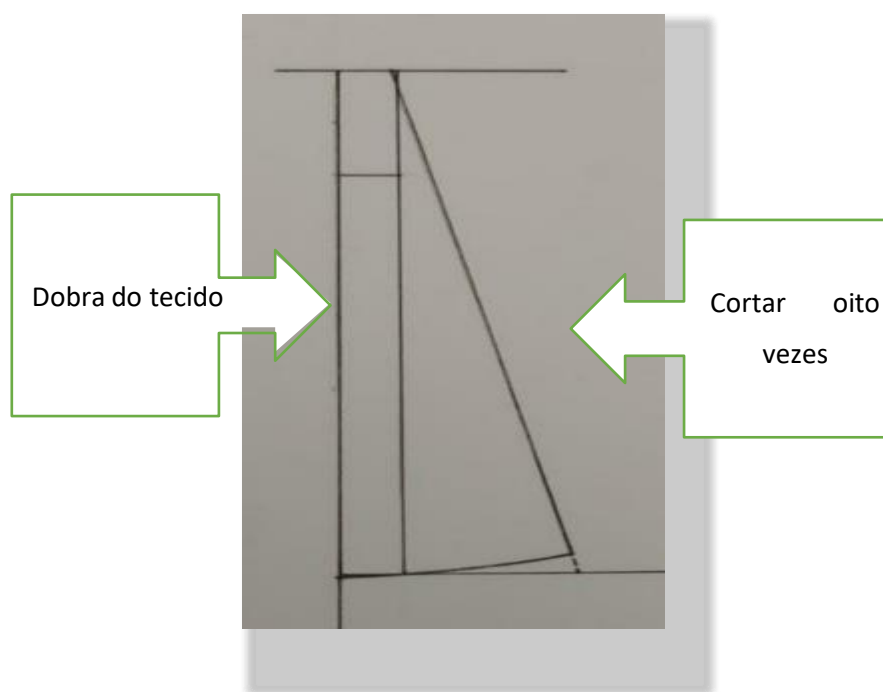
**Figura 8 – Corpo frente e corpo costas**



Fonte: Construção da pesquisadora, 2019

Parte importante em um curso superior de moda, o ensino da modelagem deve ser trabalhado durante todo o curso. No IFPI/CTZS, temos modelagem do primeiro ao último semestre do curso. Trabalhamos a modelagem plana, a modelagem tridimensional e a modelagem computadorizada. As modelagens que são apresentadas acima e logo abaixo, em miniatura, foram construídas pelo processo de modelagem plana, e as medidas utilizadas são um décimo das medidas reais. Em outras palavras, todas as medidas que foram feitas na pessoa para a construção do molde foram divididas por dez (exemplificando: o comprimento da saia desejado era de 0,95 m ou 95 cm que dividido por 10 resulta em 9,5 cm). O mesmo ocorreu com todas as outras medidas da pessoa.



**Figura 9 – Saia**

Fonte: Construção da autora, 2019

Não é nossa pretensão explicar aqui o processo de modelagem, entretanto, se alguém tiver alguma curiosidade em conhecer pode entrar no Bê a Bá da Costura pelo YouTube ou Facebook.

Na construção das peças do desfile, boa parte das modelagens foram feitas pelas/pelos alunas/alunos fora do horário das atividades, pois o tempo estava escasso. Acima, modelagens com explicações de aumentos e ou retiradas para se adequar ao modelo, entretanto não colocamos pontos e nem valores identificando as medidas, primeiro por uma questão de poluição visual e em segundo lugar por não se tratar de um trabalho específico para designers de moda.

#### 4.3.9 Tingimento

Tratamos também dos processos de tingimento das peças, de como iríamos trabalhar para imprimir muitos signos africanos, se usando apliques, pintura manual, bordados, entre outras técnicas. Em algumas peças usamos tingimento natural, entretanto, na sua grande maioria, os tingimentos foram feitos de forma caseira, usando os chamados tintois, tubos de tinta para tecido, industrializados. Tivemos a preocupação de usar a água tinta até o máximo

**Foto 9 – Discente faz tingimento**

Fonte: Wendel Aguiar, 2019

Na foto ao lado, aluna coloca o tecido mais uma vez na tinta para que esse assuma uma tonalidade de azul mais forte. A água com tinta foi aproveitada várias vezes para que o dano ambiental fosse o menor possível.

**Foto 10 – Tingindo uma outra peça**

Fonte: Wendel Aguiar, 2019.

**Foto 11 – Torcendo tecido após tingimento**

Fonte: Wendel Aguiar, 2019

Durante o processo de tingimento o tecido tem que ser mexido bastante para não ficar manchado, em seguida deve ser lavado em água corrente, ser bem torcido e levado para secar bem aberto e na sombra

**Foto 13 – Tecido é colocado para secar****Foto 12 – Pausa no trabalho para saborear melancia**

Fonte: Wendel Aguiar, 2019

As cores das roupas cobram um preço muito alto, pois poluem a natureza de forma muito intensa; os resíduos de tintas são extremamente maléficos a muitas formas de vida, por isso a preocupação com o descarte prematuro de peças do vestuário, sem contar, é óbvio, com a preocupação econômica. Fizemos possível para que o dano ecológico fosse menor. Foi um momento de grande reflexão para as/os nossas/nossos futuras/futuros designers, pois sentiram, no fazer, o quanto as tintas poluem o meio ambiente.

**Foto 14 – Pausa no trabalho para um cafezinho**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

Todas/todos as/os discentes levaram atividades para casa, os trabalhos foram intensos. Conseguimos. No dia e hora marcados, as peças e acessórios estavam prontos para o desfile.

#### **4.4 Na passarela, a Moda Afro**

Durante muito tempo, a Moda tem sido considerada algo fútil. Entretanto, as coisas não são bem assim. As vestes são marcadores da identidade individual das pessoas e dos grupos sociais, além de ser a segunda mais importante indústria brasileira. A cadeia têxtil é imensa, começando na plantação das fibras e terminando com a distribuição e venda de peças do vestuário e acessórios. Importante tanto do ponto de vista econômico como social, a Moda tem

provocado a abertura de vários cursos de Moda e Vestuário, tanto a nível técnico, tecnológico e superior. Cumpre aqui ressaltar a importância de um desfile de moda como uma prática educativa que abarca todas as práticas desenvolvidas em curso superior da área.

Como dito acima, as/os discentes teriam que idealizar peças do vestuário e acessórios com a temática afro-brasileira e apresentar em um desfile de moda em um local público. Foi escolhido o Memorial Esperança Garcia, a casa da cultura negra piauiense; a data acordada foi o dia 22 de novembro de 2019, uma sexta-feira às 19h, na abertura do dia comemorativo da consciência negra (20/11), em uma festa já tradicional na cidade, a Festa da Beleza Negra. O desfile foi realizado como previsto, e tanto essa pesquisadora como as/os discentes participes desse trabalho ficaram satisfeitas/satisfeitos com os resultados. Nossos colaboradores e colaboradoras, que gratuitamente participaram desse desfile, estão nos dando um retorno extremamente significativo. Vamos aqui transcrever a fala de uma de nossas coparticipantes, a Delegada da Mulher, Vilma Alves:

Quero parabenizá-la. Dizer do fundo do meu coração da minha gratidão. O seu sonho são os nossos sonhos pois você tirou de forma brilhante, espetacular, do fundo dos navios negreiros a dor, transformando em alegria, em arte. Você merece todos os aplausos do mundo (ALVES, 2019).

Falar desse desfile, dizer como tudo ocorreu, mostrar imagens, refletir sobre as práticas ao ouvir as falas das/dos pesquisadas/pesquisados, é a tarefa que estamos nos propondo, não sem antes entender o que é um desfile de moda, e que nada mais é senão aquilo que se faz como intuito de ser apreciado, analisado e ou adquirido (no caso de desfiles para mostrar coleções de empresas com o intuito de vender as peças) por alguém em um determinado momento.

Além dos desfiles, temos outras formas de algo ser visto como, por exemplo, os salões, as exposições, entre outros. Os desfiles de moda têm sua origem quando Frederick Worth começou a receber e mostrar, em sua Maison, não as roupas idealizadas por suas clientes, mas roupas idealizadas e construídas por ele. Eram escolhidas moças bonitas da sociedade que vestiam suas criações e se apresentavam para essas clientes (STEVENSON, 2012). A grande maioria dos desfiles, na atualidade, são produções gigantescas. Carol Garcia afirma:

Entende-se como desfile de moda uma apresentação de roupas e acessórios, realizada em local e data prefixados pelo destinador, na qual um grupo de modelos caminha por aproximadamente 30 metros de passarela durante cerca de 20 minutos. Com trilha sonora especialmente criada para esse fim, elas exibem em torno de 75 looks a um público aglutinado em filas dispostas lateralmente em torno da passarela. [...] Ao entrar no espaço de um desfile, podemos afirmar que o observador participa de um ritual da moda, pois nele a

coleção inteira é apresentada por uma sequência de programas narrativos que determinam seu começo, ápice e fim (GARCIA, 2007, p. 90-91).

A autora acima se refere aos grandes desfiles, que objetivam um processo comercial muito grande, para os quais são convidados compradoras e compradores de grandes grupos comerciais que envolvem o mundo da moda. O desfile do qual vamos tratar a seguir não se trata de um desfile comercial e sim de um trabalho pedagógico, fruto de um curso de extensão, de 60 h, divididas em 15 encontros, durante os quais foram desenvolvidas práticas educativas com alunas e alunos do quarto e sexto semestre do Curso Superior Tecnologia do Design de Moda (CSTDM) do Instituto Federal do Piauí (IFPI), Campus Teresina Zona Sul (CTZS), e teve como elemento disparador a questão da afrodescendência versus diversidade, mais precisamente, a questão das/dos afrodescendentes brasileiras/brasileiros.

Desses quinze encontros, cinco foram reservados para tratarmos das heranças culturais, deixadas por africanas/africanos escravizadas/escravizados e trazidas/trazidos para esse país, onde permaneceram escravizadas/escravizados por mais de quatro séculos, processo que resultou em enorme sofrimento. São feridas ainda não cicatrizadas que precisam ser tratadas com o maior carinho para que no futuro sejamos uma sociedade alegre, feliz, produtiva e consciente de nossas atitudes e de nossos valores. Nós, enquanto educadoras/educadores, principalmente nós que trabalhamos para pôr no mercado profissionais tecnicamente competentes, além dessa competência tecnológica, temos que nos preocupar em entregar para comunidade profissionais cientes de suas responsabilidades sociais.

Já foi dito acima, mas vamos pontuar mais uma vez: logo no primeiro encontro, quando apresentamos a proposta de trabalho e o local onde o curso seria ministrado, sentimos o impacto do local nessas alunas e alunos. Elas/eles ficaram maravilhadas/maravilhados e se espantavam com nomes nunca vistos, figuras de nossa história e que não estão em nossos livros didáticos. A reação foi positiva. Vejam o que uma aluna postou no WhatsApp, em grupo criado para nos comunicarmos durante o curso: “Boa noite professora, obrigada. A propósito a “aula” ontem foi maravilhosa. Ansiosa pelo próximo sábado” (Miçanga, em 22/07/2019, às 07h32min.).

Trabalhamos todos os assuntos necessários para que a idealização e construção das peças e acessórios para o desfile fossem o melhor possível. Escolhemos um único tipo de tecido para fabricação das peças – tecido de saco, um tecido feito com fio singelo, pela simplicidade do tecido e pela vinculação deste às vestes dessas/desses africanas/africanos escravizadas/escravizados. Os resultados vamos mostrar a seguir. Foram construídas 22 peças e praticamente todos os acessórios. Usamos de várias técnicas, como tingimento, uso de viés, retalhos, e bordados, para obtermos os resultados desejados. Optamos por um marcador muito

significativo para as/os afrodescendentes cientes dessa afrodescendência, o turbante. As peças foram idealizadas pelas alunas e alunos e parte foi confeccionada por estas/estes, só não confeccionaram tudo devido à exiguidade do tempo.

Todas as peças tiveram uma inspiração que foi falada na hora da apresentação da peça durante o desfile e está em caixa de texto abaixo/ao lado de cada croqui.

Não pulamos nenhuma etapa. Organizar um desfile de moda, mesmo se tratando de um pequeno desfile, requer planejamento, não só em relação à coleção que será apresentada, mas também com toda a estrutura necessária para o evento, como local, data, prazos, profissionais de produção e outros. São muitos detalhes a serem decididos, portanto se faz necessário dedicar boa parte do tempo para planejar tudo nos mínimos detalhes, garantindo que o evento ocorra da melhor forma possível.

A iluminação, som e passarela ficaram por conta da empresa de Romero Saboia; a trilha sonora, que trouxe, ao final, Muito Obrigado Axé, na interpretação de Maria Betânia e Ivete Sangalo, e Mama África, na interpretação de Chico César, ficou a cargo de Sérgio Donato. Os assentos foram organizados pelas próprias alunas e alunos e as cadeiras foram alugadas. A maquiagem foi de responsabilidade de Denis Coulter que, mais uma vez, gratuitamente, se colocou à nossa disposição, e foi ajudado pela nossa querida piauiense Bárbara Sousa, Miss Brasil NG 2019, e pelo nosso querido Neto, ex-aluno do IFPI, curso de Vestuário e designer de moda formado pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Foram feitos convites e até um pequeno mimo, que na moda chamamos *press kit*, foi por nós confeccionado e enviado com o convite. Não tivemos uma separação entre a sala de espera das modelos e seu local de preparação, que chamamos de *backstage*, devido à falta de espaço, o que dificultou bastante o trabalho.

Os desfiles são narrativas, contam uma história, seja da inspiração, *statement*, ou o processo de desenvolvimento de uma coleção. Mas a concepção de um desfile vai muito além da ideia de passar um conceito, trabalhar convergências e principalmente criar desejo nos possíveis compradores. No nosso caso, esse desejo de comprar foi atingido, pois muitos dos que desfilaram estão querendo adquirir as peças. Entretanto, a nossa intenção primeira era educar, educar para diversidade, que, no dizer de hooks, quando esta fala de sua prática na academia, nos EUA:

Quando todos começaram a falar sobre diversidade cultural, isso nos entusiasmou. Para nós que estávamos à margem (pessoas de cor, gente da classe trabalhadora, gays, lésbicas e por aí fora) e sempre tivéramos sentimentos ambivalentes sobre nossa presença numa instituição onde o conhecimento era partilhado de modo a reforçar o colonialismo e a dominação, era emocionante pensar que a visão de justiça e democracia que estava no

próprio âmago do movimento pelos direitos civis iria se realizar na academia. Até que enfim havia a possibilidade de uma comunidade de aprendizado, um lugar onde as diferenças fossem reconhecidas, onde todos finalmente compreenderiam, aceitariam e afirmariam que nossas maneiras de conhecer são forjadas pela história e pelas relações de poder. Por fim iríamos nos livrar da negação coletiva da academia e reconhecer que a educação que quase todos nós havíamos recebido e estávamos transmitindo não era e nunca é politicamente neutra. Estava na cara que a mudança não seria imediata, mas havia uma tremenda esperança de que o processo que havíamos desencadeado levasse à realização do sonho da educação como prática da liberdade (hooks, 2013, p. 46).

Longe de querermos comparar nosso trabalho ao fazer da educadora, foi esse o sentimento que se apossou de nós quando vimos na passarela o sorriso aberto da cadeirante, o andar firme da pessoa com síndrome de Down, os passos leves e firmes do nosso querido albino, e os braços abertos para o mundo da nossa primeira mulher trans professora da UFPI, sem contar com o carinho de ex-discentes, de pessoas do mundo da música, de crianças, de nossas/nossos militantes do movimento negro e de pessoas brancas que se alinham a nós nessa caminhada por um mundo melhor. Abaixo, imagens desses momentos mais que especiais.

Ao som dos tambores do Grupo Ixejá, cantando para as *ayabás*, Mãe Gardene de Oxóssi abre o desfile pedindo licença e axé para atividade e para todos os presentes, e entoa cantos para Oxum, Iansã e Iemanjá. Momento muito emocionante, a voz doce da Mãe de Santo que é também cantora do grupo, propiciou um clima de paz, amor e aconchego entre as/os presentes.

**Foto 15 – Local do desfile na parte superior da montagem e Mãe Gardene de Oxóssi na abertura**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019.

Mãe Gardene de Oxóssi tem essa característica, simpática, agradável, traz consigo uma aura de leveza que integra, harmoniza, embeleza o ambiente em que está. Obrigada, Mãe Gardene, por mais esse momento de luz em nosso trabalho.

Cumpra agora pontuar a inspiração de cada peça que foi para passarela. Na Foto 16, temos a ex-aluna do Curso de Tecnologia do Vestuário do IFPI/CTZA, Marlane, abrindo o desfile e usando uma peça baseada nas joias dos povos Axantes, um dos mais conhecidos povos akan de Gana (já falamos desses povos), na região ocidental da África, peritos na fabricação de joias e de tecidos (BEVILACQUA, 2012).

**Foto 16 – Marlane**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019.

Na Foto 17, a seguir, temos os corpos desfilantes de João Gabriel, que veste calça estilo pijama e túnica inspirada em Oxalá, orixá fumfum (albino); Marcieva, que usa vestido branco com símbolo circular da cultura africana nas cores vermelho, verde, preto e lilás; Patrícia (jovem com síndrome de Down) veste vestido longo branco com símbolos Adinkras que remetem ao amor e família; Lucas, afrodescendente, veste calça estilo pijama com detalhes nas laterais e túnica também com detalhes nas cores da bandeira da África do Sul.

Na imagem a seguir, Foto 18, Rafael conduz a cadeirante Clara Virgínia. Ele usa costume todo azul, inclusive faixa no cabelo, com detalhes em tom de azul mais forte, Adinkras, que representa o poder do rei. Clara veste saia rodada e blusa na altura do cós azul com detalhes



em diversos tons de azul, lembrando ondas do mar, uma inspiração em Iemanjá, a rainha das águas.

**Foto 17 – Da esquerda p/ direita: João Gabriel, Marcieva, Patrícia e Lucas**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

A jovem Odara veste saia feita de retalhos coloridos (a técnica utilizada chama-se crazy ou louco) e blusa amarela com uma *sankofa* (símbolo africano que significa siga em frente, mas observe o que fica para trás) aplicada.

**Foto 18 – Da esquerda p/ direita: Rafael e Clara Virgínia, Odara, Lara Danuta e Vilma Alves**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

A próxima é a jovem Lara Danuta, ela usa vestido longo, acompanhando o corpo até à altura um pouco acima dos joelhos, a partir do qual o mesmo começa a enlargar, formando roda. A peça está bordada com aplicações de símbolos Adinkras, em azul e dourado. Por último, nessa foto, a Delegada Vilma, representando a terceira idade, veste um costume azul claro, todo bordado com imagens que remetem à travessia pelo oceano atlântico, dos/das africanos/africanas escravizados/escravizadas que vieram para essas terras brasilis.

Na Foto 19, temos os corpos de Sônia Terra, Simone Euclides e Letícia Carolina. Sonia Terra, uma das representantes do Movimento Negro no desfile, veste vestido amarelo, saia rodada com enormes aplicações de flores negras, uma referência à exuberância da flora africana e às suas muitas variedades de flores, inclusive a rosa negra do deserto. Simone Euclides usa saia e blusa em tom amarelo suave com aplicações, bordados e pintura de símbolos Adinkras. Letícia Carolina usa uma túnica com símbolos Adinkras pintados à mão, em volta da túnica. A discente, que concebeu a peça, nos disse que, à medida que a idealizava, só vinha a sua mente a palavra liberdade. Liberdade para as/os africanas/africanos que foram escravizadas/escravizados e liberdade para suas/seus descendentes, as/os afrodescendentes que têm o direito de ser o que quiserem ser; certamente, inspirada na força dessa militante afrodescendente que irradia força, garra, decisão por onde passa.

**Foto 19 – Da esquerda para direita: Sonia Terra, Simone Euclides e Letícia Carolina**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

A Foto 20, abaixo, traz Sandra Loyola e Lyzienne Miranda. As duas vestem peças lilás bem forte. A roupa de Sandra foi inspirada no sol, esse sol que nos lembra o conceito de

**Foto 20 – Da esquerda para direita: Sandra Loiola e Lizyenni Miranda**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019.

igualdade, pois ele é para todos e todas. Lyzienne usa vestido e uma capa, tanto o vestido quanto a capa estão marcados com viés colorido que remetem às cores exuberantes usadas nas vestes africanas do sul do Deserto do Saara. As duas representam a mulher branca comprometida com a luta afrodescendente e a mulher gorda, menosprezada por nossa sociedade.

**Foto 21 – Da esquerda para direita: Haldaci Regina e Nana Joane**



Fontes: Wendel Aguiar, 2019.

Na Foto 21, na página anterior, a professora mestra, Haldaci Regina, uma das militantes do movimento negro, veste roupa inspirada no orixá Omolu, também conhecido por Abaluaê e Xapanã, divindade das doenças contagiosas, especialmente as doenças de pele como a varíola, que tanto sofrimento trouxe aos africanos escravizados e colocados nas senzalas brasileiras mal higienizadas, ambiente propício para a enfermidade. Importante orixá do panteão brasileiro, sincretizado como São Roque e São Lázaro, jovem e velho respectivamente, na Bahia e em Cuba, e como São Sebastião em Recife e no Rio de Janeiro (TAVARES, 2017). A outra é Nana Joane, bailarina jovem do Grupo Ijexá, que veste uma peça inspirada no Senufo, da Costa do Marfim, “Traje ritual pintado pela sociedade Poro, detalhes pintados com pigmentos no algodão” (BARGNA, 2010, p. 60).

**Foto 22 – Casal de noivos Francisca e Francisco, bailarinos do “Coisa de Nego”**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

Na sequência, Foto 22, o casal de noivos, a dançarina Francisca Aguiar, a nossa Chiquinha, tem no seu vestido um diferencial muito forte com relação aos vestidos de noiva usados tradicionalmente no Brasil, que são todos baseados na cultura europeia, totalmente



Na Foto 23, abaixo, as duas daminhas, Elizabete e Maria Isis, usam vestidos amplos com os mesmos detalhes de flores de fuxicos usados no vestido da noiva, nas cores vermelho e rosa, uma referência a Iansã, divindade do rio Níger, deusa das alturas e dos ventos. A divindade das tempestades é representada por uma mulher forte, temperamental, ardente, mulher de Xangô, a única que o acompanha nas batalhas da terra. Altiiva, corajosa, não teme os eguns (os mortos). Atentem para os turbantes de mesma cor a emoldurar os singelos rostos das duas crianças que abrilhantaram o desfile.

Na parte inferior da foto, o casal Fátima Zumbi e Cláudio Zumbi. Ela usa vestido longo de nesgas, extremamente colorido com lista preta separando uma cor da outra, uma referência tanto às cores fortes usadas nas vestes africanas quanto na tipografia crioula, que muito usa de lista. Cláudio Zumbi usa túnica e faixa na cabeça, de cor amarela bem forte, na túnica Adinkras aplicadas, guarnecidas por viés preto. A calça não é vista na foto, mas cumpre aqui pontuar que é uma calça estilo pijama na cor preta.

**Foto 23 – Da esquerda p/ direita: M<sup>a</sup> Isis, Elizabete, Marcieva, L’Hosana, Simone, Simoni, Kácio, Fátima Zumbi, Haldaci Regina, Cláudio Zumbi e Francisca Aguiar**



Foto: Wendel Aguiar, 2019

Na Foto 24, abaixo, Bárbara Sousa, miss Brasil NG 2019, um concurso que propunha antes de tudo, como o próprio nome já aponta, revelar a "nova geração da mulher brasileira", representante da voz e da alma de todas as mulheres nascidas no Brasil que buscam respeito, direitos iguais

**Foto 24 – Da esquerda p/ direita: Bárbara Sousa, Miss Brasil NG 2019; término do desfile e alunas do projeto.**



Fonte: Wendel Aguiar, 2019

Bárbara Sousa, nossa piauiense, mais que simpatia e carisma, a jovem miss mostrou durante o certame, ter atitude e engajamento para fazer a diferença na sociedade da mesma forma como abrilhantou o final do Desfile de Moda Afro, com seu ar jovial e descontraído que muito realça sua beleza afrodescendente. Momentos finais do desfile com todas/todos na passarela e mais duas imagens com participantes do desfile e participantes do trabalho.

#### **4.5 Os cadernos memoriais**

No nosso primeiro encontro, cada participante recebeu um caderno memorial, uma tentativa de fazer com que as/os discentes adquiram o hábito de anotar os tópicos e observações pertinentes de cada encontro, e também de, ao término de cada encontro, fazer uma espécie de retrospectiva de suas observações/entendimentos/interpretações pessoais. Não podemos afirmar que a provocação foi um sucesso estrondoso, entretanto temos que admitir que algumas observações são bem pertinentes. Fizemos um corpus textual de tudo que foi escrito por essas/esses participantes e a análise do mesmo foi tema acima, na metodologia da pesquisa que se intitula **“AS APRENDIZAGENS DE UM DESFILE DE MODA AFRO: Uma reflexão sobre o racismo no Brasil”**. No capítulo que ora se encerra, tratamos de como foi trabalhado o curso de extensão intitulado “Atelier de práticas educativas: o que se aprende com um desfile

de moda afro?”. A seguir, vamos trabalhar as análises das narrativas de nossas/nossos participes. Vamos pontuar o que foi dito nos cadernos memórias, nas rodas de conversa, nos croquis e no questionamento enviado para dezoito participantes (uma/um não foi possível de ser localizada/localizado).



## 5 ANÁLISE DA COSTURA

Nesse capítulo, vamos analisar as narrativas de nossas/nossos partícipes. Vamos pontuar o que foi dito de diversas formas – cadernos memoriais (discentes e coordenadora do curso de extensão), rodas de conversa, croquis, e questionamento das/dos dezoito participantes respondentes do questionário.

### 5.1 Os cadernos memoriais das/dos discentes

Esses cadernos foram entregues desde o primeiro encontro para que as/os participantes nele anotassem o que elas/eles achassem pertinente. É um guia de como essas/esses participantes estavam absorvendo as informações passadas, as discussões em rodas de conversa, as orientações para pesquisa de cada uma/um que resultaria na inspiração para construção de cada peça. Vamos pontuar, como dito acima, apenas algumas observações que julgarmos pertinentes para o trabalho e que sejam representativos do pensamento do grupo.

Depois de pontuar como foi a primeira aula, de relatar sobre o impacto causado pela descrição de cada imagem estampada no pátio do Memorial Esperança Garcia, Bobina, se referindo ao segundo encontro, quando tivemos a colaboração da Professora Letícia Carolina da UFPI e do grupo de estudos Roda Griô, dispara: “A África é um continente enorme, cheio de curiosidades. Não é só bicho e pobreza” (Bobina, 20/07/2019).

Mais adiante, se referindo à visita feita a oficina de Hostyano Machado, se refere à semelhança do trabalho do artista com o trabalho de um designer de moda e descreve o que viu:

#### *Extrato das narrativas de Bobina*

---

No seu sítio/oficina, está construindo uma torre medieval com um museu ou área para exposição logo atrás. Dentro da cúpula que vão colocar no topo da torre, ele está fazendo pinturas sobre coisas da nossa atualidade. Ele nos mostrou suas telas e cadernos de inspiração. Nesta aula/passeio pude perceber que o artista parte sempre de uma inspiração para realizar o seu trabalho. [...] No caso do Sr. Hosteano ele vive arte, está nele, na pele, na cabeça, em todo o seu corpo. Sua oficina está dentro dele. Ele vive isso. Foi realmente um prazer imensurável ter imergido neste mundo tão peculiar. (Bobina, 24/08/2019).

De posse das colocações de Bobina, em se tratando de um trabalho sobre práticas educativas/moda/afrodescendência, impossível não pontuar a importância dessas atividades

para o processo de desenvolvimento da/do educanda/educando. Às vezes, uma aula visita como essa, vale muito mais que muitas aulas tradicionais.

Continuando nossas pontuações a respeito dos cadernos memórias dos alunos e alunas, deparamo-nos com o dito por Lápis, se referindo ao racismo que assola a nossa sociedade, esse racismo institucionalizado, pois se encontra arraigado em todas as nossas instituições. Como nos alerta Sílvia Almeida:

A tese central é que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é uma manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade que moldam a vida social contemporânea (ALMEIDA, 2019, p. 20-21).

Lápis, corroborando com o dito acima, nos afirma: “Apesar de hoje os negros não receberem mais as chicotadas dos senhores feudais, por outro lado, recebem marcas talvez até mais doloridas, e por incrível que pareça, marcas essas por meio de gestos, palavras, olhares” (Lápis, 27/07/2019).

Ainda pontuando as consequências do racismo, Cola pontua, com base no que foi trabalhado em nossos encontros para tratar da temática:

#### *Extrato das narrativas de Cola*

---

O preconceito racial persiste na sociedade brasileira, embora, muitas vezes camuflado. Os negros são hoje no Brasil, o grupo étnico-racial mais pobre e com menor nível de escolaridade. Também são os que mais morrem assassinados e são as maiores vítimas da violência policial. Temos pouco conhecimento sobre o assunto e isso é muito importante para nós alunos de Design de Moda, influi no nosso processo criativo, é fantástico falar de cultura e costumes. (Cola, 27/07/2019).

Em 2019, estávamos pagando dias de uma greve, só saímos de férias/recesso escolar no final de agosto, e ficamos o mês de setembro afastadas/afastados da sala de aula. Quando retornamos, foi dado continuidade ao trabalho de uma forma muito intensa, pois tínhamos apenas o mês de outubro e alguns dias de novembro para construirmos toda a coleção, mesmo assim tivemos a preocupação de não pularmos etapas. Foi feito tudo como é ensinado em um curso Superior em Tecnologia do Design de Moda – trabalhamos o perfil do consumidor, tema, painel de inspiração, exercícios como tempestade de ideias para estimular a criatividade, e outros materiais foram apresentados com o intuito de mexer com esse processo criativo. Linha,

depois de elogiar o espaço da oficina, de demonstrar o quanto se sentiu feliz em ser recebida nesse ambiente, pontua:

*Extrato das narrativas de Linha*

---

A aula em que trabalhamos a tempestade de ideias foi maravilhosa, pensei que não poderia fazer nada, que não teria nenhuma inspiração. Ao contrário, saiu, mesmo sendo uma pequenina ideia, mas saiu. [...] Na minha peça foi maravilhoso aprender mais uma técnica de como emendar retalhos e obter uma estampa inusitada. Uma técnica conhecida por *crazy*, que significa louco. Por fim, o dia do desfile. Foi tudo maravilhoso. Só elogios (Linha, 2019).

Uma outra participante, falando a respeito das aprendizagens específicas de moda, em um dia em que trabalhamos pela manhã e também à tarde, e as/os participantes almoçaram no local, uma Maria Isabel (comida típica do Piauí), só que, no caso, não de carne e sim de frango, a participante, depois de elogiar esse momento de conagração entre as/os partícipes, pontua: “Almoço maravilhoso. Tivemos um tempo para conversarmos e as 13:00h. retornamos. A professora começou com a explicação da modelagem de um vestido sereia. Ficamos no laboratório onde a aula se estendeu por toda a tarde. Excelente!” (Tesoura, 2019).

Todas/todos as/os participantes eram nossas/nossos discentes do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda, mas, por incrível que pareça, a participação dessas/desses na sala de aula regular não é tão intensa como foi nesse curso de extensão, até o relacionamento entre elas/eles era em grupos maiores, boas gargalhadas, e não tinham nenhuma preocupação com o término das atividades. Muitas vezes passamos do horário sem que isso fosse motivo de reclamações, nem notavam que o horário já tinha expirado, e o mesmo acontecia com a coordenadora da classe.

Calcador se preocupou em pontuar o dia em que as modelagens foram analisadas, em que todas as medidas das pessoas foram conferidas, para só depois se proceder o corte. Ela/e afirma: “Um dos melhores momentos, gostei muito e tudo isso feito com a rigorosa orientação da professora” (Calcador, 19/10/2019). Ainda falando sobre modelagem, Máquina Reta pontua:

*Extrato das narrativas de Máquina Reta*

---

É impressionante a metodologia aplicada no desenvolvimento da modelagem. Sinto-me fascinada como alguns números e cálculos matemáticos são transformados em uma planificação da roupa. A modelagem é importante não somente por dar vida a uma peça do vestuário, mas também pelos conhecimentos que nos oferece, como exemplo, compreender sobre a anatomia do corpo humano. A modelagem é a matemática transformada em arte (Máquina Reta, 19/10/2019).

Agora, lendo mais de uma vez cada anotação feita nesses cadernos memoriais das/dos estudantes, sinto como foi significativo para elas/eles esse curso de extensão e como isso impactou positivamente na idealização das peças e na vida profissional de cada uma/um. Esse sentimento deve mover a vida profissional de professoras/professores e estudantes. Esse trabalho nos fez esperar, pois esperar não significa achar que você sozinho é capaz de tudo, mas ter consciência do valor de sua participação. Freire afirmava:

Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial histórico. Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja, titubeia. Precisamos da esperança crítica como o peixe necessita da água despoluída. (FREIRE, 1987, p. 47)

Imbuídos desse esperar, vamos fazer a análise das rodas de conversa e, a seguir, das inspirações que, transformadas em roupas, foram para passarela.

## **5.2 Análise das rodas de conversa**

Como dito acima, optamos por retratar apenas os relatos de Esquadro e Miçanga porque elas/eles são uma síntese do turbilhão de sentimentos/histórias/vivências do grupo. Não tínhamos combinado gravações durante as rodas de conversa, até para que houvesse mais liberdade de expressão. Eram feitas apenas anotações no caderno da coordenadora do grupo. Entretanto, depois do impacto causado por essas duas histórias, perguntamos depois a essas/esses duas/dois participantes se elas/eles poderiam novamente contar essas histórias; elas concordaram e mandaram via WhatsApp (fala), pois já estávamos em plena pandemia da Covid-19. Tais falas foram transcritas e analisadas. Vamos tentar aqui pontuar alguns pontos muito significativos para o trabalho.

As duas pesquisadas, como todas/todos pesquisados/pesquisadas, tiveram um codinome que remete a instrumentos/objetos/equipamentos usados em uma oficina de costura. Vamos relatar aqui alguns momentos das falas de Miçanga e Esquadro. As duas são mulheres afrodescendentes e relataram momentos de racismo em suas vidas e na vida de suas famílias. Esses relatos nos fazem crer que extirpar o racismo dessa nossa sociedade não é tarefa fácil, e que ele se encontra entranhado em toda a nossa estrutura social. A história de Esquadro trata da

promoção de seu avô para o cargo de porteiro da antiga Escola Técnica do Piauí, e que foi engavetada, como se diz, pelo simples fato de ele ser um afrodescendente (negro, como foi dito na época, e como Esquadro se refere ao avô). A história de Miçanga é pontuada por racismo e exploração desde que sua família se muda pra uma quinta na vizinha cidade maranhense de Timon, onde seu pai vai trabalhar como meeiro em uma olaria.

Cada partícipe, nestas conversas, foi considerada/considerado como corpo-memória, pois narravam suas experiências mexendo em suas memórias para encontrar a si mesmas/mesmos em suas histórias compartilhadas. Nas suas narrativas, ou seja, nas histórias mexidas nas suas memórias (lugar de encontros de novas/velhas descobertas, lembranças e esquecimentos), encontramos espécies de categorias com as quais iremos dialogar agora.

Para tal diálogo, mais uma vez lembramos de Paulo Freire, quando este nos instiga a pensar que uma das tarefas da prática educativo-crítica “é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se” (FREIRE, 2011, p. 22). Mexer na memória, narrando a si nas relações com outras histórias de corpos-memórias, faz com que tenhamos a experiência profunda de acreditar e querer assumir-se enquanto sujeito de nossa história, muitas vezes, aprendida a ser negada. O trabalho desenvolvido com essas/esses discentes estão a mexer profundamente com a nossa forma de ensinar/aprender.

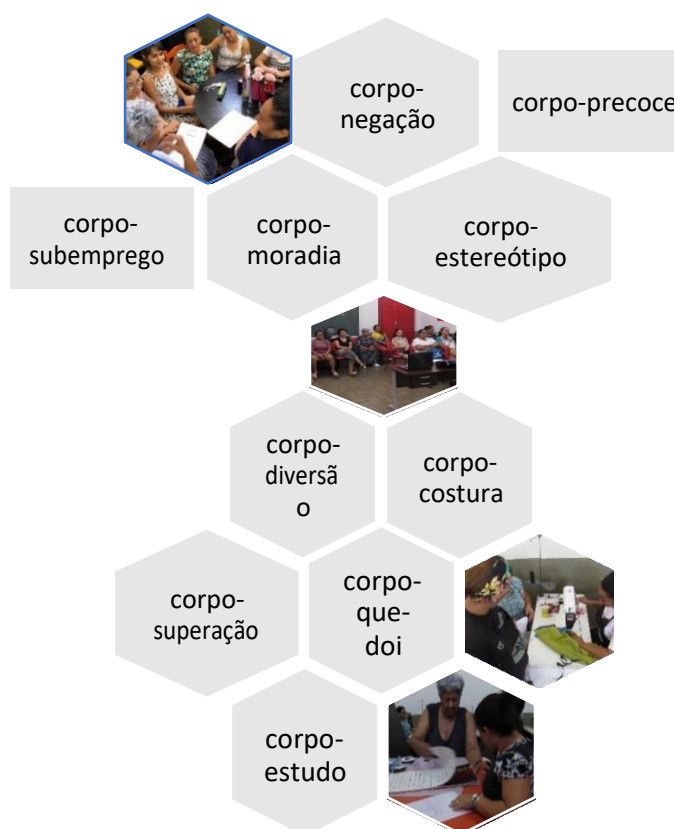
Os depoimentos feitos por essas duas participantes, e muitos outros registrados ao longo do curso, levaram professoras/professores, colaboradoras/colaboradores e discentes ao processo de assumir-se, ou seja, da assunção de ser sujeito de sua história positivada, fez e faz muita diferença ao escutarmos as narrativas das duas mulheres. A partir dessas narrativas orais colhidas nas conversas durante a roda e nas transcrições, classificamos as categorias presentes nas falas com o seguinte diagrama que temos a pretensão de destrinchar em seus mínimos detalhes.

O Diagrama é uma representação das categorias tecidas no nosso diálogo analítico sobre as narrativas de Miçanga e Esquadro. Nele incluímos também algumas fotos de momentos na Oficina. Este diagrama é uma espécie de colmeia, no sentido das muitas experiências contadas como enxame de vivências de significados específicos; de identificações com as outras histórias tricotadas na Oficina, bem como fora desta. Através dele, percebemos a tenção e tensão na maneira como a conscientização foi sendo construída. A oralidade, para a exposição das narrativas de vida, funcionou também como uma forma de “terapia”, segundo uma das participantes, no final de seu depoimento. Ao externar as histórias contadas, cada corpo-

memória trouxe muitas curiosidades para nós. Foi assim que nos questionamos que corpos são esses no cenário que existem.

Esse e qualquer um outro trabalho que possa tornar pessoas mais críticas com relação às questões raciais é justificável, pois o racismo faz com que as pessoas não se sintam inteiras. A trajetória dessas mulheres importa para um sistema de educação institucional, que ainda carrega em si um racismo estrutural? Ser costureira, estudante em um curso superior de moda e participante de uma oficina de moda-afro para mulheres que passaram por muitas dificuldades e ainda tinham que ter consciência do racismo que sofriam cotidianamente, é ser exemplo de incrível resistência. As histórias dessas mulheres são maneiras de enfrentamento e consciência de um racismo que a todo momento destrói. São também incríveis vitórias diante dos seus contextos. Adiante, trabalharemos cada tópico ou categoria do Diagrama abaixo.

**Figura 10 – Diagrama – Categorização das narrativas de Esquadro e Miçanga (partícipes da Oficina de Moda Afro), Teresina, 2019.**



Fonte: Produção da autora

Os corpos-memórias ativaram experiências vividas e nos estimularam a entender como a Oficina, como uma intervenção num processo educacional ou uma intervenção no processo

de aprendizagem, possibilitou narrações que demonstraram um processo de conscientização crítica sobre o racismo que cada uma/um das/dos partícipes foi percebendo em momentos decisivos de suas histórias de vida.

O primeiro corpo é o corpo-negação dos esforços empreendidos. Nesta categoria, encontramos o seguinte trecho:

*Extrato das narrativas de Esquadro*

---

A promoção pra ser porteiro, estava em cima da mesa dele. E ela foi arrumar a mesa e viu a promoção, né. Só que a promoção é, já estava engavetada, e ela viu. Era a forma que eles usavam, né. E ela viu a data. Que é o prazo que tinha pro meu avô se apresentar, né. E foi essa questão que ela levantou, porque além dela, como ela era uma funcionária mais antiga, do que o meu avô, ela já tinha percebido que era por ele ser negro. (Esquadro, Transcrição de áudio, linhas 85-90, 17/04/2020).

Quando o avô de Esquadro foi informado de sua promoção pela colega de trabalho, não se acovardou, procurou a chefia e assinou sua promoção, se tornou porteiro da instituição, só que isso não foi tão fácil, ele ficou muito triste pelo racismo sofrido, chorou muito e buscou na religiosidade o acalanto. Segundo a neta, sempre que ele tocava no assunto, dizia ter procurado na igreja a paz para conter aquele sofrimento. Talvez possam ter outras causas que geraram este sofrimento. Entretanto, Grada Kilomba nos diz que esse sofrimento, provocado pelo racismo, é eterno, são cicatrizes que ficam para o resto de nossas vidas e são negligenciadas, desvalorizadas pelas outras pessoas que não têm as mesmas experiências. (KILOMBA, 2019). Ela se refere às tensões nas experiências de afrodescendentes pertencentes ao continente europeu, o que não é diferente aqui no Brasil. Mais adiante, Esquadro nos conta de um ocorrido com a avó, quando o episódio de racismo acontece entre os próprios pares, entre pessoas de mesma cor/raça e mesma condição social. Ela relata:

*Extrato das narrativas de Esquadro*

---

As roupas muito brancas, minha vó era muito limpa, muito zelosa com as coisas dela. E ela disse assim: “a senhora trabalha na casa de quem?” Aí a minha vó, “eu não trabalho na casa de ninguém, essas roupas são minhas”. Aí minha vó deu as costas e saiu. Ao sair, a mulher disse assim, “não tem coisa pior no mundo, do que negro querer ser patrão” (Esquadro, Transcrição de áudio, linhas 29-33, 17/04/2020).

O racismo está tão arraigado, que atitudes como essa acontecem corriqueiramente. Acabamos por acreditar que nosso lugar, enquanto negros, é o de servir, que não existe a opção

de ser servido ou do cuidar de si. Sílvia Almeida, em *Racismo Estrutural*, afirma que: “o racismo como ideologia molda o inconsciente” (ALMEIDA, 2019, p. 64). Ele explica que a ação das pessoas, ainda que conscientes, acontece de forma inconsciente. A forma como esses indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos autoconscientes, como eles alicerçam seus afetos, é constituída por padrões racistas fincados no imaginário e em práticas sociais cotidianas (ALMEIDA, 2019). Podemos fazer uma ponte do pensamento de Almeida com os escritos de Lélia Gonzales (1984), quando a autora nos descreve que a memória desbanca a consciência. Mas, de qual consciência Gonzales nos fala? É a consciência de uma normatividade simplista, que faz de tudo para que esqueçamos nossa história e para que as nossas narrativas fiquem sufocadas. Mas, Gonzales (1984, p. 226) escreve: “[...] a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência”.

Agora, se lembrarmos o que é conscientização para Paulo Freire, estaremos nos reportando à memória de Lélia Gonzalez. Vejamos o que ele nos escreve:

Estes debates, realizados nos Círculos de Cultura, com a ajuda dos educadores especialmente preparados para este trabalho de animação, revelam-se imediatamente como um meio bem poderoso e eficaz de conscientização, capaz de transformar radicalmente a atitude frente à vida. Muitos dos que participaram deles afirmaram, durante os debates e as situações, que “não lhes era mostrado nada de novo, mas que se lhes refrescava a memória”, e isto os fazia felizes. “Faço sapatos – disse uma vez um deles – e agora descobri que tenho o mesmo valor que o homem instruído que faz livros.” (FREIRE, 1979, p. 29).

A prática de intervenção, com as aulas ocorridas na Oficina, gerou os mesmos sentimentos daquele homem que descobriu, nos Círculos de Culturas freirianos, que ele e sua maneira de estar no mundo fazendo sapatos, eram importantes, tão importantes quanto a de alguém que faz livros. Estar ciente disto não é algo tão simples, principalmente para quem viveu boa parte da vida sendo subalternizado, inclusive entre seus pares.

O segundo elemento do Diagrama (Fig. 10) é o corpo-moradia. Com ele nos perguntamos: Estamos cientes das mazelas provocadas pelo racismo e cientes também dos benefícios econômicos deste para as classes dominantes que moram bem, em lugares e ambientes favoráveis para si? Estas mazelas trazem, às sociedades, condições de vida extremamente discrepantes, enquanto uns vivem na riqueza outros amargam na extrema pobreza. Muito do que vivemos hoje é consequência do colonialismo que teve e tem, como base, como mola propulsora, o racismo. No dizer de Anibal Quijano: “A colonialidade do poder, isto é, a ideia de ‘raça’ é o fundamento do padrão universal de classificação social básica e de dominação social” (QUIJANO, 2002, p. 1), a qual nos acostumamos e consideramos como



normal. É o que fica marcado na fala de Miçanga, quando esta descreve a minúscula moradia, conseguida por uma amiga, e onde ela foi morar com sua mãe inválida, após a morte do pai, mais três irmãos menores de idade, uma situação desumana para uma jovem de apenas dezenove anos, sem trabalho fixo. Ela conta que, no dia seguinte, depois da mudança, constatando quão pequena era a casa para tantas pessoas, ela pede aos irmãos para irem pegar uns pedaços de madeira para ela fazer uma latada para cozinhar, improvisar uma pequena cozinha. Quando os irmãos lá chegaram, tudo o que tinham deixado, pela impossibilidade de levar, tinha sido queimado pelo proprietário da quinta onde moravam. Ela descreve o desapontamento da mãe e a pequena casa:

*Extrato das narrativas de Miçanga*

---

E aí o que me chocou foi a história, que eu acho que chocou ela [a mãe] também, finalizando, foi que, no dia seguinte, a casa era muito pequenininha, era só um quartinho, uma salinha, tudo muito pequeno, acho que não dava seis metros, acho que no máximo dava uns cinco metros, a casinha inteira, né. (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 352-355, 22/04/2020).

A seguir, em concatenação com a fala acima, ela relata a forma como ela e seus irmãos e sua irmã eram tratadas/tratados, de forma estereotipada, desrespeitosa – desvelando o terceiro corpo, corpo-estereótipo negativo:

*Extrato das narrativas de Miçanga*

---

Não chamavam a gente pelo nome, né. Chamava negra da canela seca, era olho de bomba, minha irmã menorzinha que é a mais moreninha de todas nós, tinha o cabelo bem cacheadinho, o cabelo não crescia, era redondinho, todo tempo aquele cacheadozinho, crespinho, né. Aí chamavam cabeça do motor... eh... sempre era assim. (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 124-128, 22/04/2020).

*Extrato das narrativas de Miçanga*

---

Depois, passada essa história, as vezes eu penso, e quanto mais penso eu lembro assim toda, que o racismo vinha embutido desde quando a gente passou a morar lá né. Porque, nunca chamaram a gente pelo nome. Chamavam é, negrinha da canela seca... “ei nego da canela seca vem aqui, vai ali na quitanda comprar isso pra mim”. “Ei nega da cabeça de motor, vem aqui, vem fazer isso aqui”. Minha irmã foi pescoço duro não, não, nem respondia, né. Mas eu me habituei a chamar a dona lá de madrinha, passei fogo, né, de fogueira, “madrinha”. (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 481-487, 22/04/2020).

Chamar alguém pelo nome é, sobretudo, reconhecer sua dignidade e humanidade. É ter consciência de que somos iguais. O nome marca uma ligação com a nossa história (nossas narrativas sobre nós mesmas/mesmos), mas quando essa história tenta ser apagada a todo custo por uma cultura viciada em práticas colonialistas, nos resta, daquelas/daqueles que querem perpetuar seus domínios, os apelidos pejorativos. Não foi à toa que fomos chamados preconceituosamente pelos europeus de índios e negros.

Essa forma de tratar crianças afrodescendentes nesse país parece estar naturalizada demais e cinicamente irrelevante. As crianças escutam, se ressentem, não dizem nada, na maioria das vezes, entretanto, as marcas ficam para o resto de suas vidas. Não é fácil aceitar e mais difícil ainda é se defender. Djamila Ribeiro, escritora brasileira, militante afrodescendente, pontua:

Se para mim, que sou filha de um militante negro e que sempre debati essas questões em casa, perceber essas nuances é algo complexo e dinâmico, para quem refletiu pouco ou nada sobre esse tema pode ser ainda mais desafiador. O processo envolve uma revisão crítica profunda de nossa percepção de si e do mundo. Implica perceber que mesmo quem busca ativamente a consciência racial já compactuou com violências contra grupos oprimidos (RIBEIRO, 2019, p. 5).

Esse processo de exploração, essa violência, na maioria das vezes leva a um outro problema mais grave, que é a exploração do trabalho infantil. Nesse quarto corpo, encontramos o corpo-precoce com responsabilidades. É o que nos relata Miçanga sobre todo o esforço feito por ela para livrar seus irmãos do vício provocado por um trabalho pesado, degradante até para adultos, imaginem para crianças. Ela relata:

#### *Extrato das narrativas de Miçanga*

---

O papai sempre nos poupou desses serviços pesados, mas o restante, na hora de pegar os tijolos, levar pra assar, carregar na cabeça, aquelas pilhas de tijolo, é ele sempre procurou ter animais pra ajudar nessas tarefas, mas aí a gente ajudava, carregando os animais, outra hora cuidando. Sempre estava ali do lado dele trabalhando. E eu ficava com muito receio de...meus irmãos, com a doença já de meus pais, né, eu tinha muito receio de ver meus irmãos se acabar tudo dentro dessas... fumar, beber, eu acho que pra suportar todo esse peso, né, eles acabam se envolvendo muito cedo com bebida. E, eu não queria ver meus irmãos dentro dessa situação. Então com a doença de meus pais, eu já comecei a ficar muito preocupada com isso, eu já estava trabalhando, numa gráfica, ganhando muito pouquinho (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 149- 159, 22/04/2020).

#### *Extrato das narrativas de Miçanga*

---

A gráfica já estava com dificuldade, aí faliu, e foi quando eu comecei a, a trabalhar com a costura, porque de qualquer maneira também precisava ficar em casa pra cuidar de meus pais. Aí comecei a costurar. (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 198-200, 22/04/2020).

No início, fizemos um pequeno relato das histórias de Esquadro e Miçanga, pontuamos que a história contada por Miçanga começa quando a família se muda para uma quinta nas margens do rio Parnaíba, onde o pai foi trabalhar como oleiro, fazendo tijolos e telhas. A terra não era dele e ele trabalhava num processo ainda naturalizado por aqui (em terras piauienses, maranhenses, e talvez nordestinas e, porque não dizer, brasileiras) chamado de meia, o que nos leva a entender que os meeiros dividem os lucros, só que a coisa não acontece como imaginamos, trata-se de um processo de exploração muito grande. Assim, desvelamos um quinto corpo do Diagrama (Fig. 10): o corpo-subemprego. Vejam o que ela nos relata:

#### *Extrato das narrativas de Miçanga*

---

Se ele assasse uma fornalha de tijolo de dez milheiro, dois milheiros já eram do dono da terra, e recebia ali prontinho, não era descontado o suor dele que era pra fazer, se ele tinha pago pra fazer aqueles tijolos, nada era descontado, era limpo e seco, ele recebia aquele material já empilhado ali, só fazia separar e dizia, isso aqui é de fulano. Se era telha, era do mesmo jeito, aí se ele vendia tinha o lucro dele. Do material do meu pai, ainda ia tirar a despesa de que ele tinha pago pra fazer né, o milho dos animais que ele tinha pra alimentar os animais é [...] essas coisas né. (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 506-513, 22/04/2020).

Ao ler trechos das transcrições da fala da Miçanga, nos vem à tona a fala de Carla Akotirene (2019) quando, ao discutir a questão da interseccionalidade, afirma: “A interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, classe e raça” (AKOTIRENE, 2019, p. 37). Miçanga e a irmã sofriam essa tripla opressão, mesmo em momentos que deveriam ser de diversão, pois eram consideradas, pelos patrões de seus pais (donos das terras) e familiares, como negras, pobres e mulheres, portanto sem nenhuma importância, podiam ser exploradas e isso acontecia de uma forma tão natural que elas próprias, só anos depois são levadas a se questionar. A exploração era uma constante, pois até nos momentos que deveriam ser de diversão essas mulheres, ainda crianças, pobres e negras, eram oprimidas. É nesse momento que localizamos o sexto corpo, o corpo-diversão.

#### *Extrato das narrativas de Miçanga*

---

Quando tinha as festas lá, a gente ficava ali, pelo meio das festas, não como convidado, mais pegando prato, era levando pra cozinha, lavando, no outro dia a gente ia pra lá pra ajudar as filhas, porque eles não tinham empregada, né, ajudar a limpar a casa, encerrar a casa, que era aquela cerâmica antiga vermelhinha e aqueles é, ... aquela cerâmica bordada né, que fizemos até um trabalho, ladrilho bordadinho, né. [...] pra gente, aquilo era uma folia né, como se tivesse sonhando em um dia ter uma casa mais ou menos naquele estado de conforto (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 492-500, 22/04/2020).

Essa memória do corpo-diversão nos remete à memória de Gonzales, pois este é um corpo-memória que desbanca a consciência normativa e simplista de que a “festa” – ou a cultura brasileira com sua democracia racial – é para todas/todos. Porém, ao narrar este fato, de uma diversão condicionada à cozinha e aos afazeres, a memória mexe e destrona a “festa”. Além disso, encontramos nessa voz um eco de alguém que diz: também queremos nos divertir. Esse é um direito básico a toda/todo cidadã/cidadão brasileiro. Mas, o que de fato tinha que ser feito era costurar suas próprias diversões dentro do labirinto racial.

Costurar é uma atividade que consideramos importante por vários motivos: sempre tem alguém necessitando desses serviços, você não precisa sair de casa para trabalhar, você tem flexibilidade de adequar esse trabalho com outros, sem contar que é uma atividade agradável e, na maioria das vezes, relaxante. Para muitas mulheres, se tornou necessidade. Foi enveredando por esse caminho que Miçanga começou seu processo de profissionalização, sem abandonar os estudos. Aqui apontamos o sétimo tópico do Diagrama, que é o corpo- costura. Ela nos conta:

#### *Extrato das narrativas de Miçanga*

---

Comecei a costurar, a fazer pequenos consertos, que minha mãe já fazia isso, ela não costurava pra fora, assim profissionalmente, ela ajudava, fazia a roupa de um vizinho, a roupa de uma colega. Inclusive, pra esses donos das terras, ela fazia muita coisa, fazia ...eles costumavam lá as roupas de ir para as festas, das filhas e tudo, e minha mãe era quem fazia os acabamentos, porque ela era muito caprichosa no acabamento manual, né, nos acabamentos das roupas. Então, ela fazia aquelas peças de roupas das filhas irem para as festas e mandava pra minha mãe fazer os acabamentos, que chuleava todo na mão, com aquele ponto bem miudinho, fazia as casas, casas das blusas, casas das camisas, tudo feito à mão. Minha mãe fazia uma casa que eu nunca mais na vida vi uma casa feita daquele jeito, na mão. E aí, eu comecei a fazer esses pequenos consertos (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 290-301, 22/04/2020).

Falamos sobre a história de vida de duas discentes, Esquadro e Miçanga, faz com que nos questionemos da mesma forma que Djamilia Ribeiro: “o que, de fato, cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista?” (RIBEIRO, 2019, p. 11). Questionarmo-nos sempre,

duvidar sempre daquilo que nos pareça natural, não perder nenhuma oportunidade de falar sobre o tema, são atitudes que nos farão evitar a reprodução dessa violência que privilegia umas/uns e oprime outras/outros.

No corpo-estudo, a oitava categoria do Diagrama, percebemos o não privilégio de poder se dedicar plenamente aos estudos. Passar por tanto sofrimento deixa nos corpos marcas e adoecimentos que provavelmente seriam evitados ou minorados.

#### *Extrato das narrativas de Miçanga*

---

Concluí o ensino médio, fiz é, fui escolher curso profissionalizante, técnico em contabilidade, mas nunca exerci a profissão, já fui logo virando costureira e aí eu... só retornei agora né, depois de várias tentativas. Aliás, minto, fiz outro ensino médio, mas não cheguei a concluir, que era pedagógico (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 737-741, 22/04/2020). [...] Aí depois eu fiz o ensino médio com a ...como supletivo, só pra... pra não ficar fora de sala de aula, que eu sempre gostei de, de, de estudar (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 747-748, 22/04/2020).

O corpo-estudo vem intimamente ligado ao corpo-que-dói, o nono corpo, das irmãs, dos irmãos e da família, pois: como estudar vendo as necessidades que precisam ser sanadas? Miçanga nos fala do adoecimento da irmã e da morte do irmão:

#### *Extrato das narrativas de Miçanga*

---

E aí era ensino médio, e aí eu, disse que ela poderia sair pra poder fazer o estágio com mais tranquilidade, e ela fez isso, foi fazer o estágio e tudo, mas infelizmente mais veio adoecer, essa irmã que eu tenho, que tem problema de esquizofrenia. Passou dez anos surtada (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 718-721, 22/04/2020). [Sobre a sobrinha:] o pai dela faleceu com aneurisma, aneurisma cerebral. E esse último, meu irmão tá com oito ano que faleceu foi, complicação de uma diabete (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 784-785, 22/04/2020).

Tanto a esquizofrenia da irmã, quanto a morte por aneurisma cerebral e por diabete dos outros dois irmãos de Miçanga, foram acontecimentos intimamente ligados à vida extremamente difícil devido às condições de trabalho que nunca as/os permitiram estudar, muito menos a ter trabalho decente, conceito este relacionado à promoção de igualdade, remunerações decentes, liberdades, equidades e seguranças, garantia de vida digna e ao cumprimento de desenvolvimento e justiça social.

Apesar de todos os problemas pelos quais Miçanga passou, ela se considera uma pessoa feliz e realizada, nós também comungamos da mesma ideia. Mais que isso, Esquadro e Miçanga são vitoriosas e vencedoras, por estarem hoje entendendo que suas condições raciais-sociais-femininas nunca as favoreceram, mas terem encontrado maneiras de estarem vivas, estudarem, trabalharem e contarem suas histórias de maneira crítica. Miçanga termina sua narrativa trazendo o corpo-superação, o décimo corpo-memória do Diagrama, dizendo:

*Extrato das narrativas de Miçanga*

---

Oh professora, realmente lembrar disso tudo assim é... (suspiros)... foi uma terapia. Na verdade, a palavra foi essa, foi uma terapia. Era muita coisinha guardada e, quando a gente já olha isso, depois de um tempo já distante, a gente enxerga que, que venceu, né. Porque só o fato de eu e minhas irmãs, e meus irmãos termos conseguido driblar a situação que a gente vivia num momento de risco, que era de risco, o que se viveu nos anos oitenta. (Miçanga, Transcrição de áudio, linhas 637-642, 22/04/2020).

Passar por tudo que essas duas, Esquadro e Miçanga, passaram, foi um epistemicídio, conceito que foi também desenvolvido por Aparecida Sueli Carneiro (2005) em sua tese de doutorado, e demonstra toda a perversidade do racismo. Referindo-se ao processo escolar brasileiro, ela pontua:

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio (CARNEIRO, 2005 apud CARNEIRO, 2007 p. 1).

A consciência de apoderar-se de sua história e assumir-se enquanto valorização de tudo que foi negado a si mesmas é o que podemos (re)aprender. “Nessa perspectiva, todas as pessoas são reconhecidas como depositárias de saberes (contextualizados) e práticas (relevantes) – tecidas como fios de memórias” (BOAKARI; MACHADO; SILVA, 2014, p. 115). Consideramos as mulheres designers de moda mulheres de sucesso, mesmo ainda não tendo concluído seu curso de Moda. Nesse sentido, nos perguntamos: “Quem é ela e como outros da sociedade a definem [...]”? (BOAKARI, 2015, p. 28). Para responder este e outros

questionamentos referentes à nossa preocupação no texto é que continuamos a pesquisar com afrodescendentes, pois, segundo a professora Shara Jane Adad, é importante tratar de epistemologias apropriadas para tratarmos da opressão que pontuou a história da humanidade, das diversas formas de dominação, de colonização, escravização e as resistências a esse processo, mostrando a importância de se pesquisar com essas culturas. Isso nos cutuca a encontrar o que foi silenciado, a descobrir aqueles saberes de raiz que parecem que jazem na terra desse povo, mas que brotam às primeiras gotas de chuva (ADAD, 2014).

Adad, falando da importância de se pesquisar essas culturas de resistência, da importância dos saberes desses povos, pontua:

Portanto, destaco que valorizar os saberes das culturas de resistência não se trata de se fechar em culturas separadas, tampouco em estabelecer oposição frontal entre brancos e negros, índios e não índios, fêmea e macho, infantil e adulto[...]. Mas, sim, em valorizar o minúsculo, o esquecido, o invisível, longe dos habituais critérios intelectuais da racionalidade. Trata-se de desorientar o intelecto, de caotizar a percepção e categorização do mundo e de descobrir outros significados humanos para os dados da pesquisa produzidos – tarefa descolonizadora e produtora de potência! (ADAD, 2014, p. 47).

Pensando no dito acima foi que, durante o planejamento do curso de extensão que tinha por finalidade a construção de um desfile de moda afro, buscamos todas as estratégias ao nosso alcance para que não se perdesse nada dito pelas/pelos discentes, colaboradoras/colaboradores, e demais participantes do trabalho. Sugerimos que essas/esses partícipes usassem um caderno memorial. Esses cadernos serviram para reter na memória dessas/desses partícipes o impacto causado pelas discussões e depoimentos nas rodas de conversa, e ficou expresso na inspiração de cada peça que foi para passarela. Falaremos sobre essas narrativas a seguir.

### **5.3 Análise das inspirações – croquis**

Por uma questão de melhor organização do trabalho, vamos seguir a ordem em que as peças apareceram no desfile. Nossa opção foi pelo uso de peças de tons menos fortes para peças de tons mais fortes, pois cores menos fortes, são leves, acalmam e nos preparam para momentos mais intensos.

Cumpra aqui pontuar como foram feitos esses croquis. Depois que estudamos detalhadamente a temática, é o momento de começarmos a pensar como vai ser a peça, ou as peças, se o nosso trabalho consiste numa coleção inteira. As pessoas não são iguais e o processo de inspiração é algo muito particular. Entretanto, existem algumas técnicas que são utilizadas

para esse despertar da inspiração, esse processo criativo. Em nosso curso de extensão, trabalhamos com a tempestade de ideias ou brainstorming, técnica comum em outras áreas educacionais.

Esse processo criativo precisa se apoiar em nossas experiências, nossas vivências, de coisas pelas quais nós já passamos ou temos conhecimento a partir de leituras, de filmes, ou de histórias que nos foram repassadas oralmente. Daí a importância do estudo da temática, quanto mais nos envolvemos com ela mais fácil será o nosso processo criativo, pois “ninguém é criativo a partir do nada. [...] um indivíduo só é criativo quando consegue, a partir de suas experiências associar fatos conhecidos que, no entanto, eram encarados como estranhos uns aos outros” (FORNASIER; MARTINS; DEMARCHI, 2008, p. 138).

A seguir, vamos mostrar todos os croquis feitos por um dos partícipes dessa pesquisa e que teve como origem as inspirações dos demais participantes, representados em rabiscos que foram entregues ao colega. Nos cursos de Moda, não existe a obrigatoriedade de que o discente tenha domínio na construção de croquis, o que justifica que um partícipe que tem esse domínio tenha se encarregado de construir o de todos os pesquisados. Esse é um campo muito extenso, vai desde os croquis manuais como o do nosso trabalho aos desenhos assistido por computador CAD/CAM (*Computer Aided Design e Computer Aided Manufacturing*), forma de agilizar a criação, o uso dessa tecnologia data dos anos 80 e tem colocado no mercado profissionais capacitados no uso de programas como Corel e Adobe (Photoshop e Illustrator), ensinados nos cursos de design.(TREPTOW, 2013) Entretanto, cumpre pontuar, que num curso que pode variar de dois a três anos, é impossível que um profissional saia com toda essa expertise, se faz necessário aprofundamento quando o futuro designer se interessa por essa ou aquela área.

Voltamos a pontuar que num curso de Moda, não se exige que a/o aluna/aluno tenha o domínio do desenho, entretanto é comum, nas empresas, uma/um desenhista de moda para transformar os rabiscos inspirações em croquis, muito mais fáceis de serem analisados. Foi o que fizemos com as inspirações das/dos nossas/nossos pesquisadas/pesquisados.

A peça foi inspirada nas joias dos povos Ashanti. O império Ashanti (XVII-XIX) foi uma complicada forma de organização política, situada na região conhecida como “Costa do Ouro”, em um território que atualmente engloba os países de Togo e Gana. Povos de língua

akan como os Fantes, Baulé, Abron e Anyi, como a maioria dos povos da África, sua cultura era transmitida oralmente. Fabricavam um tecido muito fino e colorido, o kente. Detinham o domínio dos metais, fabricavam uma moeda de cobre e ferro que chamou a atenção dos europeus, além das belíssimas joias em ouro. Foram as joias que chamaram a atenção de



Furador, pois, para quem achava que esses povos escravizados, que não tinham o domínio da escrita, eram povos desprovidos de conhecimentos, se deparar com uma cultura organizada politicamente, que àquela época já dominavam técnicas avançadas de ourivesaria, foi uma agradável surpresa.

**Ilustração 01 – Croqui 01 (Kleison  
Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)**



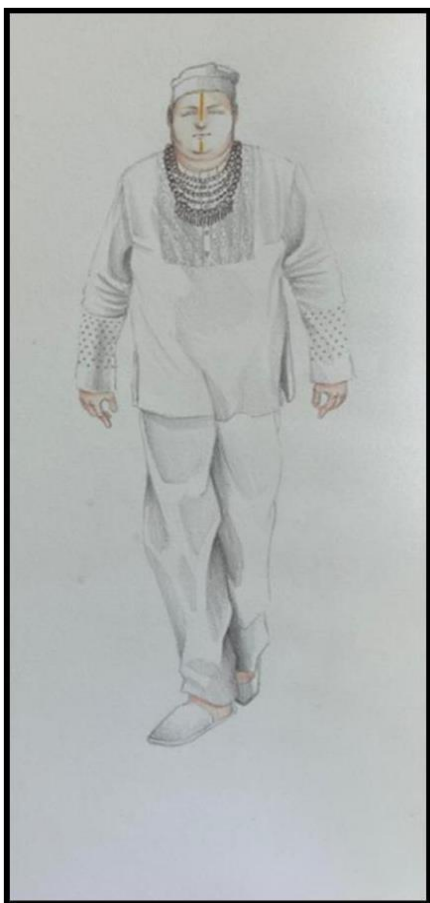
**Foto 25 – Marlane**



Créditos: Inspiração de Furador, 2019

Para uma/um futura/futuro designer, saber que esse povo, além de exímios joalheiros, eram também tecelões de primeira, a/o levou a idealizar essa peça branca com detalhes dourados no colo, pescoço, e punhos e na cintura e quadris – uma referência às joias ashantes (BARGNA, 2010).

**Ilustração 02 – Croqui 02 (Kleison  
Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)**



**Foto 26 – João Gabriel**



Créditos: Inspiração de Carretilha, 2019

A peça acima, foi idealizada por Carretilha, que se inspirou em um dos orixás mais importantes do panteão de orixás brasileiros, Oxalá, orixá da criação, filho de Olorum, o Deus supremo, seu nome significa “O Grande Orixá” ou “O Rei do Pano Branco”. Possui esse orixá duas formas pelas quais ele se apresenta: Oxalufã, o idoso, apoiado em um cajado que tem na extremidade um pássaro, o apaxorô, Oxaguiã, um guerreiro vestido de branco que leva espada e escudo nas mãos e uma mão-de-pilão amarrada à cintura. Sereno, majestoso, tanto num momento como no outro, veste-se totalmente de branco. Sincretizado na Bahia como o Senhor do Bonfim. Escolher como inspiração um orixá como Oxalá só demonstra o profundo respeito que essa discente tem pelas religiões afro-brasileiras, e demonstra, também, o conhecimento que essa ou esse estudante possui a respeito da importância que esses cultos têm com relação à preservação da cultura deixada por nossas/nossos ancestrais africanas/africanos escravizadas/escravizados num processo conhecido como diáspora negra (TAVARES, 2017).

Cumpra aqui lembrar o dito por Teresinha Bernardo, se referindo aos terreiros dessas religiões:

Assim, se, na sua origem, essa religião era de um lócus privilegiado de construção e reconstrução da identidade étnica, atualmente ela se apresenta como um espaço que congrega os marginalizados: o negro, o pobre, o solitário, a mãe solteira, o desempregado, o homossexual” (BERNARDO, 2004 p. 85).

A peça na próxima página,, idealizada por Esquadro para a jovem Patrícia, uma portadora de Síndrome de Down, foi muito bem trabalhada. Esquadro se inspirou nos símbolos Adinkras que remetem a Amor, Família, Carinho.

Ela/ele usou os seguintes símbolos de forma individualizada. Esse tipo de estampa que se faz usando os símbolos africanos provenientes dos atuais países africanos Nigéria, Daomé, Guiné, Senegal, Angola e Gana, é conhecido no Brasil como tipografia Crioula e, de acordo com a maneira como esses símbolos se repetem, temos a Crioula Simples e a Crioula Padrão (VIDAL, 2014).

Dentre os símbolos usados por Esquadro, vamos destacar alguns:



Corações interligados, simboliza tolerância, paciência e união. Segundo um provérbio africano “ter um coração no estômago” se refere à uma pessoa tolerante.



Nsoromma é um símbolo que representa uma estrela e tem o significado de “filhos do céu”. Ela simboliza tutela e amparo divino.



Eban, significa amor e segurança.

Compreendendo o significado humano dessa adoção por parte da irmã, Esquadro cria essa peça ao gosto da Patrícia, com decote acentuado nas costas e com toda essa simbologia dos símbolos dos povos akan. Ela/ele usou corações interligados porque remete entre outras coisas, tolerância e união. O símbolo que significa tutela e Amparo divino é muito significativo. E o símbolo Eban que nos remete a amor e segurança, é tudo que uma criança Síndrome de Dawn precisa.

Vamos pontuar um pouco a respeito dos akans. Esses povos africanos, os akans, estabeleceram-se entre Gana e Costa do Marfim, os grupos principais são os Axante, Fante, Baulé, Ebron e Anyi. (BARGNA, 2010). Desses, alguns grupos fazem parte dos grupos de africanos escravizados que vieram para o Brasil a exemplo dos Axantes e Fantes.

**Ilustração 03 – Croqui 03 (Kleison  
Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)**



**Foto 27 – Patrícia**



Créditos: Inspiração de Esquadro

Os dois primeiros têm forte influência na cultura brasileira pois como sabemos muitos africanos escravizados que vieram para o Brasil eram originários da famosa Costa do Marfim. O processo de conscientização de Esquadro, certamente já fez com que ela/ele chegue ao final do curso, uma/un profissional mais crítica/o.

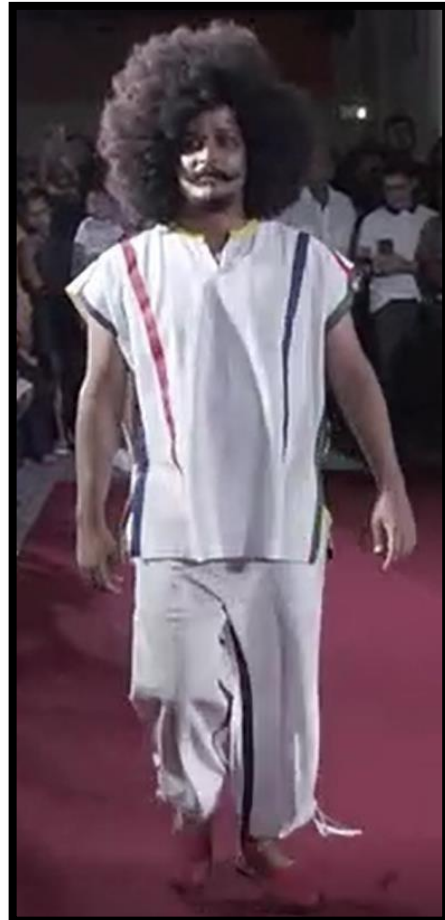
Na construção dessa peça, vista no croqui abaixo (próxima página), Colchete se inspira nas cores da bandeira da África do Sul, ou, mais precisamente, na República da África do Sul, cujas capitais são: Pretória / (administrativa) Cidade do Cabo (Legislativa) Bloemfontein / (Judiciário). Portugal é o primeiro país europeu a pisar o solo da África do Sul (Bartolomeu Dias, 1488), entretanto, é a Holanda o primeiro país a ter uma colônia em território sul-africano reconhecida internacionalmente. Em 1806, os britânicos ocupam a África do Sul, e essa ocupação só termina em 1910, com a independência. Com isso, tempos depois passa a vigorar o apartheid, regime político de segregação racial que só tem seu fim em 1994, depois de muita

luta e muito sofrimento, quando é eleito Nelson Mandela para presidência do país – o primeiro Presidente negro da África do sul (CAMPOS, s. d.).

**Ilustração 04 – Croqui 04**  
(Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)



**Foto 28 – Lucas**



Créditos: Colchete, 2019.

O regime do apartheid, a figura de Nelson Mandela, as fortes cores da bandeira, algumas cores comuns entre a bandeira da África do Sul e a bandeira brasileira, o preconceito racial tão latente ainda no Brasil, foram os elementos disparadores para a inspiração dessa peça, que foi usada por um músico, afrodescendente típico e assumido.

Inspirações como essa, que têm sua origem em histórias de dois países que se entrelaçam por meio de uma coisa chamada racismo, e, no caso da África do Sul, racismo contra os próprios africanos por parte de um grupo que ocupa suas terras e passam a se sentir donos destas nos levam a acreditar que essas práticas educativas conseguiram fazer com que essas/esses discentes se conscientizassem dos malefícios do racismo e de suas muitas consequências. A situação pela

qual passou a África do Sul durante o apartheid, e com certeza ainda sofre por conta dos resquícios dessa mazela que foi o sistema colonialista capitalista (no caso específico da África do Sul, neocolonialismo), assentado no conceito de raça, que criminosamente age para destruir e com isso obter mão de obra barata e enriquecer cada vez mais os brancos, me fez vir à mente a composição do nosso roqueiro maior, o afrodescendente Edvaldo Nascimento, quando ele canta Apartheid/liberdade, uma composição sua e de Cruz Neto e tão bem interpretada por ele. Vejamos a letra:

### **Apartheid/liberdade**

Todo ser precisa ter  
No peito a liberdade e se a cor é causa de dor  
Digamos não ao apartheid

Nenhum poder pode desfazer  
O sonho de viver  
A luz existe basta que se acredite  
Naquilo que se quer fazer.

Todo ser precisa ter  
No peito a liberdade e se a cor é causa de dor  
Digamos não ao apartheid

Todo ser precisa ter, saber amor e pão...  
Então pra que tanta riqueza se não há justa divisão.  
Pra que eleger tanta mentira ao mais alto escalão  
Se na decisão somente alguns terão, saber amor e pão

Todo ser precisa ter  
No peito a liberdade e se a cor é causa de dor  
Digamos não ao apartheid

(Música de: Edvaldo Nascimento/Cruz Neto, Interpretação: Edvaldo Nascimento)

Esse vestido branco, com aplicações em azul e dourado, foi a criação de Cola para a jovem militante do Movimento Negro de Teresina, Lara Danuta. As aplicações são símbolos da cultura africana, aqui deixada por nossas/nossos ancestrais africanas/africanos. Ela/ele usou o triângulo, que é um elemento geométrico e que foi muito usado pelos antigos egípcios. As pirâmides egípcias tinham como base o triângulo, sendo projetadas a partir desse desenho. Elas eram um símbolo de ascensão, elevação, estando conectadas ao divino (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020). A outra imagem aplicada em dourado na peça é o Adinkras “Aya”, que significa força, perseverança, coragem. As cores escolhidas para as aplicações também têm

seus significados. O dourado nos envia, dentro das religiões afro-brasileiras, a ayabá Oxum, que nos remete ao ouro, metal precioso, “símbolo da felicidade, da sorte, da bem-aventurança” (HELLER, 2015, p. 499). Já o azul, nas religiões de origem africana, é a cor de Iemanjá quando mais clara, mas esse tom então utilizado é de Ogum, orixá da forja, da metalurgia, que, com seus sete instrumentos, ensinou o homem a dominar a natureza. No esoterismo, o azul domina a região da face, “olhos, orelhas e nariz pertencem ao domínio da percepção, governada pelo intelecto. Nessa região, se encontra também a fronte – o azul escuro deve simbolizar, portanto, a profundidade dos pensamentos” (HELLER, 2015, p. 438).

**Ilustração 05 – Croqui 05(Kleison  
Silva, 35,5 cm x 58,5 cm)**



**Foto 29 – Lara Danuta**



O vestido idealizado por Cordão é um tomara-que-caia, todo bordado com aplicações feitas com punhos de rede tingidos nas cores puras e também no preto, cujas aplicações remetem ao símbolo Adinkras, que representa força, perseverança, coragem, e se chama “Aya”. A peça ainda tem alças do mesmo punho de rede tingido, preso na cava e em uma gola tipo gola de padre abotoada com botão atrás. A roupa acompanha o corpo até um pouco abaixo do quadril, quando se abre em roda. Pensar uma veste assim, com essa simbologia de força, coragem e perseverança, nos leva a entender a importância dessas três palavras para o povo afrodescendente brasileiro que precisa de muita força para lutar contra esse racismo que se entranha na estrutura do nosso país e que, para debelá-lo, precisamos de muita perseverança e coragem. São palavras fortes que esses símbolos nos trazem e fazem com que todas/todos que participaram desse trabalho se conscientizem de que precisamos extirpar o racismo desse Brasil.


**Ilustração 06 – Croqui 06 (Kleison Silva,  
37,5 cm x 58,5 cm)**



**Foto 30 – Marcieva**





Neste croqui temos duas criações, a roupa do condutor é inspiração de Passamanaria, já a cadeirante veste roupa idealizada por Barbante. Passamanaria se inspirou nas batas africanas e nos símbolos Adinkras, e usou, talvez o mais usado dos símbolos, vários círculos, um dentro do outro.  Adinkrahene. chefe dos símbolos Adinkras, significa grandeza, carisma e liderança. Barbante se inspirou totalmente em Iemanjá, a rainha do mar, uma saia bem ampla e uma blusa com mangas sino. Na barra da saia, da blusa e das mangas, aplicações de viés em vários tons de azul que nos remetem às ondas do mar. Esse mar que a humanidade insiste em poluir, mas que é protegido por Iemanjá.

**Ilustração 07 – Croqui 07 (Kleison Silva,  
37,5 cm x 58,5 cm)**



**Foto 31 – Rafael e Clara Virgínia**



Créditos: Idealizado por Passamanaria (condutor) e Barbante (cadeirante), 2019

Lenda (231)

Logo no princípio do mundo, Iemanjá já teve motivos para desgostar da humanidade.

Pois desde cedo os homens e as mulheres jogavam no mar tudo o que a eles não servia.

Os seres humanos sujavam suas águas com o lixo, com tudo o que não mais prestava, velho ou estragado.

Até mesmo cuspiam em Iemanjá, quando não faziam coisa pior. Iemanjá foi queixar-se a Olodumaré.

Assim não dava para continuar; Iemanjá Sessu vivia suja, sua casa estava sempre cheia de porcarias.

Olodumaré ouviu seus reclamos e deu-lhe o dom de devolver à praia tudo o que os humanos jogassem de ruim em suas águas.

Desde então, as ondas surgiram no mar.

As ondas trazem para terra o que não é do mar (PRANDI, 2001, p. 392).

Essa lenda deveria ser um mantra para todas/todos as/os designers de moda, pois somos sabedoras/sabedores do quanto a indústria da moda é uma das mais poluentes do planeta. Em matéria publicada pelo Estadão, Fernanda Camargo pontua:

A indústria da moda é responsável por 8% da emissão de gás carbônico na atmosfera, ficando atrás apenas do setor petrolífero. O poliéster, uma das fibras mais utilizadas no mercado *fashion*, é responsável pela emissão anual de 32 das 57 milhões de toneladas globais (CAMARGO, 2021, n. p).

Daí a nossa preocupação enquanto profissional da Moda. Designers, respeitem **o meio ambiente!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!** (grifo nosso).

A inspiração de Botão foi a travessia das/dos africanas/africanos escravizadas/escravizados que vinham para o Brasil em navios, conhecidos como navios negreiros. Ela/ele transformou todo o sofrimento dentro dos porões em bordados feitos manualmente em um casaco. São desenhos de pássaros, flores, casas, riscos simbolizando estradas, sol do qual elas/eles estavam privadas/privados. Ela/ele “transformou sofrimento em poesia”, no dizer da Delegada Vilma Alves, que abrilhantou o desfile vestindo a peça idealizada por Botão, e nos brindou com sua agradável e simpática presença. O azul da peça é uma referência a esse imenso oceano Atlântico. Depois de alguns dias trabalhando em rodas de conversa o sistema racista que banha esse país de norte a sul, de leste a oeste; falando de todo o sofrimento pelo qual passaram essas/esses africanos escravizadas/escravizados e o sofrimento impingido às/aos suas/seus descendentes, as/os afrodescendentes brasileiras/brasileiros,

sofrimentos esses agora escancarados durante a pandemia da covid-19 que assola não apenas o Brasil, mas o mundo.

**Ilustração 08 – Croqui 08 (Kleison Silva,  
37,5 cm x 58,5 cm)**



**Foto 32 – Vilma Alves**



Créditos: Idealizado por Botão

Porque sofrimento escancarado? Por que somos as/os mais atingidas/atingidos, pelo simples fato de não termos tido acesso a absolutamente nada nesse país (escola, formação profissional, etc.), isso nos empurra cada vez mais para pobreza e para a marginalização. Essa pobreza, nesse momento de pandemia, significa atendimento médico precário, estarem mais vulneráveis ao vírus, ao desemprego, dentre outros fatores que acentuam cada vez mais essa pobreza.

O processo de conscientização de todas essas problemáticas pelas quais a população afrodescendente passa, está fazendo com que esses futuros designers se tornem cada vez mais

críticos. Cumpre aqui pontuar o que foi dito pelo artista plástico Hostyano Machado, quando este dizia aos nossos pesquisados que o conhecimento da sociedade não qual estamos inseridos é fator fundamental no processo criativo. Que esse pensar crítico, demonstrado nesse trabalho, seja a companhia de todas/todos os designers desse país!

### **Ilustração 09 – Croqui 09 (Kleison**

**Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)**



### **Foto 33 – Odara**



Créditos: Idealização de Linha, 2019

A peça, idealizada por Linha, vestiu a jovem afrodescendente Odara, que trouxe para a passarela a jovialidade e beleza. Linha, na idealização da peça, se inspirou nas chamadas cores primárias – preto, amarelo, azul e vermelho, e com essas ela/ele tingiu quatro pedaços de tecido suficientes para fazer as nesgas, deixando um pedaço sem tingimento. Depois de feito o primeiro tingimento, ela/ele tinha tecido suficiente para cinco nesgas, ela/ele precisava de seis, juntou a tinta restante amarelo e azul e obteve o verde. As cores que ela/ele precisava estavam prontas,

agora era só utilizar a técnica “crazy” (louco), e obter o novo tecido colorido que ela/ele almejava para fazer a saia. Colocou os seis pedaços de tecido um sobre o outro e fez um corte aleatório, aí uniu o primeiro com o último e assim, aleatoriamente, uniu os tecidos de forma que cada um agora era um novo pedaço de tecido com duas cores, e a união desses era arrematado por viés preto. Fez isso várias vezes, depois cortou as nesgas, juntou-as, sempre arrematando com viés preto. Com as sobras, fez o turbante, e a blusa foi feita no tom de amarelo e aplicado na blusa a Sankofa, um dos mais conhecidos símbolos africanos.

**Ilustração 10 – Croqui 11 (Kleison  
Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)**



**Foto 34 – Sônia Terra**



Créditos: Idealização de Máquina Overloque, 2019

A veste da imagem acima foi usada por Sônia Terra, uma das fundadoras do grupo Instituto da Mulher Negra do Piauí – Ayabás, um grupo que luta pelas mulheres, em especial as mulheres negras, por serem tão massacradas por esse sistema capitalista, racista, sexista e

machista. Vejam que a carga é pesada. Mas voltemos à inspiração encontrada por Máquina Overloque – as flores, as flores africanas, na peça apenas simbolizadas. Ela se volta para a exuberância da flora africana. A região do Cabo, na África do Sul, possui as mais belas flores do mundo, é um dos seis reinos florais do planeta, possui mais de 9.100 espécies, dessas, 6.226 são endêmicas, só existem na região (CASTRO, 2014). Atualmente, no Brasil, existe quase que uma febre pelo cultivo de uma planta muito bonita, a rosa do deserto. Ela existe de várias cores, como a preta, por exemplo; daí as rosas do vestido serem pretas. Sua origem são as regiões desérticas da África e Oriente Médio. A Ilha de Socroto, no Iêmem, é tida como o berço da rosa do deserto. Mesmo pensando na flora, o que nos remete imediatamente à fauna africana, igualmente rica, não existiu no trabalho uma pretensão de ligar a imagem africana à fauna, muito pelo contrário, está ligado à beleza, ao sensível. As flores, as rosas, são símbolo da natureza, da vida, da candura, da paz, da riqueza, do bem-estar, da energia, da cura, do amor, da qualidade de vida, etc... As flores são o ápice do ciclo da vida vegetal. As flores são a demonstração maior de beleza da natureza, em exuberância de feitios, cores e perfumes inigualáveis. Máquina Overloque trabalha numa área ligada à decoração. Daí a importância e respeito que o educador deve ter pelo conhecimento o educando traz do seu meio (FREIRE, 1987).

A peça idealizada, costurada, pintada e bordada por Miçanga, teve como inspiração alguns símbolos Adinkras, que “compreende um conjunto de ideogramas, que são símbolos gráficos utilizados para representar uma palavra ou conceito abstrato, encontrados nas estampas dos tecidos e também na cerâmica, na arquitetura, em objetos de bronze e talhado em peças de madeira” (DYBAX, 2016, p. 19). Vamos mostrar o significado de alguns símbolos usados por Miçanga:



Nea Onnim No Sua A, Ohu – Aquele que não sabe, pode aprender, é o símbolo do conhecimento, educação vitalícia.



Akoma Ntoaso – Corações ligados, simboliza compreensão, acordo. Wawa Aba – simboliza resistência, vigor e perseverança.



Wawa Aba – simboliza resistência, vigor e perseverança



Sankofa – Símbolo da sabedoria, de aprender com o passado para construir o futuro.



Adinkrahene, chefe dos símbolos Adinkras, significa grandeza, carisma e liderança.

(CHEVALIER; GHEERBRANT, 2020)

**Ilustração 11 – Croqui 11**  
**(Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)**



**Foto 35 - Simone**



Créditos: Idealização de Miçanga, 2019.

Trata-se de uma peça onde é feito um chamamento para que se pense o valor do aprender, a importância da perseverança, como a compreensão leva a acordos e esses acordos ao carisma e à liderança, e tudo isso se faz com um olhar para nossa ancestralidade e o vislumbre de um futuro promissor.

Bobina idealizou uma kafta em um tom de terra, com as bordas pintadas de laranja, nas quais foram também pintados triângulos feitos de listras, uma constante na arte africana, separados ou juntos a outras formas. Ela/ele também teve a preocupação de bordar, em volta de toda a kafta, um dos símbolos Adinkras, que representa força, perseverança, coragem e se chama “Aya”. Quando idealizamos uma peça, nem tudo é consciência pura. O fato de colocar a barra em volta laranja e enfeitar com o preto se justifica, pois todos que trabalham na área são informados que o preto intensifica as cores. Quando imaginamos a peça, imaginamos alguém

vestida/vestido. As/os discentes conheciam um pouco da personalidade da pessoa para qual estavam idealizando a vestimenta, isso foi dito pela coordenadora a cada um/uma. Bobina nos informou que, sempre que pegava na peça, desde a escolha do modelo, escolha da cor, dos bordados pinturas etc., o que vinha à sua mente era o conceito de liberdade, de estar livre, livre da opressão do racismo, do colonialismo, das questões de gênero, livre da miséria, livre para ser o quiser ser e esse sentimento ia crescendo dentro dela/dele. O laranja, cor resultante da mistura do amarelo com o vermelho, “fica entre o vermelho e o amarelo em todos os sentimentos que se intensificam [...] Cor da recreação, da sociabilidade [...] é também a cor dos inconformistas, dos originais” (HELLER, 2015, p 395; 398; 401).

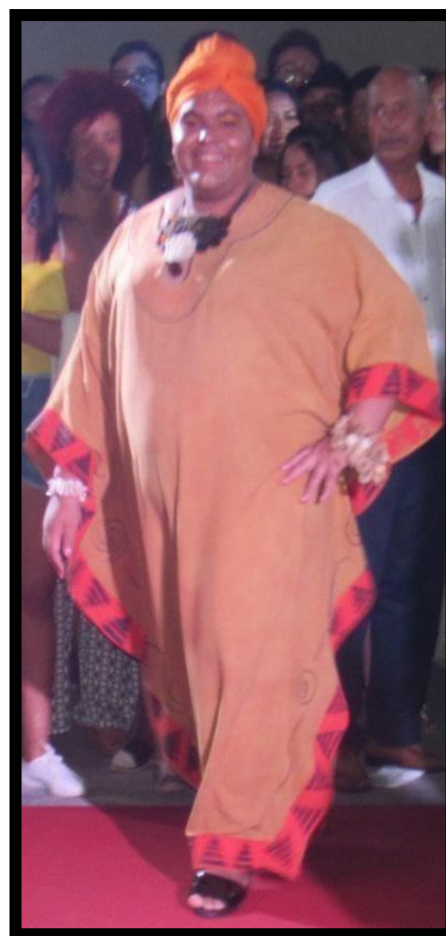
Seria apenas uma mera coincidência? Francamente não tenho como responder a esse questionamento, entretanto não existe nada mais acertado que a inspiração, a pessoa que desfilou com a peça e o que é dito a respeito das cores utilizadas, especialmente o laranja.

### **Ilustração 12 – Croqui 12 (Kleison**

**Silva, 37,5 cm x 58,5 cm)**



### **Foto 36 – Letícia Carolina**



Créditos: Idealização de Bobina, 2019



Bobina teve muito trabalho também na construção da peça, pois o tecido de saco tem apenas 60 cm de largura e em média a largura de uma kafta para adultas/adultos é em torno de 1,50 m ou 150 cm, necessitando, portanto, de três alturas para frente e três alturas para as costas e essas emendas teriam que ser disfarçadas. Ela/ele usou bordados bem simples e o trabalho ficou um primor. Outros trabalhos também precisaram de arranjos. Pontuamos aqui o caso de Bobina porque ele foi muito trabalhoso mesmo.

**Ilustração 13 – Croqui 13**  
(Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)



**Foto 37 – Fátima Zumbi**



Créditos: Idealização de Alfinete, 2019.

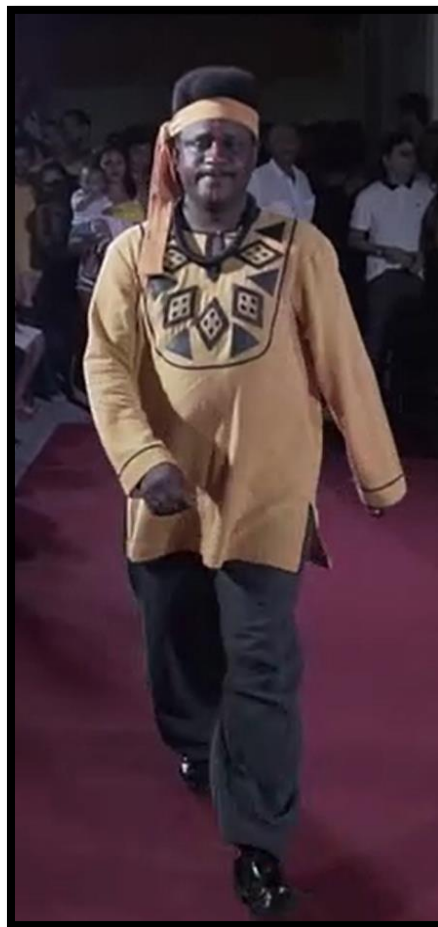
Alfinete criou uma peça muito especial, um vestido com saia longa de nesgas coloridas, corpo com acentuado decote V e trespasse, mangas boca de sino, compridas. Peça bem colorida, na qual ela usou as cores dos orixás femininas, cores fortes e marcantes (acima).

Vejamos o que é dito a respeito de cada uma dessas cores. Começemos pelo amarelo, que nos remete imediatamente a Oxum, orixá da beleza, da riqueza, da faceirice e do denego. O vermelho é a cor de Iansã, divindade do rio Níger, deusa das alturas e dos ventos, impetuosa, independente, forte, mulher de Xangô, a única que o acompanha nas batalhas. Altiiva, corajosa, não teme os eguns (mortos). Lilás bem forte, quase roxo, a cor de Nanã, divindade muito antiga, a mais velha dos orixás das águas paradas, dos lagos lamacentos e dos pântanos. É associada às avós, à outra mulher de Oxalá, mãe de Omolu, Oxumaré, Ewá e Ossaim. O azul é da rainha do mar e das águas doces, Iemanjá, seu nome significa mãe cujos filhos são peixes, simbolizada por conchas e pedras do mar, é a orixá mais popular do Brasil. Tem, como uma de suas moradas prediletas, a Lagoa de Abaeté, na Bahia. Ícone da cultura brasileira, dois de fevereiro é o dia a ela consagrado e da mesma forma o último dia do ano, leva ao mar e rios uma infinidade de devotos com velas e oferendas. No Brasil, esse ritual independe de religião (TAVARES, 2017).

**Ilustração 14 – Croqui 14**  
(Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)



**Foto 38 – Cláudio**



O conjunto masculino idealizado por Calçador teve por inspiração as cores fortes tão usadas em muitos países africanos, especialmente dos países de onde vieram escravizadas/escravizados, nossas/nossos ancestrais africanas/africanos. Os triângulos e losangos, aplicados na bata na cor preta, é uma estratégia para realçar ainda mais a tonalidade do amarelo, que nos remete à riqueza e à alegria. Entretanto, o amarelo, durante muito tempo, foi considerado a cor dos proscritos. Eva Heller pontua:

Na Idade Média o amarelo tornou-se a cor dos proscritos. Uma instrução de Hamburgo, de 1445, obrigava as prostitutas a colocarem um pano amarelo na cabeça; uma lei de Leipzig, de 1506, obrigava-as a vestir um manto amarelo; em Merano, na Itália, seus sapatos deveriam ter cordões amarelos. Também as mães solteiras deveriam tornar pública essa desonra, usando alguma coisa amarela; em Friburgo, na Brisgóvia, eram obrigadas a vestir um gorro amarelo. No pescoço dos hereges, na hora de sua execução, era colocada uma cruz amarela. Os que tinham dívidas deveriam costurar um círculo amarelo em suas roupas. Essas peças de vestuário e marcas amarelas eram “as manchas da desonra”. [...]. O amarelo foi escolhido para ser como cor dos proscritos porque aqueles que tivessem que usá-la não tinham como escondê-la, até mesmo na escuridão ela pode ser vista (HELLER, 2015, p. 207).

Ela ainda nos informa que, mesmo nos dias atuais, o amarelo não é uma cor apreciada pelos europeus. Na Ásia, entretanto, é uma cor muito querida, pois combina com o tom dourado da pele dos asiáticos (HELLER, 2015). Cor muito bela, uma das cores primárias que, junto como preto, é muito usada nas peças com inspiração africana. Calçador acertou em cheio, a peça ficou maravilhosa e brilhou na passarela.

A inspiração de Máquina Galoneira foi o orixá Omolu, Obaluaê ou Xapanã (como é chamado), e a cor escolhida para construção da peça foi um rosa terroso, cor discreta como discreta é a cor da palha escolhida para construir a capa usada por Omulu. Divindade das doenças contagiosas, temido e respeitado, é ele que pune os malfeitores e insolentes, enviando-lhes a varíola. Ao seu nome, todos do terreiro se curvam e tocam os dedos no chão e levam à cabeça, pois seu nome significa que ele é “Rei dono da Terra”. É o orixá da cura (TAVARES, 2017).

#### OBALUAÊ TEM AS FERIDAS TRANSFORMADAS EM PIPOCAS POR IANSÃ.

Chegando de viagem à aldeia onde nascera, Abaluaê viu que estava acontecendo uma festa com a presença de todos os orixás. Abaluaê não podia entrar na festa devido à sua medonha aparência. Então ficou espreitando pelas

frestas do terreiro. Ogum, ao perceber a angústia do orixá, cobriu-o com uma roupa de palha que ocultava sua cabeça e convidou-o a entrar e aproveitar a alegria dos festejos. Apesar de envergonhado, Abaluaê entrou, mas ninguém se aproximava dele. Iansã tudo acompanhava com o rabo de olho. Ela compreendia a triste situação de Omolu e dele se compadecia. Iansã esperou que ele tivesse bem no centro do barracão. O xirê estava animado. Os orixás dançavam alegremente com suas equedes. Iansã chegou então bem perto dele e soprou suas roupas de mariô, levantando as palhas que cobriam sua pestilência. Nesse momento de encanto e de ventania, as feridas de Abaluaê pularam para o alto, transformadas numa chuva de pipocas, que se espalharam brancas pelo barracão. Abaluaê, o deus das doenças, transformou-se num jovem belo e encantador. Obaluaê e Iansã Igbalê tornaram-se grandes amigos e reinaram juntos sobre o mundo dos espíritos, partilhando o poder único de abrir e interromper as demandas dos mortos sobre os homens (PRANDI, 2001, p. 206-207).

Abaixo, croqui e imagem:

**Ilustração 15 – Croqui 15**  
(Kleison Silva, 37,5 cm x



**Foto 39 – Haldaci Regina**



Créditos: Idealização Máquina Galoneira, 2019

Tesoura se inspirou no SENUFO, a peça é um conjunto de dois retângulos costurados nas bordas, com aberturas assim distribuídas: Uma no centro da parte superior para passagem da cabeça, uma em cada uma das laterais para passagem dos braços e duas na parte inferior para passagem das pernas. A peça é uma espécie de macacão, mas quando é vestido pode parecer uma túnica. Tesoura se inspirou nas cores e na modelagem. Entre a saída para pernas, na parte da frente, ela/ele fez apenas uma pequena curvatura, e colocou na frente uma renda larga, dando a ideia de que se tratava de um vestido.

Nas mangas, usou apenas a abertura e um acabamento em viés. Trabalhou toda a peça com viés na cor terra, fazendo um trabalho com o viés e pedaços de tecidos, formando uma textura bem agradável. Na foto que vimos durante o desfile, na parte das costas percebe-se que se trata de uma peça semelhante a um senufo.

### **Ilustração 16 – Croqui 16**

**(Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)**



### **Foto 40 – Nana Joane**



Créditos: Idealização de Tesoura, 2019

O senufo é o traje ritual de Poro, uma sociedade secreta masculina — uma espécie de maçonaria africana — que exerce influência em países como a Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim e Guiné. Essa sociedade está associada com a cultura dos mandê, povos que chegaram à África Ocidental há mais de mil anos. Seu principal papel é religioso e consiste em controlar os espíritos para que a sua interferência entre os homens seja benéfica (RINCÓN, 2015).

Na parte traseira da peça, observamos também, a estampa na cor preta de uma Sankofa, a imagem de um pássaro com os pés para frente e a cabeça para trás a nos dizer: siga em frente sem esquecer o que ficou para trás.

### **A Canção do Africano**

Lá na úmida senzala, sentado na estreita sala, junto ao braseiro, no chão, entoa o escravo o seu canto,  
E ao cantar correm-lhe em pranto saudades do seu torrão... [...] "Minha terra é lá bem longe,  
Das bandas de onde o sol vem; esta terra é mais bonita,  
Mas à outra eu quero bem!"  
O sol faz lá tudo em fogo, faz em brasa toda a areia; ninguém sabe como é belo ver de tarde a papa- ceia! [...] O escravo então foi deitar-se, pois tinha de levantar-se  
Bem antes do sol nascer, e se tardasse, coitado, teria de ser surrado,  
Pois bastava escravo ser. [...].  
(Castro Alves, Recife 1863).

A inspiração de Lápiz, foi o sol, esse sol em brasa do deserto africano, como afirma Alberto da Costa e Silva:

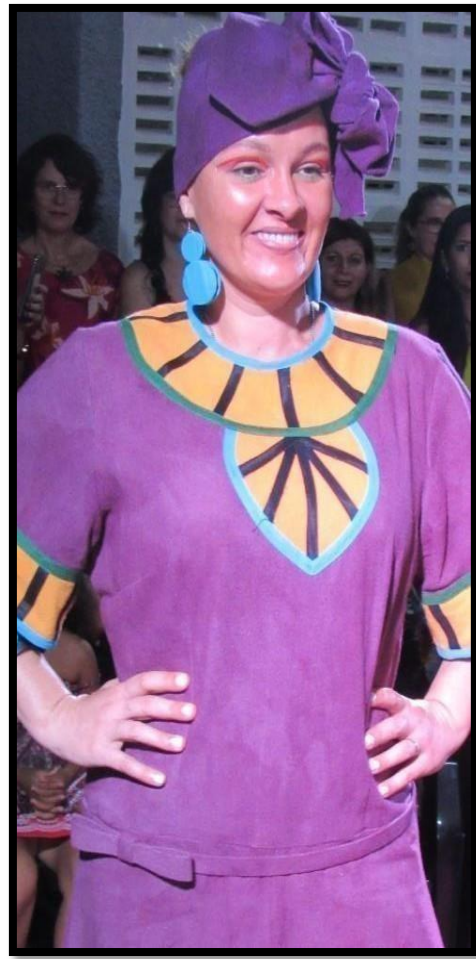
O comércio de braços humanos não aproximou apenas as praias que ficavam frente a frente, mas estendeu sertão adentro o seu alinhavado, uma vez que muitos dos escravos trazidos para o Brasil e que foram trabalhar em Minas ou Goiás vieram de regiões do interior do continente africano, das savanas e das bordas dos desertos. Não eram, portanto, falsos, como pareceram a tantos leitores e críticos, os versos em que Castro Alves se referia a escravos como vindos de regiões áridas. O poeta, que tinha familiares envolvidos no tráfico, sabia do que falava, [...] em A Canção Ao Africano, disse, da terra deste, que "o sol faz lá tudo em fogo, faz em brasa toda a areia". (SILVA, 1994, n. p.)

Ficamos muito impactadas/impactados, quando Lápiz, depois de ter rabiscado sua peça numa folha de papel, nos falou a respeito de sua inspiração. Ela/ele nos dizia que esse sol tinha uma dupla conotação, ela/ele nos lembrava de uma frase muito comum entre nós e que eu não sei a quem pertence que é: "O sol é para todos". Essa frase nos remete a tanta coisa, à igualdade entre os seres humanos, o respeito, os mesmos direitos, os mesmos deveres. Acho que podemos resumir numa única palavra: alteridade.

**Ilustração 17 – Croqui 17**  
(Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5



**Foto 41 – Sandra Loiola**



Créditos: Idealização de Lápis, 2019.

Máquina Reta sabia que estava idealizando uma peça para uma jovem que estava bem acima do peso, o que chamamos, no linguajar da moda, de *plus size*, daí sua opção por usar cores alegres tão comuns na cultura africana, além de optar também pelas listras que, colocadas nessa posição, puxam a imagem para baixo, alongando-a. Usou as listras também na cor preta, na capa jogada por cima do vestido de alças. A cor usada para o restante da peça e para capa foi o lilás bem forte, o lilás de Nanã, só que mais denso. O intuito da capa era dar leveza e glamour ao look. Vamos pontuar a simbologia da cor lilás – a cor da/do designer de moda. O lilás que foi utilizado nessa peça era quase o violeta. Mas qual a diferença entre o violeta e o lilás? O violeta é o resultado da mistura de duas cores primárias, o azul e o vermelho, já o lilás é o violeta acrescido do branco, portanto o lilás é o violeta esmaecido. Eva Heller Pontua: “Em nenhuma outra cor se unem qualidades tão opostas quanto no violeta: é a união do azul e do vermelho,

do masculino e do feminino, da sensualidade e da espiritualidade. A união dos opostos, é o que determina a simbologia da cor violeta” (HELLER, 2015, p. 417).

O que Heller nos diz, nos induz a pensarmos sobre a importância dessa cor, não apenas para a Moda, mas para tudo que envolva coloração.

### **Ilustração 18 – Croqui 18**

**(Kleison Silva, 37,5 cm x 58,5)**



### **Foto 42 – Lyzienni**



Créditos: Idealização de Máquina Reta

As vestes usadas pelas daminhas, cuja inspiração foi Iansã, e as roupas do noivo e da noiva, inspiradas nas batas africanas e nas linhas tão usadas pela cultura africana, não serão analisadas pois foram idealizadas pela coordenadora do curso de extensão, e esta não faz parte do grupo de pesquisadas/pesquisados.

#### **5.4 Questionamentos feitos às/aos participantes do curso de extensão.**

Nesta parte do trabalho, como estávamos em plena pandemia da covid-19, tivemos que



seguir todos os protocolos do Ministério da Educação, de como enviar material para alunas/alunos durante a pandemia, preparar o questionamento, colocar em envelopes plásticos que seriam borrifados com álcool antes da entrega, o que também deveria ser feito quando do recebimento, usar luvas e borrifar com álcool os envelopes dos questionamentos. Encaramos essas restrições com muita seriedade, pois a saúde das/dos pesquisadas/pesquisados nos é muito cara.

**Foto 43 – Procedimentos antes dos questionamentos serem entregues às/aos participantes da pesquisa**



Fonte: Luciano Bacelar, 2021.

Para se fazer um pequeno desfile, são no mínimo umas vinte peças, um desfile maior tem acima de 40 produções, é um show ao vivo que dura em torno de 20 minutos, tempo suficiente para surpreender um público exigente e ainda deixá-los com vontade de ver um pouco mais (QUEIROZ, 2014). Portanto, um desfile escolar deve envolver toda a turma, no caso do curso de extensão, 19 discentes se dispuseram a participar, portanto cada uma/um deveria ficar com a responsabilidade de produzir pelo menos uma peça e a responsável pelo curso se dispôs a idealizar e construir mais 4 peças, as modelos não eram profissionais e sim pessoas comuns de nossa sociedade, então, contando com pessoas que iriam demorar um pouco mais na passarela, os 20 minutos de espetáculo estariam garantidos.

Optamos agora, quando decidimos pesquisar os resultados dessa prática educativa, numa pesquisa de doutoramento, ouvir todas/todos as/os participantes; 10 questões entre abertas e fechadas, mais um espaço para que as/os partícipes colocassem o que lhes aprofundasse, material muito extenso para ser analisado manualmente. Decidimos usar um software que facilitasse o trabalho, e nossa escolha recaiu, dentre os muitos existentes no mercado, no IRaMuTeQ, por ser gratuito, e por conhecermos amigos que já trabalharam com ele em suas pesquisas.

Baixamos o aplicativo (IRaMuTeQ), transformamos todas as respostas das/dos participantes em um corpus textual, criado a partir do conjunto de textos individuais que almejávamos analisar. Exemplificando: Por exemplo, se um pesquisador decide analisar vinte entrevistas; essas entrevistas (TEXTOS) serão copiladas em conjunto e alocadas em um único arquivo (CORPUS). Para juntar os textos, antes de cada grupo de respostas, referentes a um determinado participante, devemos colocar uma linha de comando, precedida por quatro asteriscos (\*\*\*\*), em seguida, variáveis sociodemográficas, por meio da qual podem ser feitas comparações – sexo, grupos de idade, categoria profissional, raça, entre outras. Essas variáveis devem ser separadas, com um asterisco no início e, não podem conter espaço (deve-se usar subscrito (\_)). Deve conter apenas caracteres de a-z, A-Z, 1-9 e traço underline (\_). (LINS, 2019, p. 10). A professora Dra. Cynthia Melo nos adverte para certas informações e orientações com relação ao corpus, tais como:

1. Revise o material para corrigir erros de digitação;
2. Reveja pontuação. Os manuais sugerem não deixar parágrafos, devido à dificuldade entre nós no uso correto dos mesmos (nós mantivemos);
3. Não use alinhamento justificado, negrito ou itálico;
4. Uniformize as siglas ou coloque por extenso unido por underline (SUS ± sus ± Sistema\_Único\_de\_Saúde ± sistema\_único\_de\_saúde);
5. Retire hífen de palavras e verbos com pronomes (Ex: ao invés de segunda-feira, utilize segunda feira; e ao invés de relatou-se, use “se relatou”);
6. Deixar números em algarismos (Ex. 20);
7. Não usar caracteres como aspas ("), apóstrofo ('), hífen (-), cifrão (\$), percentagem (%), reticências (...), e asterisco (\*) (LINS, 2019, p. 12).

Para nos adequarmos à solicitação do programa de computador, usamos informações contidas na pasta individual de cada discente e que eram relevantes para o nosso trabalho, tais como: como ela/ele se identificam – preto, branco, pardo – nomenclatura do IBGE; forma de acesso ao curso superior – cotas ou ampla concorrência; renda por pessoa na família – renda per capita; se mora em Teresina ou cidades do entorno, entre outras.

No corpus textual também se faz necessário que retiremos certos vícios de linguagem da pessoa que escreve. Depois de tudo verificado, o texto é então colocado dentro do programa para ser analisado. É feita a análise das narrativas contidas no corpus, uma análise do conteúdo.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada nas narrativas feitas por essas/esses participantes, uma complementação das análises feitas das narrativas contidas nos cadernos memoriais de cada participante, das observações contidas no caderno memorial da responsável pelo curso de extensão, observações essas anotadas nas rodas de conversa e durante os encontros e, também, as análises das inspirações para construção das peças.

## 5.5 Análise dos nossos questionamentos

Essa análise pode ser feita questão por questão para cada participante, ou podemos juntar em um bloco questões semelhantes, que tratem da mesma temática. No nosso caso, dividimos os questionamentos em categorias comuns aos questionamentos – questões que tratavam da prática educativa em si, as impressões dessas/desses estudantes sobre o curso e questões sobre a inspiração para construção da peça e questões sobre racismo. Após seleção feita pelo programa de computação, nossos resultados são os seguintes:

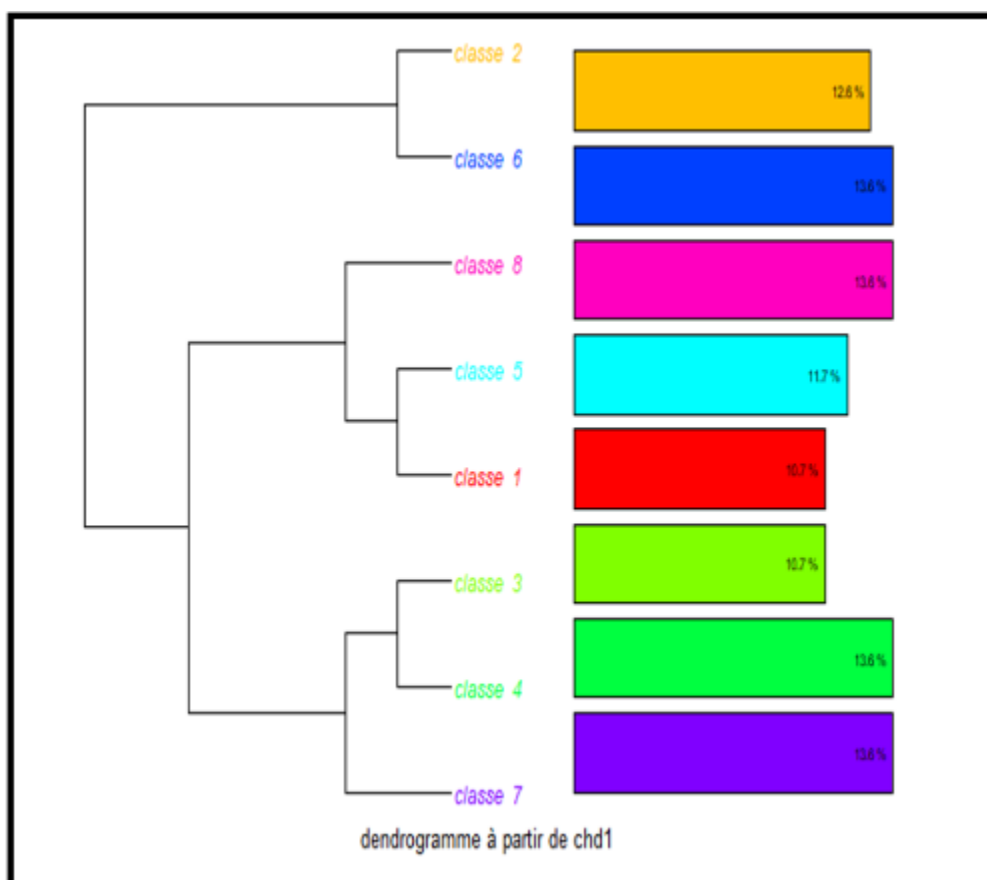
O corpus (Apêndice C) geral foi constituído por dezoito textos (eram dezenove pesquisadas/pesquisados). Como estamos em plena pandemia, uma das/dos pesquisadas/pesquisados se encontrava naquele momento e ainda se encontra, na zona rural de uma pequena cidade do interior do Piauí, sem acesso a Correios e internet, não foi possível enviar o questionário para a/o discente.

O corpus contém 131 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 103 STs (78,63%). Cumpre aqui salientar que o percentual mínimo é de 70%. Surgiram 4.254 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 874 palavras distintas. O conteúdo analisado foi categorizado em oito classes, gerando um Dendrograma<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Representação esquemática ou diagrama que lembra a estrutura de uma árvore (ex.: dendrograma filogenético). "Dendrograma", In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/dendrograma>. Acesso em: 23. fev. 2022.

**Figura 11 – Dendrograma**



Fonte: Dados do IRaMuTeQ, a partir dos dados colocados pela autora, 2021.

De acordo com o Dendrograma, o percentual das respectivas classes é o seguinte: Classe 1, 10,7%; Classe 2, 12,6%; Classe 3, 10,7%; Classe 4, 13,6%; Classe 5, 11,7%; Classe 6, 13,6%; Classe 7, 13,6% e a Classe 8, 13,6%.

### 5.5.1 Inspiração

As classes 2 e 6, juntas no dendrograma, tratam do processo desenvolvido para a inspiração da peça, e pontuam a importância do estudo da temática a ser utilizada na construção das peças. Nossas/nossos partícipes falam de como isso foi feito, do quanto não percebiam o racismo em nosso país, do desconhecimento da situação precária das/dos afrodescendentes brasileiras/brasileiros e pontuam a importância do curso de extensão. Vejamos algumas falas dessas/desses participantes:

### *Extrato das narrativas de Esquadro*

---

Nos cinco primeiros encontros foi mostrado como seria a construção das peças e para tanto teríamos que estudar bem a temática expressando bem a temática na coleção foi muito construtivo poder mostrar a história em cada veste e acessórios tendo como inspiração símbolos africanos

A fala de Esquadro demonstra o quão ele/ela está consciente de que, na construção de um desfile de moda, a temática é o carro chefe, e que esta tem que ser estudada com profundidade para que as peças, ao chegarem à passarela, a retratem com fidedignidade. O tema de uma coleção de moda pode surgir de qualquer coisa, um problema social, um problema ambiental, a visão de algo belo e atrativo, cabe ao designer transformar esse elemento em algo inspirador (TREPTOW, 2013). No caso ora estudado, a cultura de nossas/nossos ancestrais africanas/africanos e a situação em que se encontram hoje no Brasil as/os afrodescendentes foi o mote.

### *Extrato das narrativas de Máquina Galoneira*

---

Sim porque é a partir desse entendimento que conseguimos desenvolver uma coleção sendo fiéis à cultura de quem as vai usar precisamos estudar muito antes de começarmos a construção de uma coleção.

Aqui, Galoneira toca numa problemática ainda pouco trabalhada por designers, estilistas, empresárias/empresários do mundo da moda – a nossa população. Somos orgulhosas/orgulhosos em dizer que o nosso país é pluriétnico, multicultural, temos uma população majoritariamente afrodescendente, e não pensamos como devíamos fazer roupas para essa população. Não estamos dizendo que não exista, existe, mas como afirma a desenhista industrial Maria do Carmo Paulino dos Santos, em matéria da revista Geledés: “A ‘mão negra’ está e sempre esteve presente na moda. Mas a história da moda brasileira é contada a partir do século 19, centralizada na Belle Époque, e com isso se serviu da cultura europeia” (QUINTO, 2020, n. p). São raras as empresas que se preocupam com roupas e acessórios para afrodescendentes e, quando existem, são taxados de peças exóticas. É marcante na indústria brasileira o falso engajamento com a problemática, apesar dos feeds e campanhas com modelos afrodescendentes. O mito da democracia racial, o marketing da diversidade, o tokenismo (inclusão simbólica) e a alienação privilegiada são barreiras a serem suplantadas pela indústria brasileira (POERNER, 2021)

*Extrato das narrativas de Máquina Overloque*

---

Isso é triste, não era pra ser assim, somos todos iguais perante Deus ou não? Na minha visão, antes do curso não via racismo em algumas pessoas e situações.

Overloque pontua aqui sua visão antes do curso, ela não conseguia enxergar racismo em certas situações, o que é muito comum, pois o racismo em nosso país não é explícito, é camuflado, muitas vezes se traveste de gracejo, piada, brincadeira. O racismo pode se manifestar de diversas formas, temos que estar atentas/atentos e percebê-lo, é uma luta árdua e diária. Adilson Moreira pontua:

O racismo pode assumir diversas formas em diferentes lugares e em diferentes momentos históricos. Suas várias manifestações tem o mesmo objetivo: preservar e legitimar um sistema de privilégios raciais, o que depende da circulação contínua de estereótipos que representam minorias raciais como pessoas incapazes de atuar de forma competente na esfera pública. (MOREIRA, 2019, p. 24).

No entanto, esse racismo recreativo não é o único entrave para que não percebamos as várias maneiras como ele se apresenta. A nossa educação, na qual nos incutem diariamente que vivemos num país onde não existe racismo, que nossas diferenças são apenas econômicas, nos levam a não o perceber.

*Extrato das narrativas de Barbante*

---

Sim, na escola não temos o conhecimento profundo sobre afrodescendência e nem procuramos saber, o curso em suma, como tudo, me iniciou abrindo minha visão, sim, abriu minha visão e despertou o meu lado humano e também profissional.

Barbante pontua a falta dessa discussão dentro da escola, e ela/ele está totalmente correta/correto, poucos são os momentos em que se tem abertura para tal, esse racismo institucionalizado emperra tudo. Não estamos pleiteando a exclusão em nossa história das contribuições de europeus como os portugueses, os espanhóis, os italianos, entre outros, o que buscamos é que a contribuição africana deixe de ser invisibilizada e desvalorizada, pois, como pontua o artista Emanuel Alves de Araújo:

Penso, por fim, na ambiguidade desta nossa história de que são vítimas os negros, numa sociedade que os exclui dos benefícios da vida social, mas que, no entanto, consome os deuses do candomblé, a música, a dança, a comida, a festa, todas as festas de negros, esquecida de suas origens. E penso também em como, em vez de registrar simplesmente o fracasso dos negros frente às

tantas e inumeráveis injustiças sofridas, esta história termina por registrar a sua vitória e a sua vingança, em tudo o que eles foram capazes de fazer para incorporar-se à cultura brasileira. Uma cultura que guarda, através de sua história, um rastro profundo de negros africanos e brasileiros, mulatos e cafuzos, construtores silenciosos de nossa identidade[...]. Tudo isso é memória. Tudo isso faz parte da nossa história. Uma história escamoteada que já não poderá mais ficar esquecida pela história oficial (ARAÚJO, 2007, p. 5).

Trazer essa discussão para dentro do recinto escolar só vai fazer com que boa parte da população brasileira, “54% segundo dados do IBGE” (PRUDENTE, 2020, s. p.), se sinta valorizada e respeitada, e que as/os demais passem a vislumbrar o valor da cultura deixada por nossas/nossos ancestrais africanas/africanos.

#### *Extrato das narrativas de Cola*

---

Também podemos observar nas escolas e universidades, as estatísticas mostram esses resultados e eles se dão exatamente pela cor da pele dessas pessoas, o curso proporcionou uma visão dos porquês o racismo existe e persiste no Brasil sim, e muito.

Cola pontua o racismo existente nos recintos educacionais, fala de estatísticas que mostram essa situação, e isso com certeza a/o instigou a buscar mais para idealizar sua peça. Não somos nós que dizemos, apenas comungamos com o dito por muitas/muitos teóricas/teóricos, estudiosas/estudiosos do assunto que, como Djamila Ribeiro, afirmam:

O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre escravidão e racismo, mapeando suas consequências. Deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas (RIBEIRO, 2019, p. 6).

Trazer essa discussão para o recinto escolar, como o dito acima, se faz necessário, é uma exigência da Lei 11.645 de 2008 (BRASIL, 2008), e é muito benéfica para população brasileira.

#### *Extrato das narrativas de Calgador*

---

Depois do curso pude perceber que é maior do que eu imaginava por que é um racismo as vezes velado disfarçado só quem aprende sobre sabe diferenciar ou reconhecer, adoece sim.

Ainda falando do curso que as/os estimulou para que idealizassem a peça que iria à passarela, Calcador fala desse racismo velado que adoece as pessoas que passam por ele e quão difícil é, às vezes, reconhecê-lo. No tocante à saúde, a Organização Mundial de Saúde (OMS) concebe o racismo como um dos determinantes sociais do processo de adoecimento e morte.

### 5.5.2 Racismo

Trabalhem agora as classes 1, 5 e 8, que tratam de racismo e de como esse está entranhado, emaranhado em nossa sociedade, como esse racismo adoece as pessoas que são por ele atingidas, como ele se apresenta em nosso estado nação de forma camuflada e como se preserva mudando como um camaleão. Vejamos o que nos narraram as/os participantes essa pesquisa:

#### *Extrato das narrativas de Alfinete*

---

Acho que discriminar ou fazer distinção de uma pessoa por suas características físicas e étnicas é triste pois o mundo já tem tantos problemas e algumas pessoas ainda propagam a intolerância e os preconceitos e os negros ainda sofrem com os reflexos de uma cultura preconceituosa.

Em suas palavras, Alfinete demonstra uma indignação com uma cultura preconceituosa, pontua que as/os negros ainda sofrem, nesse país, onde elas/eles sempre sofreram as maiores atrocidades que se possa imaginar. A população negra do país, objeto de dominação, tem sido constantemente agredida e criminalizada, desde a escravidão, com o intuito de faltar os interesses sociais e econômicos das classes endinheiradas — fenômeno acolhido por leis cujos efeitos acaçapam, revalidam e perpetuam a opressão (MADEIRA; GOMES, 2018).

#### *Extrato das narrativas de Máquina Galoneira*

---

Sim eu nunca tinha participado de algo que me impactasse tanto aprendemos muito pouco na escola sobre a história desse povo que é o nosso povo nossa gente que por ignorância de muitos sofrem preconceitos raciais que já não cabem mais nesse mundo

As palavras de Máquina Galoneira nos remetem mais uma vez ao trabalho de Djamila Ribeiro, quando ela nos convoca para essa luta contra o racismo, dizendo: “Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro tão grande? No entanto, não devemos nos intimidar. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais



cotidianas” (RIBEIRO, 2019, p. 7). Portanto, vamos arregaçar as mangas e aproveitar todas as oportunidades que se nos apresentem.

#### *Extrato das narrativas de Linha*

---

Ele existe e é camuflado, passei a enxergar racismo onde antes eu não conseguia enxergar, e muito.

Ler, ouvir uma pequena frase como essa, traz um ânimo muito grande, nos enche de expectativa, nos faz entender que pequenas atitudes podem levar a grandes resultados, que nem tudo está perdido, que podemos e devemos esperar, esperar pondo em prática aquilo que podemos fazer, mesmo que sejam pequenas ações pois, como afirma Freire: “Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.” (FREIRE, 1997, p. 4).

#### *Extrato das narrativas de Barbante*

---

Causa dores, baixa autoestima, falta de coragem para buscar melhores oportunidades financeiras educativas entre outras, pois fica embutido na cabeça que o pouco já é muito.

Um dos autores que trabalha essa temática com muita propriedade e nitidez é Henrique Cunha Júnior, que nos conclama a pensar sobre as várias formas depreciativas pelas quais as/os afrodescendentes ou afro-brasileiras e afro-brasileiros são nomeadas/nomeados, formas pejorativas e discriminatórias que levam a essas dores, a essa baixa autoestima, e bloqueiam todas as forças e energias para lutar por um mundo melhor. Ele pontua:

Nós somos insultados em dizeres como “negros da senzala”, “lugar de negro é no tronco”, “fedido como negro escravo”, “lugar de negro é na senzala”, “lugar de negro é na cozinha” e outros ditos racistas repetidos no cotidiano social e reafirmando como um processo de constante linchamento social e desqualificação da população negra (CUNHA JR, 2009, n. p.).

Esse processo de linchamento social nos abate, nos deixa vulneráveis ao ponto de achar que está correto, está bom, não se tem motivo para lutar, que o melhor é deixar como está.

#### *Extrato das narrativas de Cordão*

---

Comecei a observar as expressões racistas que muitas pessoas ainda usam

como mulata, meia tigela, não sou tua negra, denegrir entre outras. O racismo adoece sim, adoece ao ponto de levar ao suicídio

Tais expressões são usadas, na maioria das vezes sem nenhuma análise do que é dito, sem nenhuma preocupação de se conhecer a origem da palavra, e o que ela realmente significa, sem perceber que elas podem representar um verdadeiro abuso, palavras escolhidas com a maior precisão com o intuito de desqualificar. Queiroz nos aponta:

Temos pesos, medidas e até um vocabulário diferente para nos referirmos ao “nosso” e ao do “outro”, numa atitude que, mais do que autocondescendência, não passa de preconceito puro. Por exemplo, a nossa é religião, a do outro é seita; nós temos fervor religioso, eles são fanáticos; nós acreditamos em Deus (o nosso sempre em maiúscula), eles são fundamentalistas; nós temos hábitos, eles vícios; nós cometemos excessos compreensíveis, eles são um caso perdido; jogamos muito melhor, o adversário tem é sorte; e, finalmente, não temos preconceito, apenas opinião formada sobre as coisas (QUEIROZ, 2004, p. 6).

Nessa mesma cartilha, encontramos os significados pouco lisonjeiros das palavras acima citadas por Cordão. Não vamos repetir, pois já pontuamos, em outra parte do texto, quando falamos da nossa opção por usar, nesse trabalho, o termo afrodescendente.

#### *Extrato das narrativas de Colchete*

---

Só o fato de pensar que uma pessoa pode sofrer algum preconceito apenas por conta de sua cor de pele já é o caso de causar alguma revolta, mesmo sabendo que somos todos da raça humana.

Gostaria de pontuar que a indignação de Colchete procede, pois há tempos lutamos por uma visão diferente. Em 1997, as professoras Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (UFSCar) e Lúcia Maria de Assunção Barbosa (UNB) conseguiram fazer um Seminário intitulado “O pensamento Negro”, na UFSCar, que culminou com a publicação de um livro com o mesmo título. Naquela época, já se viabilizava pegar o pensamento negro, as discussões sobre África e diáspora negra e colocar no lugar da marginalidade e da subalternidade que a essa camada da população era imposta (GOMES, 2020). Quase uma década e meia depois, ainda estamos melindrados com a forma como é tratada a população afrodescendente desse país. Que meios esse racismo encontra para se preservar? São formas cada vez mais sofisticadas que escapam de nossas mãos. É mesmo o caso de ficarmos desapontados.

*Extrato das narrativas de Tesoura*

---

Ainda há uma luta que não para, por não serem obedecidas as normas que amparam os negros, diferente com certeza. Sim, as vítimas adoecem e até morrem.

Tesoura toca num assunto muito significativo para o qual precisamos estar preparadas/preparados, pois precisamos nos fundamentar para que estejamos à altura para discuti-lo em qualquer lugar onde ele se apresente: o caso das conquistas que, por pequenas que sejam, é sempre uma afronta à branquitude, como é o caso das cotas. Trabalhamos com cotas em todas as nossas instâncias sociais, mas, quando se trata de cotas para população afrodescendente, é sempre motivo de retaliações e desrespeito às normas estabelecidas. Falando sobre ações afirmativas, Djamila Ribeiro afirma:

Embora as desigualdades nas oportunidades para negros e brancos ainda sejam enormes, políticas públicas mostraram que têm potencial transformador na área. O caso das cotas raciais é notável. Na época em que o debate sobre ações afirmativas estava acalorado, um dos principais argumentos contrários à implementação de cotas raciais nas universidades era “as pessoas negras vão roubar a minha vaga”. Por trás dessa frase está o fato de que pessoas brancas, por causa de seu privilégio histórico, viam as vagas em universidades públicas como suas por direito (RIBEIRO, 2019, p. 22).

Temos que ter consciência de que essas cotas são o mínimo que o estado pode fazer para ressarcir uma população alijada de seus direitos por mais de quatrocentos anos.

*Extrato das narrativas de Máquina Galoneira*

---

É a ignorância de quem não quer se enxergar no outro, é um grito que precisa ser ouvido, debatido, questionado até exaustão para que deixe de existir definitivamente, no Brasil continua na mesma, entretanto conheci com mais profundidade essa luta constante por igualdade e sem preconceitos.

O que Máquina Galoneira afirma nos enche de esperança, ela/ele afirma que passou e ver/conhecer com mais profundidade essa luta contra o racismo e o preconceito existente em nossa sociedade. Ela/ele passa por um processo que denominamos de conscientização, palavra atribuída a Paulo Freire, mas que, segundo ele próprio, ele apenas se encarregou de difundir. É o processo de construção da consciência crítica, uma consciência que desvela a realidade, que nos libera para que enxerguemos as dimensões não nítidas resultantes dessa aproximação da realidade com o mundo (FREIRE, 1979). Ele pontua:

Quanto mais conscientização, mais se ‘desvela’ a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por essa mesma razão a conscientização não consiste em ‘estar frente a realidade’ assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “*práxis*”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão (FREIRE, 1979, p. 15).

É esse ato de agir/refletir/agir, pois é durante o agir que precisa ser estimulado em nós docentes e nas/nos discentes para que se possa esperar em ter mundo cada vez melhor.

### 5.5.3 Práticas educativas

As classes 3, 4 e 7 tratam da prática educativa, dos encontros nos quais a temática foi trabalhada. A fala das/dos partícipes reflete o que foi absorvido e também o que foi transmitido por elas/eles, e o quanto essa troca se reflete na idealização das peças e, mais do que isso, o que ficou na cabeça dessas/desses futuras/futuros designers, que com certeza frutificará mais à frente.

#### *Extrato das narrativas de Lápis*

---

Cada encontro que tivemos foi indispensável para o resultado final que tivemos, com toda certeza acho muito triste vivermos em uma sociedade que ao seu redor estão rodeadas de riquezas herdadas da cultura afro desde a combinação de cores quentes à combinação de temperos de uma comida e simplesmente não fazerem caso dela.

Lógica a observação feita por Lápis com relação à pouca valorização da cultura africana. Entretanto, essa invisibilidade tem uma razão de ser, trata-se de uma arma utilizada para negar a existência e o valor dessa cultura, para deixar esse grupo social cada vez mais desvalorizado. Sílvio Almeida pontua: “Em vez de destruir a cultura, é mais inteligente determinar qual é o seu valor e seu significado” (ALMEIDA, 2019, p. 73). É isso que é feito com a cultura negra, deixa-a aí, nos servimos dela quando necessário, basta que ela não seja significativa e que a desvalorizemos.

#### *Extrato das narrativas de Colchete*

---

Pudemos refletir um pouco sobre os preconceitos que ainda estão enraizados em nosso povo, de uma maneira mais branda, porém ainda muito presente em nossas vidas, sim porque através do conhecimento podemos aprender a valorizar e respeitar cada cidadão independente de cor ou raça.

Colchete pontua os momentos de reflexão nas rodas de conversa, fala que esse racismo ainda está presente em nossas vidas, no que ela/ele está coberta/coberto de razão. O racismo está na estrutura de nossa sociedade (ALMEIDA, 2019). Vamos recorrer mais uma vez a Djamila Ribeiro, quando ela afirma:

Movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo como estrutura fundamental das relações sociais, criando desigualdades e abismos. O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro tão grande? No entanto, não devemos nos intimidar. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas (RIBEIRO, 2019, p. 8).

Sejamos antirracistas, tenhamos a preocupação de analisar nossas atitudes, por mais simples que elas sejam.

#### *Extrato das narrativas de Máquina Overloque*

---

Sim é muito importante para o designer ter conhecimento da cultura e de todos os problemas sociais da sociedade na qual ele atua, devemos estar abertos para obter conhecimentos.

A/o designer de moda é aquela/aquele profissional que idealiza peças passíveis de serialização, ou seja, é aquela/aquele profissional preparada/preparado para trabalhar na indústria. Assim:

O entendimento sobre a palavra design parece estar vinculado à questão da indústria e, conseqüentemente de todos os fatores que envolvem a produção de um objeto que está inserido no contexto do mercado. Isto nos levaria a entender o design como algo relacionado à produção em série (CHRISTO, 2008, p. 30).

Como ninguém é capaz de produzir com tranquilidade algo para quem não se conhece, principalmente quando esse alguém é um determinado grupo social, Máquina Overloque está correta/correto quando afirma que é necessário ao designer conhecer a cultura e os problemas sociais que afetam o grupo com o qual vamos trabalhar.

#### *Extrato das narrativas de Máquina Overloque*

---

O povo brasileiro é muito racista, não só racista, mas preconceituoso com relação às questões de gênero e classe social e outros. Muitas pessoas dizem que não são racistas, mas quando se veem em determinada situação é que vão demonstrar o quanto o racismo está impregnado.

Importante a observação de Máquina Overloque, a respeito do racismo impregnado no povo brasileiro. “É impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós é contra o que devemos lutar sempre” (RIBEIRO, 2019, p. 19). Com relação às questões de gênero e classe social, é uma outra observação extremamente pertinente. Djamila Ribeiro nos convida a:

Estar sempre atento às nossas próprias atitudes e disposto a enxergar privilégios. Isso significa muitas vezes ser tachado de “o chato”, “aquele que não vira o disco”. Significa entender que a linguagem também é carregada de valores sociais, e que por isso é preciso utilizá-la de maneira crítica deixando de lado expressões racistas como “ela é negra, mas é bonita” — que coloca uma preposição adversativa ao elogiar uma pessoa negra, como se um adjetivo positivo fosse o contrário de ser negra —, usar “o negão” para se referir a homens negros — não se usa “o branco” para falar de homens brancos — ou elogiar alguém dizendo “negro de alma branca”, sem perceber que a frase coloca “ser branco” como sinônimo de característica positiva (RIBEIRO, 2019, p. 20).

#### *Extrato das narrativas de Bobina*

---

Esses primeiros encontros foram de suma importância porque nos remeteram à temática, fazendo uma reflexão profunda sobre o tema África e afrodescendentes, sim, me fez conhecer mais da história e da realidade atual desse povo.

Bobina fala da importância dos primeiros encontros, quando estudamos a temática do desfile, pois: “A concepção do desfile vai além de vender uma marca, tem como objetivo chamar a atenção sobre o tema e narrativa construída e despertar sensações no público”. (GOMES; CAMPBELL, 2017, p. 5). Como nossa temática era a vinda de africanas/africanos escravizadas/escravizados para o Brasil, suas heranças e como se encontram hoje as/os afrodescendentes brasileiras/brasileiros – nossa finalidade: construir um desfile de moda afro – partimos do estudo aprofundado da temática. “O desfile de moda como ferramenta de comunicação, poderá dar visibilidade ao fato chamando atenção do público para o acontecimento através dos signos e seus significados”. (GOMES; CAMPBELL, 2017, p. 2). É um caminho disponível para se trabalhar certas temáticas em um curso superior de moda, com o intuito de provocar docentes e discentes para essa reflexão.

#### *Extrato das narrativas de Miçanga*

---

Mudou sim, por ignorar muitos fatos não tinha interesse em conhecer mais as questões sociais e políticas, hoje tenho buscado mais informações a respeito afinal é minha história também sim.

A fala de Miçanga complementa o dito acima a respeito da fala de Bobina. A prática educativa de construção de um desfile, no caso, um desfile de moda afro – uma prática educativa que abarca muitas outras, trabalhadas num Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda – Estamos comprovando, por intermédio da fala da/do discente, que é capaz de despertar, de provocar, de estimular a conscientização dessa/desse discente. Paulo Freire nos diz:

Num primeiro momento a realidade não se dá aos homens como objeto cognoscível por sua consciência crítica. Noutros termos, na aproximação espontânea que o homem faz do mundo, a posição normal fundamental não é uma posição crítica, mas uma posição ingênua. A este nível espontâneo, o homem ao aproximar-se da realidade faz simplesmente a experiência da realidade na qual ele está e procura (FREIRE, 1997, p. 26).

O simples contato do homem com a realidade não é suficiente para que o processo de conscientização se estabeleça, ele tem conhecimento, no entanto ainda não refletiu sobre o assunto, é o que Freire chama de consciência ingênua; só depois desse refletir, desse escarafunchar na problemática, é que começa a se processar a conscientização.

#### *Extrato das narrativas de Esquadro*

---

Muito bom os momentos de contar nossas experiências nesse projeto, orgulho por participar do grupo, gratidão aos professores que nos ajudaram, sim, pois é uma história de sofrimento e discriminação e que precisamos mudar, lutar para mudar.

Por fim, Esquadro agradece por esses momentos de comunhão, quando todas/todos contavam suas histórias, agradece ao grupo que ajudou nessa intervenção, e pontua o sofrimento das/dos africanos escravizados que vieram para o Brasil e aqui deixaram suas marcas culturais e suas/seus descendentes, as/os afrodescendentes brasileiras/brasileiros, que até hoje amarguram o resultado dessa diáspora forçada, que Abdias Nascimento, falando da discriminação racial, aponta:

Outra manifestação da “perfeita assimilação dos negros nos standards da sociedade próspera” pode ser vista nas condições de vida dos afro- brasileiros ocupando os pardieiros – ou guetos – do país. No Nordeste – Recife e outras cidades da área – a moradia de negro é mocambo, geralmente infestado de germes e mosquitos das águas poluídas e estagnadas em cujo meio ou vizinhanças se localizam. Em São Paulo, a moradia mais comum era o porão e, mais recentemente, as zonas chamadas de favela. O retrato de corpo inteiro da favela paulista, está no livro de Carolina Maria de Jesus, Quarto de Despejo, um terrível testemunho da vida da autora na favela. (NASCIMENTO, 2016, p. 99).

O dito acima por Abdias Nascimento se reproduz nos quatro cantos desse país, não é diferente nem no Norte nem no Sul, e as perspectivas de uma rápida mudança não são vislumbradas. É hora de luta, de união de forças, para que o porvir seja um pouco menos sofrido que o passado e o presente.

Nos extratos narrativos acima, fica nítidos que o racismo, para todas/todos as/os partícipes da pesquisa, é algo inaceitável. Reconhecem, entretanto, que por ser o racismo brasileiro algo camuflado, elas/eles nem sempre enxergavam esse racismo em muitas situações. Estão cientes de que as políticas públicas nem sempre são respeitadas, as leis nem sempre são obedecidas, está na estrutura da sociedade esse desrespeito às normas e aos regramentos sociais. Estão cientes de que o racismo provoca adoecimentos em quem é vítima dele, e que precisamos gritar bem alto que chega de racismos e preconceitos.

Depois de termos analisado as narrativas dos nossos partícipes, é momento de fazermos uma conclusão. Estamos lidando com seres humanos, cujas opiniões são consequência de várias situações pelas quais ela/ele passa naquele momento, seja situação política, social, emocional, entre outras. Por isso, a nossa opção de afirmarmos que são conclusões provisórias, pois se houver uma modificação de algum desses fatores, a opinião desses partícipes poderá ser outra. A seguir, nossas conclusões.



## **IMPRESSÕES SOBRE A COSTURA DA PEÇA: CONCLUSÕES PROVISÓRIAS**

Usamos o termo “provisórias” por se tratar de uma pesquisa que envolve o ser humano, cujas impressões são variáveis e dependem de toda uma estrutura do momento, como situação social, política e cultural.

Ao término de uma peça do vestuário, mesmo num sistema fabril, essa peça passa por um olhar para ser averiguada, para se saber se o esperado foi conseguido, e o esperado hoje não será o mesmo esperado amanhã. Da mesma forma, na pesquisa qualitativa, que envolve as subjetividades humanas, não é diferente, daí optarmos pelo termo conclusões provisórias pois, se enviássemos o mesmo questionário hoje, para as mesmas pessoas, talvez as respostas não fossem as mesmas. Até o estado de humor dessas pessoas pode afetar os resultados. O que não será afetado é o caso em si, os resultados de uma prática educativa. Quando começamos a analisar as aprendizagens (des) construídas sobre afrodescendência, ocorridas num curso de extensão com alunas/alunos do Curso Superior em Tecnologia do Design de Moda do IFPI/CTZS, nos perguntávamos a respeito da potência dessa prática e que aprendizagens (des)construídas a respeito de afrodescendência eram essas.

Pontuamos, no início da metodologia, os materiais a serem analisados que já possuíamos e quais ainda iríamos conseguir (cadernos memoriais das/dos discentes, caderno memorial da coordenadora do curso de extensão no qual estavam anotados alguns dados a respeito dos encontros e das rodas de conversa, os croquis das inspirações que foram transformados nas peças que passaram pela passarela, e os questionários enviados às/aos participantes do curso de extensão). São as aprendizagens (des) construídas sobre afrodescendência encontradas nesses materiais que vamos aqui pontuar.

Antes do curso de extensão, por conta de algumas atividades desenvolvidas na escola, dentre elas, uma espécie de grupo focal no qual a coordenadora do curso de extensão questionava sobre os conhecimentos que essas/esses discentes tinham a respeito da África e das/dos afrodescendentes brasileiras/brasileiros, estas/estes responderam quase que por unanimidade que só conheciam o que era apresentado na escola no 13 de maio – um negro sofrido amarrado ao tronco; o que é apresentado pela mídia – a miséria de alguns países africanos, ou a exuberância da fauna e da flora africana – que nos remete de forma inconsciente e errônea à selvageria e nos fazem esquecer nossa própria miséria histórica. Isso que esses discentes absorviam é o que Freire chama de consciência ingênua, elas/eles não questionavam nada a respeito dessas informações. Nem sequer se perguntavam: essa miséria era uma constante em todos os países da África? Não existe em outros países? Essas/esses africanas/africanos

escravizadas/escravizados só apanhavam por não obedecerem às/aos patroas/patrões? Por que não obedeciam? E muitos e muitos outros questionamentos que poderiam ser feitos.

Olhando as observações feitas nos cadernos memoriais, encontramos respostas como a de Cola, quando esta/este fala do preconceito racial, camuflado na maioria das vezes, mas que se torna escancarado quando dados do IBGE mostram que são as/os negros (preferimos afrodescendentes) as/os que conseguem menor escolaridade, são as/os que mais morrem assassinadas/assinados, são as maiores vítimas da violência policial.

Imaginem o nível de conscientização de uma/um discente desta/deste, que, ao fim de uma formação, depois de algumas discussões, é capaz de enxergar esse racismo nem sempre explícito, e a situação na qual se encontra uma parcela significativa da população brasileira, as/os afrodescendentes brasileiras/brasileiros. Mais que isso, enxergar que esse conhecimento sobre a maior parcela da população é falha, e que é um saber necessário para o seu bom desempenho profissional. Dando continuidade às categorias trabalhadas nas rodas de conversa, essa pessoa participante da pesquisa é um corpo de conscientização, ou, melhor dizendo, em processo de conscientização.

Trabalhando as narrativas das rodas de conversa de Esquadro e Miçanga, que são um resumo das falas do grupo, além dos recortes das duas histórias acima trabalhadas, percebeu-se a conscientização acerca do tratamento racista a elas/eles dispensado de forma tão sutil que passava despercebido, olhares atravessados que muitas vezes as/os levavam a afirmar: “está me tratando assim e ou me olhando assim porque sou pobre”, e hoje elas/eles afirmam categoricamente que não era apenas por serem pobres, mas, antes de tudo, por serem afrodescendentes.

Um outro depoimento, contado não para o grupo como um todo, mas no pé do ouvido da coordenadora e que precisa aqui ser pontuado: “Professora, a senhora acha que pelo fato de eu ter essa pele clara e esse cabelo liso eu sou branca? Sou não professora, meu cabelo é alisado desde que eu era muito pequena, gasto boa parte do meu salário alisando e tratando esse cabelo, só para manter essa aparência que é mais aceita pela sociedade” (Colchete, 2019). Imaginem a força deste depoimento.

Que categoria poderíamos criar para esse corpo? Corpo desfigurado? Corpo não aceitação? Não quero aqui entrar na seara da psicologia, até porque não é objetivo do nosso trabalho, nosso intuito é apenas pontuar que um corpo que verbaliza isso está passando por um processo de conscientização, como fala a música de Jorge Portugal e Lazzo Matumbi: “Eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou eu”.

Este processo de embranquecimento é muito forte no Brasil, não estamos aqui questionando o direito de você cuidar da sua aparência da forma que bem lhe aprouver, o que estamos aqui questionando é a imposição social infligida por uma sociedade racista que valoriza os traços dos chamados brancos e desvaloriza os traços de nossas/nossos ancestrais africanas/africanos. Impossível aqui não ir buscar no pensamento de Edson Bomfim dos Santos (2015), quando este fala da autonegação para uma sobrevivência inclusiva, quando ele diz que a nossa sociedade nega a si própria quando nega a nossa multiculturalidade, quando assoberba o sentimento de europeização e sufoca os valores da nossa ancestralidade africana, o que nos coloca na condição de afirmação do não ser; ele pontua que não somos cidadãs/cidadãos de nossa própria origem étnica, por ela ser negada e desconsiderada por toda sociedade e até por nós mesmos, e, isso se dá por desconhecimento, acomodação ou alienação.

Entretanto, o sentimento de pertencimento é muito potente e precisa ser melhor trabalhado, estudado. Imaginem uma menina que cresceu alisando os cabelos, aprendendo desde a mais tenra idade a negar sua etnicidade, sua/seu mãe/pai assim o fizeram com o intuito de lhe proteger de uma sociedade racista. Entretanto, bastou um curso de extensão para lhe cutucar devagarinho que o vulcão de sua etnicidade reprimida foi capaz de soltar essas lavas tão avassaladoras. Esse não foi o único momento em que essa etnicidade falou mais alto. Vamos agora pontuar algumas aprendizagens sobre afrodescendência (des) construídas nos croquis. Cumpre pontuar que logo no final da apresentação de cada uma/um delas/deles, fizemos uma breve e sucinta análise. Retornemos a algumas delas e vamos tentar acrescentar um pouco mais.

Quando uma/um discente, que no início da empreitada só conhecia a respeito das/dos nossas/nossos ancestrais africanas/africanos o sofrimento, a miséria e a errônea selvageria, ao final cria uma peça colorida homenageando todas as orixás femininas, isso demonstra que essa/esse estudante deu algumas braçadas no sentido de entender um pouco mais a cultura de nossas/nossos ancestrais africanas/africanos, homenagear as ayabás, como são chamadas em iorubá, começando por Nanã, a mais velha, a avó; seguida por Iemanjá a rainha das águas; por Iansã, a deusa das alturas, da tempestade, dos ventos; por Obá; por Ewá e por Oxum, a deusa da beleza, da riqueza da faceirice e do dengo, foi o que fez Alfinete. Adentrar nessa ceifa significa tentar entender pelo menos um pouco de toda a cosmologia afro-iorubana que levou essas/esses africanas/africanos escravizadas/escravizados a criarem, em terras brasileiras, um culto totalmente distinto que resultou em muitas religiões hoje cultuadas no Brasil, as quais denominamos religiões afro-brasileiras (candomblé, umbanda, xangô, jurema, babaçuê, mina, terecô entre outras). Fez também com que essas/esses africanas/africanos

escravizadas/escravizados e suas/seus descendentes se apossassem de um sincretismo religioso que até hoje confunde muita gente. Você nunca vai saber quem realmente aquelas baianas, que lavam as escadarias do Bomfim, estão homenageando, se o Senhor do Bomfim ou Oxalá. Para elas, os dois são a mesma entidade.

Um outro trabalho que não podemos deixar de pontuar, a belíssima peça que abriu o desfile, idealizada por Furador. A inspiração veio a partir das belíssimas joias Ashanti. Imaginem uma/um discente, que no início do trabalho achava que nossas/nossos ancestrais africanas/africanos eram homens que se deixaram escravizar e vieram para essas terras onde por qualquer motivo eram espancadas/espancados, pois foi dito pela maioria delas/deles que essa sempre foi a imagem passada no dia 13 de maio nas escolas onde estudaram, dia da libertação dos escravos, dia da promulgação pela Princesa Isabel da famosa Lei Áurea. A outra imagem que tinham era a usada abusivamente pela mídia – a miséria e a fome de alguns países africanos. Ou uma última, a exuberância da fauna e da flora africana, na qual a forma como o processo natural é divulgado nos remete, sem sombra de dúvidas, a uma falsa selvageria.

Agora raciocinem comigo, essa/esse discente, ao término do curso de extensão, se conscientiza de que as/os nossas/nossos ancestrais africanas/africanos não eram essas/esses mulheres/homens sem conhecimento que querem a todo custo nos fazer acreditar, àquela época já detinham total conhecimento dos metais, já fabricavam belíssimas joias em ouro. Vejam a mudança pela qual passou essa/esse estudante. Vejam que as impressões dela/dele a respeito das/dos seus ancestrais africanas/africanos é uma outra completamente diferente da que ela/ele tinha no início dos trabalhos. Esse sentimento também está expresso nos questionamentos, e é o que vamos pontuar a seguir.

Falando de inspirações para construção da peça, Esquadro verbaliza que foi muito construtivo para ela/ele o entusiasmo criador baseado na história de nossas/nossos ancestrais africanas/africanos e que ela/ele usou os símbolos Adinkras. Máquina Galoneira pontuou a importância de mergulharmos fundo na temática. Barbante pontua a falta dessas discussões na escola e afirma que o curso de extensão abriu sua visão e despertou o seu lado humano e também o seu direcionamento profissional. Cola nos disse que o curso lhe proporcionou uma visão dos motivos pelos quais o racismo existe e persiste no Brasil e o quanto esse conhecimento instigou seu processo criativo. Calcador fala desse racismo disfarçado que adoce as pessoas e acreditamos que essa temática deva ser mais trabalhada nos cursos de moda, pois essas/esses futuras/futuros profissionais irão trabalhar para uma população majoritariamente afrodescendente (negros e pardos na linguagem do IBGE).

Falando em racismo, Alfinete fala dos reflexos de uma cultura preconceituosa como a nossa, que valoriza apenas nossas origens europeias, deixando de lado as nossas origens africanas e indígenas. Máquina Galoneira elogia o curso e diz nunca ter participado de algo que a/o impactasse tanto e afirma que o racismo já não cabe, já não tem espaço nesse mundo. Linha nos diz que hoje, depois do curso, consegue visualizar melhor, consegue enxergar o racismo onde antes não conseguia avistar. Barbante afirma que o racismo é cruel e provoca nas pessoas que sofrem esse processo de segregação dores profundas, afirma que ele oportuniza baixa autoestima, abre feridas que deixam cicatrizes para toda uma vida. Cordão vai mais adiante, pontua que o racismo adoece as pessoas ao ponto de ser capaz de leva-las ao suicídio.

Depois de algum tempo estudando a temática do racismo, suporte do sistema capitalista, temos consciência de que tudo que foi verbalizado por nossas/nossos partícipes até o presente é real, verdadeiro. Ficamos satisfeitas/satisfeitos com o que elas/eles conseguiram absorver e, para finalizar, vamos pontuar algumas falas a respeito das práticas educativas desenvolvidas nesse curso de extensão que objetivava a (des) construção de aprendizagens sobre afrodescendência, tornando essas/esses futuras/futuros designers pessoas mais críticas, especialmente no que tange ao seu futuro desempenho profissional.

Lápis pontua a importância do curso na construção do desfile, fala de sua indignação pelo desprezo que é dispensado a uma cultura tão rica como a cultura africana. Mais que isso, demonstra o seu estarecimento pela postura falsa da sociedade brasileira, que usa e abusa dessa herança cultural (culinária, música, dança, moda entre outras) e não lhe dispensa os créditos devidos. Colchete fala dos momentos de reflexão durante essas práticas, a respeito dos preconceitos enraizados na estrutura de nossa sociedade e da importância dessas reflexões na formação de uma/um cidadã/cidadão consciente.

Máquina Overloque fala do quão importante é para uma/um futura/futuro designer de moda o conhecimento de todos os problemas da sociedade na qual ela/ele irá atuar. Afirma que a cantilena de que somos uma sociedade não racista não se sustenta, pois essa se desfaz quando a primeira oportunidade aparece e o racismo se apresenta com todas as suas garras.

Miçanga pontua sua mudança durante e depois do curso, afirma que passou a se interessar mais pelas questões sociais e políticas, e que hoje tem consciência que essa história é a sua história sim.

Por tudo o que foi dito acima, fruto das narrativas expressas nos cadernos memórias, nas rodas de conversa, nos croquis representativos das peças que foram para passarela e, nas respostas aos questionamentos, transformados em 131 segmentos de textos pelo programa de computação de nome IRaMuTeQ, dos quais 103 foram aproveitados, representando um

aproveitamento de 78%, e que foram por nós analisados, concluímos que a nossa tese no momento está concretizada. Essas/esses partícipes construíram e também desconstruíram conhecimentos, opiniões sobre afrodescendência com as práticas educativas desenvolvidas durante esse curso de extensão, intitulado “Atelier de práticas educativas: o que se aprende com um desfile de moda afro?”, ministrado em 2019, nas dependências do Memorial Esperança Garcia e que culminou com um desfile de moda afro no dia 22 de novembro, durante Festa da Beleza Negra. Essas (des) construções sobre afrodescendência está transformando-as/transformando-os em cidadãs/cidadãos mais críticas/críticos, e isso certamente irá impactar essa/esse futura/futuro profissional.

A conclusão desse trabalho, que é inconclusiva, não esgota as discussões a respeito de práticas educativas capazes de construir e ou desconstruir opiniões a respeito de racismo, sexismo, e outros assuntos tão importantes para construção de um país mais justo. Pelo contrário, são essas discussões que irão trazer à tona muitos e muitos outros assuntos importantes que precisam ser trabalhados para que possamos ter uma sociedade mais igualitária e feliz, assuntos que envolvam o social, o emocional, o afetivo, na construção de um cidadão crítico, especialmente cidadãos cujo fazer envolva as formas de vestir/adornar-se, uma área do conhecimento humano pouco utilizada nas análises sociais. Esse trabalho abre novas possibilidades para realização de pesquisas na área de educação envolvendo a Moda. O alargamento desse campo de estudo só favorece novas pesquisas, conseqüentemente novos conhecimentos que favorecerão a educação, em especial a educação profissional nesse país.

## REFERÊNCIAS

A COR DA CULTURA. Negro Cosme. Disponível em: <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroi/negrocosome#:~:text=L%C3%ADder%20da%20insurrei%C3%A7%C3%A3o%20negra%20quedefendeu%20o%20fim%20da%20escravid%C3%A3o.&text=Cosme%20fugiria%20da%20pris%C3%A3o%20em%C3%A0s%20margens%20do%20Rio%20Itape>. Acesso em: 16 out. 2020.

**A escravidão na História e na África.** Autor: Alberto da Costa e Silva. [S. l.: s. n.], 2016.1 vídeo (16:56). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Dn\\_2RIo4QJc](https://www.youtube.com/watch?v=Dn_2RIo4QJc). Acesso: 05 maio. 2019.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **A sociopoética e os cinco princípios:** a filosofia dos corpos misturados na pesquisa em educação. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa et al (org.). Tudo que não inventamos é falso: dispositivos Artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.

ADICHIE, Chimamanda. In: Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. Portal Geledés, 16/03/2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-única-história/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

AGUIAR, Grazyella C. O. D. **Cursos superiores de moda no Brasil: regulamentações, evoluções e perspectivas.** In: COLÓQUIO DE MODA, 11., 2015. Anais. Curitiba: Universidade Positivo, 2015. v. 1, p. 1-13. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20->. Acesso em: 5 maio.2019.

AJAYI, Jacob Festus Ade. **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880.** Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: [http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/hist\\_geral\\_6\\_0.pdf](http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/hist_geral_6_0.pdf). Acesso em: 06 mar.2021.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.  
ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis.** São Paulo: Pólen, 2017

ARRAES, Jarid. **Não me chame de mulata.** 2015. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-chame-de-mulata/>. Acesso em: 07 jul. 2019.

ARAGÃO, Camila M. A. **A moda como um negócio no Piauí: dos primeiros passos à industrialização.** In: COLÓQUIO DE MODA, 11., 2015. Anais ...Curitiba: Universidade Positivo, 2015. v. 1, p.1-11. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202015/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO5-MARKETING/CO-5-A-MODA-COMO-UM-NEGOCIO-NO-PIAUI.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2019.

ARAÚJO, Emanuel. **Viva Cultura, Viva o Povo Brasileiro.** Museu Nacional: São Paulo, 2007.

BAGGIO, Adriana T. **Valoração dos cursos de moda segundo o nome e grau acadêmico.** Revista ENSINARMODE, Florianópolis, SC, v. 2, n. 1, p.093-115, fev./mai. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/Ensinarmode/article/view/11642>. Acesso em: 19 abr. 2020.

BARGNA, Ivan. **Visual Encyclopedia of Art: Arte africana.** Florence (Italy): Scala, 2010.

BELÉM, Fábila. **Capulana: o retalho de pano que é patrimônio cultural em Moçambique.** RFI.2016. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/africa/20160306-capulana-o-tecido-que-e-patrimonio-cultural-em-mocambique>. Acesso em: 3 nov. 2020.

BENEDITO, Mouzar. **Quem foi Mandu Ladino?** Brasil de Fato. 27/02/2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/27/quem-foi-mandu-ladino>. Acesso em: 19 out. 2020.

BERNARDO, Teresinha. **Axé é coisa de mulher.** In.: PINTO, Elizabete Aparecida; ALMEIDA, Ivan Antônio (org.). *Religiões: tolerância e igualdade no espaço da diversidade (Exclusão e inclusão social, étnica e de gênero).* São Paulo: Fala Preta! Organização de Mulheres Negras, 2004. p. 81-85.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. **O Tecido Kente dos Ashanti.** São Paulo: Museu Afro Brasil, 2012. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/o-tecido-kente-dos-ashanti.pdf?sfvrsn=0>. Acesso: 31 mar. 2021.

BEZERRA, Juliana. **Martin Luther King.** Biografias. Toda matéria: artigos escolares. 14/11/2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/martin-luther-king/>. Acesso em: 13 out. 2020.

BEZERRA, Rauristênio. **Completam doze anos que o Piauí perdeu uma das maiores referências políticas a deputada Francisca Trindade.** GP1. 27/07/2015. Disponível em: <https://www.gp1.com.br/colunistas/completam-doze-anos-que-o-piaui-perdeu-uma-das-maiores-referencias-politicas-a-deputada-francisca-tr-379217.html>. Acesso em: 19 out. 2020.

BOAKARI, Francis Musa; SILVA, Francilene Brito da Silva. **Práticas educativas como relações dialógicas necessárias até hoje: De Garama para muitos chãos.** In: *Práticas educativas: múltiplas experiências em educação.* Org.: Shara Jane Holanda Costa Adad, Joana D'arc de Sousa Lima e Antônia Edna Brito. Fortaleza/Ce.: Editora da UECE, 2021 p. 88/109.

BOAKARI, Francis Musa; MACHADO, Raimunda Nonata da Silva; SILVA, Francilene Brito da. **Roda Griô – conquistas, experiências e desafios: aprender com o aprender fazendo.** In: *Revista Plures Humanidades.* Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, SP: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado, v. 15, n. 1, p. 109-126, jan./jun. 2015.

**Bolsonaro rejeita debate racial após morte em supermercado.** DW Made for Minds. 21/11/2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-rejeita->



debate-racial-ap%C3%B3s-morte-em-supermercado/a-55688153. Acesso em: 24 mar. 2021

BRAGA, Clarice. **O Acirramento da concorrência e alterações nas estratégias Competitivas na indústria de vestuário: o caso do APL de Petrópolis**. 2005. Dissertação (Mestrado em Economia). IE/UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

**Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRAGA, João. **História da Moda: uma narrativa**. 10 ed. rev. e atual. São Paulo: D'Livros, 2017.

BRAGA, João. **Uma análise de moda**. In: BRAGA, João. Reflexões sobre moda. v. IV. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Decreto Nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. Cria nas capitais dos Estados da Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto\\_7566\\_1909.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf). Acesso em: 24 mar.2021.

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange,civil%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais). Acesso em 10 de mai. 2022.

BRASIL. Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm). Acesso em: 24 mar. 2021.

BRASIL. A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, porém não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores (licenciaturas) Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Lei+que+trata+da+obrigatoriedade+do+ensino+da+cultura+negra+e+ind%C3%ADgena&oq=Lei+que+trata+da+obrigatoriedade+do+ensino+da+cultura+negra+e+ind%C3%ADgena&aqs=chrome..69i57j69i64l3.32181j0j15&sou>. Acesso em 10 de mai. de 2022.

BRYTANT, Elizabeth. Decapitação põe secularismo novamente em debate na França. DW Brasil. 25/10/2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/decapita%C3%A7%C3%A3o-p%C3%B5e-secularismo-novamente-em-debate-na-fran%C3%A7a/a-55390260>. Acesso em: 16 mar. 2021.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. Trad. Renato Ambrósio. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

CAMARGO, Fernanda. **O custo por trás da indústria da moda é maior do que o que você pensa**. Estadão. 17/07/2021 Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/colunas/fernanda-camargo/impacto-ambiental-industria-moda> Acesso em: 02 de out. De 2021.

CAMPELLO, Emanuel Batista Barreto. **Escravidão no Império do Brasil**. Sindicato Nacional do Procuradores da Fazenda Nacional, 22 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://www.sinprofaz.org.br/artigos/a-escravidao-no-imperio-do-brasil-perspectivas-juridicas> Acesso em: 16 jul. 2021.

CAMPOS, Mateus. **África do Sul**. Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/africa-sul.htm#:~:text=habitam%20as%20savanas,-,Hist%C3%B3ria%20da%20%C3%81frica%20do%20Sul,processo%20de%20coloniza%C3%A7%C3%A3o%20do%20pa%C3%ADs> Acesso em: 13 abr. 2021.

CAMPPOS, Douglas. **Descrição do vídeo**. 2017. In: COR. Intérprete: Douglas Camppos. [S.l.; s. n.], 2017. 1 vídeo. 3:55min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Su3v3yYwbQY>. Acesso em: 4 nov. 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Epistemicídio**. São Paulo: Geledés, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação). USP, São Paulo, 2005.

CAVALCANTE, Maria Clara. **Zumbi dos Palmares**. Quero Bolsa, 10/10/2018. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/enem/historia-brasil/zumbi-dos-palmares>. Acesso em: 14 nov.2020.

CHATAIGNIER, Gilda. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 34 ed. São Paulo: José Olímpio, 2020.

CHRISTO, Débora Chagas. **Designer de moda ou estilista? Pequena reflexão sobre a relação entre noções e valores do campo da arte, do design e da moda**. In: PIRES, Dorotéia Baduy (org.). Design de Moda: olhares diversos. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

CIPRIANO, Perly. **Apresentação**. In: QUEIROZ, A. C. Politicamente correto e direitos humanos. Brasília, DF: SEDH, 2004.

CENTRO DE REFERÊNCIA NEGRA LÉLIA GONZALES. **Biografia**. Disponível em: <http://leliareferencia.blogspot.com/p/biografia.html>. Acesso em: 18 out. 2020

COSTA, Jaqueline. **Trabalho de Zuzu Angel, a estilista do desfile-protesto, volta à cena nos 50 anos do golpe militar.** O Globo Ela. 15/03/2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/moda/trabalho-de-zuzu-angel-estilista-do-desfile-protesto-volta-cena-nos-50-anos-do-golpe-militar-16951260>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CUNHA JR, Henrique. **Os negros não se deixaram escravizar.** APP Sindicato. Fortaleza, 08 de julho de 2009. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/?p=10969/>. Acesso em: 05 jul. 2021.

CURY, Jordana. **Jacinta Andrade lutava contra o crime doméstico e foi morta por namorado.** CidadeVerde.Com. 08/03/2012. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/96468/jacinta-andrade-lutava-contracrimedomestico-e-foi-morta-por-namorado>. Acesso em: 19 jul. 2021.

DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Discurso da Sra. Francisca Trindade (PT - PI).** 19 mar. 2003. p. 132-133. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD20MAR2003.pdf#page=132>. Acesso em: 19 jul. 2021.

DICIONÁRIO online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 6 jul. 2019.

DYBAX, Vanessa. **Cultura africana por meio dos símbolos gráficos Adinkras.** Cadernos PDE, v. II. Curitiba: Sec. Educação do Estado do Paraná (versão on-line), 2016. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_pdp\\_arte\\_unespar-curitibai\\_vanessadybaxcortes.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_arte_unespar-curitibai_vanessadybaxcortes.pdf). Acesso em: 12 abr. 2021.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1968.

FEITOSA, Rivanildo. Rf Anuário 2018. Teresina/PI: RALLEY Editora, 2018.

FERREIRA, Elio. Apresentação. In: CAMPELO, Ací; FERREIRA, Elio (org.). Júlio Romão da Silva, entre o formão, a pena e a flecha. Teresina: Editora UFPI, 2012.

FONSECA JR., Eduardo Fonseca. **Dicionário ontológico da cultura afro-brasileira; incluindo as ervas dos orixás, doenças, usos e fitologia das ervas.** São Paulo: Maltese, 1995.

FORNASIER, Cleuza B. R.; MARTINS, Rosane F. de F.; e DEMARCHI, Ana Paula P. **O ensino da disciplina de desenvolvimento de projetos como sistema de gestão do conhecimento.** In: PIRES, Dorotéia Baduy (org.). Design de Moda: olhares diversos. Barueri, São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2008

FRAZÃO, Dilva. **Bob Marley: músico jamaicano**. Ebiografia. 06/02/2020. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/bob\\_marley/#:~:text=Bob%20Marley%20\(1945-1981\),06%20de%20fevereiro%20de%201945](https://www.ebiografia.com/bob_marley/#:~:text=Bob%20Marley%20(1945-1981),06%20de%20fevereiro%20de%201945). Acesso em: 19 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Cortez, 1979.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/229395/mod\\_resource/content/1/Gilberto%20Frey%20re%20-%20Casa-Grande%20e%20Senzala%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/229395/mod_resource/content/1/Gilberto%20Frey%20re%20-%20Casa-Grande%20e%20Senzala%20%281%29.pdf). Acesso em: 5 mar. 2021.

FUNDAÇÃO PALMARES. **Luiza Bairros**. 07/03/2013. Disponível em: [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=26863](http://www.palmares.gov.br/?page_id=26863). Acesso em: 19 de out. 2020.

GARCIA, Carol. **Por uma Poética do lugar-comum**. In: FRAGA, Ronaldo. Coleção de moda brasileira: Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 69-91.

GARCIA, Maria Fernanda. **Ele passou 27 anos na prisão por lutar contra o racismo e virou presidente**. Observatório do Terceiro Setor. 29/07/2020. Disponível em: [https://observatorio3setor.org.br/noticias/ele-passou-27-anos-na-prisao-por-lutar- contra-o-racismo- eviroupresidente/#:~:text=Nelson%20Mandela%20\(1918%2D2013\), depois%20de%20 grande%20press%C3%A3o%20internacional](https://observatorio3setor.org.br/noticias/ele-passou-27-anos-na-prisao-por-lutar- contra-o-racismo- eviroupresidente/#:~:text=Nelson%20Mandela%20(1918%2D2013), depois%20de%20 grande%20press%C3%A3o%20internacional). Acesso em: 19 out. 2020.

GEIPEL, John. **Brazil's African Legacy**. *History Today*, v. 47, 8 ed. Agosto de 1997. Disponível em: <https://www.historytoday.com/history-today-issues/volume- 47-issue-8-august-1997> Acesso em: 06 mar. 2021.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009

GIMENEZ, Karen. **A incrível ciência do Egito Antigo**. Super Interessante, 03 de fevereiro 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-incrivel-ciencia-do- egito- antigo/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

GIORDAN, Isabela. **O sistema brasileiro de cotas raciais nas universidades funciona?** Revista Quero. 02/07/2018. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/sistema-brasileiro-de- cotas-raciais-nas- universidades-funciona>. Acesso em: 02 mar 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 14. Ed. Editora Record, 2015.

GOMES, Douglas Evangelista; CAMPBELL, Gabriel Vicente. **Corpo, moda e comunicação sensorial: o desfile de moda como resgate afetivo do incêndio do Hotel Pilão em Ouro Preto**. 2017. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017. 53 f.

GOMES, Nilma Lino: **O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos**. In: COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFUGUEL, Ramón (organizadores). Decolonialidade e pensamento afrodiásporico. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C3%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 29 jul. 2020.

GORDILHO. Viga. **O vestido fuxiqueiro: um conto para todas as idades**. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16734/1/o-vestido-fuxiqueiro.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2021.

GUMIERI, Sinara. **Mulher, negra e escravizada: Esperança Garcia, a primeira advogada do Piauí**. Portal Geledés. 2017. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/mulher-negra-e-escravizada-esperanca-garcia-primeira-advogada-do-piaui/?gclid=CjwKCAjwruSHBhAtEiwA\\_qCpPqO46HtQX81Fx77Ua8opKvPIa9nZa0Olg4Xu\\_R-1pq\\_cGoktU7N1vRoCjEUQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/mulher-negra-e-escravizada-esperanca-garcia-primeira-advogada-do-piaui/?gclid=CjwKCAjwruSHBhAtEiwA_qCpPqO46HtQX81Fx77Ua8opKvPIa9nZa0Olg4Xu_R-1pq_cGoktU7N1vRoCjEUQAvD_BwE). Acesso em: 5 abr. 2021.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 4. impr. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

HELLIE, Richard. **Slavery**. Encyclopedia Britannica, 24 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/slavery-sociology>. Acesso em: 8 jun. 2021.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; CALLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria Del Pilar Batista. **Metodologia de pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2013

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 4º trimestre 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 27 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. Agência IBGE Notícias, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acesso em: 07 jul. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2020- 2024**. Teresina: IFPI, 2020.

INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda**. Teresina: IFPI, 2018.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: formação do homem grego**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LINS, Cynthia de Freitas Melo. **Apostila de IRaMuTeQ**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

LUZ, Marcelo Giovannetti Ferreira. “Negro”, “preto”, “mulato” e “afrodescendente” e o silenciamento dos sujeitos nos discursos sobre as ações afirmativas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DISCURSO, IDENTIDADE E SOCIEDADE, 3; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DISCURSO, IDENTIDADE E SOCIEDADE: DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE, 1. Anais eletrônicos... Campinas, SP: UNICAMP, 2012. Disponível em: [https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LUZ\\_MARCELO\\_GIOVANNETTI\\_FERREIRA.pdf](https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/LUZ_MARCELO_GIOVANNETTI_FERREIRA.pdf). Acesso em: 19 out. 2020. p. 1-19.

MACHADO, Hostyano. **Entrevista concedida a Rivanildo Feitosa. Anuário 2018**. Teresina: Ralley Editora, 2018.

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. **Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo**. Serviço Social & Sociedade., São Paulo, n. 133, p. 463-479, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/FmSRPNQZhrqz9mMVWTJnwqP/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 04 jul. 2021.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MANDRAKE. **Você sabe quem foi Preto Ghóez? Então fique sabendo... Rap Nacional**. 04/02/2012. Disponível em: <https://www.rapnacional.com.br/voce-sabe-quem-foi-preto-ghoez-entao-fique-sabendo/#:~:text=Pra%20quem%20n%C3%A3o%20sabe%2C%20Preto,10%20de%20sete%20mb%20ro%20de%202004>. Acesso em: 19 out. 2020.

MAXIMILIANO, Adriana. **Malcolm x: a vida e a morte de um dos maiores defensores do nacionalismo negro**. Aventuras na História. 21/02/2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/malcolm-x-vida-morte-defensores-nacionalismo-negro.phtml>. Acesso em: 14 out. 2020.

MICHAELIS 2000: **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. v. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

MIRANDA, Lujan Maria Bacelar. [**Francisca Trindade: uma vida dedicada à luta!**]. WhatsApp: [Mensagem pessoal]. 29 mar. 2021. 20:03. 1 mensagem de WhatsApp.

MIRANDA, Renata. **Manoel Querino**. Portal Geledés, 16/02/2013. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/manuel-querino/>>. Acesso em 20 de nov. 2021.

MOORE, Richard B. **The Name “Negro”, Its Origin and Evil Use**. Baltimore, MD: Black Classic Press, 1992.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: história, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um genocídio mascarado**. 3 ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NOSELLA, Paolo. **Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: Para além da formação politécnica**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 137- 151, jan./abr. 2007.

NOGUEIRA, Octaciano. **1824. 3. ed. Brasília: Senado Federal; Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012**. (Coleção Constituições Brasileiras; v. 1.).

OLIVEIRA, Eduardo de. **Quem é quem na negritude brasileira**. São Paulo: Congresso Nacional Afro-brasileiro; Brasília: Secretária Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 1998.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **A pesquisa narrativa: uma introdução**. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt&format=pdf>. Acesso: 19 jul. 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afro Ancestral e Tradição Oral, Contribuições do Legado Africano para implementação da Lei 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro (org.). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas da pesquisa-ação**. V. 1, 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PIRES, Dorotéia B. **A história dos cursos de design de moda no Brasil**. Revista Nexos: Estudos em Comunicação e Educação. Especial Moda/Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP, a. 4, n. 9, p. 01-13, 2002. Disponível em: <https://docplayer.com.br/2989098-A-historia-dos-cursos-de-design-de-moda-no-brasil-the-history-of-the-courses-of-fashion-design-in-brazil.html>. Acesso em: 04 fev. de 2016.

POERNER, Bárbara. **Um ano depois do quadradinho preto, o que mudou na moda?** ELLE, 07/06/2021. Disponível em: <https://elle.com.br/moda/um-ano-depois-do-quadradinho-preto-o-que-mudou-na-moda>. Acesso em 03 jul. 2021.

PORTAL GELEDÉS. **Rotas da escravidão**. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/rotas-da-escravidao/> Acesso em: 21 de mar. de 2021.

PRUDENTE, Eunice. **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. Rádio USP. 31/07/2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em 10 de mai. de 2022

QUEIROZ, Antônio Carlos. **Politicamente correto e direitos humanos**. Brasília, DF:SEDH, 2004.

QUEIROZ, Mário Antônio Pinto de. **Organização de desfiles**. São Paulo: Érica, 2014.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, poder, globalização e democracia**. Novos Rumos, ano 17,n.37. 2002. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos\\_de\\_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237\\_02.PDF](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237_02.PDF). Acesso em: 18 ago. 2020.

QUINTO, Antônio Carlos. **Moda afro-brasileira é uma das armas de resistência contra a discriminação racial**. Portal Geledés, 04/08/2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/moda-afro-brasileira-e-uma-das-armas-de-resistencia-contr-a-discriminacao-racial/>. Acesso em: 03 jul. 2021.

RESTANY, Pierre. **O poder da arte: Hundertwasser, o pintor rei das cinco peles**. Köln: Taschen, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Como fazer pesquisa ação?** Disponível em: [https://ieeab.weebly.com/uploads/4/3/8/3/43832727/richardson\\_como\\_fazer\\_pesquisa\\_acao.pdf](https://ieeab.weebly.com/uploads/4/3/8/3/43832727/richardson_como_fazer_pesquisa_acao.pdf). Acesso em: 15 dez. 2019.

RINCÓN, Maria Luciana. **Poro: descubra alguns mistérios desta rigorosa sociedade secreta africana**. Mega curioso. 20/01/2015. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/cultura/61944-poro-descubra-alguns-misterios-desta-rigorosa-sociedade-secreta-africana.htm>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ROCHA, Everardo. **Cultura, consumo e ritual: notas sobre a identidade brasileira**. In: DALPRA, Patrícia (org.). DNA Brasil. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009



ROMÃO, Marcos. **A Anja Negra de Berlim, a yalorixá Mãe Beata de Yemanjá**. Mama Terra. 21 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://mamapress.wordpress.com/2016/01/21/a-anja-negra-de-berlim-a-yalorixa-mae-beata-de-yemanja/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SABRÁ, Flávio. Apresentação. In: SABRÁ, Flávio (org.). **Modelagem: tecnologia em produção do vestuário**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

SANDÍN ESTEBAN, Maria Paz. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Trad. Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

**SANKOFA: a África que te habita**. Direção: Rozane Braga. Intérprete: Zezé Motta. [S. l.: s.n.], 2020. 1 temp. 10 ep. Disponível em: [www.netflix.com](http://www.netflix.com). Acesso: 21. Mar. 2021.

SANTANA, André. **O Orum recebe as águas de Mãe Beata de Yemanjá**. Correio Nagô. 27 de maio de 2017. Disponível em: <https://correionago.com.br/o-orun-recebe-as-aguas-de-mae-beata-de-yemanja/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: Associação de Ciências e Saberes para o Etnodesenvolvimento AYÓ, 2019.

SANTOS, Boaventura Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina S/A, 2018

SANTOS, Edson Bomfim dos. **Ensaio na perspectiva da emancipação negra no Brasil**. Vitória: Estrela da Manhã Editora, 2015.

SANTOS, Jocélio Teles dos (org.). **O impacto das cotas nas universidades brasileiras (2004-2012)**. Salvador: CEAO, 2013.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi**. São Paulo: Moderna, 2018.

SCHMITT, Juliana. **Entre o indivíduo e o coletivo: notas sobre o nascimento da moda**. In: BONADIO, Maria Cláudia; MATTOS, Maria de Fátima (org.). História e cultura de moda. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Alberto da Costa e. **A África explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

SILVA, Alberto da Costa e. **O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX**. Estudos avançados, São Paulo, v. 8, n.21, mai./ago. 1994. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000200003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200003). Acesso em: 21 abr. 2021.

SILVA, Elizete Dias da. **Gente boa da Cancela**. São Paulo: Appris, 2015.

SILVA, Glória Cecília de Sousa. **Os “fios de contos” de Mãe Beata de Yemonjá: Mitologia afro-brasileira e educação**. 2008. 139 F. Dissertação (Mestrado em educação) –

Programa de Pós- Graduação em Educação – ProPEd da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

SILVEIRA, Daniel. **Metade dos trabalhadores brasileiros tem renda menor que o salário mínimo, aponta IBGE**. G1 Economia. 29 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/metade-dos-trabalhadores-brasileiros-tem-renda-menor-que-o-salario-minimo-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em 18 ago. 2020.

SOARES, Mayana Rocha. **Pedagogias transgressoras**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de et al (org.). **Dossiê Esperança Garcia: símbolo de resistência na luta pelo direito**. Teresina: EDUFPI, 2017.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas**. São Paulo. Companhia da Letras, 2019.

STEVENSON, N. J. **Cronologia da moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen**. Rio de Janeiro: Zazar, 2012.

TAVARES, L'Hosana Ceres de M. **Roupa de Santo: marcadores identitários das religiões de matriz africana**. 212 p. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós- graduação em Antropologia. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleções**. 5 ed. São Paulo: Edição da autora, 2013.

TRINDADE, Rafael. **Espinosa: razão e natureza dos afetos**. Razão Inadequada. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/>. Acesso em: 06 mar. 2021.

VICHESSI, Beatriz; LEVISCHI, Beatriz. **Qual é a universidade mais antiga do mundo?** Nova Escola. São Paulo: 01 de outubro de 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1568/qual-e-a-universidade-mais-antiga-do-mundo>. Acesso em: 11 mar. 2021.

VIDAL, Júlia. **O africano que existe em nos brasileiros: moda e design afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Babilônia Cultura Editorial: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

VILASECA, Estel. **Como fazer um desfile de moda**. São Paulo: Ed SENAC-São Paulo, 2011.

VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Ana Lúcia Danilevicz. **História da África e dos africanos**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WEREBE, Maria José Garcia. **A laicidade do ensino público na França**. Revista Brasileira de Educação, n. 27, set. /out./nov./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a13.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

## APÊNDICES

### APÊNDICES A – BIOGRAFIAS

#### A.01 - Mãe Beata de Iemanjá

Desde criança Mãe Beata tinha o desejo de se vestir de anjo pois, aos 7 anos de idade, a professora de Mãe Beata no Recôncavo Baiano falou para a pequena Beatriz: “Onde já se viu anjo preto?” (ROMÃO, 2016).

A menina Beata sofreu o que hoje denominamos de bullying na escola onde estudava, quando a professora pede que as crianças que desejem ser anjo na procissão do/da padroeira/padroeiro da cidade se apresentem. Beata se apresenta e como era negra a professora vocifera: “De jeito nenhum, onde já se viu anjo preto”. Seu pai fazia asas de anjo para as crianças desfilarem na procissão durante os festejos religiosos de sua cidade no Recôncavo Baiano. Vendo o pai a felicidade com que a pequena olhava para as asas, lhe disse: quando você estiver maiorzinha também vai ser anjo na procissão. Ledo engano. Beata teve que esperar mais de 70 anos para completar seu sonho de criança. Isso só ocorreu quando Mãe Beata contou sua história de menina para milhares de alemães, nos palcos de Hamburgo e Berlim. Ela estava ao lado de Tereza Santos, Othella Dallas na peça Olhos D’Água, dirigida e contracenada por Ismael Ivo (ROMÃO, 2016).

Foto 44 – A Anja Negra de Berlim – A Yalorixá Mãe Beata de Yemanjá



Fonte: Yone Guedes, 2004

Mas quem é mesmo Beata? A nossa querida Mãe Beata de Iemanjá, Beatriz Moreira Costa, conhecida como Mãe Beata de Yemanjá, nasceu em Cachoeira de Paraguaçu, no

Recôncavo Baiano, no dia 20 de janeiro de 1931, e faleceu em Nova Iguaçu, 27 de maio de 2017. Filha de Maria do Carmo e Oscar Moreira – seus exemplos de vida. Foi uma mãe-de-santo, escritora, manicure, costureira e artesã brasileira. Desenvolveu trabalhos relacionados à defesa e preservação do meio ambiente, aos direitos humanos, à educação, à saúde, combate ao sexismo e ao racismo. Na década de 50, se muda de Cachoeira de Paraguaçu para Salvador e vai morar com Felicíssima, sua tia e o marido dela, o babalorixá Anísio Agra Pereira – o Anísio de Logun-Edé. Por dezessete anos foi abiã 15 no terreiro de Anísio. Após a morte do seu tio Anísio, ela procura Mãe Olga do Alaketu, que a iniciou para Iemanjá no terreiro Ilê Maroíá Lájíé, na cidade de Salvador (ROMÃO, 2016).

Sua mãe, Maria do Carmo, antes de falecer, a entrega aos cuidados de Olga de Alaketu. Mesmo vivendo em uma família que seguia preceitos patriarcais, fez cursos de teatro amador e participou de grupos folclóricos. Teve quatro filhos com Apolinário Costa, seu marido e primeiro namorado: Ivete, Maria das Dores, Adailton e Aderbal. No ano de 1969, Beata separou-se do marido, mudando-se para o estado do Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida para ela e sua prole. Beata cria seus filhos com muita dificuldade, exercendo várias funções. Trabalhou como figurante na Rede Globo de Televisão, atividade resultante de contatos já existentes em Salvador, onde participou da novela “Verão Vermelho”, filmada na referida cidade. Logo após, conseguiu trabalho como costureira na mesma empresa, função na qual se aposentou (SANTANA, 2017).

Mãe Beata de Yemanjá, formada nas práticas de oralidade do candomblé, culto religioso afro-brasileiro, de onde emanam essas narrativas, também se aventurou na arte da escrita. Publicou parte delas em dois livros: Carço de dendê: a sabedoria dos terreiros, como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos, em 1997, e Histórias que minha avó contava, em 2004 (SANTANA, 2017).

Morando em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no bairro Miguel Couto, funda em 20 de abril de 1985 o terreiro Ilê Omiojuarô, no mesmo bairro. Foi ainda presidente da ONG Criola, organização de mulheres negras que atua contra o racismo, o sexismo e a violência contra a mulher. Ao longo dos anos, foi reconhecida por sua ativa militância em favor de diversas causas, especialmente a liberdade religiosa. No ano de 2014, foi homenageada pela escola de samba Garras do Tigre, no Carnaval de Nova Iguaçu. Receberia a Medalha Tiradentes, por iniciativa do deputado Marcelo Freixo, em 7 de junho de 2017. Morreu em sua casa, em 27 de maio de 2017, aos 86 anos, de causa não informada (ROMÃO, 2016).

15 Menina ou moça em estágio de iniciação. O termo aplica-se também no masculino (FONSECA JR, 1995, p. 154).

#### A 02 – Júlio Romão

Júlio Romão da Silva, mais conhecido como Júlio Romão (Nasceu em Teresina, 22 de maio de 1917 e faleceu em Teresina em 09 de março de 2013). Filho de Luís e Joana Querino da Silva, foi um jornalista, escritor e poeta piauiense, brasileiro. Ocupou a cadeira 31, da Academia Piauiense de Letras. Júlio Romão nasceu no Piauí, fez o curso primário em Teresina, na escola pública Demóstenes Avelino, e se diplomou em marcenaria em 1936, pela escola de Aprendizagem e Artífices (hoje Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Campus Teresina Central (CTC), mas era radicado no Rio de Janeiro, onde ganhou cidadania e o nome de uma das ruas do bairro Méier. Fez o curso ginásial no Colégio Matos no Rio de Janeiro e também cursou Filosofia na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (FERREIRA, 2012).

Como jornalista, colaborou em vários órgãos da imprensa, e exerceu cargos de destaque no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em outros órgãos federais e estaduais. Era detentor dos prêmios Filosofia e João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras (ABL). Recebeu algumas comendas, como o Mérito Cultural Conselheiro Saraiva, no Piauí, e o Prêmio Cláudio de Sousa, da Academia Brasileira de Letras, com a peça A invasão. Docente em várias instituições, dentre elas o Curso de Altos Estudos Amazônicos do Instituto Rondon e da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), Júlio Romão publicou importantes trabalhos, alguns inseridos em publicações do IBGE e em outras publicações similares no país e no exterior. A UFPI homenageou o escritor Júlio Romão com título de Doutor Honoris Causa. Júlio Romão faleceu em Teresina, aos 95 anos (FERREIRA, 2012; OLIVEIRA, 1998).

#### A 03 – Martin Luther King

Martin Luther King Jr. nasceu em Atlanta, em 15 de janeiro de 1929. Filho e neto de pastores da Igreja Batista, Martin decide trilhar o mesmo caminho. Formado em Sociologia pela Morehouse College em 1948, continua seus estudos no Seminário Teológico Crozer e em 1955

faz doutorado em Teologia Sistemática na Universidade de Boston. Na universidade, conhece sua futura esposa, Coretta, com quem teria quatro filhos (BEZERRA, 2019). Sua infância e adolescência foram em meio à segregação racial que prevalecia em Atlanta. King sempre foi um ativista do movimento negro, lutava pela igualdade entre negros e brancos. Após seus estudos teológicos, serviu como pastor no estado do Alabama, em uma cidade de nome Montgomery. Em 1955, num boicote aos ônibus de Montgomery, conhecido como caso Rosa Parks, uma mulher negra presa ao se negar a ceder o assento para um branco, King foi um dos líderes (BEZERRA, 2019).

Foi um dos fundadores da Conferência da Liderança Cristã do Sul (SCLC, sigla em inglês), fundada em 1957 e também seu primeiro Presidente. No começo, a CLCS era integrada por comunidades negras ligadas às igrejas batistas, e King a comandou até sua morte. King, inspirado em Mahatma Gandhi, pregava a não violência e o amor ao próximo. Foi morto no dia 4 de abril de 1968, em Memphis, quando se preparava para mais uma marcha civil. Ainda continua a dúvida sobre a autoria desse crime. King, ao mesmo tempo que era amado por grupos antirracistas, também era odiado por outros grupos antirracistas e por grupos racistas espalhados pelo Sul dos Estados Unidos (BEZERRA, 2019).

Detentor de vários prêmios e homenagens: Prêmio Nobel da Paz (1964); Medalha Presidencial da Liberdade (1977); e a Medalha de Ouro do Congresso Americano, em 2004. Além disso, em 1986, foi estabelecido o Dia de Martin Luther King Jr. como feriado federal dos Estados Unidos (BEZERRA, 2019).

#### A 04 – Malcolm X

Nascido em 19 de maio de 1925, Malcolm Little é fruto de uma tragédia, sua mãe é filha de um homem branco que estuprou sua avó e nunca foi preso e sequer acusado de crime. No quarto dos oito filhos de Louise e do Pastor Earl, Malcolm aprendeu o que era racismo antes mesmo de pronunciar as primeiras palavras pois, em 1926, botaram fogo na casa e a família teve que se mudar às pressas, isso por causa dos sermões do Pastor Earl em favor dos direitos dos negros. Os Little fugiram primeiro para Wisconsin, três anos depois para o Michigan, onde foram morar em uma fazenda. Lá, os vizinhos, todos brancos, entraram na justiça exigindo que eles se mudassem para uma outra região habitada por negros. Eles se recusaram e tiveram a casa novamente incendiada. Earl pediu ajuda da polícia e terminou sendo acusado de incendiar a casa para receber o seguro. A rixa com os vizinhos só terminou em 1931 e de forma trágica, quando o corpo de Earl foi encontrado mutilado nos trilhos de uma estrada de ferro. As

autoridades, sem nenhuma investigação, concluíram que ele havia se suicidado (MAXIMILIANO, 2019).

Louise fez o que pôde para manter a família unida, e juntos, muitas vezes, viram faltar comida na mesa. Em 1938, dois dias antes do Natal, ela sofreu um colapso e foi internada num hospital para doentes mentais e de lá só sairia 26 anos depois. Malcolm ficou sob a guarda de um casal de brancos, os Swerlin, em um lar de detenção juvenil. "Eles gostavam de mim como de seus animais", disse Malcolm, em uma entrevista publicada na revista Playboy, em 1963.

Aos 15 anos, Malcolm abdicou dos cuidados dos Swerlin, abandonou a escola e foi morar com uma irmã mais velha em Boston. Passou um tempo vivendo de bicos, depois arrumou emprego no trem para Nova York e passa a frequentar os bares do Harlem (o mítico bairro de maioria negra) e conviver com os criminosos locais, com seus carros e prostitutas. "Nessa época, ele não parecia ter orgulho de ser negro", afirmou Haley. "Esticava os cabelos com produtos químicos e namorava mulheres brancas. Era conhecido como New York Red ou simplesmente Red, por causa da cor de seus cabelos castigados por alisantes." (MAXIMILIANO, 2019).

Em 1942, aos 17 anos, aceita o convite de trapaceiros e entra para o mundo do crime (tráfico de drogas, roubo, prostituição e jogos). Detido duas vezes em Nova York, ele volta para Boston e cria sua própria gangue para roubar casas. Péssima ideia: apenas duas semanas nessa vida e ele foi pego tentando vender um relógio roubado. Red foi condenado a dez anos de prisão. Em 1947, ele ouve falar pela primeira vez da Nação do Islã. Wilfred, seu irmão mais velho, havia se convertido à religião e feito com que os demais Little também se convertessem. Passa então a enviar cartas para Malcolm, naquele momento Red, mostrando aquela religião apropriada para homens negros. Mas foram os textos de Elijah Muhammad, líder da Nação do Islã, que converteram Red. Dizia Elijah que Deus era negro e se chamava Alá. "O negro americano deve ser reeducado. O Islã dará a ele as qualificações para sentir orgulho, e não vergonha ao ser chamado de negro." O discurso racista e segregacionista de Elijah defendia países separados para brancos ("os demônios da humanidade") (MAXIMILIANO, 2019).

Red vai desaparecendo aos poucos, deixa o linguajar de gangster e entra de cabeça na religião, é aceito na Nação Islã, passa a usar o nome Malcolm X em lugar de Little, se recusando a usar o nome dado aos seus ancestrais por aqueles que os escravizaram. Participou ativamente do chamado Movimento pelos Direitos Civis. Em 1954, o governo federal obriga as universidades do sul a aceitar alunos negros; foi um momento de muita violência, quebra-quebra, prisões e assassinato de muitos militantes negros. Ele estava preparado para reagir. Adotou um discurso incendiário, nesse momento ele não era mais um ex-presidiário qualquer,

se tornara líder do Templo Número 7 no Harlem e assumira o posto de porta voz da organização. Conhece Betty, uma frequentadora do templo, com quem se casa aos 32 anos. Sua figura e seus discursos foram fundamentais para que a organização Nação Islã passasse de 500 membros para 30 mil membros em 10 anos. Ele pontuava que as mulheres deveriam cuidar da família, os mais velhos deveriam entender e passar os ensinamentos e os jovens seriam treinados para usar a violência contra o inimigo (MAXIMILIANO, 2019).

As tensões raciais crescem, os confrontos com a polícia viram rotina. Na noite de 27 de abril de 1962, um grupo de policiais matou um membro da Nação do Islã, Ronald Strokes, deixou outro paraplégico e cinco feridos ao invadir um templo em Los Angeles. Insurgente, Malcolm X convoca a comunidade negra para protestar nas ruas. Milhares atenderam, cerca de 80 foram presos e 14 feridos, entre eles dois policiais. “Não há nada no nosso livro, o Alcorão, que ensine a sofrer tranquilo. Nossa religião ensina a ser inteligente, pacífico, cortês, obedecer a lei e respeitar os outros. Mas, se alguém bota a mão em você, mande-o para o cemitério.” (MALCOLM X, 1962 apud MAXIMILIANO, 2019).

Os discursos de Malcolm X ficavam cada vez mais fortes e convincentes, e um deles entrou para a história: foi proferido no templo simples do Harlem tendo ao fundo a imagem de Elijah, e neste discurso ele fala do orgulho de ser negro e de sua raiva contra o homem branco, pontuando:

Nós não separamos nossa cor da nossa religião. O homem branco também nunca separou o cristianismo da cor branca. Quando você ouve o homem branco se gabando: "Eu sou cristão", ele está se gabando de ser um homem branco. Minha mãe era cristã, meu pai era cristão. Meu pai era um homem negro e minha mãe era uma mulher negra, mas as canções que eles cantavam na igreja eram feitas para encher seus corações com o desejo de ser branco (MALCOLM X apud MAXIMILIANO, 2019).

Com seus discursos inflamados, o ativista atraiu a atenção dos órgãos de segurança. Sua popularidade ultrapassava as paredes dos templos da Nação Islã. As relações com Elijah se deterioravam e pioraram quando Malcolm X denunciou que ele mantinha relações amorosas secretas com mulheres da organização. Entretanto, o rompimento definitivo só ocorre em 1963, quando o Presidente Kennedy foi morto: Elijah não considerava oportuno naquele momento uma crítica ao presidente em respeito à nação sofrida com o trágico acontecimento e pede que ele não se posicione sobre o caso, mas Malcolm não respeita o pedido e afirma que Kennedy teve o que merecia, que ele morreu em consequência de seus próprios atos. Recebe uma punição, a de ficar calado por 90 dias. Ao fim do silêncio, em 8 de março de 1964, Malcolm X falou. E disse que deixaria a Nação do Islã (MAXIMILIANO, 2019).



Malcolm X sai da Nação Islã em março, e em abril viaja para Meca, decidido a virar um muçulmano autêntico. Ali, ele se deu conta de que Elijah Muhammad pregava uma farsa ultrapassada ao dizer que as mulheres deviam ser subservientes e que todos os males dos negros advinham da escravidão na América. Na África, percebe que o problema não era o homem branco, mas o imperialismo, o sistema político e econômico que permitia que negros pobres fossem explorados por negros ricos. Escreve numa carta para a família:

Durante os últimos 11 dias aqui no mundo muçulmano, eu tenho comido no mesmo prato, bebido do mesmo copo e dormido na mesma cama – enquanto rezo para o mesmo Deus – que seguidores muçulmanos cujos olhos são os mais azuis dos azuis, cujos cabelos são os mais louros dos louros e cujas peles são as mais brancas das brancas. Nós somos todos iguais (MALCOLM X apud MAXIMILIANO, 2019)

Ao retornar, ele não era mais Malcolm X, e sim El-Hajj Malik El-Shabazz. Não foi apenas uma mudança de nome, passou a criticar o capitalismo americano, se aproximou de líderes socialistas como Che Guevara e Fidel Castro. Em 1964, tentou levar Che para uma reunião da Organização da Unidade Afro-Americana que tinha acabado de ser fundada, Che não se sentiu seguro e não foi ao encontro, mas mandou uma mensagem que foi lida com euforia por Malcolm. A rivalidade com Elijah aumentara. Em fevereiro de 1965, ele afirma para a revista *Al-Muslimoon*: "Elijah se opõe aos negros americanos ouvirem o verdadeiro Islã, e tem ordenado seus seguidores a aleijar ou matar qualquer um que queira deixá-lo para seguir o verdadeiro Islã". Em 14 de fevereiro do mesmo ano, sua casa é incendiada. Sua mulher, que já vinha recebendo ameaças de morte, havia fugido com as filhas. Mesmo ciente do risco que corria, uma semana depois Malcolm foi fazer um discurso no Harlem. Quando ele começou a falar, uma confusão no meio da plateia começou e vários homens saíram atirando em sua direção, ele caiu há poucos metros da mulher e das filhas. Foi socorrido, mas, baleado 14 vezes, já chegou ao hospital morto. O crime, como muitos outros nunca foi esclarecido. (MAXIMILIANO, 2019).

#### A 05 – Jacinta Andrade

Mulher atuante no movimento popular de Teresina, Jacinta de Aquino Monteiro Andrade nasceu na vizinha cidade de Demerval Lobão, filha de Joana de Aquino Monteiro e de Sabino Rodrigues Monteiro, lavradores, com poucas posses, que trabalhavam nas terras de outras pessoas. Ainda muito jovem, veio para Teresina trabalhar na casa dos donos da terra em que seus pais trabalhavam, uma atitude comum aqui no Piauí. Os patrões moravam próximo ao

Colégio Dom Barreto e lá, à noite, as freiras alfabetizavam jovens trabalhadores e adultos. Ali Jacinta aprendeu a ler e escrever (informação verbal)<sup>15</sup>.

Casou-se, teve dois filhos e morava na zona sudeste de Teresina, mais precisamente no conjunto Redonda. Lá, filiou-se à Associação de Moradores. Em 2001, a filha mais velha já estava casada, e, devido a conflitos no casamento, que terminaram com a separação, a irmã Clara, já atuando na Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Piauí – FAMCC, a convida para vir ajudar na FAMCC, pois Jacinta, à época, só se dedicava às tarefas do lar, e a participação na Federação seria uma forma de ocupá-la para que ela esquecesse dos problemas afetivos. Jacinta se descobre uma militante, e passa a participar ativamente de campanhas contra a violência doméstica (informação verbal)<sup>16</sup>.

Em 2001, Jacinta é eleita para participar do Congresso Estadual, como representante da Associação de Moradores da Redonda. No Congresso Estadual, é eleita 2ª Secretária do Núcleo Regional Centro (Teresina) da FAMCC. Sua participação é notória e em 2004 é eleita para representar a FAMCC no movimento Força Tarefa Popular. Em 2005, participa da Marcha da Força Tarefa Rumo à Brasília. Saíram do Piauí no final de junho de 2005 e retornaram em meados de julho do mesmo ano. Jacinta Andrade, essa mulher ativa e trabalhadora, negra, teve sua luta atravessada ao ser brutalmente assassinada pelo então namorado, em 20 de julho de 2005, poucos dias depois de retornar de Brasília.

No conjunto residencial de casas populares, localizado na zona Norte da nossa capital, mais de duas mil famílias tem no endereço o nome de mulheres, que, por diversas razões, fizeram escola e entraram para o mapa da cidade. A ilustre Jacinta Andrade é homenageada emprestando seu nome ao maior residencial de casas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) no Brasil, a pedido da FAMCC. A principal avenida do conjunto recebeu o nome da companheira de tantas lutas, a deputada federal Francisca Trindade, falecida em 2003, em São Paulo, vítima de aneurisma cerebral (CURY, 2012).

#### A 06 – Negro Cosme

Líder da insurreição negra que fez parte da Balaiada, uma das maiores rebeliões populares da História do Brasil. Negro Cosme defendeu o fim da escravidão (A COR DA CULTURA, s. n. t.).

---

<sup>15</sup> Clara Aquino, em conversa com essa pesquisadora, em 07/04/2021

<sup>16</sup> Idem

Negro Cosme nasceu em Sobral, cidade do estado do Ceará, por volta de 1800. Foi batizado como Cosme Bento das Chagas, homem livre, vivia de pequenos bicos, aprendeu a ler e escrever. Em 1830, quando tinha aproximadamente 30 anos, foi preso por ter assassinado Francisco Raimundo Ribeiro, em Itapecuru Mirim, e foi então levado para cumprir pena na capital, São Luís. Cosme foge da cadeia em 1833, depois de liderar um levante de presos. Até 1838, ficou foragido, mas foi preso novamente em Codó, cidade do estado do Maranhão. Durante esses cinco anos, ficara escondido em quilombos na região do Itapecuru Mirim. Quando acontece a Balaiada — levante popular por melhores condições de vida, que contou com a participação de vaqueiros, escravos e outros desfavorecidos, e durou quase três anos —, Cosme, preso em São Luís, não fez parte do levante inicialmente, mas fugiu novamente da prisão em outubro de 1839, e em novembro já se tinha notícias dele liderando escravos nas muitas fazendas às margens do rio Itapecuru (A COR DA CULTURA, s. n. t.).

Cosme, no final de 1839, já era conhecido como O Imperador da Liberdade. A rebelião é desarticulada com muita dificuldade por Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias e, em 1840, entre fevereiro e setembro, estavam derrotados todos os rebelados, exceto os negros sob o comando de Negro Cosme. A rebelião só teve o seu fim quando as tropas de Cosme foram derrotadas em 7 de fevereiro de 1841. Cosme foi preso e o seu processo se arrastou por mais de um ano. Seu julgamento se deu em 05 de abril de 1842. Foi enforcado entre os dias 19 e 25 de setembro de 1842, transformando-se em símbolo da luta contra a escravidão (A COR DA CULTURA s. n. t.)

#### A 07 – Lélia Gonzales

A professora, fã de futebol, pesquisadora, ativista, antropóloga, uma das mais importantes vozes da militância feminina com enfoque na mulher negra, Lélia Gonzalez nasceu em Belo Horizonte – MG, no dia 1º de fevereiro de 1935, filha do ferroviário negro, Accacio Joaquim de Almeida, e de Urcinda Serafim de Almeida, uma empregada doméstica indígena. O pai morreu quando ela ainda era criança e em 1942 a família se muda para Rio de Janeiro. Um dos irmãos — eles eram dezoito —, jogava futebol e foi jogar no Clube de Regatas Flamengo. Por um tempo moraram próximo ao clube, sua paixão por futebol surgiu nessa época. Fez duas faculdades, História e Filosofia; Mestrado em Comunicação Social e Doutorado em Antropologia Social. Professora e pesquisadora modelar, Lélia falava inglês, espanhol e francês (CENTRO DE REFERÊNCIA NEGRA LÉLIA GONZALES, s. n.t.).

Lélia não se calava quando o assunto era a opressão da mulher, em particular a exploração da mulher negra. Usou sua vida acadêmica para pesquisar a história do povo negro. Debruçou-se sobre escritos de pensadores negros com o intuito de resgatar essa história invisibilizada pelo racismo. Jamais se contentou apenas com a teoria. Ajudou a criar e foi integrante ativa do Movimento Negro Unificado. Colaborou com a fundação de diversos grupos que batalhavam em prol do assunto, como o “Coletivo de Mulheres Negras N’Zinga”; o “Instituto de Pesquisa das Culturas Negras” e o “Olodum” (CENTRO DE REFERÊNCIA NEGRA LÉLIA GONZALES, s. n. t.).

Criado por força da pressão feminista, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), órgão especial para tratar de políticas públicas para mulheres, quando fundado, Lélia participou de sua primeira composição. Foi indicada publicamente pela presidente do CNDM, da época, para ser Ministra da Cultura. Disputou uma vaga na Câmara Federal pelo PT, em 1982, e mais tarde, já no Partido Democrático Trabalhista (PDT), uma vaga na Câmara Legislativa do Rio de Janeiro; em ambos os casos ficou como suplente (CENTRO DEREFERÊNCIA NEGRA LÉLIA GONZALES, s. n. t.)

Escreveu ensaios, artigos, palestrou em várias partes do mundo. Não era uma adepta da escrita acadêmica tradicional; muitas de suas obras são coletivas. Considerava de suma importância que os grupos marginalizados procurassem produzir o seu próprio conhecimento. Lélia hoje é referência para diversos grupos que lutam contra o racismo e o machismo. Apaixonada por futebol e também pela música, da mesma forma que era vista nos espaços de luta pelos direitos humanos era também uma frequentadora das escolas de samba. Morre na cidade que a acolheu e onde passou a maior parte de sua vida, o Rio de Janeiro, em 10 de julho de 1994 (CENTRO DE REFERÊNCIA NEGRA LÉLIA GONZALEZ, s. n. t.)

#### A 08 – Bob Marley

Cantor, compositor e guitarrista jamaicano, fez do reggae um ritmo conhecido em todo o mundo. O menino Robert Nesta Marley, o Bob Marley, nasceu em 06 de fevereiro de 1945 em Saint Ann, zona rural do norte da Jamaica. Filho do capitão branco do exército inglês, Norval Marley, com a negra jamaicana Celella Booker, de apenas 18 anos, que se envolvera com esse britânico de 50 anos. O pai sempre ajudou financeiramente no sustento do filho. Após sua morte, em 1955, Marley sua mãe foram morar na comunidade de Kingston, onde sofreu discriminação

por ser mulato. Foi também um dos maiores representantes do movimento religioso Rastafári<sup>17</sup> (FRAZÃO, 2020).

Marley é considerado um mito, pois difundiu suas ideias de paz através da música. O reggae é uma mistura de sons africanos com o rhythm & blues (R&B). Em 1966, ele se casa com Rita e fica oito meses ao lado da mãe e do padrasto. Já famoso, em 1976, ele resolve fazer um show gratuito em Kingston, na praça dos Heróis Nacionais, com o intuito de pedir o fim dos conflitos entre as gangues locais pois, nessa época, a Jamaica passava por uma grave crise política e social. No dia 03 de dezembro de 1976, dois dias antes do show, ele sofre um atentado em sua casa. Mesmo ferido, ele sobe ao palco e canta para uma multidão de 80 mil pessoas. (FRAZÃO, 2020)

Após esse incidente, Marley resolve ir morar em Londres, onde grava o álbum “Exodos”, que permaneceu por mais de 50 semanas nas primeiras posições dos tops na Inglaterra. A faixa “One Love” fez grande sucesso. Retornando à Jamaica, Marley organiza o “One Love Peace Concert”, cujo ponto culminante foi o aperto de mão, dado no palco, entre o Primeiro-Ministro Michael Manley e seu rival Edward Seaga. Por interceder em tal encontro, Bob Marley recebeu a “Medalha da Paz”, na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque. Ainda em 1977, Marley embarca para a Etiópia, país da África onde se originou o Rastafári – movimento judaico-cristão que ele seguia. (FRAZÃO, 2020)

Em 1979, Marley lança o disco “Survival”, no qual revela, em algumas músicas, a dor e o ódio com relação às injustiças sociais, como nas faixas “So Much Trouble in the World” e “Ambush in the Night”. No álbum, foi lançada também a música “Africa Unite”. Foi então convidado para as comemorações pela independência do Zimbábue em 17 de abril de 1980. É diagnosticado com um câncer de pele do tipo agressivo, em 1977. Por motivos religiosos, recusa o tratamento. No fim de sua vida aderiu à Igreja Ortodoxa, porém já era tarde demais. Bob Marley morreu em Miami, no dia 11 de maio de 1981, vítima do câncer. Seu funeral teve honras de chefe de estado e a data de seu nascimento é feriado nacional na Jamaica (FRAZÃO, 2020).

## A 09 – Preto Ghóez

---

<sup>17</sup> 18 É o nome com que se apresenta uma nova religião nascida na Jamaica na década de 30 do século XX. Seus seguidores adoram Haile Selassie, imperador da Etiópia, de 1930 a 1974, e o consideram a manifestação ressurrecta de Yahshua (Jesus), sendo, portanto, a reencarnação de Jah (Jehovah ou Deus). Com tal manifestação, Selassie irá conduzir os eleitos à criação de um mundo perfeito, "Zion", o paraíso dos rastas. Buscando atingir o paraíso, os adeptos rejeitam a sociedade capitalista moderna, a qual chamam de "Babilônia", que é vista como impura e corrupta, um reino em rebelião aos ditames de Jah, o criador. Disponível em: <https://www.infoescola.com/cultura/rastafarianismo/>. Acesso em: 20 out. 2020.

Após a divulgação do prêmio que leva o nome do rapper maranhense Preto Ghóez, é que muitas pessoas passaram a conhecê-lo. Morto aos 33 anos de acidente de trânsito em Itajaí, Santa Catarina, no dia 10 de setembro de 2004, Márcio Vicente Góis, o Preto Ghóez, dizia ter sofrido influência dos Racionais MC e da biografia de Malcolm X, com cujo nome batizou seu filho. No Hip Hop<sup>18</sup>, foi ativista por oito anos, a partir de 1993, no Quilombo Urbano, de São Luís (MA), um dos aparelhos mais politizados e atuantes do movimento. Fez parte de outros grupos, como o Skina e o Milícia Neopalmarina. Pouco antes de sua morte, estava no Clã Nordestino, lançando o CD “A peste negra do Nordeste”. Afinado com vários aspectos da vida do país, Ghoez estava finalizando o livro Sociedade de barra e articulando o MHHOB (Movimento Hip Hop Organizado do Brasil), além de militar no Favelafro, uma organização que surgiu de uma ruptura – provocada por questões políticas fonográficas – de parte do Quilombo Urbano e do Clã Nordestino. (MANDRAKE, 2012).

Uma das últimas ações de Ghoez foi a participação em um encontro com Lula e outros representantes do Hip Hop, o que provocou uma série de críticas de setores contrários à vinculação do movimento ao governo, e foram responsáveis por criar uma intensa polêmica sobre o assunto. Apesar das polêmicas, não foi esquecida a participação guerreira de Preto Ghóez na construção do Hip Hop e na organização da juventude negra e favelada na luta tanto contra o racismo quanto contra o sistema. Preto Ghóez era ativista cultural e social e, depois de ter tido uma infância difícil e ter passado pela FEBEM, construiu um movimento a partir de sua música, o Hip-Hop (MANDRAKE, 2012).

Vocalista do grupo Clã Nordestino, uma das organizações nacionais do Hip Hop, foi idealizador, em parceria com o Ministério da Cultura (MinC), do projeto Fome de Livro na Quebrada, e participava de um grupo de trabalho a fim de desenvolver parcerias entre o governo e o Movimento Hip Hop. Apaixonado pela escrita, Preto Ghóez colaborou com textos para diversas publicações nacionais. Era colunista do Portal Rap Nacional e, impelido por essa facilidade em escrever, produziu o romance A Sociedade do Código de Barras, uma história que pretendia contar em três volumes: O Mundo dos Mesmos, Transeuntes e Os Diferentes. Deixou pronto somente o primeiro volume da trilogia (MANDRAKE, 2012).

## A 10 – Índio Mandu Ladino

---

<sup>18</sup>19 Hip Hop é uma cultura popular que surgiu entre as comunidades afro-americanas do subúrbio de Nova York na década de 1970. A música é a principal manifestação artística do hip hop, que também tem na dança e no grafite forte representação. Disponível em: <https://www.significados.com.br/hip-hop/>. Acesso em: 19 out. 2020.

Muitos são os heróis esquecidos na História do Brasil, alguns só são conhecidos nos locais onde viveram, ou nem isso. Existem líderes indígenas que encararam o domínio europeu e já são reconhecidos pelo menos em seus estados, como é o caso de Sepé Tiaraju, no Rio Grande do Sul, e Ajuricaba, no Amazonas. Mas quem já ouviu falar de Mandu Ladino? Certamente quase ninguém, nem mesmo no Piauí. Talvez alguns piauienses mais informados tenham ouvido falar, conheçam alguma coisa a respeito dessa figura tão importante para a história do seu povo.

Por volta do ano 1700, ele era um menino de um povo de língua cariri chamado “índios abelhas”, porque conviviam muito bem com as abelhas da região piauiense, perto do rio Parnaíba. À época ele tinha 12 anos. Foi batizado com o nome de Manoel, mas como era muito difícil para os tupis falarem Manoel, ficou conhecido por Mandu. Ele não era tupi, mas essa era a língua geral usada pelos padres. Aprendeu a falar português, daí o apelido Mandu Ladino, pois ladino era como os portugueses chamavam índios e negros que falavam português (BENEDITO, 2019).

Um dia, chega à aldeia um grupo de padres fanáticos, que consideram tudo da cultura indígena coisa do diabo. Queimam todos os objetos sagrados dos indígenas, obrigando-os a presenciarem aquela destruição sob mira de armas. A noite eles viram a força da vingança. Seus objetos sagrados também foram queimados. Mandu, depois do feito, foge com um grupo de índios em direção ao Piauí, retornando às suas origens. O grupo foi perseguido, muitos morreram, e lá ele foi preso e escravizado. Rebelde, era muito torturado. Conseguiu unir vários povos indígenas para combater os brancos escravistas. Venceu várias batalhas, mas o poderio militar do colonizador era mais forte e terminou vencendo. Foi morto quando atravessava a nado o rio Parnaíba (BENEDITO, 2019).

#### A 11 - Nelson Mandela

Líder do movimento contra o Apartheid na África do Sul, legislação que segregava os negros no país. Condenado em 1964 à prisão perpetua, foi libertado em 1990, depois de grande pressão internacional. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em dezembro de 1993, por sua luta contra o regime de segregação racial e, em 1994, se elege presidente. Nelson Mandela nasceu em Mvezo, África do Sul, em 18 de julho de 1918. Filho de uma família tribal nobre, da etnia Xhosa, recebe o nome de Rolihlahla Dalibhunga Mandela. Ingressa na escola primária e recebe da professora o nome de Nelson, costume inglês de dar nomes ingleses a todas as crianças que frequentavam a escola (GARCIA, 2020)

Ao terminar seus estudos elementares, entrou na escola preparatória. Com nove anos de idade, após a morte do seu pai, Mandela foi levado para a vila real, onde ficou aos cuidados do regente do povo Tambu. Ao terminar sua formação elementar, entrou na escola preparatória, Clarkebury Boarding Institute, um colégio exclusivo para negros, onde estudou a cultura ocidental. Ingressou no Colégio Healdtown, onde era interno. Em 1939, Mandela inicia o curso de Direito, na Universidade de Fort Hare, a primeira Universidade da África do Sul a ministrar cursos para negros. É expulso por se envolver em protestos, junto com o movimento estudantil, contra a falta de democracia racial na instituição. Mudou-se para Joanesburgo, onde se deparou com o regime de terror imposto à maioria negra pelo sistema de segregação racial. Em 1943, concluiu o bacharelado em Artes pela Universidade da África do Sul. Continuou os estudos de Direito, por correspondência, na universidade de Fort Hare. Mais tarde receberia o título de Doutor Honoris Causa, uma tentativa de compensar a sua expulsão (GARCIA, 2020). O racismo da África do Sul foi a pior herança deixada pelos colonizadores europeus.

Apoiados nas ideias de superioridade racial do branco, o homem europeu instituiu leis que sustentaram o regime de apartheid (separação) durante longos anos. O casamento interracial era proibido, era obrigatório o registro da raça na certidão, brancos e negros viviam em áreas apartadas, as escolas, hospitais, praças etc. eram estabelecidos em locais diferentes para as duas raças, etc. A segregação racial, a falta de direitos políticos e civis e o confinamento dos negros, em regiões determinadas pelo governo branco, provocou uma série de massacres e mortes da população negra (GARCIA, 2020).

Vários homens e mulheres da comunidade negra sul-africana consagraram suas vidas a essa enorme causa: o fim do apartheid. Um dos mais notáveis líderes do movimento negro da África do Sul foi Nelson Mandela. Em 1944, junto com Walter Sisulo e Oliver Tambo, fundaram a Liga Jovem do Congresso Nacional Africano (CNA), que se tornou a principal organização de representação política dos negros. No ano de 1960, muitas lideranças negras foram presas, perseguidas, torturadas, assassinadas. Em 1964, Nelson Mandela é condenado à prisão perpétua. Na década de 1980, a opinião internacional condena intensamente o apartheid e, em 11 de fevereiro de 1990, depois de um plebiscito, chega ao fim o nefasto regime. Depois de vinte e seis anos de prisão, Mandela é libertado. Ao sair da prisão, Mandela conclama o país para uma reconciliação. A luta de Mandela era por uma sociedade democrática e livre na qual todas as pessoas pudessem viver juntas, livres, felizes, e com oportunidades iguais. Em 1993, Nelson Mandela e o presidente da África do Sul assinam uma nova constituição sul-africana, chegando ao fim de mais de 300 anos de dominação de uma minoria branca. Nesse mesmo ano,



ele recebe o Prêmio Nobel da Paz e no ano seguinte se torna o primeiro presidente negro da África do Sul (GARCIA, 2020).

Foi casado com a enfermeira Evelyn Mase, com quem teve duas filhas. Em 1968, o casal se separa e no mesmo ano ele se casa com a ativista Winnie Madikizela, com quem teve duas filhas. Em 1995, separa-se de Winnie, e em 1998 se casa com Graça Machel. Um ano depois, ao deixar a presidência, vai morar com Graça em Qunu, um pequeno vilarejo, onde fundam uma associação em defesa dos direitos humanos. Nelson Mandela faleceu em Joanesburgo, África do Sul, em 5 de dezembro de 2013 (GARCIA, 2020).

## A 12 – Francisca Trindade

Francisca Trindade nasceu no dia 26 de março de 1966, justamente o mês das mulheres. De família humilde, estudou em escola pública. Filha de Raimundo Pereira da Trindade e de Lídia Maria da Trindade, era a caçula de quatro irmãos. Começou a sua trajetória em movimentos sociais na zona Norte de Teresina, mais precisamente no bairro Água Mineral, onde morava. Iniciou sua atuação política nos movimentos de juventude da Igreja Católica em Teresina, nos quais começa a enxergar as enormes disparidades sociais. Estudou Teologia na Universidade Federal do Piauí – UFPI (BEZERRA, 2015).

Filiada ao PT, desde a aurora de sua vida pública, foi Presidente da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários (FAMCC) no período 1992/1994. Em 1992, é eleita suplente de vereador em Teresina, e assume em 1994, quando Welington Dias foi eleito deputado estadual. Reeleita vereadora em 1996, sua brilhante atuação permitiu que fosse eleita deputada estadual em 1998. Assume como vereador em seu lugar João de Deus Sousa. Em 2000, foi candidata a vice-prefeita de Teresina na chapa encabeçada por Welington Dias, mas, apesar da expressiva votação, perdem o pleito para Firmino Filho. Em 2002, foi eleita deputada federal, com um recorde de 165.190 votos, número só superado por Marcelo Castro em 2010 (BEZERRA, 2015).

Como Francisca Trindade foi uma militante de nossa cidade, e não faz tanto tempo assim que nos deixou, muitas/muitos de suas/seus companheiras/companheiros de luta ainda estão na ativa. Procuramos uma delas, pela sua proximidade com essa pesquisadora, Lujan Miranda que, por WhatsApp, nos relatou muita coisa a respeito da trajetória de Francisca Trindade, tornando mais nítidas as posições políticas que a levaram a assumir os postos acima citados.

Francisca Trindade nasceu no mês de março, mês em que se divulga a realidade, se relembram as conquistas do povo negro e se reforça a luta das mulheres, mais notadamente das mulheres

negras. Filha de Raimundo Pereira da Trindade e de Lídia Maria da Trindade, era a caçula de quatro irmãs/irmãos, de uma família humilde, chega a esse mundo no dia 26 de março de 1966. Esperta, logo percebeu que este mundo carecia de mudanças. Era difícil e triste a realidade, não só de sua família, mas de sua comunidade, o bairro Água Mineral, em Teresina, onde morava (MIRANDA, 2021).

Principiou sua ação política ainda na juventude, participando nos movimentos da Igreja Católica. Na Pastoral da Juventude passou a enxergar e entender as razões das assombrosas desigualdades sociais. Estudante da escola pública, com muito esforço conseguiu chegar à universidade. Fez Teologia na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Percebeu, muito cedo, a importância de ampliar a luta para outros campos e, assim, se filia ao Partido dos Trabalhadores – PT, que à época era sinônimo de honestidade e de defesa dos direitos e da vida. Objetivando o fortalecimento de sua luta e da luta de outras comunidades, inclusive, no âmbito nacional, Trindade entra de corpo e alma para o movimento popular. Teve uma atuação forte, e se destaca, assumindo como Presidente da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Estado do Piauí (FAMCC) no período 1992/1994, e se tornando representante do Piauí na Central Nacional de Movimentos Populares (MIRANDA, 2021).

Da mesma forma que se empenha com destaque no movimento popular, Trindade também se empenha na construção do movimento negro, e, junto a diversas/diversos militantes, vinculadas/vinculados a organismos da igreja católica ou não, contribuiu com a organização do movimento negro no Piauí e foi uma das principais lideranças do Grupo Coisa de Nêgo (MIRANDA, 2021). Dos movimentos populares para a vida pública foi um pulo. Em 1992, concorreu às eleições para a Câmara de Vereadores de Teresina e ficou como primeira suplente. Segundo Miranda, o PT tinha definido o rodízio. O partido alegava que o candidato ou candidata não se elege só com seus votos, mas com os votos dados às/aos demais que se candidatam e à legenda do partido (MIRANDA, 2021). É a própria Miranda que pontua:

Sem uma vivência partidária maior e sem penetração no movimento popular, o candidato eleito, Wellington Dias resolve dividir o seu gabinete com a segunda mais votada, Francisca Trindade, desde o primeiro momento e não posteriormente de acordo com o rodízio. Em 1994, com a eleição de Wellington Dias para a Assembleia Legislativa, Francisca Trindade assume como vereadora de Teresina e, ao contrário do seu antecessor, não dividiu o gabinete com a segunda suplente, Lujan Maria Bacelar de Miranda, embora tenha conversado com a mesma neste sentido. Por sua história e sua militância política no movimento da igreja, no movimento popular, no movimento negro e no partido, Trindade é eleita vereadora em 1996. Com este legado e com sua brilhante atuação como vereadora, em 1998 Francisca Trindade é eleita deputada estadual. Em 2000, foi candidata a vice-prefeita de Teresina na chapa

encabeçada por Welington Dias e em 2002 foi eleita deputada federal com votação recorde de 165.190 votos (MIRANDA, 2021, n. p.).

Pela fulminante e bem-sucedida carreira política, Trindade, que era tida como candidata preferida à prefeitura de Teresina, chega a Brasília, ancorada por 165.190 votos e uma história de lutas em defesa das/dos menos favorecidas/favorecidos, para exercer o seu mandato de deputada federal, logo após Lula da Silva assumir a presidência da república. Eram tempos de muita expectativa com relação ao novo governo, pois, pela primeira vez, elegia-se para presidência do Brasil um operário, um homem representante do povo. Entretanto, política se faz com acordos, esses acordos nem sempre são tão favoráveis assim, para se chegar ao poder muita coisa se ganha, mas também muita coisa se perde, é o que temos observado nessa nossa trajetória como cidadã brasileira e como alguém que procura enxergar o mundo. Miranda nos explicita:

Em seu partido e em seu governo estava em discussão a reforma da previdência, que era tida por ele como uma das mais importantes para o país. Em 30/04/2003 Lula entregou pessoalmente a Proposta de Emenda Constitucional, cujo objetivo era limitar as aposentadorias, atingindo direitos conquistados com muita luta, especialmente pelos servidores e servidoras públicas, inclusive, a aposentadoria especial dos professores e professoras de primeiro e segundo graus, ao estabelecer idade mínima para aposentadoria. Os/as parlamentares do PT se viram profundamente pressionadas/pressionados pelo partido, pelo governo, pelos movimentos sociais, especialmente o movimento sindical, e por suas bases eleitorais. O PT expulsou 04 parlamentares que votaram contra a reforma da previdência do Governo: Heloísa Helena, Babá, Luciana Genro e João Fontes, que criaram posteriormente o Partido Socialismo e Liberdade – PSOL. Trindade não resistiu e, aos 37 anos de idade, no dia 26/07/2003, enquanto discursava na Conferência Estadual de Apicultura e Pesca, realizada em Teresina, teve um aneurisma cerebral. Partiu deixando um filho e uma filha, crianças, e uma brilhante história de luta ao lado e em defesa daqueles e daquelas que assim como ela, foram e são deserdados/deserdadas da terra, por um sistema de exploração, dominação e opressão, como comprova a pandemia: a maioria da população brasileira, pobre e negra (MIRANDA, 2021, n. p.).

Muito estudiosa e dedicada, Trindade tinha consciência da potência e dos malefícios do racismo. Sabia da importância de afrodescendentes ocuparem o lugar que lhes cabe por direito nessa sociedade tão adoecida pelas consequências de suas origens, o sistema colonialista amalgamado pelo racismo que se estruturou de forma tão contundente e se enraíza até os dias atuais, com a pretensão de não nos abandonar nunca. E, em relação ao racismo, em discurso

pronunciado na Câmara dos Deputados, em 19/03/2003, quando defendia a implementação das cotas nas universidades, Trindade afirmou:

Reparar significa o Estado reconhecer a questão, baseado nas decisões da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, realizada em 2001, na África do Sul. Nessa conferência foi afirmado que o colonialismo e a escravidão cometidos no passado constituíram um crime contra a humanidade e que as novas gerações de negros e negras, que trazem na pele e nos traços as marcas mais evidentes da sua descendência africana, sofrem ainda hoje as consequências desse crime. A reparação que se propõe, Sr. Presidente e nobres colegas, representa uma busca de correção desses erros (se é que isso é possível) através de ações políticas, econômicas, de mídia, jurídicas e sociais em geral, medidas estas que restaurem a dignidade, a integridade memorial, física e psicológica do segmento atingido, que promovam o resgate do patrimônio cultural, artístico religioso e, principalmente, a ascensão socioeconômica e educacional das negras e dos negros atingidos pela herança criminosa do racismo e da exclusão social (TRINDADE, 2003 apud DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2003, p. 132-133).

Lujan Maria Bacelar de Miranda, se referindo a esse discurso e a essa conferência (III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, realizada em 2001, na África do Sul), pontua que:

Participou desta conferência e quis o destino que Francisca Trindade fosse enterrada com a roupa que ela usou na confraternização realizada durante a mesma, em Durban, na África do Sul: um conjunto amarelo, confeccionado por sua irmã L'Hosana Céresde Miranda Tavares. E mais, que ela - Lujan Maria Bacelar de Miranda - fosse uma das pessoas que assinaram o termo de doação de órgãos da Trindade no Hospital Albert Einstein. E, junto com a Eva (Ivanildes Gomes), amiga da Trindade, fossem as primeiras pessoas a estarem com a Trindade logo após ser comunicada a sua morte pela equipe médica. Por sua história de vida e por sua luta, a partida precoce de Francisca Trindade provocou um clamor na sociedade piauiense, em especial nos setores populares que ela tão bem representou na Pastoral da Juventude, no movimento popular, no movimento negro, na Câmara de Vereadores, na Assembleia Legislativa e na Câmara dos Deputados. Uma jovem guerreira! Um exemplo de luta! (MIRANDA, 2021).

Ao lado de familiares, amigos e companheiras de luta, ela foi preparada para retornar à terra que lhe viu nascer – Teresina. Sua breve, mas importante trajetória, fez dela não apenas uma cidadã teresinense, mas uma cidadã do mundo. Candidata nata à prefeitura de Teresina em 2004, quis o destino que a mulher afrodescendente, pobre, mãe, que fez a opção de seguir o caminho da política para mostrar que era possível lutar por melhores condições de trabalho,

salário e dignidade, sem jamais corromper alguém ou se corromper, nos deixasse tão cedo, com apenas 37 anos de idade e uma brilhante carreira pela frente (BEZERRA, 2015).

#### A 13 – Luiza Bairros

Luiza Helena de Bairros nasceu em 1953, na cidade Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Mulher negra, graduada em Administração Pública e Administração de Empresas, pela Universidade Federal gaúcha. Fez Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia e doutorado em Sociologia pela Universidade de Michigan. Foi Ministra de Estado Chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial no governo de Dilma Rousseff em 2011 (FUNDAÇÃO PALMARES, 2013).

Pesquisadora incansável, sua trajetória contra a discriminação racial se inicia em 1979, após conhecer o Movimento Negro Unificado da Bahia. Logo iniciou sua militância no Grupo de Mulheres do MNU. Participou ativamente das principais iniciativas do movimento em todo o Brasil, sendo eleita, em 1991, como primeira Coordenadora Nacional do MNU, no qual permaneceu até 1994 (FUNDAÇÃO PALMARES, 2013).

Escreveu artigos sobre racismo, sexismo, o negro no mercado de trabalho e enfrentamento ao racismo institucional, que foram publicados em livros de coletânea e periódicos das Nações Unidas no Brasil e em revistas, como Afro-Ásia, Análise & Dados, Caderno CRH, Estudos Feministas, Humanidades, e Força de Trabalho e Emprego. Foi também como consultora do Sistema Nações Unidas no Brasil no processo da III Conferência Mundial contra o Racismo e em projetos em defesa da população afro-brasileira (FUNDAÇÃO PALMARES, 2013)

A ex-ministra Luiza Helena Bairros morreu no dia 12 de julho de 2016, na cidade onde nasceu, Porto Alegre, aos 63 anos, vítima de um câncer pulmonar. Intelectual e ativista do movimento negro, ela chefiou a Secretaria de Políticas Públicas da Igualdade Racial, entre 2011 e 2014. Foi responsável por criar o Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial (SINAPIR), que visa implementar políticas públicas voltadas à igualdade de oportunidades e instâncias de combate à discriminação e à intolerância (FUNDAÇÃO PALMARES, 2013).

#### A 14 – Mestre Pastinha

Vicente Ferreira Pastinha, o Mestre Pastinha nasceu em Salvador em 5 de abril de 1889, filho da negra Maria Eugenia e do proprietário de um pequeno armazém no centro histórico de

Salvador, o espanhol José Sinó Pastinha. Criado pelo pai, teve pouco contato com a mãe. Era um menino franzino, tinha oito anos quando conheceu a capoeira pelas mãos do negro angolano, carinhosamente chamado por ele de tio Benedito, que, cansado de ver o menino apanhar dos mais fortes, resolveu lhe ensinar os movimentos da capoeira. Aos 13 anos, já era o garoto mais respeitado do bairro (OLIVEIRA, 1998).

“Para ver se tomava jeito”, seu pai resolveu o matricular na Escola de Aprendizes Marinheiros, de onde saiu aos 21 anos conhecedor dos segredos do mar e já um professor, pois ensinara aos colegas da marinha, nas horas de folga, o gingado da capoeira angola. Retorna ao Pelourinho e vai trabalhar como pintor. Nas horas de folga, as escondidas, Pastinha treinava capoeira com os amigos. Só em 1941, quatro anos depois da descriminalização da capoeira, é que Mestre Pastinha funda o Centro Esportivo Capoeira Angola (CECA), no casarão de nº 19, no largo do Pelourinho (OLIVEIRA, 1989).

Amigo de Jorge Amado e Caribé, o CECA de Mestre Pastinha se torna local de encontro de artistas e turistas, recebendo visitantes ilustres como Jean Paul Sartre e o ator Jean Paul Belmondo. Passam pelo CECA, como alunos, mestres de capoeira conhecidos internacionalmente, como João Oliveira dos Santos (João Grande), João Pereira dos Santos (João Pequeno), Gildo Lemos Couto (Gildo Alfinete), Gabriel Góes (Mestre Gato), entre outros. Em 1º abril de 1996, Mestre Pastinha chega a Dacar, capital do Senegal, para representar o Brasil no I Festival Mundial de Arte Negra (OLIVEIRA, 1998).

Mestre Pastinha usava todos os seus talentos para valorizar a capoeira, fazia versos e escreve o primeiro livro que se tem notícia sobre o assunto, Capoeira Angola, publicado em 1964. Condenava a violência e cria um código de ética para capoeira. Institui a bateria composta por três berimbaus, dois pandeiros, um atabaque, um reco-reco e um agogô. Morreu cego, paralítico, aos 92 anos de idade, no dia 12 de abril, mesmo mês do seu nascimento, no ano de 1981, no Abrigo Dom Pedro II, em Salvador (OLIVEIRA, 1998).

#### A 15 – Mestre Bimba

No alvorecer de um novo século, novembro de 1899, mais precisamente no dia 23, nasce em Salvador, na freguesia de Brotas, no bairro Engenho Velho, o filho de Cândido Machado e Maria Martinha do Bomfim, Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba. Aos 12 anos, começa a praticar capoeira com Mestre Bentinho, africano, capitão da Companhia de Navegação. Já professor de capoeira, sente que a capoeira angola que pratica está sendo usada inadequadamente para exibicionismo em praças públicas. Junta então os conhecimentos da

capoeira angola com um outro tipo de luta denominada batuque-boi, cria o que ele denominou de Luta Regional (OLIVERA, 1998).

Em 1930, após uma apresentação para o governador Juracy Magalhães e outras autoridades, recebe deste a autorização para abrir a primeira escola de capoeira, até então proibida por lei. Estranhamente, não leva o nome de capoeira, mas de Centro de Cultura Física. Mesmo com a abertura da escola, o descaso das autoridades continuou. Em 1973, descontente com a situação, se muda para Goiânia, onde vem a falecer um ano depois, na Santa Casa de Misericórdia (OLIVEIRA, 1998).

## A 16 – Zumbi

Considerado um dos maiores líderes da história brasileira, principalmente como representante da resistência negra contra a escravidão, Zumbi nasceu livre, em Palmares, em 1665. Depois de um massacre, é capturado e entregue ao Padre Melo em Porto Calvo, que o chama de Francisco, e com quem viveu até os 15 de idade, quando foge e retorna ao quilombo de Palmares. Aprendeu com Padre Melo a ler e escrever em português e latim (CAVALCANTE, 2018).

Valente, inteligente, muito culto para sua época, Francisco logo se torna Zumbi e, segundo Joel Rufino dos Santos, escolhe sua própria família em Palmares, fazendo-se sobrinho de Ganga Zumba (SANTOS, 2018). É nomeado por Ganga Zumba comandante das armas, tornando-se assim o general mais jovem do Brasil, com apenas 19 anos. Torna-se figura mitológica, pela sua capacidade de resistir à destruição daquele reduto de homens livres em plena escravidão, o Quilombo dos Palmares (OLIVEIRA, 1998).

Os escravistas não podiam se conformar com tal situação, consideravam aquele reduto de homens livres, e que aumentava a cada dia, um perigo. Clóvis Moura pontua:

O primeiro rei dessa singular "república" foi, ao que parece, Ganga-Zumba que dirigiu os seus destinos até quando resolveu fazer a paz com os brancos, em 1678, fato que fez com que perdesse a confiança dos palmarinos, fosse preso e executado e substituído por um jovem guerreiro – Zumbi – que, daí em diante, tornou-se líder incontestável dos homens de Palmares (MOURA, 1995, p. 3).

Muitas tentativas foram feitas com o intuito de desarticular o quilombo, até que a Coroa Portuguesa se viu na obrigação de formar um contingente imperial de soldados, que era

derrotado cada vez que tentava enfrentar os guerreiros negros. O professor Eduardo de Oliveira comenta:

É bom lembrar que o Quilombo dos Palmares representava uma autêntica República Negra com a sua organização militar, de trabalho e de produção; já trabalhavam o ferro e a agricultura que incluía o plantio de mandioca, cana de açúcar e a criação de gado era cultivada de forma a suprir as necessidades internas, sendo que o excedente era trocado com a vizinhança por sal, pólvora e arma de fogo. Ganga Zumba, no seu tempo, e Zumbi dispensavam toda sua atuação assistindo a cada uma dessas fases com energia e compreensão e até com certo planejamento (OLIVEIRA, 1998, p. 288).

Tamanha organização, e essa demonstração de independência, fazia com que os colonialistas escravocratas se sentissem cada vez mais ameaçados. Então, o governador da província, João da Cunha Souto Maior, resolve contratar os serviços do bandeirante Domingos Jorge Velho. Não foi fácil como o bandeirante esperava, pois perde a primeira batalha, e esbarra nas fortificações dos negros na segunda. Velho resolve então entrar com a artilharia, e os negros sem armas se rendem, mas Zumbi foge (MOURA, 1995). Acuado, divide seus homens em dois grupos e volta à guerrilha. Um grupo fica sob o comando de Antônio Soares que, em uma emboscada perto de Penedo, é preso e torturado para que diga onde se encontrava Zumbi. Só quando mudam de tática e prometem a liberdade a Soares é que esse cede. Joel Rufino dos Santos nos conta:

Zumbi confiava em Soares, e quando este lhe meteu a faca na barriga se preparava para um abraço. Seus olhos devem ter brilhado, então, de estupor e desalento. Seis guerrilheiros apenas estavam com ele naquele momento – cinco foram mortos imediatamente pela fuzilaria que irrompeu dos matos em volta. Zumbi sozinho matou um e feriu vários. Foi isso nas brenhas da serra Dois Irmãos, por volta de cinco horas da manhã de 20 de novembro de 1695. No dia seguinte, o cadáver chegou a Porto Calvo. Não estaria bonito de ver. Tinha quinze furos a bala e inumeráveis de punhal. Lhe tinham tirado um olho e a mão direita. Estava castrado, o pênis enfiado na boca. Banga, único sobrevivente da guarda de Zumbi, os escravos Francisco e João e os fazendeiros Antônio Pinto e Antônio Sousa testemunharam, perante os vereadores, que aquela pequena carcaça, troncha e começando a feder, era, indiscutivelmente, o temível Zumbi dos Palmares. Depois de lavrado o “auto de reconhecimento”, a Câmara mandou separar a cabeça – seguiria só para o Recife, acondicionada em sal fino. Lá chegando, mandou o governador espetá-la na ponta de um pau comprido, na praça principal: curtissem os brancos sua merecida vingança e vissem os pretos que não era imortal. Muitos anos ela ficou ali, ao sol e à chuva, alta no coração do mundo do açúcar (SANTOS, 2018, p. 47).



Assim termina a vida de Zumbi dos Palmares, herói nacional, símbolo de liberdade, detentor de uma visão de futuro ímpar, sonhador, um mártir que deu a vida pela nossa liberdade.

#### A 17 - Esperança Garcia

“Eu sou hua escrava de V.S administração do Cap.am Anto<sup>o</sup> Vieira de Couto, cazada. Desde queo Cap.am p<sup>a</sup> Lá foi administrar, q. me tirou da Fazd<sup>a</sup> dos algodois, onde vevia co meu marido, para ser cozinheira da sua caza, onde nella passo mto mal. A primeira hé q. há grandes trovoadas de pancadas enhum Filho meu sendo huã criança q lhe fez estrairsangue pella boca, em min não poço esplicar q Sou hu colcham de pancadas, tanto q cahy huã vez do Sobrado abacho peiada; por mezericordia de DsesCapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tres annos. E huã criança minha e duas mais por batizar. Pello ã Peço a V.S pello amor de Ds e do Seu Valim ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Porcurador que mande p. a Fazda aonde elle me tiroupa eu viver com meu marido e Batizar minha Filha De V.Sa. sua escrava Esperança Garcia”

“Eu sou uma escrava de Vossa Senhoria da administração do Capitão Antônio Vieira do Couto, casada. Desde que o capitão lá foi administrar que me tirou da fazenda algodões, onde vivia com o meu marido, para ser cozinheira da sua casa, ainda nela passo muito mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho meu sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca, em mim não posso explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que caí uma vez do sobrado abaixo peiada; por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar há três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Peço a Vossa Senhoria pelo amor de Deus ponha os olhos em mim ordenando digo mandar ao procurador que mande para a fazenda de onde me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha. De V.Sa. sua escrava Esperança Garcia

Transcrição da carta em português atual  
(tradução livre)

Só passamos a ter conhecimento de sua existência em 1979, quando o historiador, antropólogo e pesquisador brasileiro, Luiz Mott, localiza, no Arquivo Público do Piauí, a carta escrita por Esperança Garcia. O texto, escrito de próprio punho, em uma única página, é o documento mais antigo de reivindicação de uma pessoa escravizada.

A carta foi escrita em 06 de setembro de 1770 e endereçada ao governador da capitania do Piauí. Esperança Garcia foi uma mulher negra, mãe, escravizada e, em ato de insurgência às estruturas que a desumanizavam, ela denuncia as situações de violência que ela, as companheiras e seus filhos sofriam na fazenda Poções, administrada pelo Capitão Antônio Vieira do Couto (SOUSA, 2017).

Esperança Garcia possivelmente aprendeu a ler e escrever português com os padres jesuítas catequizadores, na fazenda Algodões. Após a expulsão dos jesuítas do Brasil, pelo marquês de Pombal, e a passagem da fazenda para outros senhores de escravo, ela foi transferida para as terras do capitão Antônio Vieira do Couto. Longe do marido e dos filhos maiores, usou a escrita, certamente o seu grande segredo, como forma de luta para reivindicar uma vida com dignidade para si e para as suas companheiras

Na apresentação do livro *Dossiê Esperança Garcia: símbolo de resistência na luta pelo direito*, organizado pela Professora Doutora Sueli Rodrigues de Sousa, fica clara a importância de Esperança Garcia na luta contra a escravidão do povo negro:

Esperança Garcia teve uma atuação singular no cenário de lutas contra a escravidão do povo negro no Brasil. A singularidade reside em dois aspectos: resistência, através da luta pelo direito, e a atuação como membro da comunidade política que a escravizava. Vale destacar que a mesma conviveu com outras estratégias de resistência e luta contra a escravidão, como a fuga através dos aquilombamentos, os suicídios e os assassinatos, formas em que as pessoas escravizadas negavam o pertencimento à sociedade que as subjugavam, procurando maneiras de sobrevivência dentro da ordem estabelecida. Utilizando-se de perspicácia, Esperança Garcia age de forma singular ao atuar como membro da comunidade, isso se explica pelo fato de adotar um procedimento que era típico dos súditos do rei, portanto membros da comunidade política que o mesmo governava, por pedir na carta o que constava em normas e nos costumes, nada além foi solicitado, portanto, uma atuação pelo direito (SOUSA, 2017, p. 10-11).

Reconhecendo a importância histórica da carta escrita em 06 de setembro de 1770 por Esperança, e, atendendo às reivindicações do movimento negro do Piauí, a data de 6 de setembro foi oficializada como o Dia Estadual da Consciência Negra, em 1999. Em setembro de 2017, duzentos e quarenta e sete anos depois da escritura da carta, através de solicitação da Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra no Piauí, Esperança Garcia foi reconhecida pela OAB/PI como a primeira advogada piauiense (SOUSA, 2017).

Pesquisas historiográficas apontam que Esperança talvez tenha retornado à fazenda de Algodões, onde vivia. Essa possibilidade está fundamentada em um documento de 1878 – oito anos após o envio da carta – que se trata da relação de escravos da fazenda Algodões e lá consta o casal Esperança e Ignacio – ela com 27 anos, ele 57. Ou seja: Esperança Garcia retornara para fazenda e pela data ela tinha apenas 19 anos quando escreveu a carta reivindicando direitos ao governador. Este documento também consta na obra *Piauí Colonial: população, economia e sociedade*, de Luiz Mott (SOUSA, 2017).

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DE ÁUDIOS (ESQUADRO E MIÇANGA)

## TRANSCRIÇÕES DOS ÁUDIOS PARA L'HOSANA ÁUDIOS DIA17/ ABRIL/2020

## 1º ÁUDIO

Boa tarde. Professora, a história aconteceu com meu avô. É, ele trabalhava como zelador, no Instituto Federal, aliás, na antiga Escola Técnica, hoje, Instituto Federal. Ele, era um simples zelador, né, e foi promovido pra ser porteiro. E eu não sei por quê, o que aconteceu, na época, ele foi promovido, né, por ser uma boa pessoa, por sempre chegar na hora, todo mundo gostava dele, e a promoção dele chegou, e não avisaram a ele, a direção, o diretor na época, não avisou, né. E, a secretária desse diretor, por gostar muito do meu avô, eh, por ele ser uma pessoa muito boa, eh, avisou que era pra ele comparecer à direção se apresentando pro novo cargo. E isso deixou meu avô muito triste, muito triste mesmo, porque, é, ele fazia o serviço bem direitinho e ele nunca soube o motivo, o porquê de não (suspiros), de não, da direção não falar pra ele, eh, porque que ele tinha sido promovido e eles não tinham avisado. Meu avô chorou muito, ele foi até a Igreja São Benedito, da qual ele fazia parte, né, na época, eh, o nosso bairro não tinha capela ainda, e, ele se confessou com os padres, né, o que tinha acontecido. E chegando em casa, ele conversou com minha avó sobre esse assunto e ele ficou muito triste, é, o motivo, o que foi que ele fez pra poder passar por isso aí, né. Então foi uma coisa que marcou muito, a minha tia, que já é falecida e, estamos aí.

## 2º ÁUDIO

Tem outra história pra senhora. É sobre a minha avó. Minha vó, antigamente aqui o bairro não tinha água encanada, como a senhora sabe. As roupas eram lavadas no rio, né. E, ela saía de manhã cedinho e só voltava de tardezinha, né, porque ainda era pra botar a roupa de quarador, isso tudo mais. O quê que aconteceu? Ela estava lavando roupa, e uma das mulheres, que também estava lavando roupa, perguntou de quem era tanta roupa que ela lavava, né. As roupas muito brancas, minha vó era muito limpa, muito zelosa com as coisas dela. E ela disse assim, é, “a senhora trabalha na casa de quem?” Aí a minha vó, “eu não trabalho na casa de ninguém, essas roupas são minhas”. Aí minha vó deu as costas e saiu. Ao sair, a mulher disse assim, “não tem coisa pior no mundo, do que negro querer ser patrão”, né. E minha vó ficou muito triste depois disso meu avô providenciou o mais rápido possível a, a, como é que a gente diz, a encanação, né, a rede de água pra casa, né. Pra que ela não precisasse mais lavar roupa no rio, né. Então foram muitas coisas, professora que aconteceram na nossa família, que marcou muito. Minha tia contava muito eh, sobre tudo isso aí.

## 3° ÁUDIO

Tem outra história... ((Interrupções por barulhos externos)) e... tem outra história pra senhora, que é sobre uma questão, assim de família, né. Aqui, assim, se tivesse acontecido algumas coisas, hoje nós não tínhamos uma família assim tão, tão, assim, pobre, né, de condições graças a Deus nós somos ricos de, ricos da graça de Deus. Mas, eu tenho uma tia minha, já falecida que Deus a tenha num bom lugar. E a minha tia contava uma história dela que, (suspiros), ela mandou prender meu avô, professora. Ela mandou prender meu avô, ehhe meu avô tinha um sítio no Maranhão, né, e ele deixou esse sítio pra ela. Assim, não dado diretamente pra ela, né era pra ela morar, trabalhar, plantar. Logo, o sítio no fundo tinha um riacho, né. E, eu não sei, os cinco dedos da mão não são iguais, né, o porquê que ela mandou prender meu avô, né, mas ela mandou prender meu avô, e, meu avô já estava indo já nessa época, era, nessa época, era, eles davam um sumiço nas pessoas, né. As pessoas simplesmente desapareciam, ninguém sabia mais o que tinha acontecido. Então meu avô já estava sendo levado pro rio. Eles chamavam de “caldo”, né. Eles iam dá um “caldo” no meu avô. Isso só não aconteceu, porque o delegado chegou na hora, e quis saber qual era o nome da pessoa que estava indo levar esse... caldo. E o delegado conhecia meu avô, porque meu avô comprou um terreno lá, e ele ficou sabendo, conhecia meu avô e gostou muito dele. Mas graças a Deus isso não aconteceu. (interrupção por barulho externo).

## 4° ÁUDIO

Oh, o nome, o meu codinome é Esquadro, viu. É Esquadro. Eu vou mandar bem aqui uma foto, sei que a senhora não vai usar, mas vou mandar bem aqui uma foto do meu avô, pra senhora vê a foto dele.

## 5° ÁUDIO (A PROFESSORA)

Oh minha filha, descansei um pouquinho. Eu estava morta de cansada. Dei uma cochiladinha ali e levantei agora, tô vendo que você mandou tudo, inclusive fotos. Oh, você não existe não, vocês são lindas demais.

## 6° ÁUDIO

Nada, professora. Agora meu celular tá ok, viu. É porque ele estava muito cheio, cheio, e eu não conseguia mandar mensagens de jeito nenhum, pra ninguém. Eu já estava doidinha, aí o Rafael com muita luta, desde ontem e hoje batendo, batendo, até que ele conseguiu. Esse aqui é minha força maior, Rafael, ele que me ajuda nessas horas de dificuldade de negócio de celular, de computador, é ele, mas agora tá tudo ok, ele já me ensinou como é que eu devo fazer, e agora não vai mais ter problema não. Qualquer coisa eu tô aqui as ordens, viu. Pode falar, pode pedir que eu tô a postos. Beijos.

### 7º ÁUDIO

...Tu não mencionas uma coisa que é muito importante. Tu lembra, o teu avô, a secretária do diretor, falou pra teu avô se apresentar e disse pra ele que ele não tinha sido chamado por questões de racismo? Porque ele era preto?

### 8º ÁUDIO

A promoção pra ser porteiro, estava em cima da mesa dele. E ela foi arrumar a mesa eviu a promoção, né. Só que a promoção é, já estava engavetada, e ela viu. Era a forma que eles usavam, né. E ela viu a data. Que é o prazo que tinha pro meu avô se apresentar, né. E foi essa questão que ela levantou, porque além dela, como ela era uma funcionária mais antiga, do que o meu avô, ela já tinha percebido que era por ele ser negro. É, meu avô sofreu, professora, muitas, muito preconceito. Por onde a gente mora, a senhora já veio aqui em casa, por onde a gente mora, por, pelo tamanha da casa. Na época, pelos móveis que tinham, né. É, a situação financeira dele, mas mais por causa dessa casa. Então, como todo mundo sabia onde ele morava, então todo mundo achava que ele não merecia, também, por ser negro, né. Isso foi uma das coisas que magoou muito meu avô, né. Por ele ser negro. E ela descobriu que, por ele ser negro, o prazo já estava, já quase se esgotando, foi que ela pediu pra ele ir às pressas, ir se apresentar ao diretor, tão tal que o diretor ficou surpreso, né. Ele nunca descobriu que foi ela que avisou pro meu avô, né. E assim foi que aconteceu a história. Muito triste isso aí. Muito, assim, é uma coisa que, eu ouvi muito, minha tia falando isso, foi uma coisa que me marcou muito, né. Eu também passei por isso aqui, minha mãe também passou por muito preconceito... nós passamos preconceito por sermos negros, né, apesar que meu pai é branco, mas eu me considero uma negra, né. E é assim a vida...

## ÁUDIOS DIA 22/ABRIL/2020

1. ESCRITA: Arrendou uma parte de uma quinta de onde retirava a argila para produzir tijolos e telhas. E, segundo conversa com o dono da terra que logo virou compadre, vendeu nossa casa, único bem, para investir na olaria, logo compraria um terreno para fazer outra casa. Enquanto tinha produção, tudo estava bem para o dono da terra que recebia o pagamento do arrendamento em material que era produzido, tijolos/telhas ou os dois juntos que ele vendia, tirava o lucro dele e ponto (pronto). Do saldo que meu pai ficava tirava todas as despesas e dobrava (ou sobrava) bem pouco, resumindo: nunca foi possível comprar o tal terreno pra fazer a casa pra nossa família. Morávamos em casebre dentro da olaria. Todos trabalhávamos juntos. Serviço bem pesado. E nós ainda crianças servia para fazer mandados, (quando não estávamos ajudando na olaria). Mas nunca me toquei que houvesse uma forma de discriminação, tudo natural até quando meus pais adoeceram...

2. ÁUDIO 1: Boa noite, professora. Retornando. Aí veio a doença dos meus pais, como eu falei, e aí foi que a gente começou a... eu comecei a vê a diferença de tratamento. Que aí começou a deixar de pagar, de fabricar os tijolos na quantidade que sempre fabricava, né. Diminuiu, foi diminuindo, a renda foi caindo... e aí começou as diferenças... de tratamento... quer dizer, a gente já tinha as coisas que eram, que incomodavam, principalmente em relação assim, não chamava a gente pelo nome, né. Chamava negrada canela seca, era olho de bomba, minha irmã menorzinha que é a mais moreninha de todas nós, tinha o cabelo bem cacheadinho, o cabelo não crescia, era redondinho, todo tempo aquele cacheadozinho, crespinho, né. Aí chamavam cabeça do motor... eh... sempre era assim. E aí quando meus pais já estavam bem doentes mesmo, que comecei, tive que passar já estava, né, já tinha completado maioridade, aí já estava assumindo mesmo, já boa parte dos trabalhos domésticos, porque minha mãe adoeceu primeiro, ela teve AVC como eu falei no dia lá. Minha mãe ficou impossibilitada de fazer qualquer tarefa, nem comer com mão não conseguia comer, teve que reaprender a comer, ela era canhota, teve que reaprender a comer com a outra mão, e aí veio todas essas diferenças, né. A gente, tive que começar a trabalhar, eu saía cedo pra trabalhar e estudava a noite, continuei estudando a noite, e aí era aquelas piadas, né. Dizia que a gente não saía pra trabalhar, estava zanzando na rua, vagabundando, era, aquelas piadinhas que soltava, né. E aí foi quando se sucedeu mesmo assim de, da gente ter que sair. Não tinha como a gente permanecer ali dentro. Sempre me incomodou a questão de, não porque eu me envergonhasse dos meus pais ser oleiro e morar dentro de uma olaria, mas é porque olaria é um tipo de trabalho muito... como é que eu vou falar, muito doloroso, assim para as pessoas que trabalham e que moram ali, dentro de uma

olaria. Não sei se é porque o trabalho é muito pesado, né. As crianças, ainda muito criança, aprendem logo a fumar cedo, a... a beber muito cedo, que acordam de madrugada pra cavar aquele barro, né, molhar aquela argila todinha, ou as vezes os buracos aonde cava aquele barro fica muito profundo, quase três metros de profundidade, pra tá jogando aquele barro molhado já, amassado pra jáno ponto de fabricar os tijolos, era um trabalho bastante pesado. O papai sempre nos poupar desses serviços pesados, mas o restante, na hora de pegar os tijolos, levar pra assar, carregar na cabeça, aquelas empilhas de tijolo, é ele sempre procurou ter animais pra ajudar nesse, nessas tarefas, mas aí a gente ajudava, carregando os animais, era cuidando. Sempre estava ali do lado dele trabalhando. E, e eu ficava com muito receio de...meus irmãos, com a doença já de meus pais, né, eu tinha muito receio de ver meus irmãos se acabar tudo dentro dessas... fumar, beber, eu acho que pra suportar todo esse peso, né, eles acabam se envolvendo muito cedo com bebida. E, eu não queria ver meus irmãos dentro dessa situação. Então com a doença de meus pais, eu já comecei a ficar muito preocupada com isso, eu já estava trabalhando, numa gráfica, ganhando muito pouquinho, mal dava pra ajudar com alimentação e algum remédio e...e aí começou esse mal estar, né, do tratamento do compadre, né, dos compadre que era o marido e mulher, que eram padrinhos do meu irmão em relação a gente, né. Num tinha mais aquele tratamento, pelo menos entre aspa, de, de consideração. Parece que a gente estava incomodando. Acho, não se medo da gente não ter condição de sair de jeito nenhum, realmente a gente não tinha pra onde ir. Papai tinha vendido nossa casa, pra investir lá dentro, até conselho mesmo do dono da terra. Nam, compadre você vende a terra, fica pra lá e pra cá com esses meninos. Nessa época era essas meninas, porque só era eu e minhas duas irmãs... pra lá e pra cá em cima desses animais, indo pra casa e voltando de manhã cedo, as bichinhas acordam tudo cedo pra chegar aqui cedo, e já sai de noite pra casa. Venha logo, faça uma barraquinha aqui dentro, aí o senhor vem e fica aqui dentro trabalhando já, amanhece o dia aqui, num fica é, com esse sofrimento de ir e vim todo dia. Escolhe aí um pedaço do terreno aí, fique a vontade, escolha onde quiser, faça um barracozinho, uma casinha, aí depois o senhor, investe o dinheiro aqui dentro, depois o senhor compra um terreno e faz a casa já de tijolo, levando, o senhor já vai fabricar o tijolo mesmo. E aí, papai segue esses conselhos, né. Na doença dele, eu acho que ele morreu agoniado com esse, sabendo que ia deixar a gente desabrigada. É tanto que ele dizia que quando saísse do hospital, se caso saísse do hospital logo, na hora que melhorasse, a primeira coisa que ele ia fazer, era, fazer... fabricar uns tijolos e comprar um lote de terreno que estava à venda, que ele sempre teve interessado, e fazer nem que fosse um cômodo pra deixar a

gente de baixo, agasalhado. Infelizmente num saiu do hospital. Saiu com vida, mas três dias depois faleceu. Voltando a história da olaria, com esse incômodo, que eu já estava adulta, já, né, com diferença de idade de mim pra minha irmã é de seis anos, então eu já estava uma pessoa adulta e minhas irmãs ainda eram pré-adolescente, né. Aí eu, já tinha começado a trabalhar, arranjado um empreguinho num gráfica, ganhando muito pouco, mas terminando o segundo grau, que eu já estava terminando, não quis abandonar e, com a esperança de arranjar um trabalho logo que terminasse o ensino médio, mas pra isso tinha que contar com a sorte, com a... a desinibição, né, que eu sempre fui muito inibida, muito tímida, tinha praticamente medo de, de falar, de me posicionar, assim, diante de público e tudo, então até pra arranjar um emprego seria difícil. Mas tinha aquela ilusão que terminando o ensino médio ia logo trabalhar. Não foi bem assim. E aí eu trabalhei nessa gráfica, porque foi arranjado, uma colega minha, é, esse emprego era pra ela, mas ela sabendo da minha necessidade, aí ela cedeu essa vaga pra mim e eu fui trabalhar nessa gráfica, fazendo tudo, da limpeza, a mandado de pagamento, a ajudar na, no, na parte de organizar os blocos quando era confeccionado, os trabalhos que era confeccionado na gráfica, enfim, faz tudo. E... num demorou nem muito, esse emprego. A gráfica já estava com dificuldade, aí faliu, e foi quando eu comecei a, a trabalhar com a costura, porque de qualquer maneira também precisava ficar em casa pra cuidar de meus pais. Aí comecei a costurar. E foi aí que a coisa ainda ficou mais pesada, porque a gente ainda morava dentro da quinta, ficava longe da entrada da quinta. Não era tão longe, mas era uma distância boa. Então pra pessoas entrar dentro da quinta tinha que passar por um portão, e esse portão, ele ficava aberto o dia inteiro, das seis da manhã até as sete da noite, porque era entrada e saída das pessoas que trabalhavam na olaria, de algum caminhão que entrava pra pegar material, né, tinha que ficar aberto. Mas aí eles passaram a fechar esse portão e toda vez que a gente precisava passar, aí tinha que ir lá, chamar na porta da casa da pess... dos donos da terra, das terras, chamava, pedia a chave e abria o cadeado, aí voltava e entregava a chave e saía, trancava, e era assim. Aí aquilo era cansativo pra mim, saía de manhã cedo, saía, ou precisava sair, até mesmo quando estava trabalhando já estava acontecendo isso. Eu passava por cima da cerca de arame. Tinha uma cancela, tipo uma escada de um lado da cerca e do outro lado tinha outra escadinha também feita de madeira redonda, a gente passava por cima, e assim era o jeito da gente sair, né, sem tá toda hora naquela coisa de tá pedindo chave pra abrir e fechar. E, até que um dia, minha mãe que ainda era doente, mas era viciada numa novela, ia assistir essa novela, uma novela de época, que eu não me lembro qual estava passando, seis horas passava a novela, e ela



todo dia ia com meus irmãos, com um bastãozinho, eles ajudando-a a caminhar com dificuldade, assistir a novela da janela, nem chegava a incomodar pra entrar e sentar numa cadeira. Ela, mesmo deficiente, já com um lado morto, que não conseguia andar, mas não ficava em pé, porque tinha, ainda me lembro muito bem disso, que uma, uma peça lá, que era como se fosse uma peça de carro de boi. E eu lembro que era uma peça de ferro que dava a altura de um banquinho, né. Aí ficava bem perto da janela. E, e aí ela sentava, se apoiava nessa, nessa peça, enquanto a novela terminava, passava, aí quando terminava a novela, meus irmãos a levavam de volta pra casa devagarinho, né. E nesse dia, quando a mamãe foi chegando lá perto da janela, meus irmãos contaram, né, quando eu cheguei da escola, que, que a dona da casa lá tinha batido, a velhinha lá tinha batido a janela na cara da minha mãe, né. E aí, eles invés de voltar pra casa, foram na casa da vizinha que ficava fora da quinta, era poucas casas que tinha tv. Então tinha essa vizinha lá também que tinha, aí, né, ficaram lá assistindo a novela e ela perguntou, cadê, como é que tá tua mãe? Tá ali, ela ficou assistindo a novela, mas a janela estava fechada. Aí, menino tem a língua grande, né, aí falaram: não, pode trazer ela pra assistir a novela aqui, quando ela quiser, pode vim todo dia. Chega aqui, bota uma cadeira, ela senta, assiste a novela depois vocês vão pra casa. Só que o portão estava trancado, né. Eles não deram a chave, os meninos pediram, eles não deram a chave, mandaram: vai pra casa bando de, de, de não sei o que, apelidaram lá, né, um nome que costumava chamar, né. Aí, os meninos foi tentar passar com minha mãe por cima dessa cerca de arame. Resultado, mamãe rasgou a perna, né. Assim mesmo foi lá pra casa da senhora lá, a vizinha passou uma água de sal, passou um álcool, e ela assistiu a novela dela e retornaram novamente nessa mesma passagem pela cerca de arame. E aquilo me doeu muito quando e cheguei em casa. Eu digo, ave Maria, a gente morou esse tanto de tempo dentro, esse tempo todo eu cheguei lá nessa quinta eu tinha nove anos já estava fazendo vinte! A gente esse tempo todo dentro dessa quinta e não ter essa consideração de assistir um, uma novela, na, na, na janela, que nem incomodava de sair! Os meninos, que nós quando ainda era criança, as vezes ainda entrava, mas sentava na, no chão, no pé da parede, parecendo uns cachorrinhos, sentava ali aquela filhinha de menino ali no chão pra assistir, e na hora que terminava saía nas carreiras, né. Num tinha nem assim, a, a consideração de sentar. Se bem que antigamente, menino mesmo não ficava no meio dos adultos, num sentava em cadeira, né, ficava tudo no chãozinho ali. Mas era assim, a gente não incomodava tanto que não pudesse se deixar assistir uma, um programa na tv, na janela, né. Precisava bater a janela! Se não queria que se assistisse, dizia que não, fechava a televisão, eu sei que isso acontece um não foi só uma, mas outras vezes e aquilo começou a me incomodar e eu tinha comentado com a colega, a colega falou com a mãe dela, contou a história e tudo. Eu sei que um dia, quando eu estava, me

preparando pra ir na escola, né, pra gente ir, estudava no Liceu, nesse tempo, tinha transferido a noite, pra noite o colégio, aí eu... ela me disse assim, olha a Adelaide, que era uma pessoa amiga lá que tem uma... tem um negócio pra falar contigo, queria falar contigo. Aí quando foi no outro dia eu fui saber o que ela queria comigo. Era uma casa, ela disse que tinha uma casa, um parente que, que tinha construído uma casinha, que, perto ali de onde eu moro hoje, e que, era pro filho vim pra Timon pra estudar. Só que esse filho começou a se meter com coisa errada, foi uma época muito perigoso esse ano de 1983, foi um ano assim muito agitado aqui em Timon, e essa pessoa teve que ir embora daqui de Timon às pressas, foi pra São Paulo e a casa ficou fechada. O primo dessa pessoa tinha feito a casa pra essa pessoa morar, casinha pequena, e acabou que foram embora. E aí, ofereceu essa casa pra nós morar, né. E eu fiquei muito preocupada, porque o que eu ganhava não dava pra pagar o aluguel de uma casa. Ela disse, não, a casa não é alugada, tu vai só zelar pra não entrar ninguém, porque tá entrando, a casa tá sendo invadida toda noite, por malandro, e aí, tu fica zelando a casa até quando ele, quando ele voltar, ele avisa com antecedência. Podes ser que tu já esteja em condição de, de alugar a casa, pode até ficar mesmo já pagando aluguel e ele acerta depois contigo. Por enquanto ele mandou só que eu arranjasse uma pessoa de confiança pra cuidar da casa. E aí eu aceitei, né, num ato de, sem pensar, impensado, aí eu aceitei, porque eu não tinha nem emprego certo, né. Aí, eu saí pra escola, eu pedi a mamãe, pra quando descesse uma pessoa que tinha um caminhão, que fazia, que carregava lá os tijolos, material... papai estava internado, tinha sido a primeira internação dele, a primeira e única. Foi...internado no São Marcos, tinha ficado internado no São Marcos, aí eu fui e disse p ela: mãe, quando eu voltar da escola, eu já quero encontrar essa mudança lá na casa que a, a pessoa tinha arranjado pra gente. Conteí como era lá que ia ser, “mas como é que a gente vai fazer, minha filha, estou só com esse dinheirinho ganhando de costura e, como é que vai dá pra pagar esse aluguel”, eu digo, não, não vai ser alugada. A gente já vive de favor aqui, praticamente de favor, porque não tá mais produzindo, né, material pra pagar a arrenda, nós não estamos pagando renda, vamos pra lá, Deus há de prover nossas necessidades. Eu disse, a senhora conversa aí com o seu compadre aí, o que é que ele vai poder ajudar e explique pra ele, que a gente vai tentar. Isso, eu tomei essa atitude também, por conta das costuras que a... comecei a costurar, a fazer pequenos consertos, que minha mãe já fazia isso, ela não costurava pra fora, assim profissionalmente, ela ajudava, fazia a roupa de um vizinho, a roupa de uma colega. Inclusive, pra esses donos das terras, ela fazia muita coisa, fazia ...eles costuravam lá as roupas de ir pras festas, das filhas e tudo, e minha mãe era quem fazia os acabamentos, porque ela era muito caprichosa no acabamento manual, né, nos acabamentos das roupas. Então, ela fazia aquelas peças de roupas das filhas irem para as festas e mandava pra minha mãe fazer os

acabamentos, que chuleava todo na mão, com aquele ponto bem miudinho, fazia as casas, casas das blusas, casas das camisas, tudo feito à mão. Minha mãe fazia uma casa que eu nunca mais na vida vi uma casa feita daquele jeito, na mão. E aí, eu comecei a fazer esses pequenos consertos, esses trabalhos de costura, trocando mesmo por, não era dinheiro, eu recebia alguma coisa, num é, assim, tipo um pacote de café, um pouquinho de açúcar, né. As pessoas que eu costurava, também já eram bem humildes, então as pessoas iam e pagavam com o que podiam. E aí eu fui aprendendo a costurar, me aperfeiçoando, me aperfeiçoando...passei uma temporada na casa de um, de uma comadre dela que era costureira e era enfermeira, pra aprender mais um pouco. E aí quando eu vinha da casa dessa madrinha, que eu chamava ela de madrinha, dessa comadre dela, no caso ia sempre uma cesta básica lá pra casa, que já ajudava. E aí, nesse dia eu tomei essa decisão de saí, né. Eu digo, a senhora conversa aí com ele, vê o que... diga que a gente só vai fazer uma experiência, porque o pessoal vem deixar costura aqui, o portão estava trancado lá, aí as pessoas ficavam incomodadas de ter que passar a cerca, as vezes chamava, batia palma, chamava, chamava, chamava... e ninguém saía pra abrir o portão, e aí a pessoa tinha que passar por cima da cerca. O pessoal ficava incomodado com aquilo e as vezes quando eu voltava da escola, tinha gente que eu costurava que ficava no caminho, já que eu passava da escola quando eu voltava dez horas da noite, que as vezes eu vinha até, chegava tarde em casa, porque saía do Liceu, aliás, do João Clímaco. Eu tinha transferido o colégio, nesse tempo o João Clímaco era anexo do Liceu, aí os alunos que passava pra noite tinha que ir lá pro João Clímaco, e eu vinha, saía do João Clímaco de pé, cruzava a ponte metal, o rio Parnaíba pela ponte metálica, e ia pra essa região que ficava quase metade da, entre hoje a ponte da Amizade e a ponte Nova, é como se fosse ali de frente o centro administrativo de Teresina, né, só que do lado de Timon. Então, hoje é perto, mas antigamente era muito longe. E aí, as pessoas se incomodavam, aí quando eu passava da escola, geralmente tinha a, algumas pessoas que eu costurava que morava na rua, quando eu passava de noite estavam me esperando nas porta com os tecidos pra mim fazer as roupas, ou então, com as roupas que eu tinha deixado, quando eu passava pra escola cinco e meia pra seis horas, eu passava, deixava a roupa com eles pra eles fazerem as prova, ver como é que ficava, e passava pra ir pra escola rápido, até quando eu voltava, eles mesmos marcavam onde a roupa não tinha ficado boa pra mim arrumar, e me entregava a roupa de volta, e eu levava pra casa, aí chegava em casa ia costurar à luz de lamparina, porque lá não tinha energia, né. Ia costurar com luz de lamparina, vela, e no dia seguinte, acordava cedo de novo, pra fazer alguma outra coisa, enfim, foi essa luta no começo, foi assim que eu aprendi a costurar, movida pela necessidade. E... e aí, a situação estava insuportável. Quando me ofereceram essa casa, né, não sei, num impulso aceitei e fiz a

mudança. Falei com minha mãe pra falar com o caminhoneiro lá que pudesse fazer a mudança, que não era muita coisa, era só um monte de bugiganga, a gente já não tinha mais nada. O que tinha de valor dentro de casa, alguma bicicleta, espingarda, alguma coisinha de valor que tinha em casa, já tinham vendido tudo. Então, era, a mudança era só o bagulho mesmo e... e, algumas ferramentas de meu pai, ainda do serviço que tinha pra vender, ele tinha... a gente mesmo já tinha vendido, ou trocava por alguma coisa que precisava e, ficou com algum material básico do trabalho dele, ferramenta e, era isso, não tinha muita coisa, né. Aí o rapaz fez a mudança, também dizendo, “D. Aldenora, a senhora não tem juízo, como é que a senhora vai mudar!”, e a minha mãe já não falava quase direito, né pra entender, balbuciava lá, dizia que agora eu é quem tinha que decidir, porque ela não tinha condição de trabalhar, não tinha como assumir o compromisso da família e tudo. E eu estava costurando, aí, explicou lá do jeito dela, ela falou, só sei que fizeram a mudança. Quando eu voltei do colégio a noite, eu já encontrei a mudança nessa casinha que a gente passou a viver. E aí o que me chocou foi a história, que eu acho que chocou ela também, finalizando, foi que, no dia seguinte, a casa era muito pequenininha, era só um quartinho, uma salinha, tudo muito pequeno, acho que não dava seis metros, acho que no máximo dava uns cinco metros, a casinha inteira, né. Era um quartinho, uma salinha e uma dispensa, que a gente botou lá, no quartinho, ocupou eu e meus quatro irmãos, e no outro, que era menorzinho, pequeno, era mais uma dispensa, só cabia uma redezinha, onde eu botei minha mãe. Meu pai continuava no hospital. Entrou, pra não sair mais com vida, né. Quer dizer, saiu com vida, porque o médico deu alta, porque naquele tempo tinha que permanecer um tempo “x” no hospital, porque era, né, o governo pagava. E ainda tinha isso, é... o tratamento, meu pai só, só tinha acesso ao tratamento do câncer, é porque nós passamos, nessa dificuldade todinha, minha outra irmã teve que trabalhar, a do meio né, que servia de empregada lá na casa né, lavando louça, limpando casa pra ganhar uns trocadinhos que eles davam de agrado. Aí na época, eu já costurando por, arrumei uma cliente em Teresina, ali na rua Treze de maio, e essa senhora perguntou se eu não conhecia uma, uma mocinha só pra ajudar na limpeza da casa. Pagava, na época um dinheiro que pra mim foi, acho que era um dinheiro enorme, né. Nunca tinha trabalhado pra pegar num dinheiro assim, e minha irmã, eu pensei, se é pra ela tá trabalhando pra ganhar uns trocadinhos só pra tá fazendo tudo que a senhora tá pedindo pra fazer e dizendo que é pra fazer aqui, aí cheguei em casa conversei com ela, expliquei pra ela e ela foi trabalhar, lá nessa, nessa casa, que e eu já fazia as costuras, que nesse tempo eu já estava costurando de casa em casa. Já tinha melhorado a qualidade do meu serviço, aí a pessoa é... me pagava pra mim fazer na casa deles, que achava mais, mais é... confortável, né, pra eles, provar roupa na casa deles, enquanto eu estava costurando, eles estavam provando e tudo mais, porque

na minha casa mesmo era muito humilde. Era chão batido... quando a pessoa ia fazer a prova, eu botava um papelão no chão, pra pessoa pisar em cima pra não sujar a roupa. Nesse tempo, nessa época era moda muita calça branca, roupa branca e tal, aí imagina calça branca num piso de chão batido vermelho, barro vermelho... Então tudo isso, antes da gente mudar da quinta, né. E aí mais um motivo pro pessoal ficar com mais, né, mal humorado, mais é, com raiva da gente ter, né, porque acabei tirando a empregada que fazia as coisas lá, os mandados e todo serviço de casa né. Mas assim, porque se fosse uma coisa que eles tivessem consideração com a gente, teriam dito, “não, é, Francisquinha”... que eles me chamavam assim, é “... sua irmã fica aqui, a gente vai pagar um salário pra ajudar”, é, tinha um filho farmacêutico, aqui ele podem ajudar com um remédio, com médico, que conheciam os médicos... que tinha poucos médicos aqui em Timon, mas era, tudo fazia parte de relacionamento de amizade deles, “a gente fala com dr. Fulano pra dá assistência e tudo”, mas a gente não teve esse apoio, né. E aí foi quando a gente, eu saí, mudamos pra essa outra casinha, e aí no dia da mudança, foi a noite, cheguei do colégio já vim direto pra casinha e quando deu no dia seguinte que eu fui ver, meu Deus como é que a gente vai se agasalhar aqui dentro? Porque mesmo morando em casebre, mas era casebre que meu pai fazia, levantava, mas tinha o nosso quartinho, tinha a cozinha, tinha a sala, onde todo mundo chegava e tinha espaço, quartinho dos meus irmãos homens e o quarto deles. Era sempre, meu pai fazia sempre é... assim. Né, dentro da casa enchia no inverno, caía uma parte da casa, porque o terreno era baixo, aí ele levantava na outra parte mais alta e assim a gente sempre teve um espaço da gente tá com as coisas da gente tudo dentro. E nessa, o negócio ficou apertado, né, como a gente já não estava com quase nada né, nem uma cadeira pra sentar não tinha, era um tamborete de três pernas que botava num canto e outro com um buraco no meio que a pessoa sentava, faltava era cair. Mas não tinha onde agasalhar, nem aonde fazer a comida né, porque a gente agasalhou a nossa mãe num cômodo, botei os meninos no outro e a máquina de costura que eu passava a noite todinha trabalhando, chegava do colégio ia trabalhar. Continuava na luz de lamparina, porque não tinha energia também pra onde nós fomos e... não dava pros meninos dormir na sala, porque... e nem ia botar minha mãe noutro quarto que ficava mais pertinho, porque a máquina funcionando, máquina de costura pedalando né, era uma Vigorele, e à luz de vela incomodava muito. Aí eu agasalhei um em cada cômodo lá de quartinho e fiquei na sala que eu ficava trabalhando, as vezes a noite inteira e tudo... e de manhã, costurava a noite quase toda em casa, quando chegava da escola ia costurar a noite quase inteira, aí ia pra alguma casa, que eu ia costurar em alguma casa né. Saía, tinha aquele contrato de fazer roupa na casa daquele fulano de tal, de dona cicrana, seu cicrano e enfim, era assim, foi assim que eu comecei a trabalhar por conta própria. Aí, até que, no dia seguinte dessa, que eu fui agasalhar essas coisas

toda dentro dessa casinha, eu vi que a gente não tinha onde cozinhar, não tinha onde botar a cozinha. Eu digo, não posso fazer essa cozinha no meio dessa sala que já era tão pequenininha, mal cabia a máquina, e ia uma pessoa chegar botar pra sentar numa das duas cadeiras (risos), que tinha né. Aí, eu digo, lembrei que lá... nós achamos lá dentro da casa uma lona, aquelas lonas de cobrir caminhão né, aí eu lembrei, eu digo, disse pros meus irmãos, eu digo, olha, vocês vão lá na quinta, lá detrás da casa lá que nós morava, papai tinha uma, uma, umas madeira né, umas forquilha, umas travessas de unha de gato lá, madeira seca e tudo, vocês pega aquela madeira, bota no carro de mão, e traz pra gente fazer uma latada aqui, pra botar o fogareiro, num tinha nem fogão a gás, tinha um fogão, mas não tinha botijão. O botijão, eu vendi pra comprar comida né. Aí eu digo, a gente bota aqui o fogareiro, puxa a latada em cima e a gente se ajeita por aqui. Com o tempo, a gente ver se consegue fazer uma cozinha de madeira, pega as telhas, se vocês puderem trazer logo as telhas que tinha lá, papai... vocês trazem as telhas, a gente faz aqui, com o tempo a gente faz uma, coberturazinha. Pedi autorização ao dono da casa pra fazer uma cobertura aqui. A casa era pequenininha, mas o terreno, o quintal era grande, era um terreno de dez por trinta, ou era quarenta, não lembro, sei que tinha muito quintal. Que tristeza! Foram meus irmãos lá pegar esse material, de manhã cedinho saíram pra lá pra trazer essa madeira, ia dá várias viagens, que eles eram pequenos, era nove e sete anos de idade que eles tinham. Aí, quando os bichinhos chegaram com o carro de mão, o maior empurrando o menor, sem nenhum pedaço de madeira, sem nenhuma telha. Era um pouco distante né, da onde eles, da onde a gente ficou lá pra quinta, mas não era tão distante assim. Aí quando eles chegaram, eu digo, cadê a telha? Aí comecei a brigar né. Fiquei nervosa, cadê as telhas? Cadê os tijolos, ou, as madeiras? Porque vocês não trouxeram pra gente fazer isso aqui? Não, não tem nada lá não. Como é que não tem, menino, se a gente saiu ontem a noite? Eu saí pra escola era cinco hora, ficou lá vocês com tudo esperando o carro pra trazer essas coisas e a madeira ficou lá detrás da casa! Aí, “não, não tem nada, não tem nem casa!” eu digo, que história é esse menino? que não tem casa não, tem só cinza? Ou seja, nós saímos, a minha mãe, acho que saíram por volta de uma seis e meia, que eu saía de casa cinco horas, pra poder chegar pelo menos seis e meia, sete horas na escola. Eu acho que logo que minha mãe saiu, o carro passou, pegou as coisas e já, não era muito mesmo, fez a mudança e, na hora que nós saímos, foram tocar fogo na casa, porque não tinha nada. A casa era coberta uma parte de telha, ou, toda de palha. A casa mesmo, onde ficava a casa, os cômodos, né, de dormir, a sala e a parte onde ficava a cozinha, por causa de, de medo de fogo, né, meu pai cobriu de telha, a parte da cozinha que era um... era comprida, assim como uma meia água. Do tamanho que era a casa, era a cozinha. Nós deixamos as ferramentas, tudo, o material de trabalho dele e tudo. E tudo tinha virado

cinza! Quer dizer, e ainda lembro que, voltando atrás, quando minha mãe foi comunicar a ele que a gente ia sair e qual era a razão, que é porque ficava melhor pras minhas costuras, freguesia que eu estava pegando, aí ele disse, “mas comadre, a senhora é doida, como é que a senhora vai pela cabeça de uma menina daquela, que mal tá saindo das fraudas, começando a caminhar com as próprias pernas, onde é que essa mincharia que ela ganha vai dá pra sustentar família, a senhora é doida!”. Aí ela, “não compadre, mas é porque ela quer ir, e chega do colégio aqui, agora também é muito longe pra ela vim pra cá, o pai dela não tá com saúde, tá no hospital, num tá com saúde pra esperar ela”, todo dia meu pai me esperava né, quando eu ainda podia pagar ônibus, ele me pegava na parada de ônibus e era longe pra ir pra lá. Ele ia me esperar, mesmo ainda se arrastando pra conseguir andar ele ia me esperar, mas aí ela ficou, tudo isso ela alegou lá pra ele. Aí, ele meteu a mão no bolso tirou dez cruzeiro, na época que o dinheiro ainda era cruzeiro, tirou os dez cruzeiros aí deu pra ela. Disse, “olha, isso aqui eu não estou lhe pagando, eu não estou lhe comprando a casa, não estou comprando material de nada que tá ficando aí, estou comprando nada, é, é, num estou pagando nada por isso, isso aí não paga, eu estou só lhe dando pra lhe ajudar nesses primeiros dias, mas se não dê certo o negócio dessa casa e a senhora quiser voltar, a casa vai tá aqui, esperando por você, ninguém vai mexer em nada”. Ou seja, no dia seguinte que a gente precisou pegar só a madeira que tinha ficado lá pra fazer uma, uma cabanazinha lá pra botar a cozinha, pra gente cozinhar lá, botar o fogareiro pra botar as panelas né, a casa tinha virado cinza... e aí foi isso, professora, foi essa forma né. Não sei se, não sei nem enquadrar isso tudo como, se é racismo né, mas o racismo que eu conto e assim, a forma como a, se relacionava a gente durante isso. Depois, passada essa história, as vezes eu penso, e quanto mais penso eu lembro assim toda, que o racismo vinha embutido desde quando a gente passou a morar lá né. Porque, nunca chamaram a gente pelo nome. Chamavam é, negrinha da canela seca... “ei nego da canela seca vem aqui, vai ali na quitanda comprar isso pra mim”. “Ei nega da cabeça de motor, vem aqui, vem fazer isso aqui”. Minha irmã foi pescoço duro não, não, nem respondia, né. Mas eu me habituei a chamar a dona lá de madrinha, passei fogo, né, de fogueira, “madrinha”. A minha outra irmã, que toda vida é, tem um problema com a pobreza, passava o dia lá, porque a casa era bonita, era um casarão, mesmo pra fazer mandado, mas passava o dia todo lá, acho que tinha um pouco de vergonha da nossa choupana velha lá né, que a porta era uma esteira, as janelas era uns sacos de estopa e a gente se deixava levar né. Quando tinha as festas lá, a gente ficava ali, pelo meio das festas, não como convidado, mais pegando prato, era levando pra cozinha, lavando, no outro dia a gente ia pra lá pra ajudar as filhas, porque eles não tinham empregada, né, ajudar a limpar a casa, encerar a casa, que era aquela cerâmica antiga vermelhinha e aqueles é, ... aquela cerâmica bordada né, que fizemos

até um trabalho, ladrilho bordadinho, né. E aí a gente encerava, lavava aquilo tudo no dia seguinte das festas que tinha lá, encerava tudo com cera, deixava tudo brilhando... pra gente, aquilo era uma folia né, como se tivesse sonhando em um dia ter uma casa mais ou menos naquele estado de conforto. Mas a situação não era bem essa né. E aí, quando a gente mais precisou, o que me deu assim um, essa tristeza assim, as vezes quando eu lembro da história, quando a gente mais precisou, não teve a solidariedade, nem do dono da terra que meu pai serviu tanto, pagando, se matando pra pagar um, um, a renda de toda, de tudo que fazia. Não era dizer assim, não, eu pago por mês a renda, não, era cada colheita, era como se tivesse plantado. Se ele assasse uma fornalha de tijolo de dez milheiro, dois milheiros já eram do dono da terra, e recebia ali prontinho, não era descontado o suor dele que era pra fazer, se ele tinha pago pra fazer aqueles tijolos, nada era descontado, era limpo e seco, ele recebia aquele material já empilhado ali, só fazia separar e dizia, isso aqui é de fulano. Se era telha, era do mesmo jeito, aí se ele vendia tinha o lucro dele. Do material do meu pai, ainda ia tirar a despesa de que ele tinha pago pra fazer né, o milho dos animais que ele tinha pra alimentar os animais é... essas coisas né. Lá a quinta era grande, do lado do meu pai tirava a argila pra fazer os tijolos, tinha uma parte que ficava na beira do rio que era muito boa pra plantar. O inverno, quando o rio enchia, quando o rio secava ficava aquele lamaçal preto e eu lembro que meu pai plantava milho, o arroz, chegou até a plantar arroz. Eu nunca nem pisei dentro de uma roça, mas eu vi, nesse tempo lá meu pai que veio de roça né, plantava tudo, ficava muito bonito aquilo, tudo verdinho, não chegava a colher tudo, porque quando tirava os primeiros, espigas de milho, catava o primeiro, feijão que dava, porque era tipo vazante, ficava dando, reproduzindo né. Quando ele tirava aquelas primeiras colheita, ele jogava o gado dentro. Aí ele, ah, é porque se escapou a cerca ou arame, ahhh esqueceram a cerca aberta, porque lá tudo era dividido né. A cerca aberta, o gado passou... aí ficava, até que meu pai se desgostou e deixou de plantar, né, aí ficou só na olaria mesmo. Mas tudo era pago direitinho até quando ele pôde, até quando ele aguentou. Até o último material mesmo, que meu pai fez, eu ainda me lembro que, ele vendeu e era desse material, num era muito, era pouco, tipo assim, uns cinco milheiro de tijolo que ele tinha vendido e essa pessoa nada de deixar o dinheiro e ele já muito debilitado mesmo, já não estava mais conseguindo pegar, fazer nada de pesado... é... aí ele disse, “minha filha, vá lá na casa de seu fulano e diga pra ele mandar o dinheiro, que eu estou precisando”. E eu fui pegar esse dinheiro. Quando eu cheguei lá, a pessoa disse, “não eu já deixei lá com o fulano”, que era o dono da terra, né. “O portão estava trancado”, pra variar, né. O portão tinha passado a cerca e trancado. “Quando eu cheguei lá o portão estava trancado, daí não fui na casa de vocês, mas passe lá na casa de seu fulano, que eu deixei na mão dele”. Aí cheguei em casa, disse pro meu



pai né, “pai, oh, contei a história como o senhor tinha falado” ... aí dia seguinte, meu pai ficou esperando-o passar, que ele passava todo dia pra ir deixar os animais no, pra botar pra beber e tudo, aí perguntou, “compadre, fulano de tal deixou uma encomenda lá pra mim?”. Ah, compadre deixo, mas eu estava precisando, aí o senhor desconta aí no, na outra fornada de tijolo quando o senhor assar”. Meu Deus, meu pai já não conseguia mais nem levantar os pés pra andar! Não conseguia arrastar os pés, ele caminhava arrastando os pés, porque não conseguia mais levantar a perna, um pé atrás do outro pra dá um passo, que o câncer de meu pai foi na coluna né, numa vértebra, foi nos ossos, foi numa vértebra da coluna, perto já do quadril. Então, gente, a pessoa que estava praticamente morta em pé né. E a pessoa ter coragem de fazer um negócio desse. E isso foi um negócio assim que me... mas eu não me revoltava, de falar, de reclamar as coisas. Eu guardava desesperada procurando um meio pra sobreviver, pra tirar minha família dali de dentro, pedindo a Deus que me desse uma luz pra sair dali de dentro. E a luz que veio foi essa casa, que foi arranjada pra gente. E fui, né. E escutei muita coisa, dizendo que a gente não ia prestar, que daqui a pouco estava tudo de barriga, que os homens iam tá tudo maconheiro, porque era moda da época aqui em Timon foi uma fase, assim muito difícil essa época aí, foi em oitenta e três. Foi quando começou a aparecer muito tráfico de maconha e maliciando muito jovem com esses vícios, mas graças a Deus a gente sobreviveu. Nenhuma pegou barriga de marido de ninguém, nem de solteiro, nem de casado, e meus irmãos, graças a Deus nunca caíram na vida que eles, que eles almejavam, que era o que saía. Então, cada vez que encontrava uma pessoa conhecida, a gente sabia de um comentário maldoso dessa forma. E eu me ausentei, deixei de, nunca mais voltei a pisar lá muitos anos, demorou muito, muito, muitos anos mesmo. Voltei no velório do senhor, e de uma filha também, que veio a falecer. Me avisaram né, mandaram avisar e eu fui e... hoje, não. Hoje a mágoa já tá aquietada, e eu... e eles andam aqui em casa, os descendentes, né, andam, conversam. Hoje a senhorinha ainda é viva, né, a que gostava de bater a janela na cara, é viva, tá bem velhinha, aí quando ela me ver, ela diz, “eita que essa menina é uma heroína, do jeito que os pais adoeceram e ela ficou com essa família todinha nas costas, aí viveu com honra, essa menina é uma heroína!” mas só eu sei o quanto essa, esse ato heroico me custou, né. Mas, estamos aqui, né, sobrevivendo ... quase uns oito meses a gente viveu sossegado na casa. O dono da casa não apareceu, depois ele apareceu, aí acertou um aluguel, o que eu tinha de bem de valor era um relógio, do meu pai, um relógio oriental seiko, né, que na época era um relógio, que é de valor. Era o único bem que tinha restado, eu vendi esse relógio, aí paguei uns meses de aluguel adiantado, parece que foi três ou foi quatro meses. Meu pai já tinha falecido nessa época quando o senhor apareceu. Meu pai saiu do hospital, três dias depois que saiu do hospital faleceu. O médico deu alta, dizendo

que, ele, que trouxesse ele pra casa, porque ele precisava sair do hospital, porque o hospital só permitia ficar aquele tempo “x”. E aí, se meu pai passasse mal, a gente levasse ele de volta pra tomar medicação. Que a gente não tinha geladeira, não tinha onde botar os remédios. A primeira coisa que o médico perguntou, “você têm geladeira em casa? Você vão usar o remédio assim, na geladeira assim, assim”. Não, doutor, a gente não tem geladeira não. Aí ele, pois você leva ele pra casa, é... na hora que ele passar mal, você traga novamente. Mas ele já tinha me alertado que meu pai ia ter mais ou menos três meses de vida. Só que, quando eu levei meu pai pra casa, três dias depois, meu pai faleceu. E aí, a gente foi ver, graças a Deus, o tempo, pelo tempo que a gente pagava de INSS, que nessa época, o INSS tinha que ser pago. Hoje, as vezes eu vejo, a gente reclama tanto da saúde, mas... eu passei ainda pela fase, que pra gente ter uma saudezinha, tinha que pagar. Pagava era INPS. Pagava e os que não podiam pagar ia ser tratado como indigente né. Ia lá pro hospital azul, do Getúlio Vargas, amanhecer o dia lá pra ser tratado como indigente. E... graças a esses meses de, de INPS que a gente conseguiu pagar, né, que era o nome que era chamado antigamente, minha mãe teve, por já tá doente também, é... teve como, apareceu uma filha de Deus, conhecida dela que me orientou, foi comigo no INSS, lá e tudo, eu sei que minha mãe ficou recebendo uma pensão, né, uma pensãozinha até quando ela faleceu. Quatro anos depois da morte do meu pai, ela faleceu. Aí a gente já não estava mais nessa casa, o dono já tinha pedido. Nós tínhamos se mudado pra uma casinha, já pagando aluguel. E aí, a vida continuou, né. Meus irmãos receberam essa pensão até o mais novo fazer dezoito anos, pensãozinha foi cortada, mas graças a Deus eu já estava com a clientela de costura boa. É... através de uma conhecida de minha mãe, também tinha arranjado um contratozinho na câmara que dava pra pagar o aluguel da casa, e a água e a luz, e o dinheiro só dava pra isso. Trabalhei quase cinco anos lá né. Fui estudar, fazia concurso, passava, não era chamada, né, timidez também não ajudava muito, né... e aí, fui passando o tempo, costurando dia e noite, dia e noite, terminei, meus irmãos terminaram de ser criado, cada um foi cuidar de suas vidas. E estamos aqui, professora. A história acaba dessa forma, né. Hoje, eu estou, agora que a gente tá tendo o privilégio de construir nossa casa, com um bocadinho de dívida, mas graças a Deus tá chegando, tenho certeza que ainda vou alcançar morando debaixo, pelo menos já estou trabalhando embaixo do que é nosso, mas morando ao lado ainda alugado. E estamos nessa vida aí. E levando as coisas, graças a Deus, com cabeça erguida, como meu pai sempre ensinou. Meu pai sempre dizia que, quando visse ele com a mão estirada, pedindo alguma coisa, a pessoa podia pensar que ele estava muito necessitado, porque enquanto a gente tem saúde, a gente deve procurar o pão pra nossa mesa, com o suor do nosso rosto, né. Então, essa lição é bíblica e eu, graças a Deus, muitas vezes fui confundida com orgulho, de ser orgulhosa, porque não era de

pedir ajuda, mas, né, é porque sempre eu procurei batalhar mesmo e graças a Deus andar de cabeça erguida sempre. Hoje, eu os recebo, os que ainda descendem ainda dessa história, recebo na minha casa, com, com todo respeito, né, consideração. Fiz o vestido de casamento da bisneta já, da dona da terra lá, me procurou pra fazer o vestido de noiva, a bisneta. Fiz o vestido. Foi muito elogiado na igreja entre os convidados lá, deles lá. Eu não fui pra festa, né, mas minha irmã foi. Elas trouxeram o convite. Eu é porque desaprendi a ter uma vida social, não saio de casa mesmo de jeito nenhum, mas minha irmã foi, disse que a festa estava muito bonita. O vestido foi muito elogiado. E, estamos aí, né. Vida que segue. Tudo bom, professora. Espero que a senhora tenha um proveito daí dessa história, que lhe ajude, boa sorte com seu trabalho. E eu espero poder fazer um, pelo menos um terço do que tá saindo nos seus e espero conseguir trabalhar com meu TCC, né. Estou preocupada, não consegui fazer meu projeto de coleção com a professora Lena, né, mas quando for repetir essa matéria, espero que a senhora esteja desocupada pra me auxiliar no meu. Fé em Jesus, tudo de bom pra senhora. Bom trabalho e até.

3. ÁUDIO 2: Saiu longo, professora, mas se eu não falasse tudo de uma vez, eu não ia falar não. Porque eu não gosto do, do, da minha voz através de áudio, eu não gosto de ouvir (risos). Então procurei falar logo tudo de uma vez. Pois tá bom. Beijo.

4. ÁUDIO 3: Oh professora, realmente é... lembrar disso tudo assim é... (suspiros)... foi uma terapia. Na verdade, a palavra foi essa, foi uma terapia. Era muita coisinha guardada e, quando a gente já olha e isso, depois de um tempo já distante, a gente enxerga que, que venceu, né. Porque só o fato de eu e minhas irmãs, e meus irmãos termos conseguido driblar a situação que a gente vivia num momento de risco, que era de risco, o que se viveu nos anos oitenta. O início do que a gente vive hoje, de muita violência. Então, é, acho que nós fomos sobreviventes da situação daquele momento, que apesar de tanta coisa contra, de situação contra, é, as pessoas, como a gente não tinha família, nós não tivemos, meu pai foi filho único, e a mãe faleceu de parto no nascimento dele. O pai com três meses que ele estava nascido faleceu, e ele foi criado por uma prima da mãe, que era a madrinha dele, até os doze anos de idade, quando ele fugiu de casa, não suportou. Segundo o que essa senhora que a gente conheceu como avó, que foi quem criou ele até os doze anos de idade, ela mesma contava que, que surrava nele com o pé no pescoço e o rei de dá em animal... pra fazer dele homem. E... e ele, às vezes, algumas poucas vezes que ele falou da infância dele contava que... ela... só, só tinha uma filha. Não tinha muitos filhos, só tinha uma filha, e ele que poderia ter sido criado como filho, porque era sangue, mas não foi bem assim. É... eles tinham umas terrinhas, um sítio e um morador, ali nas margens do

Parnaíba, acima da, das nascentes do Parnaíba, e ... e disse que fazia ele aguardar os pés de pimentão, pimenta na areia na margem do rio Parnaíba, ela plantava, então ele tinha que acordar muito cedo pra aguardar esses pés de pimentão, carregando água no... chamavam cambó né, botava uma ... um pedaço de madeira com a uma lata de um e de outro, dependurada pra carregar pra aguardar esses pés de pimentão e pimenta. Quando dava nove horas que ela chegava na, pra olhar se ele tinha agüado essas plantas, e não tivesse água, lagoinha de água no, no caule, nas raízes das plantas, das verduras lá, nos pés de pimenta e pimentão, disse que a, a taca comia, o rei. E... e eu sei que, que, na colheita dessas verduras e tudo ele, ... trazia uma canoa, através das águas do rio Parnaíba até chegar cheia de verdura, as vezes com animal de pequeno porte, bode, era algum leitão pra vender no cais ali do mercado central, São José, né, na margem do rio, que não era nem, nem cais ainda direito, o mercado estava no início de construção. E eu sei que ele viveu essa vida até os doze anos quando ele fugiu de casa e foi criado sempre assim, acho que sendo explorado. Morou numa vacaria, de uma família de Noletto, que era uma família, acho que de Teresina e tinha uma vacaria aqui em Timon. Ele disse que viveu algum tempo com essa família e aí quando cresceu, que ficou adulto passou a trabalhar numa fábrica de extração de azeite. Tirava coco babaçu e foi quando ele comprou uma canoa, foi e começou a ... a viajar, né, transportar por aqui, pra vender nas cidade a margem do Parnaíba, pra baixo aí, em direção a ... ao Delta do Parnaíba né, ele disse que descia pra vender pra toda cidadezinha que tinha nas margem do Parnaíba, nessa época o transporte era feito via...fluvial né, das águas, através da águas, e aí ele... eu ainda alcancei, quando eu nasci ainda alcancei ele trabalhando nessa, nesse, nas águas do Parnaíba né, que foi o que ele aprendeu a navegar com a canoinha, com essa mãe de criação que ele teve, que ele dizia que trazer a, descer as águas com a canoinha carregada de mercadoria, verdura e legumes que ele conseguia trazer, num era difícil, porque bastava vim remando que as águas traziam né, principalmente quando o rio estava cheio que a correnteza era maior. Agora voltar é, empurrando essa canoa com a vara e ela, as vezes surrando-o, porque diz que ele estava fazendo cera né, pra, precisava chegar logo em casa, ele preguiçoso, não remava rápido pra canoa subir mais rápido, como é que uma criança de... acho que idade entre nove, doze anos que foi a época que ele não agüentou mais e fugiu, conseguia fazer isso né. Então, meu pai era muito sofrido, minha mãe também teve uma vida muito difícil. A família, mãe dela ficou viúva, ela pequenininha, com dois anos de idade, e aí deu ela pra uma família criar, essa família, essa mãe de criação morreu, ... parece que fazendo sabão, que naquele tempo, sabão não se achava assim como hoje tudo feito de, em casa, caseiro, e ela estava fazendo esse sabão e um tacho virou por cima dela e ela acabou falecendo dessas queimaduras. E não sei nem muito da história de minha mãe, como a vida dela depois desses, ... desses quinze anos,

que ela tinha mais ou menos quinze anos. Então é assim, a gente foi criada mesmo só entre nós mesmo, família: meu pai, minha mãe, meus irmãos, após o falecimento deles, e graças a Deus que a gente conseguiu sobreviver né. A gente teve muita... e isso aconteceu, mas graças a Deus a gente encontrou muita gente boa pelo caminho, a gente se impôs também...

5. ÁUDIO 4: Consegui... me impor diante de certas coisas e... encarar mesmo de frente, brigando mesmo pelo nosso espaço, pelo respeito. Nunca permiti que ninguém né, viesse tentar passar adiante com a gente, porque eu sempre me impus muito diante de certas situações. Que as vezes era até confundido com orgulho né, passar por negra besta, negra isso, negra aquilo, mas era medo mesmo de poder chegar na situação que a gente não pudesse dominar. Então, tudo tinha que tá firme, ali no meu controle, inclusive a criação de meus irmãos. Me dediquei a costura dia e noite pra que não faltasse o básico pra eles, pra não ver eles na porta de ninguém, pedindo alguma coisa, ou fazendo alguma coisa errada. Incentivei muito ele pra estudar, mas infelizmente não compreenderam bem isso, não ...tiveram muita vontade e garra pra estudar né. Na época eu parei pra ver se eles seguiam adiante, pra segurar em casa a despesa, pra não pesar nas costas deles, pra não ter que estudar, essa irmã minha que foi trabalhar na casa de família pra ajudara pagar, na época, o bendito INPS, logo na primeira oportunidade que eu consegui arranjar esse emprego na câmara, que eu já estava com as costuras, com os clientes mais, já pagando melhor as costuras, eu sugeri que ela saísse, que ela já estava terminando o curso pedagógico dela. E aí era ensino médio, e aí eu, disse que ela poderia sair pra poder fazer o estágio com mais tranquilidade, e ela fez isso, foi fazer o estágio e tudo, mas infelizmente mais veio adoecer, essa irmã que eu tenho, que tem problema de esquizofrenia. Passou dez anos surtada, surtada mesmo, a gente tendo que, que, que andar na rua, seguindo-a, porque não parava dentro de casa. Ela teve que ser internada no Meduna... é... com vinte e seis anos, ela adoeceu. Mas graças a Deus hoje ela tá bem, depois de tratamento longo, hoje ela tá bem, me ajuda aqui na oficina, nas costuras e tudo. É uma pessoa pouco apagada, assim pra vida, mas, mas tá bem, graças a Deus não teve mais nenhuma crise. E é isso, a gente continua batalhando, professora. É assim mesmo, dá vontade de chorar, mas, a gente enfrenta.

6. ÁUDIO 5: É, eu sei que, a senhora vai ter muita história mesmo pra contar no seu trabalho, né. Da Lidiane também, eu lembro que foi comovente lá, até chorar, muita gente chorou né. Ela mesmo, quando ela contou o depoimento dela, ela chorou. Eu lembro que ela chorou, não sei se a senhora já conversou com ela. Enfim, todos, todos tem uma historinha triste

pra contar né, pra lembrar, é a vida. E bom que a gente consegue superar, não se deixa abater por ela. Isso é o que ... faz a gente ficar de pé. A fé, a esperança e ... continua (risos), né. Depois de tanto tempo, na época eu conclui o ensino médio, fiz é, fui escolher curso profissionalizante, técnico em contabilidade, ... mas nunca exerci a profissão, já fui logo virando costureira e aí eu... só retornei agora né, depois de várias tentativas. Aliás, minto, fiz outro ensino médio, mas não cheguei à concluir, que era pedagógico né, foi o ano que minha mãe morreu, aí eu não, não suportei trabalhar e... tanta despesa e mais a tristeza da morte de minha mãe, acabei trancando o curso já no, no, no terceiro ano, que era o último ano, que era três anos o curso, tranquei, não retornei mais. Quando eu tentei retornar, a escola tinha acabado o curso, que eu estudava aqui em Timon, tinha fechado e eu não pude, não podia levar pra uma escola particular, mas não tinha condição financeira de fazer isso. Aí depois eu fiz o ensino médio com a ...como supletivo, só pra... pra não ficar fora de sala de aula, que eu sempre gostei de, de, de estudar, de tudo, mas sempre dividindo com as costuras, era muita costura, dia e noite, mas eu ainda fiz um supletivo ainda, como ensino médio, pra poder me aproximar mais do vestibular. Mas, ... na época, no vestibular era feito por etapa, ainda hoje eu acho que é feito em duas etapas aqui no Maranhão, pela UEMA. Aí eu fiz a primeira etapa, mas não, não deu pra ir fazer a segunda etapa que era em Caxias. Porque teve uma suspeita de fraude na época e aí foi cancelado, e aí eu num... situação financeira, novamente eu não consegui mais pagar as passagens pra ir em Caxias fazer as prova novamente. Aí vim fazer só agora o Enem né, com seu apoio, com seu incentivo. Quando eu terminei o técnico, a senhora me incentivou a fazer o Enem, não fiz na primeira turma, que foi a turma da Madalena. Aí criei coragem né, com seus incentivos, nos livros que a senhora me emprestou. É, me programei aqui com o rapaz que a gente conhecia aqui, um professor amigo dos meus irmãos né, um jovem. Ele, cheguei pra ele, meu filho olha, eu não tenho, faz tempo que eu não estudo, não sei nem se sei somar mais dois mais dois, mas eu queria que tu me ajudasses a fazer um, um, um planejamento de estudo, pra ver se eu consigo fazer o Enem, pra não chegar lá tão crua. Aí mostrei uns livros que a senhora tinha me emprestado, que aí eles estão comigo né. E aí fiz esse planejamento de estudo com ele. Ele vinha me dá aula aqui duas vezes por semana. No meio da semana, ele vinha a noite, ficava até onze horas eu estudando aqui, me dando aula, dando noções de como era as provas, que o tempo era muito curto e, e ele me dando essas noções das provas, como era. E dia de domingo ficava comigo aqui até, das nove até uma hora da tarde, estudando. E, na, nas madrugadas, entre uma costura e outra eu ia acompanhando pelo celular, as meninas, Socorro, Madalena né, a Ceiça, as meninas lá do ensino técnico, foram me indicando aplicativo né, e eu fui aprendendo a mexer com essa tecnologia, buscando esses aplicativos no celular e acabei passando no Enem né, não

sei como, mas passei. E aí estou eu aqui lutando pra fazer esse curso. E é assim, professora, a gente, sou muito grata pela vida. Apesar de tudo, eu sou muito grata. Porque, a gente sobreviveu. A gente olha pra trás e... e vê que conseguiu... desviar de cada, eu costumo pensar assim, eu digo, cada flechada que vinha a gente conseguia desviar. E, estamos aqui, todo mundo, infelizmente meus irmãos vieram a falecer, meus dois irmãos caçula, homem. Deixaram sobrinho, os filhos, já estavam casados e... minha, tive a graça de, de vê minha sobrinha se formando. Se formou em março desse, desse, do, do ano passado. Se formou em arquitetura, filha de irmão mais velhos, do, do, meus dois irmãos eram caçulas né, as três irmãs mais velha e caçula era os dois homens. Aí, o pai dela faleceu com aneurisma, aneurisma cerebral. E esse último, meu irmão tá com oito ano que faleceu foi, complicação de uma diabete, que ninguém nem sabia que ele tinha essa diabete, quando apareceu a primeira crise, já ... foi... terrível, que ele se alimentava mal, tomava Coca-Cola, comia muito doce, trabalha o dia todinho, tinha uma serigrafia, se alimentando mal e enfim, quando apareceu a primeira crise da diabete já foi fatal. Entrou num coma, paralisou já os rins. Aqui em Timon sem, ... saúde muito precária. Chegou no hospital precisando de um balão de oxigênio e não tinha esse balão de oxigênio no hospital em coma, e veio a falecer. Essa história tá com oito anos. Aí eu estou com três sobrinhas, sobrinhos, dois homens e uma menina. Mas graças a Deus também já conseguiu se ajeitar. A esposa dele, na época não trabalhava...

7. ÁUDIO 6: ..., mas a gente, graças a Deus a gente tem umas, acabou nesse, nessa vida acabou aproximando a gente de gente muito boa, generosa. Na época, a gente não foi nem atrás, mas uma pessoa chegou, ofereceu um emprego pra ela, e ela tá trabalhando até hoje é um contrato na prefeitura, num sei se vai sair agora nesse governo agora, se vão sair, mas de qualquer maneira serviu. Aí tá recebendo a pensão do meu irmão. E criando os filhos, a gente auxiliando no que pode, ajudando no que pode né. E, a outra já tá formada, já começou a trabalhar, tá estudando pra concurso, é muito estudiosa, minha sobrinha mais velha, essa que se formou em arquitetura. E agora, a gente tá aqui na luta com esses três desse meu segundo irmão. O mais velho fez dezoito anos agora. A menino tá com dezesseis e o outro com, vai fazer quatorze, tem treze anos, vai completar quatorze. Graças a Deus também são bastantes estudiosos né, não me dão muita preocupação, nem muito trabalho. Então, me sinto abençoada, apesar de tudo. Boa Noite.

## APÊNDICE C – RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS

1. Dê sua opinião sobre os cinco primeiros encontros que versavam sobre a temática da coleção e que estaria expresso nas vestes e acessórios do desfile. Justifique sua resposta.

Bobina

Esses primeiros encontros foram de suma importância porque nos remeteram à temática, fazendo uma reflexão profunda sobre o tema "África e afrodescendentes"

Cola

Os encontros foram muito importantes e de grandes aprendizagens. O resgate da cultura afrodescendente e como essa cultura chegou ao que hoje chamamos Brasil, proporcionou debates muito reflexivos a respeito das suas consequências como a falta de oportunidades, a invisibilidade e o racismo. Durante os encontros de se discutir esses temas de forma mais ampliada nos espaços que frequentamos e principalmente nas escolas.

Furador

Foram maravilhosos. A forma como a professora abordou a temática e como ela fez a gente desenvolver as peças foi libertador.

Carretilha

Os primeiros encontros pontuando todo o contexto histórico até a atualidade foram muito significativos. Vimos a luta e o sofrimento de africanos e afrodescendentes.

Barbante

Os cinco primeiros encontros foram para aprendermos sobre o tema, ter um conhecimento da cultura, origem, riquezas etc. Quebrando ou desmistificando o conhecimento que tínhamos. Através da nova visão, comecei a planejar a construção da peça com um aprendizado mais atual, correto.

Calçador



Muito importante por que permitem um olhar em torno do conhecimento sobre as simbologias e o que representavam para cultura africana

#### Overloque

Os temas abordados foram de suma importância e de grande valor. Obtivemos conhecimentos sobre o continente africano e sua cultura que nos levaram a pensar como eram nossos ancestrais e de que forma podemos elevar a cultura negra no nosso país hoje onde a discriminação está crescendo a cada dia.

#### Alfinete

Para mim particularmente foi de grande importância, gostei muito de aprender mais sobre a cultura africana, ouvir histórias sobre como a vinda deles para o Brasil os tornaram ainda mais fortes, por que mesmo estando tão longe de seu país de origem, eles não deixaram se perder suas raízes culturais, que são muito lindas e que além de trazem muita cor e alegria, trazem espiritualidade.

#### Botão

A história dos afros fora sim expressa de forma original e criativa na coleção juntamente com seus acessórios.

#### Tesoura

Foram encontros proveitosos, educativos e que só veio somar a nosso conhecimento como pessoas, como brasileiros, num país com tanta diversidade, com tantas raças misturadas, a África sempre será uma referência em nossa cultura: descendentes e brasileiros que somos. Sendo que é um continente de tantas cores, com detalhes e acessórios que não se vê e nem se encontra em outros continentes.

#### Passamanaria

Os primeiros encontros foram muito importantes para mostrar a origem desses africanos escravizados que vieram para o Brasil.

#### Linha

Todos os encontros foram importantes para nossa vida e para o desenvolvimento do trabalho. Mas o segundo encontro com a professora Letícia foi espetacular, no entanto não fiz nenhuma anotação, estava extasiada na aula, não queria perder uma palavra do que a professora estava falando.

#### Galoneira

Os primeiros encontros foram muito importantes para o conhecimento dessa beleza negra tão espetacular. A triste história do povo afrodescendente não foi capaz de ofuscar a beleza das vestes e dos acessórios e de tudo que foi passado pelos professores.

#### Esquadro

Nos cinco primeiros encontros foi mostrado como seria a construção das peças e para tanto tínhamos que estudar bem a temática. Expressando bem a temática na coleção. Foi muito construtivo poder mostrar a história em cada veste e acessórios tendo como inspiração símbolos africanos. Muito bom os momentos de contar nossas experiências nesse projeto, orgulho por participar do grupo, gratidão aos professores que nos ajudaram.

#### Colchete

Os primeiros encontros foram importantes para escolha ou melhor idealização das peças pois primeiramente tivemos que conhecer um pouco sobre a história e cultura africana

#### Lápis

Os afrodescendentes também são pessoas como os brancos, também são capazes de alcançar grandes conquistas. A única diferença entre os afrodescendentes e os brancos é que descendem do povo africano. Possuem uma grande riqueza cultural herdada e passada de geração a geração.

Infelizmente ainda hoje esses descendentes ainda são discriminados por falta, acredito eu, de conhecimento das pessoas a respeito dessa cultura tão rica. Foi por meio desse estudo e observações que surgiram nossas ideias a fim de montarmos nossa coleção. Cada encontro que tivemos foi indispensável para o resultado final que tivemos.

2. Qual foi a sua inspiração para construção da peça? Explique o que lhe estimulou a se inspirar nisso.

Bobina

Me inspirei no conforto das roupas africanas, suas cores e estilos.

Cola

Minha inspiração foram os símbolos das várias nações africanas. A simbologia dos elementos gráficos é muito significativa na construção de valores. Ao assistir ao filme Pantera Negra, fiquei motivada a construir minha peça inspirada na força e mensagem desses elementos.

Furador

A minha inspiração foram as joias Ashanti, pois a riqueza de formas e cores chamaram e muito a minha atenção.

Carretilha

Minha inspiração foi a paz e o poder soberano. Foi feito um conjunto de calça e bata de manga longa branca e uma espécie de quepe para cabeça

Barbante

Iemanjá. Gosto do misticismo que cerca essa divindade. Imaginei o balanço e a cor do mar.

Calçador

Em relação a simbologia da minha inspiração não tenho muito mais pois através dela que desenhei minha peça

### Overloque

As vestimentas dos povos africanos, sempre muito coloridas e floridas. A inspiração veio depois de saber um pouco mais sobre esses povos, assistir vídeos, filmes, livros, revistas e claro, conversando com outras pessoas que estudam sobre a cultura.

### Alfinete

Me inspirei nas cores, na alegria e na vitalidade que transmitem, além dos símbolos que aprendi que representam um conceito um ditado, através do qual transmitem valores.

### Botão

A chegada dos negros ao Brasil, como eram transportados onde passavam uma forma bem clara e visível

### Tesoura

Usei como referência o filme "Pantera Negra", com sua indumentária riquíssima e que foi capaz de transmitir toda sua riqueza e originalidade aos expectadores

### Passamanaria

Minha inspiração foram os símbolos africanos. Desenvolvi minha peça baseada na grandeza de um deles.

### Linha

Para inspiração da minha peça me inspirei nos símbolos africanos, no pássaro Sankofa e nas cores vibrantes muito usadas. O pássaro apresenta os pés firmes no chão e para frente, enquanto a cabeça está virada para trás. Ele anda rumo ao futuro sem esquecer o passado.

### Galoneira

Minha inspiração veio da mãe terra, de todo o continente africano, suas riquezas e cultura

Esquadro

A própria história da vida da minha modelo me serviu de inspiração. Usei os símbolos africanos que foram estampados no vestido (família, amor,). Uma história linda que me comoveu.

Colchete

A peça foi inspirada nas cores da bandeira africana. Cada cor tem o seu significado

Lápis

Minha inspiração contém alguns traços das antigas vestes africanas e juntei a isso o sol de que tanto dependiam para o cultivo. Criei detalhes que lembram raios solares.

3. Você acha que o curso de extensão em algum momento propiciou para que você refletisse sobre a situação dos afrodescendentes brasileiros? Diga alguma coisa sobre isso.

Bobina

Sim, me fez conhecer mais da história e da realidade atual desse povo. Me fez ver o quão é importante hoje, conhecer e contribuir para preservação de suas raízes.

Cola

O tempo inteiro. O curso ao discutir temas como a diáspora negra, como a população negra foi arrancada de seus lugares de origem, como foram instalados em terras brasileiras, nos mostrou o porquê da situação de preconceito que temos hoje no Brasil e como até hoje sofrem essas consequências por falta de políticas públicas para reverter esse quadro. As políticas públicas são insuficientes para superação dos danos

Furador

Com toda certeza. Hoje eu vejo como o ensino que tivemos nas escolas do ensino fundamental e médio é tão escasso em relação a essa cultura.

Carretilha

Sim. Infelizmente o preconceito se perpetua até os dias atuais. É triste ver o outro pela cor e não como pessoa que tem sentimentos como qualquer uma outra pessoa. Me fez ver ainda mais a desigualdade social

Barbante

Sim. Na escola não temos o conhecimento profundo sobre afrodescendência e nem procuramos saber. O curso, em suma como tudo me iniciou abrindo minha visão

Calcador

Completamente pois existe um preconceito explícito com relação aos afrodescendentes uma enorme falta de respeito pelo ser humano em relação a todos os aspectos, social, econômico e cultural.

Overloque

Sim com certeza. Nas aulas, abordados os temas, sempre saíamos com muitos pensamentos/questionamentos de como era a vida dos povos africanos e seus descendentes, como estão hoje, e o quanto sofreram e sofrem para ter um lugar nessa sociedade.

Alfinete

Sim, pois pude aprender que os afrodescendentes são muito mais da metade da população do país, e além de terem indicadores sociais inferiores ao dos brancos eles ainda são muito discriminados pela sua cor. Acho que ninguém deveria ser rotulado pela cor ou pelo que tem, mas infelizmente ainda é assim, porém a cultura africana influencia muito a cultura brasileira e para mim isso é de grande importância.

Botão

Sim uma boa reflexão esse curso muito enriquecedor, onde os afrodescendentes servem de inspiração para os futuros design de moda.

Tesoura

Com certeza. Porque você ouvir falar, você vê um documentário na televisão, são reportagens, é uma coisa; mas quando você estuda, pesquisa o que realmente aconteceu e acontece com os afrodescendentes no Brasil é outra coisa. Você passa a ter uma outra visão.

Passamanaria

Sim, passei a ver melhor como os afrodescendentes têm uma história magnífica que todos deveriam conhecer a riqueza dessa cultura. Como foi bom estudar um pouco sobre esse assunto. Todos somos iguais independente de cor.

Linha

Sim. Principalmente quando foram mostradas as tristes estatísticas da situação dos afrodescendentes no país

Galoneira

Sim. Eu nunca tinha participado de algo que me impactasse tanto. Aprendemos muito pouco na escola sobre a história desse povo, que é o nosso povo, nossa gente, que por ignorância de muitos sofrem preconceitos raciais que já não cabem mais nesse mundo.

Esquadro

Sim, pois é uma história de sofrimento e discriminação e que precisamos mudar, lutar, gritar para que o mundo consiga a igualdade. Chega de discriminação. Temos que mudar o mundo pela união. Através da união possamos nos abraçar nossos irmãos que já sofreram tanto.

Colchete

Sim. Podemos refletir um pouco sobre os preconceitos que ainda estão enraizados em nosso povo, de uma maneira mais branda, porém ainda muito presente em nossas vidas.

Lápis

Com toda certeza. Acho muito triste vivermos em uma sociedade que ao seu redor estão rodeadas de riquezas herdadas da cultura afro desde a combinação de cores quentes à combinação de temperos de uma comida e simplesmente não fazerem caso dela. Quando vieram à força para o Brasil e até hoje somos maltratados e ainda visto como inferiores para muitos.

4. Você considera essa reflexão importante para sua vida profissional? Porque?

Bobina

Com certeza que sim. Porque através dela, como designers vamos poder respeitar sua história, não impondo nossos costumes.

Cola

Sempre. Ao entender que a importância cultural dos povos africanos teve uma incidência muito forte em nossas construções e que temos preconceito com as pessoas que trazem em suas características físicas esses traços, nos faz refletir a necessidade urgente de mudar essa situação.

Furador

Sim, pois fez com que eu visse com outros olhos a cultura afro e como eu era tão ignorante no assunto.

Carretilha



Considero sim. O respeito acima de tudo. Foram momentos de muitas descobertas que transformadas em inspiração tornarão o mundo melhor para todos.

Barbante

Sim. Abriu minha visão e despertou o meu lado humano e também profissional.

Calçador

Sim, por que é importante na minha visão de Design produto de moda respaldando a cultura em todos os aspectos representativos

Overloque

Sim. É muito importante para o designer ter conhecimento de todas as culturas e dos problemas sociais da sociedade na qual ele atua. Devemos estar abertos para obter conhecimentos.

Alfinete

Sim, pois para o profissional de qualquer área é muito importante conhecer novas culturas, pois tudo que comemos, vestimos e até nosso dia dia é de alguma forma influenciado pela cultura de outro país.

Botão

Certeza! Faz-nos engrandecer os conhecimentos de como os negros tem suas crenças e costumes que são fonte de pesquisa.

Tesoura

Sim. Pelo fato de as pessoas serem seres individuais, que têm suas particularidades e gostos diferentes. Temos que deixar de padronizar a moda e achar que todo mundo precisa andar de azul.

Passamanaria

É bastante importante sim para minha vida profissional. Passei a ver as coisas com um outro olhar.

Linha

Sim. Me fez ver a situação do racismo no Brasil de forma diferente.

Galoneira

Sim. Porque é a partir desse entendimento que conseguimos desenvolver uma coleção sendo fieis à cultura de quem as vai usar. Precisamos estudar muito antes de começarmos a construção de uma coleção.

Esquadro

Sim, pois na vida profissional temos essa desigualdade e se cada um fizer a sua parte conseguiremos a paz, o amor a união. Chega de preconceito.

Colchete

Sim, porque através do conhecimento podemos aprender a valorizar e respeitar cada cidadão independente de cor ou raça.

Lápis

Sim. A cultura afro é forte em vários sentidos inclusive no quesito cores e ornamentos. Acredito que mediante pesquisas sobre essa cultura (nossa cultura), somos capazes de uma infinidade de ideias e inspirações.

5. Qual a sua opinião sobre racismo no Brasil Bobina

O racismo no Brasil existe. Mas muitas vezes os próprios negros se degradam, se marginalizam quando se deixam influenciar pelas questões de suas origens. É necessário que possam se empoderar, não existe uma cor de pele melhor que a outra. Todos somos iguais.

Cola

Penso que é explícito. É só observar quem são os encarcerados e os jovens mortos em nosso país. Trata-se de um racismo estrutural o que observamos. Nos espaços de poder pouco ou nunca vemos pessoas negras. Também podemos observar nas escolas e universidades. As estatísticas mostram esses resultados e eles se dão exatamente pela cor da pele dessas pessoas.

Furador

Infelizmente o racismo no Brasil é algo muito presente nos dias de hoje

Carretilha

Ainda é muito forte e está representado pela desigualdade social. A cor da pele tem influência em várias profissões, é uma luta que precisa ser vista com todo amor para que o racismo seja eliminado definitivamente. E a luta se resume: o que eu não quero para mim, eu não desejo para o outro.

Barbante

No Brasil temos um racismo camuflado. Sem conhecimento, sem informação. Passamos por situações racistas e achamos normal.

Calçador

O racismo brasileiro é tão nocivo quanto em qualquer outro país. Existe, é explícito e afeta demais as pessoas, sendo um assunto que eu acho pouco discutido e as punições quase não acontecem.

Overloque

O povo brasileiro é muito racista. Não só racista, mas preconceituoso com relação às questões de gênero e classe social e outros. Muitas pessoas dizem que não são racistas, mas quando se vem em determinada situação é que vão demonstrar o quanto o racismo está impregnado. Isso é triste. Não era pra ser assim, somos todos iguais perante Deus.

Alfinete

Acho que discriminar ou fazer distinção de uma pessoa por suas características físicas e étnicas é triste pois o mundo já tem tantos problemas e algumas pessoas ainda propagam a intolerância e os preconceitos e os negros ainda sofrem com os reflexos de uma cultura preconceituosa.

Botão

Ainda há uma luta que não para por não serem obedecidas as normas que amparam os negros.

Tesoura

Apesar de ser um assunto tão debatido e de que muitas pessoas lutam para extinguir essa prática no Brasil, o racismo; sabemos que essa é uma realidade que ainda vamos ter que conviver, pois é algo que vem desde sempre e que infelizmente é um assunto que vai continuar gerando discussão por muitas gerações.

Passamanaria

Na minha opinião a cor da pele não justifica que as pessoas sejam discriminadas. Todos devem ser tratados de maneira igual

Linha

Ele existe e é camuflado

Galoneira

É a ignorância de quem não quer se enxergar no outro. É um grito que precisa ser ouvido, debatido para que deixe de existir definitivamente no Brasil

Esquadro

É algo vergonhoso para o nosso país que foi construído por negros nossos ancestrais se torne um país racista, onde na educação temos que lutar por cotas, as oportunidades deveriam ser iguais. Pouca coisa é feita pelos governantes.

Colchete

Infelizmente o racismo ainda está muito presente na cultura brasileira apesar dos afrodescendentes terem conquistado muitos direitos, temos que trabalhar e exercitar diariamente a questão do respeito como cidadão independente de cor.

Lápis

Infelizmente só aumenta. Em muitos casos não precisa nem abrir os lábios para demonstrar, um olhar diz tudo e as vezes machuca mais que uma chicotada. Sinceramente não sei onde isso vai parar, mas sei que posso fazer a diferença e sim um dia tiver filhos ensinarei a eles a ter respeito pelas pessoas em especial as menos favorecidas que são a maioria.

6. Sua opinião sobre racismo no Brasil é a mesma que você tinha antes do curso ou mudou alguma coisa?

Bobina

É a mesma. O que mudou foi o fato de agora eu poder entender melhor sobre a origem do racismo e como ele se manifesta no Brasil.

Cola

O curso proporcionou uma visão dos porquês. O racismo existe e persiste no Brasil.

Furador

Não. Abriu meus olhos de todas as formas.

### Carretilha

Despertei para a realidade atual, é vergonhosa essa situação, é uma realidade muito dura que temos que engolir, o racismo é um desrespeito com o outro.

### Barbante

Mudou muito. O conhecimento que obtive mudou minha mente sobre muitos temas e situações vividas.

### Calcador

Depois do curso pude perceber que é maior do que eu imaginava por que é um racismo as vezes velado, disfarçado. Só quem aprende sobre sabe diferenciar ou reconhecer.

### Overloque

Não. Na minha visão antes do curso, não via racismo em algumas pessoas e situações. Hoje vejo de forma mais aguçada que existe racismo e de muitas outras formas as quais eu pensava que não era.

### Alfinete

Mudou, me mostrou que o racismo pode estar em qualquer lugar, pode estar no jeito como você fala com a pessoa ou até como se julga a pessoa sem nem mesmo conhecer, só pela cor da pele. Acho que o que determina o caráter de uma pessoa não pode ser a cor da sua pele.

### Botão

Diferente com certeza.

### Tesoura

Não. Minha visão de quem são as pessoas tanto brancas quanto negras não mudou. Temos que entender que devemos olhar para o ser humano e não para cor da sua pele.

Passamanaria

A minha opinião não mudou nada, continua a mesma.

Linha

Não. Passei a enxergar racismo onde antes eu não conseguia enxergar.

Galoneira

Continua a mesma, entretanto conheci com mais profundidade essa luta constante por igualdade e sem preconceitos.

Esquadro

Mudou sim. Hoje eu consigo exigir meus direitos em pequenas coisas, sempre me calava, hoje não mais, devemos nos respeitar e sempre se impor, aliás todos nós somos afrodescendentes.

Colchete

Mudou bastante pois até então a ideia que eu tinha do povo africano era somente de negação, após as aulas podemos ver o quanto a África é um continente rico e cheio de pluralidades étnicas e cultural.

Lápis

Na verdade, mudou. Eu passei a observar mais detalhadamente sobre o assunto. Tenho orgulho de dizer que minha mãe é negra, sempre a respeitei e os outros de mesma cor e o curso só me motivou ainda mais a fazer isso.

7. Você acha que o racismo adocece suas vítimas? Se tiver algum exemplo me conte.

Bobina

Sim. Adoecem psicologicamente

Cola

Sim, muito. Pessoas vítimas de racismo têm uma autoestima baixa e isso atrapalha sua vida em todos os aspectos. Eu sou uma mulher negra, sinto e vejo racismo rotineiramente em meus relacionamentos, desde estacionar meu carro na garagem do condomínio onde moram predominantemente pessoas brancas que com seus olhares dizem que estou no lugar errado. Seja escutando comentários como: "seu cabelo é ruim" ou "você nem é negra, é moreninha" e até "você é uma morena bonita". Enfim, sinto esse racismo das maneiras mais diversas.

Furador

Sim.

Carretilha

Adoece. É uma morte. Muitas pessoas já morreram e continuam morrendo todos os dias por causa do racismo. Morrem também os sonhos de jovens, adultos e crianças. A mídia todo dia fala de mais um caso, é vergonhoso, um exemplo de maldade a cada dia.

Barbante

Sim. Causa dores, baixa autoestima, falta de coragem para buscar melhores oportunidades financeiras, educativas entre outras. Pois fica embutido na cabeça que o pouco já é muito.

Calcador

Adoece sim. Meu pai já foi vítima de racismo e ficou doente, afetando toda família. Por ele ser negro, é mal visto pela cor e por sua origem pobre e humilde.



### Overloque

Com certeza adocece. Vi um filme, "A rainha do Katwe". Vi como o racismo é muito grande pois a jovem pobre, negra, sem nenhuma perspectiva de vida, conhece o jogo de xadrez onde num primeiro momento é discriminada por ser pobre, negra e não ter onde tomar banho mas com muita força de vontade ela luta e consegue superar todos os obstáculos.

### Alfinete

Sim, me lembro de um caso que vi recentemente na TV de uma mulher negra que sofreu ataques racistas e machistas em um grupo de aplicativo de conversa. Acho que isso agride não fisicamente, mas emocionalmente uma pessoa, e deixa marcas.

### Botão

Sim, vítimas que adoecem e que são mortas. Insultos, por atacarem com palavrões, pontapés e em alguns casos não serem bem vindos em alguns lugares. Estar no ônibus e não vistos com bons olhos.

### Tesoura

Não só adocece como também castra, silencia, gera traumas e por fim mata. Entre os diversos exemplos de racismo, posso citar o caso de minha irmã que pelo caso de eu ser um pouco mais clara e ter o cabelo mais liso e ela ser mais escura e ter o cabelo encaracolado sempre foi chamada de nega do cabelo pixaim dentro de casa e por parentes que a diferenciavam e isso gerou um trauma e uma baixa autoestima que até hoje está enraizada.

### Passamanaria

Sim. O racismo adocece as pessoas mentalmente por causa das críticas das outras pessoas.

### Linha

E muito

### Galoneira

Claro que sim. Conheci vários casos de amigos que sofreram ataques verbais por sua cor. Uma amiga foi chamada de macaca e quando foi prestar queixa na delegacia lá também não lhe deram atenção porque os policiais eram brancos.

### Esquadro

Essa narrativa conta a história da minha avó Maria das Neves que muitos anos atrás lavava roupa no rio Poti. Certo dia uma senhora se aproximou dela e perguntou para que família ela trabalhava e ela respondeu que para nenhuma. A senhora disse então: coisa feia é ter negro querendo ser patrão. Ela achava que minha avó era lavadeira pois estava lavando roupa de casa como toalhas, capas de cadeiras. O fato é que minha avó não lhe respondeu, mas ficou sem comer vários dias, ficou muito triste. Nunca mais minha avó lavou roupa na pedreira. Ela se afastou daquelas pessoas. Minha avó jamais poderia ter um enxoval de linho por ser negra?

### Colchete

Sim. Só o fato de pensar que uma pessoa pode sofrer algum preconceito apenas por conta de sua cor de pele já é o caso de causar alguma revolta, mesmo sabendo que somos todos da raça humana. Eu mesma já passei por várias situações constrangedoras pois sou filha de mãe branca e pai negro e muitos duvidam que um negro pode ser pai de uma pessoa de pele clara.

### Lápis

Não dá para imaginar uma criancinha sendo excluída na sala de aula pelas outras, só pelo fato de ser negra e não se emocionar. Imagine se colocar no lugar dela, mas, contudo, de longe o que você sente é igual ao que ela sente. O racismo machuca muito, ele causa um aperto no coração, eu já passei por isso duas vezes. Mas graças a Deus eu consegui transformar essa dor em motivação. Ainda me falta realizar muitas coisas, mas irei provar que não somente eu, mas qualquer um pode ser capaz de alcançar qualquer coisa





---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

07. Sua opinião sobre racismo no Brasil é a mesma que você tinha antes do curso ou mudou alguma coisa?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

08. Você acha que o racismo adocece suas vítimas? Se tiver algum exemplo, me conte.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

09. Você acha que essas questões sobre racismo e suas consequências devem ser debatidas na escola?

- a) Sim ( )
- b) Não ( )

10. Você conhece o teor das leis 10.649/2003 e 11.645/2008?

- a) Sim ( )
- b) Não ( )

Espaço reservado para você escrever o que desejar:

---

---

---

---

---

---

---

Muito obrigada e o meu eterno carinho por todos vocês!

L'Hosana

## ANEXOS

### ANEXO A – EDITAL DE ACESSO AO CURSO DO IFPI

O acesso ao Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda deverá ser feito através do Sisu e efetuado exclusivamente com base nos resultados obtidos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), conforme informações constantes do Termo de Adesão do IFPI ao Sisu.

1. O referido Termo de Adesão do IFPI contém as seguintes informações:
  - a. Os cursos e turnos participantes do Sisu, com os respectivos campi de oferta, semestre de ingresso e número de vagas;
  - b. O número de vagas reservadas em decorrência das políticas de ações afirmativas adotadas por esta instituição, conforme disposto na Lei nº 12.711, de agosto de 2012;
  - c. O número de vagas decorrentes de políticas específicas de ações afirmativas adotadas por esta instituição (candidatos com deficiências);
  - d. Os pesos e as notas mínimas estabelecidas pela instituição para cada uma das provas do Enem, em cada curso e turno; e
  - e. Os documentos necessários para a realização da matrícula dos candidatos selecionados, inclusive aqueles necessários à comprovação do preenchimento dos requisitos exigidos nas políticas de ações afirmativas adotadas pela instituição.
2. Em conformidade com o Termo de Adesão ao Sisu, do total de vagas ofertadas pelo IFPI, 50% (cinquenta por cento) serão reservadas às políticas de ações afirmativas correspondentes aos candidatos cotistas (L1, L2, L3 e L4), em decorrência do disposto na Lei nº 12.711, de agosto/08/2012, no decreto nº 7.824, de 11/10/2012 e na portaria Normativa MEC nº 18, de 11/10/2012.
3. Do total das vagas oferecidas pelo Instituto Federal do Piauí, por curso e turno, 5% (cinco por cento) serão reservadas às políticas específicas de ações afirmativas (A1) adotadas por esta instituição (candidatos com deficiência).
4. Do total das vagas oferecidas pelo Instituto Federal do Piauí, por curso e turno, 45 % (quarenta e cinco por cento) serão destinadas à ampla concorrência (AC).



5. As vagas reservadas de que trata os itens 2 e 3 serão preenchidas segundo a ordem de classificação, de acordo com as notas obtidas pelos candidatos, dentro de cada um dos seguintes grupos de inscritos no Sisu:

- a) Grupo L1 - Candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei 12.711/2012);
- b) Grupo L2 - Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei nº 12.711/2012)
- c) Grupo L3 - Candidatos que, independentemente da renda (art. 14, II, Portaria Normativa 18/2012), tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei 12.711/2012);
- d) Grupo L4 - Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independentemente da renda (art. 14, II, Portaria Normativa nº 18/2012), tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei 12.711/2012);
- e) Grupo A1 – Candidatos com deficiência. Outras formas de acesso ao Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, segundo a organização didática resolução nº 040/2010, poderão ocorrer por meio de transferência de alunos de outras Instituições de Ensino Superior, regularmente constituída, bem como por ingresso de portadores de curso superior de graduação, para preenchimento de vagas existentes por meio de edital público de abertura, expedido pela Reitoria, ou “ex-ofício”, nos casos previstos em lei. (IFPI, 2018 p. 37).

## ANEXO B – POEMA SOBRE ESPERANÇA GARCIA

Vamos saber mais um pouco da vida de Esperança Garcia, nos versos de Jarid Arraes:

### ESPERANÇA GARCIA

Foi no século dezoito  
Que este caso aconteceu  
No estado do Piauí  
A mudança que se deu  
E marcando nossa história  
Esperança apareceu

Pelos padres jesuítas  
Ela foi escravizada  
Esperança era mulher  
Que vivia maltratada

Mas sua personalidade  
Era alma indomada

Quando estava com os padres  
Esperança se casou  
E chegou a ter um filho  
Que profundamente amou  
Com seu marido vivia  
Mas então tudo mudou

Pois o Marques de Pombal  
Foi aos padres expulsar  
E a escrava Esperança Acabou-se por passar  
Ao governo do Estado  
Que lhe mandou transportar

Da Fazenda Algodões Esperança foi tirada  
Foi parar em Nazaré  
Onde foi escravizada  
E já nesse novo canto  
Com dureza era espancada

Separada do marido  
Só o filho carregava  
Mas a pobre da criança  
Todo dia que apanhava  
E por isso Esperança  
Muito mais se revoltava

Acontece que Esperança  
Tinha aprendido a ler  
Ensinada pelos padres  
Tinha jeito de escrever  
Foi aí que decidiu  
Uma carta conceber

No dia 6 de setembro  
Sua carta foi mandada  
Com palavras de apelo  
E linguagem explicada  
Esperança pedia  
Por urgente salvaguarda

O presidente da província  
Foi quem leu o documento  
Que continha em suas linhas  
A denúncia do momento  
Pois a dor de Esperança  
Vinha de seu sofrimento

Nessa carta ela dizia  
Que vivia a apanhar  
Uma vez sendo jogada  
Com o intento de matar  
Foi caindo do sobrado  
Mas se deu para escapar  
O seu filho tão pequeno  
Também era maltratado  
O feitor da tal fazenda  
Era um homem endiabrado  
Que batia sem ter pena  
Por qualquer caso furado

Esperança disse ainda  
Que queria batizar  
A menina era criança  
Mas a fé era exemplar  
E a religião cristã  
Ela estava a professar

E falou de outras mulheres  
Querendo se confessar  
Que do mesmo jeito dela  
Precisavam de contar  
Seus pecados escondidos  
Para o padre perdoar

Porque lá onde ela estava  
Não se tinha confissão  
Nem batismo e nem missa  
Que era assim religião  
E Esperança argumentava  
Que isso era confusão

Foi usando desses pontos  
Seu exemplo de esperteza  
Por fazer da fé cristão  
Argumento de clareza  
Para ver se conseguia  
Do governo uma presteza

Afinal, o que diria  
Para o branco convencer?  
Se a gente escravizada  
Não podia merecer  
A menor das gentilezas  
Para em paz sobreviver?

Não se sabe o desfecho  
Se sequer foi respondida

Mas sem dúvida nenhuma  
Era tão fortalecida  
A coragem de Esperança  
Que se tornou conhecida  
Porque no Brasil passado  
O escravo era excluído  
Sem saber ler e escrever  
Sem poder ser instruído  
Caso alguém fosse enfrentar  
Acabava perseguido

Era crime muito grave  
Ensinar escravo a ler  
Pela lei que existia  
Era o jeito de viver  
E seria muito preso  
Quem fosse contradizer

Luiz Mott foi o homem  
Que a carta encontrou  
Quando estava em Portugal Esse historiador  
Resgatou o documento E assim o publicou

É por isso que Esperança  
Na história se mantém  
Porque teve essa coragem  
E por que foi muito além  
Não ficou só em silêncio  
E mostrou que era alguém

Se você não conhecia  
Essa história inspiradora  
Peço que também espalhe  
Porque é transformadora  
A verdade de Esperança  
Essa grande lutadora

São inúmeras mulheres  
Que peitaram toda a luta  
Enfrentando o racismo  
E com garra na labuta  
Construíram um caminho  
Sempre com a mente astuta

Por causa dessas mulheres  
Hoje temos liberdade  
É por isso que me orgulho  
Da minha ancestralidade  
Preservar é um prazer  
E reponsabilidade (ARRAES, 2017, p. 57-62)

Esse cordel está no livro da autora intitulado **Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis**, uma homenagem a 15 mulheres, brasileiras ou não, que lutaram por uma vida melhor para africanos escravizados no Brasil e seus descendentes, os afrodescendentes brasileiros.